

limão	luon con	酸柑
limotero	su' cò sciu	樹界
limite	cdia cdiaj	一隔
limo	scij zai	草致
lindo	piau ci	好美觀
lingua	siu	舌
linguaz	ngo yan	言惡
lingua interprete	tu ssi	通事
linguaz	cua	話說
linguado	sapan iu	沙鱖魚
linhosa	mai sie' ti	賣線的
linha	sien	線
linhagem, alacada	sin	姓
linhol de Zapateiro	sehni so - so z'	鞋乾
limpo	ca' cin	淨母
lisa	ssi miu	獅母
liquor	cid	汁
liquido	yum	萬出
liquidar	suo' min liue	算明子

Zhang Yunfeng

## AQUISIÇÃO DE SE ANAFÓRICO POR APRENDENTES CHINESES DE PORTUGUÊS L2

Tese de Doutoramento em Linguística Portuguesa, orientada pela Professora Doutora Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2018





Faculdade de Letras

# AQUISIÇÃO DE *SE* ANAFÓRICO POR APRENDENTES CHINESES DE PORTUGUÊS L2

## Ficha Técnica:

<b>Tipo de trabalho</b>	Dissertação de Doutoramento
<b>Título</b>	<b>AQUISIÇÃO DE <i>SE</i> ANAFÓRICO POR APRENDENTES CHINESES DE PORTUGUÊS L2</b>
<b>Autor</b>	Zhang Yunfeng
<b>Orientadora</b>	Professora Doutora Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Professora Doutora Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Professora Doutora Sílvia Isabel do Rosário Ribeiro</b> <b>2. Professora Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins</b> <b>3. Professora Doutora Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira Duarte</b> <b>4. Professor Doutor Rui Abel Rodrigues Pereira</b>
<b>Identificação do Curso</b>	Doutoramento em Linguística do Português
<b>Área científica</b>	Linguística Portuguesa
<b>Data da defesa</b>	5-3-2018
<b>Classificação</b>	Aprovado com Distinção e Louvor



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



博学之，审问之，慎思之，明辨之，笃行之。  
——《中庸》

Learn extensively, inquire thoroughly, ponder prudently,  
discriminate clearly, and practice devotedly.  
- *The Doctrine of the Man*

Imagem da capa: *Dicionário Português – Chinês* (Página 113)  
Autores: Michele Ruggieri (1543-1607) e Matteo Ricci (1552-1610)

## **Agradecimentos**

O trabalho que agora se apresenta beneficiou dos contributos de várias pessoas e instituições a quem quero apresentar os meus sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, à Professora Doutora Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto, pelo incansável apoio, motivação e orientação com que sempre pude contar, ao longo destes anos, e que me permitiu levar este barco a bom porto.

À Doutora Zhao Hongling, minha professora de Licenciatura e também colega durante muitos anos em Pequim, pela inspiração e motivação na elaboração desta tese.

A todos os professores deste programa de doutoramento, Professora Doutora Ana Cristina Lopes, Professora Doutora Cristina Martins, Professora Doutra Isabel Santos, pela generosa partilha de conhecimentos e pela motivação para prosseguirmos o árduo caminho da investigação.

À Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e ao Centro de Linguística Geral e Aplicada (CELGA), pela agilização no acesso às referências bibliográficas.

Ao Professor Doutor Luciano de Almeida, diretor da Escola Superior de Línguas e Tradução do Instituto Politécnico de Macau, pelo apoio prestado e pela concessão de uma licença sabática, sem a qual o presente trabalho não se teria tornado realidade.

Aos colegas do Instituto Politécnico de Macau, nomeadamente à Professora Doutora Graça Fernandes, ao Professor Doutor Choi Wai Hao, à Professora Doutora Lurdes Escaleira, à Doutora Wu Xinjuan, pela amizade e pelo apoio e incentivo.

Finalmente, à minha família. Sem o vosso amor e apoio incondicionais, nada seria possível.



## Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>i</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>v</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>ix</b>
<b>Lista de abreviaturas</b> .....	<b>xi</b>
<b>CAPÍTULO I INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1 Contextualização e objeto de estudo.....	3
1.2 Clíticos: SE reflexo e SE recíproco .....	5
1.3 Codificação de reflexividade/reciprocidade em PE e mandarim.....	7
1.4 Fundamentos, objetivos e metodologia .....	10
1.5 Estrutura interna .....	14
<b>CAPÍTULO II REFLEXIVIZAÇÃO E RECIPROCIZAÇÃO: NATUREZA DA SUA CODIFICAÇÃO EM PE E EM MANDARIM</b> .....	<b>17</b>
2.1 Introdução .....	19
2.2 Comportamentos de clíticos em PE e em mandarim.....	20
2.2.1 Clíticos pronominais em PE .....	23
2.2.2 Clíticos em mandarim.....	30
2.3 Reflexivização .....	36
2.3.1 Natureza da reflexividade e estruturas reflexas .....	36
2.3.2 Expressão de reflexividade em PE.....	39
2.3.3 Expressão de reflexividade em mandarim .....	43
2.4 Reciprocização.....	51
2.4.1 Natureza da reciprocidade e estruturas recíprocas .....	51
2.4.2 Expressão de reciprocidade em PE.....	56
2.4.3 Expressão de reciprocidade em mandarim.....	58
2.5 Síntese.....	65

<b>CAPÍTULO III COMPORTAMENTO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DE SE.....</b>	<b>67</b>
3.1 Introdução .....	69
3.2 Estatuto e comportamentos de SE.....	70
3.2.1 Abordagem pronominal .....	70
3.2.2 Abordagem clítica.....	74
3.3 Multifuncionalidade de SE .....	77
3.3.1 SE anafórico .....	79
3.3.2 SE impessoal .....	81
3.3.3 SE decausativo .....	84
3.3.4 SE inerente.....	85
3.3.5 Apagamento de SE.....	87
3.4 SE anafórico reflexo.....	89
3.4.1 Transitividade da estrutura e argumentalidade de SE reflexo.....	89
3.4.2 Reflexas corporais/não corporais e construções de redobro .....	97
3.4.3 Estruturas reflexas: condições de (não) realização de SE e operadores equivalentes .....	101
3.4.4 SE reflexo e relação de (in)equivalência com o prefixo <i>auto-</i> .....	102
3.5 SE anafórico recíproco.....	104
3.5.1 Transitividade da estrutura e argumentalidade de SE recíproco.....	105
3.5.2 Verbos recíprocos e incompatibilidade com SE recíproco .....	108
3.5.3 Estruturas recíprocas: condições de (não) realização de SE e operadores equivalentes .....	110
3.5.4 SE recíproco e relação de (in)equivalência com os prefixos <i>entre-</i> e <i>inter-</i> .....	111
3.6 Síntese.....	113
 <b>CAPÍTULO IV AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DE L2: CONCEITOS NUCLEARES .....</b>	 <b>117</b>
4.1 Introdução .....	119
4.2 Enquadramento geral: Aquisição de uma L2 .....	120
4.3 Conceitos fundamentais: L1 e L2 .....	125
4.4 Interlíngua .....	127

4.4.1 Análise Contrastiva (Fries, 1945; Lado, 1957) e Análise de Erros (Corder, 1967).....	128
4.4.2 Interlíngua: definição e premissas .....	130
4.4.3 Estratégias envolvidas no desenvolvimento de interlínguas .....	136
4.5 Gramática Universal e Transferência na aquisição de L2: hipóteses diferentes .....	139
4.6 Transferência de L1 .....	143
4.7 Omissão/Simplificação e Sobregeneralização.....	147
4.8 Síntese .....	149
<b>CAPÍTULO V ESTUDO EMPÍRICO: METODOLOGIA E DISCUSSÃO .....</b>	<b>151</b>
5.1 Introdução .....	153
5.2 Hipóteses e fundamentação do estudo comparativo sobre a codificação da reflexividade e da reciprocidade em PE e em mandarim .....	154
5.2.1 Marcadores de reflexividade em mandarim e em PE .....	154
5.2.2 Marcadores de reciprocidade em mandarim e em PE.....	162
5.2.3 Hipóteses e objetivos .....	164
5.3 Amostra .....	171
5.4 Inquérito.....	174
5.4.1 Seleção dos verbos .....	174
5.4.2 Estrutura do inquérito .....	180
5.5 Resultados .....	182
5.5.1 Recolha de dados .....	182
5.5.2 Apresentação geral dos resultados .....	183
5.6 Análise empírica: discussão dos resultados .....	198
5.6.1 Análise dos resultados: acesso à GU na aquisição de L2 .....	198
5.6.2 Análise dos resultados: L1 (mandarim) na omissão/sobreuso de SE reflexo/recíproco.....	204
5.6.3 Análise dos resultados: outros fatores associados à omissão/sobreuso de SE reflexo/recíproco .....	228
5.7 Síntese .....	269

<b>CAPÍTULO VI CONCLUSÃO .....</b>	<b>273</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>287</b>
<b>Apêndice .....</b>	<b>313</b>

## Resumo

A presente dissertação tem como objetivo analisar o modo como se efetua a aquisição/aprendizagem de SE anafórico — designadamente SE reflexo (doravante SE REFLEX) e SE recíproco (doravante SE RECIPRO) — do Português Europeu (PE) por parte de aprendentes chineses cuja língua materna é o mandarim, pretendendo discutir, com base em dados empíricos, as seguintes questões: i) se existe [e em que condições] acesso à GU na aquisição de SE REFLEX (corporal) e de SE RECIPRO; ii) o grau de influência da L1 (mandarim) na omissão e no sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO; iii) outros fatores que também se associam a esta duas classes de desvios.

A aquisição/aprendizagem de SE pode causar muitas dificuldades aos aprendentes de PE L2 devido à sua multifuncionalidade. O presente trabalho focaliza-se em SE anafórico, designadamente SE REFLEX e SE RECIPRO, que se distingue de outras funções do clítico SE, apresentando um comportamento sintático-semântico específico e as correspondentes dificuldades aos aprendentes. Defende-se o estatuto argumental de SE anafórico (cf. Secção 3.4.1 para SE REFLEX e Secção 3.5.1 para SE RECIPRO); porém, o comportamento de SE anafórico não é idêntico ao dos outros clíticos pronominais não-reflexos (*o, os, a, as*) e a transitividade das estruturas reflexas/recíprocas é reduzida, diferindo da transitividade plena de outras construções transitivas.

A comparação entre estruturas reflexas e recíprocas em PE e em mandarim revela que a maior diferença reside no facto de em PE haver manifestação do marcador argumental (SE REFLEX e SE RECIPRO) em ambas as estruturas, ao passo que em mandarim o marcador argumental ocorre apenas nas estruturas reflexas não-corporais, mas não nas reflexas corporais (sendo o caso de marcador nulo) nem nas recíprocas (o marcador *huxiang* é advérbio, não tendo assim valor argumental), sendo também estes dois casos estruturas de objeto nulo.

Pressupõe-se que este distanciamento se relaciona com a omissão e com o uso

em excesso de SE anafórico por parte dos aprendentes chineses, hipótese que se testou com a aplicação de um inquérito aplicado a um conjunto de 90 alunos (jovens adultos universitários) estudantes da *Beijing Language and Culture University* (BLCU), distribuídos pelos níveis de proficiência A2-C1 do QECR. A análise dos resultados permite concluir o seguinte:

- i. Em relação ao acesso à GU, os resultados justificam a adquiribilidade de SE REFLEX corporal e de SE RECIPRO desde a fase inicial, estruturas que não são compatíveis com a L1 dos aprendentes (mandarim), o que poderá apontar para um eventual acesso à GU na aquisição de L2, ainda que, no presente trabalho, os dados obtidos não nos permitam testar, de forma exaustiva, essa hipótese, uma vez que a exposição ao *input* em LA (Língua-alvo) e o ensino formal também poderão desempenhar um papel importante;
- ii. Relativamente à influência de L1 (mandarim) na aquisição/aprendizagem de SE REFLEX/RECIPRO, os resultados não correspondem às expectativas mais prototípicas, invalidando a hipótese de transferência linear de L1. Entre as diferentes hipóteses relacionadas com o acesso à GU e com a transferência de L1 na aquisição de L2, os resultados parecem mais coincidentes com a hipótese **Full Access No Transfer** (Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996, 1998);
- iii. Quanto aos hipotéticos fatores linguísticos que poderão explicar a omissão/sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO, os resultados demonstram que a sua omissão se revela mais frequente com a coocorrência das expressões de redobro '*a si próprio*' e '*um prep. outro*'; o sobreuso de SE REFLEX ocorre com verbos não-reflexos de ação corporal e com o pronome tónico SI, enquanto o uso em excesso de SE RECIPRO ocorre com verbos lexicalmente recíprocos.

Os resultados do inquérito coincidem, também, com Ellis (1997: 19), que defende que tanto a omissão como o sobreuso não são manifestações de "transferência linguística", mas resultados dos processos de omissão/simplificação e sobregeneralização adotados pelos aprendentes de L2, que se revelam universais na assimilação de estruturas de L2: os aprendentes poderão, por um lado, omitir certos *itens* de L2 que consideram redundantes ou desnecessários, adotando estruturas de

L2 de uma forma simplificada; e por outro lado, proceder à extensão de certas regras/estruturas da L2 a contextos em que não se aplicam. Estas duas categorias de desvios suscitam, pois, desafios teóricos e metodológicos de grande alcance no ensino/aprendizagem de PE como L2.

**Palavras-chave:**

Clítico, Reflexo, Recíproco, Português, Mandarim, Sintaxe, Semântica



## Abstract

This paper is an analysis of how Chinese learners (whose L1 is Mandarin) acquire/learn the anaphoric SE (reflex and reciprocal) in European Portuguese (EP), and aims to answer the following three questions with empirical data: i) whether and in what contexts there is an access to GU in the acquisition of SE Reflex (corporal) and SE Reciprocal; ii) whether and to what extent L1 (Mandarin) plays a part in the omission and overuse of SE Reflex and Reciprocal; iii) whether other factors also account for this two categories of deviations.

The acquisition/learning of SE can cause many difficulties for PE L2 learners due to the multi-functional usage to which SE is put. The present work focuses on the anaphoric SE, namely on SE reflex and SE reciprocal, which distinguishes itself from other functions in that it presents its own characteristics in syntactic-semantic behavior and causes its own difficulties to learners of the language. The argument status of the anaphoric SE is defended in this paper (see section 3.4.1 for SE Reflex and see section 3.5.1 for SE Reciprocal), while distinction is made between anaphoric SE behavior and those of others (*o*, *os*, *a* and *as*), as it is between the transitivity of the reflex/reciprocal structures and the full transitivity of other transitive constructions.

By comparing the reflex and reciprocal structures in EP with their counterparts in Mandarin, a contrast is seen in the fact that in EP there is an argument marker (SE Reflex and SE Reciprocal) in both structures, whereas in Mandarin the argument marker occurs only in the non-corporal reflexes, but not in the corporal reflexes (it is the case of null marker), nor in the reciprocal ones (the marker *huxiang* is adverb with no argument value). The latter two cases are examples of null object structures.

It is assumed that the contrast between the two languages is the result of the omission and overuse of anaphoric SE by Chinese learners, and this hypothesis is tested by a survey to a group of 90 junior college students from Beijing Language and

Culture University (BLCU), at the proficiency levels between A2 and C1 of the CEFR.

From the results of the survey the following conclusions may be drawn:

- i. Regarding the access to GU, the results justify the possibility of acquisition of SE reflex corporal and SE reciprocal from the initial phase, these structures are not compatible with the learners L1 (Mandarin), which allows validating access to GU in the acquisition of L2;
- ii. As to the effect of L1 (Mandarin) on the acquisition/learning of SE Reflex and of SE Reciprocal, the results fall short of the prototypical expectations: the L1 transference is not validated. Therefore, it is concluded that the results of the present research coincide with the Full Access No Transfer hypothesis (Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996; 1998);
- iii. As regards the hypothetical linguistic factors that may affect the omission/overuse of SE Reflex/Reciprocal, the results show that the omission is more frequent with the use of the expression of refolding *a si próprio* and *um prep. outro*; The overuse of SE Reflex occurs with non-reflexive verbs which describes a body action with the tonic pronoun *SI* while the excessive use of SE Reciprocal occurs with lexically reciprocal verbs.

The results of the present investigation coincide with Ellis (1997: 19), who argues that both omission and overuse are not the manifestations of “linguistic transfer”, but are the results of the omission/simplification and overgeneralization processes adopted by L2 learners, which is the assimilation of L2 structures: on one hand, learners may omit certain items of L2 that they consider redundant or unnecessary by showing the use of L2 structures in a simplified way; on the other hand, they also extend certain L2 rules/structures to the contexts where such rules/structures do not apply. These two categories of deviations bring, therefore, significant theoretical and methodological challenges to the teaching/learning of PE as L2.

**Key-words:**

Clitic, Reflex, Reciprocal, Portuguese, Mandarin, Syntax, Semantic

## Lista de Abreviaturas

ADV	Advérbio
CD	Complemento direto
CI	Complemento indireto
CLASS	Classificador
DETER	Determinante
INTERJ	Interjeição
N	Nome
PAR	Partícula
PERF	Marcador do tempo pretérito perfeito
PL2	Português L2
PLU	Plural
PE	Português Europeu
PREP	Preposição
PRON	Pronome
Q	Partícula interrogativa
RECIPRO	Recíproco
REFLEX	Reflexo
SN	Sintagma nominal
SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
V	Verbo
[-]	Argumento não realizado
[-] <sub>CD</sub>	Complemento direto não realizado
[-] <sub>CI</sub>	Complemento indireto não realizado
[-] <sub>SE</sub>	<i>SE</i> não realizado
[-] <sub>Ziji</sub>	<i>Ziji</i> não realizado



## **CAPÍTULO I**

---

# **INTRODUÇÃO**



## 1.1 Contextualização e objeto de estudo

O ensino universitário de Português L2 (PL2) no Interior da China começou no início da década de sessenta do Séc. XX; no entanto, só nos últimos 20 anos surgem estudos dedicados à aquisição/aprendizagem de PL2 pelos aprendentes chineses. Podem encontrar-se estudos que se debruçam sobre a metodologia de ensino de PL2 a aprendentes chineses (Grosso, 2007a; 2007b) e outros que elegem como foco as dificuldades na assimilação de certas estruturas, tais como concordância de plural no sintagma nominal (Godinho, 2006), sistema de artigos (Zhang, 2010) e uso do imperfeito do indicativo (Gonçalves, 2011). Existem, ainda, vários trabalhos em que a atenção é dada ao contraste entre as duas línguas (mandarim e português), centrados por exemplo, sobre as interrogativas (Pissarra, 1999) e sobre os classificadores (Zhang, 2008).

Para além das construções acima referidas, uma outra estrutura em que os aprendentes chineses revelam mais dificuldades é a que envolve os clíticos pronominais em Português Europeu (PE), estrutura que, aliás, tem atraído muita atenção na aquisição do PE como L1: de entre as principais características observadas na aquisição de clíticos pronominais em PE como L1 destacam-se a omissão, o leísmo (substituição do pronome acusativo de 3ª pessoa pelo pronome dativo) e a reduplicação do clítico (cf. Duarte, Matos & Faria, 1995). De acordo com Costa e Lobo (2006; 2008), a omissão dos clíticos na aquisição de PE como L1 corresponde a uma sobregeneralização da construção de objeto nulo.

A aquisição dos clíticos em L2 também é uma questão que tem vindo a ser muito investigada nos últimos dez anos. Madeira e Xavier (2009) analisaram a questão de colocação dos clíticos, chegando à conclusão de que independentemente da sua língua materna, todos os aprendentes têm comportamentos muito semelhantes na questão de colocação dos clíticos. Por seu turno, Fiéis e Madeira (2015) concentram-se na omissão dos clíticos, tendo conduzido uma pesquisa em que aplicaram a falantes nativos de espanhol, inglês e chinês (mandarim) tarefas de

produção induzida e de juízo de valor de verdade para analisar a origem de omissão dos clíticos. Estes estudiosos concluíram que a origem da omissão dos clíticos reside na L1 dos aprendentes, sendo que falantes de línguas sem clíticos, como é o caso do chinês (mandarim), desenvolvem conhecimento dos pronomes clíticos (não reflexos) em PE tardiamente, apresentando taxas elevadas de omissão.

No que respeita a SE, clítico particular pela sua multiplicidade funcional e pelas controvérsias que tem provocado na literatura, a sua aquisição em L2 é também estudada em outras línguas românicas, como por exemplo em espanhol (Escobar e Teomiro, 2016)<sup>1</sup> e em francês (Belikova, 2013)<sup>2</sup>. Em PE, Fiéis e Madeira (2016) aplicaram uma tarefa de juízos de valor de verdade a falantes nativos de inglês e de chinês (línguas sem clíticos) e de espanhol (língua com clíticos) para testar se estes aprendentes de PL2 apresentam dificuldades na interpretação de pronomes clíticos, reflexos e não reflexos e se existem assimetrias no seu uso, por parte destes falantes, entre clíticos reflexos e não reflexos. Os resultados são muito relevantes para o presente trabalho: i) observaram-se taxas de acerto elevadas quer com clíticos reflexos quer com os não reflexos em todos os grupos, o que confirmou a hipótese de que não há assimetrias na interpretação destes pronomes; ii) confirmou-se a predição de que não há diferenças nas taxas de acerto entre os três grupos de teste: não há evidência de efeitos significativos de influência da L1 no desempenho dos aprendentes. Embora não se tenha justificado uma óbvia influência da L1, as autoras (Fiéis & Madeira, 2016: 262) observaram algumas diferenças entre o grupo de chinês L1 e os outros dois grupos – taxas globais de acerto inferiores, maior variação individual e assimetrias na aceitação de interpretações verdadeiras e falsas –, embora este grupo apresente resultados próximos do alvo no que diz respeito à interpretação de clíticos reflexos e não reflexos.

Fundamentado na revisão literária acima apresentada, o presente trabalho

---

<sup>1</sup> Escobar e Teomiro (2016) analisaram a aquisição de múltiplos usos de SE em espanhol L2 por aprendentes falantes nativos de inglês, chegando a uma conclusão de que a gradual aquisição de SE também acontece na aquisição de L2 sugerindo que a L1 (inglês) intervém na aquisição nos estágios iniciais.

<sup>2</sup> Belikova (2013) analisou a aquisição das estruturas reflexas e recíprocas em francês como L2. Este autor questiona a argumentalidade de SE Reflexo e de SE Recíproco em francês defendendo que a enganadora instrução afeta a aquisição das estruturas em causa, questão que voltará a ser discutida no Cap. III.

pretende analisar a aquisição/aprendizagem de SE anafórico — SE reflexo (doravante designado de SE REFLEX) e SE recíproco (doravante designado de SE RECIPRO) — do PE por parte de aprendentes chineses falantes de mandarim como língua nativa. Dá-se, ainda, especial atenção à influência da L1 (mandarim), sendo discutida a relação entre a L1 (mandarim) e a omissão e o uso excessivo de SE anafórico, fenómenos que se destacam nas interlínguas dos aprendentes chineses na aquisição de PL2.

## **1.2 Clíticos: SE reflexo e SE recíproco**

SE é normalmente analisado sob várias perspetivas devido à multiplicidade do seu modo de funcionamento e à diversidade de contextos em que ocorre, provocando assim polémica tanto no campo dos estudos linguísticos como no das atividades didáticas. A ausência de consenso sobre a sua natureza e o seu estatuto (cf. Ribeiro, 2011: 16) faz com que sejam múltiplas as propostas de descrição, entre as quais se destacam uma mais tradicional, em que SE é tratado como pronome reflexo ou recíproco, e outra mais recente, pondo o foco na sua cliticidade.

A proposta tradicional remonta a épocas antigas. Encontram-se reflexões sobre SE em gramáticas bastante recuadas, tais como em Barros (1540), Barboza (1830) e Dias (1881). Nestas gramáticas, SE já é analisado como uma unidade multifuncional presente em diferentes estruturas. A descrição é relativamente simples na gramática de Barros (1540), tendo este autor mencionado apenas uma categoria, a de “verbos impesoáes”, que se conjuga “pelas terceiras pessoas do singular” (1540: 19). Por seu turno, na gramática de Barboza (1830) a descrição é mais sistemática, sendo-lhe atribuídas várias formas de designação de acordo com os seus diferentes usos. Além disso, em Barboza (1830) já se verifica uma distinção clara entre as funções reflexa e recíproca, embora não aprofundadamente abordada. Dias (1881) partiu dos estudos de Barboza (1830) e descreveu os múltiplos valores do SE (reflexo, inerente,

recíproco, passivo, e impessoal). O uso impessoal de SE, identificado e descrito por Dias (1881), não figura na gramática de Barboza (1830). Esta linha de pesquisa que defende o caráter pronominal continua presente no século XX. Cunha e Cintra (1998: 405) mantêm a designação de “voz reflexiva” e chamam a atenção para a argumentalidade de SE, defendendo que este funciona normalmente como complemento direto ou, mais raramente, como complemento indireto do verbo.

Na abordagem mais recente (Brito, Duarte e Matos, 2003; Ribeiro, 2011), ganha maior relevo o caráter clítico de SE que, tal como outras formas clíticas, depende prosodicamente de outras palavras adjacentes, pelo que não tem a capacidade de ocorrer isoladamente. O facto de não possuir acento próprio determina o seu estatuto intermédio entre palavra (acentuada) e afixo (cf. Secção 2.2.1) e também a sua relação mais próxima com o seu hospedeiro verbal, podendo SE não ocupar a sua posição canónica, mas surgir em adjacência estrita ao verbo. Face à abordagem pronominal, a abordagem clítica permite ilustrar uma das maiores diferenças entre os marcadores reflexos nas duas línguas: em PE SE REFLEX é clítico (átone) enquanto o marcador reflexo em mandarim *ziji* tem tons acentuados.

A multiplicidade funcional é uma das propriedades mais particulares de SE, questão que tem sido muito analisada na literatura específica, havendo mesmo descrição das suas múltiplas funções já nas gramáticas mais recuadas. Seguindo a linha de Brito, Duarte e Matos (2003), Ribeiro (2011) descreveu os seguintes valores: i) **SE anafórico (reflexo e recíproco)**; ii) **SE impessoal (de sujeito indeterminado e SE passivo)**; iii) **SE decausativo**; e iv) **SE inerente**.

No presente estudo analisar-se-á apenas **SE anafórico**, construção tradicionalmente conhecida como “estrutura reflexa” e “estrutura recíproca”, que partilham certos aspetos comuns, como por exemplo, em termos de dependência referencial. De acordo com o “Princípio A” da Teoria da Regência e da Ligação (*Government and Binding Theory*) de Chomsky (1981, 1986), a anáfora está ligada ao seu domínio sintático local: quer nas estruturas reflexas quer nas recíprocas, a referência de SE anafórico nunca é arbitrária mas sempre definida (correspondendo

referencialmente ao antecedente, o sujeito da frase). Por outras palavras, tanto para SE REFLEX como para SE RECIPRO, é assegurada a sua referência não autónoma, questão que se discutirá na Secção 3.3.1.

Uma outra grande controvérsia tem a ver com a argumentalidade do SE anafórico (reflexo e recíproco), identificando-se na literatura da especialidade, pelo menos, três orientações distintas: i) abordagem pronominal, ii) abordagem inacusativa e iii) abordagem inergativa. **Na abordagem pronominal**, assume-se o SE anafórico como argumental, correspondendo à posição de complemento direto ou indireto. É a pista desenvolvida a partir da linha mais tradicional, defendida por Cunha e Cintra (1998), Brito, Duarte e Matos (2003), entre outros. Nesta abordagem mais tradicional, os argumentos (interno e externo) selecionados pelos predicadores estão presentes na linearidade frásica, embora, muitas vezes, SE não se encontre no lugar prototípico em que aparecem os complementos (Ribeiro, 2011: 88). **Na abordagem inacusativa** (cf. Grimshaw, 1990), as estruturas reflexa e recíproca são consideradas intransitivas e propõe-se que SE funcione como morfema de redução valencial absorvendo em si o argumento externo. Para a **abordagem inergativa**, os autores (cf. Reinhart e Siloni, 2005) defendem o carácter inergativo da estrutura, considerando que se interioriza o argumento interno em SE quando se realiza a redução valencial.

A argumentalidade assume-se como uma questão de elevada relevância no âmbito do presente estudo, daí que se discuta e justifique o estatuto argumental de SE tanto nas estruturas reflexas (cf. Secção 3.3.1) como nas recíprocas (cf. Secção 3.4.1).

### **1.3 Codificação de reflexividade/reciprocidade em PE e mandarim**

As estruturas reflexas e recíprocas são muito diferentes em PE e em mandarim.

De uma forma geral, é maior a proximidade na codificação de reflexividade entre PE e mandarim do que na codificação de reciprocidade.

Em PE a reflexividade poderá ser assegurada através de SE. A função sintática que SE REFLEX normalmente desempenha é de complemento direto ou indireto (cf. Secção 2.3.2). Entre as estruturas reflexas destaca-se a subclassificação de **reflexas corporais** (i.e., *levantar-se*, *perfumar-se*, etc.) e **não corporais** (i.e., *criticar-se*, *desculpar-se*, etc.): os verbos que ocorrem nas reflexas corporais revelam maior expectativa de reflexividade quando os argumentos envolvidos exibem o traço [+humano] (Ribeiro, 2011: 106). Nota-se que o uso de SE REFLEX é obrigatório tanto nas reflexas corporais como nas não corporais, sendo as corporais incompatíveis com o prefixo reflexo *auto-* e com a construção de redobro *a si próprio*.

Em mandarim, chama-se a atenção para a distinção entre reflexas corporais e não corporais, porque nas reflexas corporais não se encontra nenhum marcador reflexo (como na frase I-1), o que constitui uma grande diferença (cf. Secção 5.2.1) relativamente ao PE:

(I-1) Ta **zuo xialai**<sup>3</sup>, ranhou kaishi kanshu.

Ele **sentar REFLEX abaixo**, depois começar ler

*Ele sentou-se e, depois, começou a ler.*

Nas reflexas não corporais em mandarim está presente o marcador *ziji*, pronome **com tons acentuados** que corresponde sintática e semanticamente a SE REFLEX em PE. SE REFLEX e *ziji* partilham, pelo menos, duas semelhanças muito importantes: i) são ambos marcadores anafóricos, cuja referência é sempre definida relativamente a outra expressão nominal antecedente; ii) são ambos argumentais que desempenham as funções de complemento direto e indireto. No que diz respeito às diferenças entre estes dois marcadores, *ziji* tem tons acentuados e ocorre normalmente na posição pós-verbal enquanto SE é marcador clítico, podendo colocar-se em três posições: proclítica, enclítica e mesoclítica.

Quanto às estruturas recíprocas, a diferença é maior e mais notável. Em PE a

---

<sup>3</sup> Esta estrutura em mandarim é muito semelhante à estrutura *He sat down* em inglês, em que também não se encontra nenhum marcador reflexo.

reciprocidade poderá ser assegurada por SE, mas também existe um grupo de verbos que codificam lexicalmente a noção de reciprocidade, não sendo compatíveis com SE RECIPRO (i.e., *lutar* e *conversar*, cf. Goddy, 2010). Em mandarim a reciprocidade é realizada através da “Estratégia de Modificador” (*Modifier Strategy*, Evans, 2008: 45), porque o seu marcador recíproco *huxiang* não é argumental mas modificador (advérbio), que corresponde semanticamente a *mutuamente* ou *reciprocamente* em PE. Importa salientar que em mandarim não se verifica a presença de nenhum marcador argumental e as estruturas recíprocas revelam-se, muitas vezes, como sendo intransitivas (como na frase I-2).

(I-2) Tamen zai huishang ***huxiang zhize***.

Eles em reunião ***mutuamente criticar [-]cp***

*Eles criticaram-se (um ao outro) na reunião.*

Para sintetizar, em PE o marcador argumental SE está presente tanto nas estruturas reflexas corporais, como nas reflexas não corporais e nas estruturas recíprocas; em mandarim apenas se encontra presente um marcador argumental nas construções reflexas não corporais (*ziji*), enquanto nas reflexas corporais não existe nenhum marcador; nas estruturas recíprocas o marcador *huxiang* não é argumental, mas modificador (advérbio). O seguinte quadro permite mostrar, de forma mais clara, as diferenças entre PE e mandarim quanto à realização de marcador argumental nas estruturas reflexas e recíprocas:

	PE			Mandarim		
Estruturas em causa	Estruturas reflexas corporais	Estruturas reflexas não corporais	Estruturas recíprocas	Estruturas reflexas corporais	Estruturas reflexas não corporais	Estruturas recíprocas
Realização de marcador argumental	+	+	+	-	+	-

Quadro 1.1: Manifestação de marcadores argumentais de reflexividade e de reciprocidade em PE e em mandarim

## 1.4 Fundamentos, objetivos e metodologia

Com o objetivo de descrever/analisar os comportamentos dos aprendentes no processo da aquisição de L2, surgiram, a partir dos anos 40 do século passado, várias pistas de investigação: Análise Contrastiva (Fries, 1945; Lado, 1957), Análise do Erro (Corder, 1967) e Interlíngua (Selinker, 1972). Embora sejam teorias orientadas com princípios metodológicos diferentes, todos os três modelos têm como foco os desvios dos aprendentes na aquisição de L2.

A descrição de sistemas linguísticos dos aprendentes poderá ser um método muito importante para a investigação da aquisição de L2. Os desvios dos aprendentes na assimilação de L2 apresentam as suas próprias características e deverão ser analisados com cuidado porque permitem entender melhor o processo de aquisição de L2 (Ellis, 2003: 15). O interesse pelos sistemas linguísticos intermédios (entre L1 e a língua-alvo) na aquisição de L2 começou inicialmente com autores como Corder (1967) e Selinker (1972), tendo este último proposto o conceito de *Interlíngua* para designar o sistema linguístico intermédio (entre a L1 e a língua-alvo).

Na literatura sobre a Aquisição de L2 têm surgido várias controvérsias/polémicas, como por exemplo as que se relacionam com as questões de acesso à Gramática Universal (GU, Chomsky, 1981; 1986) e de transferência de L1 na aquisição de L2. Algumas das várias hipóteses disponíveis são parcial ou totalmente contraditórias entre si (cf. Secção 4.5).

Uma outra questão de igual importância diz respeito aos processos cognitivos na aquisição de L2, nomeadamente no que toca às seguintes duas estratégias: omissão/simplificação e sobregeneralização das formas-alvo. De acordo com Ellis (2003: 19), a omissão e o sobreuso, que são fenómenos muito populares na assimilação de estruturas de L2, não são manifestações de “transferência linguística”, mas de estratégias cognitivas.

Seguindo esta linha de investigação, o presente trabalho tem como objetivo analisar o modo como se efetua a aquisição/aprendizagem de SE anafórico (SE REFLEX e SE RECIPRO) do PE como LNM por parte de aprendentes chineses de LM mandarim, testando com resultados empíricos as duas questões acima referidas: o acesso à GU e a transferência de L1 (mandarim) na aquisição/aprendizagem de PE como L2.

No que diz respeito ao acesso de GU, poderá ser interessante efetuar um estudo sobre a aquisição de SE REFLEX nas estruturas reflexas corporais e de SE RECIPRO em PE por falantes de mandarim L1, porque não há marcador argumental correspondente tanto para as estruturas reflexas corporais como para as estruturas recíprocas em mandarim. Para os autores que defendem o acesso a GU (i.e., Schwartz & Sprouse, 1994; 1996; Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996; 1998), quando o *input* em L2 é incompatível com a sua L1, os falantes poderão reestruturar a sua Gramática de Interlíngua com recurso à GU (White, 2003b: 61).

Em relação à transferência de L1, chamam a nossa atenção os seguintes exemplos observados nas interlínguas dos aprendentes chineses:

(I-3)\*Ele gosta de **vestir** com roupa escura.

(I-4)\*Quando entrei vi que eles estavam a **abraçar** calorosamente.

(I-5)\*A Maria **acordou-se** cedo hoje de manhã.

(I-6)\* Eles **conversaram-se** muito no almoço.

São duas categorias de desvios que se apresentam, aliás, como contraditórias:

- i) **Omissão de SE anafórico** (SE REFLEX na frase I-3 e SE RECIPRO na frase I-4);
- ii) **Sobreuso de SE anafórico** (SE REFLEX na frase I-5 e SE RECIPRO na frase I-6).

A estranheza das frases acima exibidas revelou-se evidente: nas frases (I-3) e (I-4), omitiram-se SE REFLEX e SE RECIPRO, cuja presença é obrigatória nas estruturas reflexas e recíprocas em PE; nas frases (I-5) e (I-6), pelo contrário, acrescentaram-se SE REFLEX e SE RECIPRO quando completamente desnecessário.

Admitindo que a L1 dos aprendentes possa ter reflexos na aquisição da L2, pensamos que os dois tipos de desvios coletados no presente estudo são também resultado de alguma **interferência da L1** dos aprendentes (mandarim) sobre o PL2.

Sendo que a codificação de reflexividade e reciprocidade é diferente entre a língua-alvo (PE) e a L1 (mandarim), os aprendentes chineses, na assimilação de SE REFLEX/RECIPRO, poderão, por influência da L1 (mandarim), omiti-lo quando a sua presença é obrigatória e acrescentá-lo quando completamente desnecessário.

A presente investigação pretende fundamentar, com dados empíricos, esta possibilidade preditiva. Como se revela no Quadro 1.1, na comparação entre PE e mandarim a proximidade verifica-se apenas nas reflexas não corporais, porque se encontram, em ambas as línguas, marcadores argumentais: SE e *ziji*. No caso das estruturas reflexas corporais e recíprocas, a diferença entre as duas línguas torna-se evidente: em PE há realização do marcador argumental (SE) enquanto em mandarim não há. No caso de se validar a interferência da L1 (mandarim), os aprendentes deverão, supostamente:

- i) Omitir mais frequentemente SE REFLEX nas estruturas reflexas corporais do que nas não corporais;
- ii) Omitir mais frequentemente SE RECIPRO do que SE REFLEX nas estruturas reflexas não corporais;
- iii) Sobreutilizar mais SE REFLEX do que SE RECIPRO.

Com esta investigação pretende-se, ainda, identificar em que circunstâncias os aprendentes chineses poderão mostrar tendência para omitir ou recorrer em excesso SE REFLEX e SE RECIPRO. Em relação à **omissão**, pressupõe-se que a omissão também se relacione com certos elementos linguísticos de PE: a função dativa/não dativa de SE, o uso dos prefixos reflexo e recíproco (*auto-* para as reflexas e *entre-* para as recíprocas) e o uso das formas de redobro (*a si próprio* para as reflexas e *um preposição outro* para as recíprocas). Quanto ao **sobreuso**, pressupõe-se que os aprendentes chineses poderão sobreutilizar SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e em situações em que se deve assegurar a reflexividade com o marcador tónico SI. No caso de SE RECIPRO, os aprendentes chineses poderão sobreutilizá-lo com verbos lexicalmente recíprocos que não sejam compatíveis.

Com o objetivo de fundamentar e documentar, com dados empíricos, estas hipóteses aplicou-se um inquérito a um conjunto de 90 alunos provenientes dos quatro anos de licenciatura da *Beijing Language and Culture University* (BLCU) (com idade entre os 19 e os 22 anos): i) **23 alunos do primeiro ano (A2)**, que aprendem PE em Pequim com duas professoras bilingues (não nativas), sendo as aulas ministradas em L1; ii) **23 alunos do segundo ano (B1)**, que realizam os estudos de PE do segundo ano no Instituto Politécnico de Macau e cuja língua veicular de ensino passa a ser principalmente a L2; iii) **22 alunos do terceiro ano (B2)**, que se encontram no Instituto Politécnico de Leiria, e cuja instrução é feita totalmente em L2, em ambiente de imersão linguística e cultural, que poderá desempenhar um papel importante na aquisição de uma L2; e iv) **22 alunos do quarto ano (C1)**, que voltam a estudar em Pequim com professores bilingues, os quais lecionam principalmente disciplinas de tradução e interpretação chinês-português/português-chinês.

O inquérito aplicado contém duas tarefas diferentes: **Produção Induzida** (com a seleção alternativa) e **Juízo de Aceitabilidade**. Na primeira tarefa, a atenção dos inquiridos será diretamente focalizada no uso/omissão de SE anafórico: pede-se aos inquiridos para escolher uma das duas formas dadas (uma com a presença de SE e outra não) para completar as frases, como por exemplo:

✍ Parte I. Produção induzida

Escolha as formas adequadas para completar as seguintes frases.

Hoje o João \_\_\_\_\_ mais tarde e portanto chegou atrasado ao emprego.  
(levantar/levantar-se)

Resposta esperada: Hoje o João **levantou-se** mais tarde e portanto chegou atrasado ao emprego.

Já viu? Eles \_\_\_\_\_ apaixonadamente no jardim. (beijar/beijar-se)

Resposta esperada: Já viu? Eles **beijaram-se** apaixonadamente no jardim.

Na segunda tarefa, pede-se aos inquiridos para verificar se as frases que lhes

são apresentadas estão corretas, e no caso de haver erros, pede-se para os corrigir. Nesta parte, a atenção dos inquiridos não será diretamente focalizada no uso/omissão de SE, e os inquiridos terão total liberdade na correção de erros:

#### ✎ Parte II. Juízo de aceitabilidade

Verifique se as seguintes frases estão corretas. No caso de haver erros, corrija-os.

Ele prefere vestir sempre com roupa escura.

Resposta esperada: Não aceite. (*Ele prefere **vestir-se** sempre com roupa escura.*)

Será verdade que eles separaram um do outro na semana passada?

Resposta esperada: Não aceite. (*Será verdade que eles **se separaram um do outro** na semana passada?*)

## 1.5 Estrutura interna

Este trabalho organiza-se em duas partes: uma **parte de natureza teórica** (Capítulos II, III e IV) na qual se abordam conteúdos teóricos associados a vários aspetos relacionados com o tópico de investigação, e uma **parte de análise empírica** (Capítulo V) em que se descrevem os dados empíricos coletados e se testam, com base nestes, as hipóteses apresentadas na introdução.

No Capítulo II, discute-se a natureza da reflexivização e reciprocização assim como a sua codificação em PE e mandarim. Na Secção 2.2 apresentam-se, de forma sumária, as formas clíticas em PE e mandarim, salientando-se uma das mais evidentes diferenças destes em ambas as línguas, pois em mandarim não há clíticos pronominais, uma vez que os pronomes acusativos/dativos têm tons acentuados. A Secção 2.3 destina-se à descrição da natureza e da codificação de reflexividade. As estruturas reflexas denotam situações em que o sujeito age sobre si próprio, ou seja,

o ato expresso é perspectivado como praticado e sofrido pelo mesmo sujeito. Tanto em PE como em mandarim recorre-se a uma série de estratégias para a codificação de reflexividade. Nas duas línguas encontram-se dois marcadores semântica e sintaticamente semelhantes - SE e *ziji* -, sendo este um pronome com tons acentuados, o que constitui a maior diferença entre ambos, já que SE é clítico. A Secção 2.4 destina-se à descrição da natureza e codificação de reciprocidade. Uma construção recíproca descreve subeventos paralelos em que cada indivíduo pode ser agente num subevento e paciente noutro. Quanto à sua codificação, o estatuto dos marcadores nas duas línguas é diferente: em PE SE RECIPRO é argumental enquanto em mandarim o marcador *huxiang* é modificador (advérbio).

No Capítulo III encontra-se uma descrição sistemática de SE. Na Secção 3.2 apresentam-se as duas linhas de investigação dominantes até ao presente: a abordagem pronominal e a abordagem clítica. O carácter de cliticidade de SE permite revelar a sua maior diferença na comparação com o marcador *ziji* (com tons acentuados) do mandarim. Na Secção 3.3 faz-se uma descrição da multiplicidade do modo de funcionamento de SE, o que o distingue de outros clíticos pronominais. Na Secção 3.4 analisa-se SE REFLEX, dando especial atenção à sua argumentalidade. São também estudados nesta Secção o uso do prefixo reflexo *auto-* e o da construção de redobro *a si próprio*. A Secção 3.5 tem como objeto de estudo SE RECIPRO, e segue uma linha de reflexão idêntica à do ponto 3.4. Nestas duas Secções (3.4 e 3.5) referem-se, ainda, as flutuações entre os falantes nativos quanto à aceitabilidade de SE REFLEX e de SE RECIPRO com função de complemento indireto.

No Capítulo IV, apresentam-se as teorias e várias hipóteses associadas à aquisição de L2. Faz-se, em primeiro lugar, uma revisão panorâmica sobre os estudos concentrados na Aquisição de L2 (Secção 4.2). Na Secção 4.3 apresentam-se os conceitos de L1 e L2; a Secção 4.4 foca a noção de interlíngua descrevendo a sua origem, definição e premissas; a Secção 4.5 apresenta várias hipóteses relacionadas com o acesso à GU e com a transferência de L1 na aquisição de L2; a Secção 4.6 aborda a questão de transferência de L1, destacando que a transferência de L1 poderá ser tanto positiva como negativa; e na Secção 4.7 discutem-se os dois

processos cognitivos de aquisição de L2: omissão/simplificação e sobregeneralização das formas-alvo.

O Capítulo V, de estudo empírico, começa por expor sumariamente os resultados da comparação na codificação de reflexividade e reciprocidade entre PE e mandarim — destacando que a proximidade mais saliente se verifica apenas nas reflexas não corporais — para, a partir de tais resultados, apresentar criticamente os objetivos e o objeto empírico do presente trabalho, assim como os testes que serão aplicados para a justificação das hipóteses propostas (Secção 5.2). As Secções 5.3 e 5.4 descrevem a amostra e a estrutura do inquérito, com atenção especial à seleção dos verbos incluídos no inquérito. Na Secção 5.5 apresentam-se circunstanciadamente os resultados do inquérito, os quais serão analisados e discutidos na Secção 5.6, com o objetivo de testar o acesso à GU e a transferência de L1 e de analisar em que circunstâncias os aprendentes chineses mostrarão tendência para omitir ou sobreutilizar o SE REFLEX/RECIPRO.

## **CAPÍTULO II**

---

### **REFLEXIVIZAÇÃO E RECIPROCIZAÇÃO: NATUREZA DA SUA CODIFICAÇÃO EM PE E EM MANDARIM**



## 2.1 Introdução

No Capítulo II apresentam-se as três das noções mais relevantes do presente trabalho: clítico, codificação de reflexividade e codificação de reciprocidade.

A reflexão sobre SE remonta a tempos antigos mas sob diferentes perspectivas. Na abordagem tradicional (cf. Barboza, 1830; Dias, 1881; Cunha & Cintra, 1998), SE é normalmente encarado como pronome (cf. Secção 3.2.1). Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos (cf. Brito, Duarte e Matos, 2003; Ribeiro, 2011), especialmente com o interesse que o clítico tem provocado nos estudos de fonologia, morfologia e sintaxe, o carácter de cliticidade de SE tem recebido mais atenção devido às suas próprias particularidades morfológicas e sintáticas, que o distinguem de outras formas pronominais.

Em PE, SE é marcador a que se recorre frequentemente na marcação de reflexividade e de reciprocidade, noções que são codificadas respetivamente pelos marcadores *ziji* (reflexo) e *huxiang* (recíproco) em mandarim. Apesar de serem não clíticos *ziji* e *huxiang*, SE REFLX e *ziji* partilham certas semelhanças, porque ambos são anafóricos e argumentais, sendo possível assumir as funções de complemento direto e indireto. No caso de *huxiang*, a sua diferença em comparação com SE RECIPRO é mais óbvia porque é modificador (advérbio) e aceita o objeto nulo em mandarim.

A Secção 2.2 destina-se a uma descrição dos clíticos em PE e em mandarim, chamando a atenção para o facto de em mandarim os pronomes nunca serem clíticos (Secção 2.2.2). Na Secção 2.3, encontram-se reflexões sobre a natureza da reflexividade (Secção 2.3.1), e sobre a marcação da reflexividade em PE (Secção 2.3.2) e em mandarim (Secção 2.3.3). A Secção 2.4 seguirá a mesma linha da Secção 2.3, apresentando a natureza da reciprocidade (Secção 2.4.1) e a marcação da reciprocidade em PE (Secção 2.4.2) e em mandarim (Secção 2.4.3).

## 2.2 Comportamentos de clíticos em PE e em mandarim

O clítico é entendido (Martins, 2013: 2231) como forma que não contém em si nenhum acento dependendo, prosodicamente, de uma palavra adjacente acentuada. A ausência do acento fonológico faz com que o clítico não tenha a capacidade de ocorrer isoladamente e se ligue, obrigatoriamente, a palavras hospedeiras a vários níveis. Esta palavra à qual o clítico se liga é designada como hospedeiro do clítico, e ao processo de ligação entre o clítico e o seu hospedeiro chama-se cliticização.

No que diz respeito ao PE, muitos pronomes pessoais, tradicionalmente designados como “pronomes pessoais átonos” tais como *o, a, os, as, lhe, lhes, se, me, te, nos, e vos* (cf. Cunha e Cintra, 1998: 279), são clíticos porque não constituem, por si próprios, uma unidade fonológica associada a um acento.

São também formas clíticas outros itens lexicais, nomeadamente os artigos definidos *o(s), a(s)*, os pronomes interrogativos *que* e *porque*, o pronome relativo *que*, as conjunções *que, se, mas, e, ou*, as preposições *de, para, por, com, em* e o quantificador *cada* (cf. Vigário, 2003: 53-58).

Todas estas formas clíticas necessitam de se cliticizar a uma palavra adjacente acentuada. A sequência resultante da cliticização, ou melhor, a unidade formada com o clítico e o seu hospedeiro poderá ser vista como uma nova palavra do ponto de vista fonológico, porque se trata já de uma unidade independente que contém em si um, e um só, acento de palavra (Martins, 2013: 2231), como por exemplo:

(II-1) **Vi-o** hoje de manhã.

[viu]

Em PE, os clíticos pronominais partilham com outras formas clíticas, como por exemplo as preposições e os artigos, a mesma propriedade de serem átonas, isto é, dependem de outros itens lexicais com acentuação própria. Esta propriedade determina a impossibilidade de qualquer uma destas formas poder surgir isoladamente, como por exemplo:

(II-2) – Vens de Lisboa ou vais para Lisboa?

(a) \*– **Para**.

(b) – Para Lisboa.

(II-3) – Ele terá lido o livro ou a revista?

(a) \*– **A**.

(b) – A revista.

(II-4) – Ele falou a alguém quando entrou na sala?

(a) \*– **Me!**

(b) – A mim!

(Brito, Duarte e Matos, 2003: 829)

Dentro da categoria dos clíticos, chama-se a atenção para a distinção entre **clíticos especiais** e **clíticos simples**, questão que remonta a Zwicky (1977) e foi, posteriormente, desenvolvida para o português por Vigário (1999, 2003). Em PE, os clíticos pronominais apresentam as suas propriedades específicas que justificam a designação que lhes foi atribuída de clíticos especiais, características que os distinguem das outras classes átonas (artigos e preposições), referidas como clíticos simples (cf. Brito, Duarte e Matos, 2003: 828-829).

Uma das principais propriedades que distinguem as duas categorias dos clíticos em PE é a seguinte: os clíticos especiais (clíticos pronominais) cliticizam apenas uma classe de palavras específica, o verbo<sup>1</sup> (Martins, 2013: 2232), como se verifica em (II-5) e (II-6):

(II-5) [Mandei]<sub>v</sub>-**lhe** o meu trabalho.

(II-6) Hoje [levantei]<sub>v</sub>-**me** cedo.

Pelo contrário, os clíticos simples (artigos e preposições) dependem acentualmente de qualquer palavra que se lhes segue imediatamente, como por exemplo:

---

<sup>1</sup> Em PE, os clíticos pronominais cliticizam apenas as formas verbais flexionadas exibindo tempo gramatical não inerte (cf. Mateus *et al.*, 2003: Cap. 20.6.2).

- (II-7) **A** [universidade]<sub>N</sub> não fica muito longe.
- (II-8) **A** [minha]<sub>DETER</sub> universidade não fica muito longe.
- (II-9) **Sem** [ele]<sub>PRON</sub> não conseguia acabar o trabalho.

Como se revela nas frases acima apresentadas, os artigos e as preposições poderão cliticizar outras classes de palavras, tais como nome (II-7), determinante (II-8) e pronome (II-9).

Uma outra diferença entre os clíticos simples e os clíticos especiais é que os últimos mantêm uma relação mais próxima com o respetivo hospedeiro verbal. Os clíticos pronominais, diferentemente dos artigos e das preposições, quando funcionam como complemento verbal, podem não ocupar a posição canónica característica desse complemento, mas colocam-se em adjacência estrita ao verbo (cf. Brito, Duarte e Matos, 2003: 830), como o demonstram os seguintes exemplos:

- (II-10) (a) O professor ofereceu [os livros]<sub>CD</sub> [**aos seus alunos**]<sub>CI</sub>.
- (b) O professor ofereceu-**[lhes]**<sub>CI</sub>[os livros]<sub>CD</sub>.
- (c) \*O professor ofereceu [os livros]<sub>CD</sub> [**lhes**]<sub>CI</sub>.

Como se verifica em (II-10), o clítico *lhe* apoia-se estreitamente no verbo hospedeiro, em vez de ocorrer na sua posição canónica em PE V-CD-CI.

A maioria dos clíticos em PE cliticiza a palavra hospedeira que ocorre logo à sua direita (próclise), como se observa no caso de ligação do artigo com o nome na formação de um grupo nominal. Os clíticos pronominais exibem um comportamento distinto das outras formas clíticas, o que também justifica a sua designação de “clíticos especiais”. Embora ocorram necessariamente adjacentes ao seu hospedeiro, os clíticos pronominais não se associam a uma posição fixa relativamente ao seu hospedeiro: poderão precedê-lo (próclise, II-11b), segui-lo (ênclise, II-11a) e até se inserir no meio (mesóclise, II-11c):

- (II-11) (a) Disse-**lhe** o que aconteceu.
- (b) Não **lhe** disse o que aconteceu.

(c) Dir-**lhe**-ei o que aconteceu.

Em PE, a posição não marcada dos clíticos pronominais é ênclise (II-11a). A mesóclise ocorre apenas quando os verbos se apresentam no futuro imperfeito ou no condicional simples, como em (II-11c). A colocação em próclise é validada em situações em que se encontram atratores de próclise, como por exemplo, advérbio negativo (II-11b). Esta questão voltará a ser discutida em 2.2.1 deste capítulo.

Ainda se nota que, mesmo em ênclise, os clíticos pronominais (sobretudo as formas da 3ª. Pessoa) distinguem-se dos artigos e das proposições por apresentarem propriedades fonológicas idiossincráticas, como descrevem os exemplos seguintes:

(II-12) (a) Eu vi-**o** ontem.

(b) Eu vou vê-**lo** amanhã.

(c) Eles viram-**no** ontem.

Os clíticos pronominais da terceira pessoa *o(s)/a(s)* assumem formas *lo(s)/la(s)* quando a forma verbal termina em *s* ou *r* (II-12b), e apresentam-se como *no(s)/na(s)* quando a forma verbal termina em nasal (II-12c). No entanto, estas formas não ocorrem quando a forma verbal é seguida de artigos ou preposições (cf. Brito, Duarte e Matos, 2003: 831), como se revela nos seguintes exemplos:

(II-13) (a) Gostava de ver o João.

(b) \*Gostava de **vê-lo** João. (nesta frase **o** é artigo)

(II-14) (a) Necessitava de dar a mim próprio um livro.

(b) \*Necessitava de **dá-la** mim próprio um livro. (nesta frase **a** é preposição)

### 2.2.1 Clíticos pronominais em PE

Dedica-se esta secção à descrição do sistema de clíticos pronominais em PE. Apresenta-se, em primeiro lugar, o quadro de clíticos pronominais (não reflexos e reflexos) em PE:

Pessoas Gramaticais	Clíticos não-reflexos		Reflexos
	Acusativo	Dativo	Acusativo/dativo
1. <sup>a</sup> singular	me	me	me
2. <sup>a</sup> singular	te	te	te
3. <sup>a</sup> singular	o/a	lhe	se
1. <sup>a</sup> plural	nos	nos	nos
2. <sup>a</sup> plural	vos	vos	vos
3. <sup>a</sup> plural	os/as	lhes	se

Quadro 2.1: Clíticos especiais em PE (Brito, Duarte e Matos, 2003: 827)

As estruturas em que ocorrem os clíticos pronominais em PE têm atraído, nos últimos tempos, muita atenção dos linguistas; quanto a este tópico destacam-se os trabalhos de Duarte, Matos e Faria (1995), Vigário (1999), Duarte e Matos (2000), Luís (2004), Magro (2007), e Ribeiro (2011). Dadas as propriedades complexas e múltiplas funções dos clíticos pronominais, não surpreende que a análise e a descrição dos clíticos tenha sido objeto de abordagens distintas, o que provoca inevitavelmente controvérsia na literatura sobre o tema. A questão torna-se problemática porque a explicitação do seu estatuto e comportamento envolve vários aspetos linguísticos tais como a prosódia, a morfologia e a sintaxe-semântica entre outros. Como afirmou Ribeiro (2011: 20), o estudo sobre os clíticos “ancora-se necessariamente numa reflexão profunda e multifatorial sobre as interfaces da gramática, confrontando-se imperativamente com várias questões algo polémicas que, ao longo dos tempos, têm envolvido a análise dos clíticos”.

Uma das polémicas advém do facto de o clítico exibir um comportamento intermédio entre o de um afixo e o de uma palavra, já que o clítico, embora seja prosodicamente dependente (de uma outra palavra acentuada), goza de autonomia no plano morfológico (por oposição ao afixo, preso a uma base). Quanto a esta questão as opiniões divergem, pois os clíticos são perspetivados por uns autores como

palavras (i.e., Vigário, 1999) e por outros como afixos (i.e., Luís, 2002). Do ponto de vista prosódico, os clíticos caracterizam-se precisamente pela sua não autonomia, estando sempre dependentes do seu hospedeiro. Dado que os clíticos são unidades destituídas de acento de palavra, estes não formam, por si, uma palavra prosódica, palavra que tem como um dos seus elementos caracterizadores a presença de um, e um único, acento principal (cf. Mateus, Frota e Vigário, 2003: 1061).

No entanto, Vigário (1999: 224-226) chamou a atenção para o facto de que os clíticos revelam uma atuação diferente da dos afixos, nomeadamente porque não afetam, ao contrário das alterações resultantes da junção de um afixo, a localização do acento do seu hospedeiro. A mesma autora tentou justificar esta questão com os seguintes exemplos:

- (II-15) (a) diz[í]amos
- (b) diz[í]amo-lo
- (c) diz[í]amo-no-lo

(Vigário, 1999: 224)

Brito, Duarte e Matos (2003: 845-846) também defendem que os clíticos não são verdadeiramente afixos, porque não se comportam como sufixos (que ocorrem unicamente em posição pós-verbal como em II-16a), mas permitem três posições: próclise, ênclise e mesóclise.

- (II-16) (a) A porta já foi fechada à chave.
- (b) \*A porta já foi **da**fecha à chave.

(Brito, Duarte e Matos, 2003: 845-846)

Dada a complexidade que os clíticos apresentam, Brito, Duarte e Matos (2003: 847) concluem que os clíticos se podem caracterizar como itens lexicais que partilham “um estatuto intermédio entre as palavras acentuadas e os afixos”. O mesmo ponto de vista já foi partilhado por Zwicky (1977: 1), que defende que os clíticos não são “neither clearly independent words nor clearly affixes”.

Seguindo esta linha de investigação, Martins (2013: 2231) propõe que os itens lexicais se organizam numa tipologia morfológica contendo três categorias independentes: palavra, afixo e clítico. O clítico é definido como um item lexical sem acento prosódico atribuído no léxico (tal como os afixos e contrariamente às palavras), mas com certa liberdade posicional (tal como as palavras, mas contrariamente aos afixos). A ausência de acento de palavra faz com que o clítico dependa necessariamente de uma palavra adjacente acentuada. No entanto, embora prosodicamente dependente (de uma palavra acentuada), o clítico goza de maior autonomia no plano morfológico (por oposição aos afixos, presos a uma base).

A colocação dos clíticos pronominais em PE (determinada por condições sintáticas muito específicas) tem atraído também muita atenção, uma vez que as suas propriedades específicas os afastam dos clíticos das restantes de línguas românicas (cf. Madeira, Xavier e Crispim, 2010). Embora não seja o principal objeto de estudo da presente investigação, esta questão é fundamental para a aquisição de SE (tanto na aquisição de PE L1 como de L2), razão pela qual se apresentará, brevemente, a descrição da colocação dos clíticos.

Em PE, tal como se referiu anteriormente, os clíticos associam-se aos verbos hospedeiros das três formas seguintes: poderão preceder o verbo (próclise), segui-lo (ênclise) ou surgir no seu interior (mesóclise). A posição não marcada dos clíticos é enclítica, e a posição mesoclítica ocorre apenas em casos em que os verbos se apresentam no futuro imperfeito ou no condicional simples. A colocação proclítica é determinada por um conjunto de condições específicas (cf. Martins, 2013: 2235-2302). A seguir, apresentar-se-ão as diferentes situações de colocação do clítico.

A posição enclítica é validada nas frases simples (II-17), nas orações subordinantes das frases complexas (II-18), assim como nas orações coordenadas (aditivas, adversativas, etc.), como em (II-19):

(II-17) Hoje a Manuela levantou-**se** às seis horas.

(II-18) Hoje a Manuela levantou-**se** quando o relógio deu seis horas.

(II-19) Hoje a Manuela levantou-**se** às seis horas e arranjou-**se** rapidamente.

No entanto, nas situações acima referidas, o clítico encontra-se à direita do verbo apenas nas frases afirmativas, porque nas negativas a posição dos pronomes clíticos é sempre proclítica (II-20a):

(II-20) (a) Hoje a Manuela não **se** levantou às seis horas.

(b) \*Hoje a Manuela não levantou-**se** às seis horas.

Embora a ênclise seja o padrão mais frequente na colocação dos pronomes clíticos nas orações principais<sup>2</sup> afirmativas, quando o verbo hospedeiro se apresenta no futuro imperfeito ou no condicional simples, o clítico passa a ser usado em posição mesoclítica, ocorrendo então numa posição interna ao verbo, como em (II-21) e (II-22):

(II-21) Encontrar-**nos**-emos noutros lugares.

(II-22) Inscrever-**me**-ia neste curso se houvesse ainda vagas.

Nas orações principais afirmativas, quando se encontram certos constituintes (certos advérbios, por exemplo) em posição pré-verbal, o clítico coloca-se em posição proclítica, como por exemplo:

(II-23) A Manuela já **se** levantou.

(II-24) Só **te** queria ver.

No entanto, no caso de estes constituintes ocorrerem à direita do verbo (II-25b), não se registará a posição proclítica (II-25a), mas antes a enclítica:

(II-25) (a) Sempre **te** disse assim.

(b) Disse-**te** sempre assim.

O conjunto destes constituintes que originam o padrão proclítico é designado como atratores de próclise (cf. Brito, Duarte e Matos, 2003: 853) ou proclisador (cf. Martins, 2013: 2236). A próclise associa-se a vários processos gramaticais, tais como

---

<sup>2</sup> Nesta secção, as orações principais designam um conjunto de frases simples, orações subordinantes das frases complexas e orações coordenadas.

os processos da negação, da quantificação, da focalização e da ênfase<sup>3</sup> (cf. Martins, 2013: 2239-2267).

Nas orações subordinadas, os clíticos ocorrem sempre em posição proclítica (II-26), o que ilustra claramente a diferença na colocação do clítico entre as orações principais e as orações subordinadas: as primeiras manifestam ênclise e as segundas próclise.

(II-26) Achas que o João *se* feriu?

A posição proclítica valida-se, de formal geral, em todas as categorias de orações subordinadas, incluindo as completivas (II-27), relativas (II-28), adverbiais (II-29), etc.

(II-27) Parece [que os dois não *se* gostam um do outro].

<sup>3</sup> Os atratores de próclise em PE incluem:

Atratores da próclise	Exemplos
Negação	Os cães <u>não</u> <i>a</i> assustam. <u>Nada</u> <i>a</i> assusta.
Quantificadores	<u>Poucos</u> cães <i>a</i> assustam. <u>Todos os</u> cães <i>a</i> assustam.
Advérbios focalizadores	<u>Só</u> aquele cão <i>te</i> morderia. <u>Até</u> o gato <i>me</i> mordeu.
Advérbios enfatizadores	<u>Bem</u> <i>te</i> disse que não o soltasses. <u>Lá</u> <i>me</i> está ele a rosnar.
Advérbios focalizados	<u>Sempre</u> <i>o</i> vejo zangado. <u>Ali</u> <i>se</i> construiu o mosteiro. (vs. <u>Ali</u> , constrói-se de forma selvagem.) <u>Rapidamente</u> <i>se</i> afastou. (vs. <u>Rapidamente</u> , afastou-se.)
Outros focos contrastivos antepostos (não adverbiais)	<u>Nas pernas</u> <i>se</i> fiava ele. <u>Um golpe traiçoeiro</u> <i>a</i> derrubou.
Declarativas enfáticas	<u>Um dia</u> <i>se</i> saberá toda a verdade. <u>Pois</u> <i>te</i> garanto que é assim.
Interrogativas e exclamativas qu-	<u>Quem</u> <i>te</i> contou? <u>Como</u> ele <i>me</i> irrita!
Imperativas com <i>que</i> ; optativas	<u>Que</u> <i>me</i> tragam o apito depressa. <u>Bons olhos</u> <i>te</i> vejam.
Interrogativas retóricas com <i>acaso</i>	<u>Acaso</u> <i>te</i> julgas a salvo?
Próclise com a palavra <i>própria</i>	Eu <u>próprio</u> <i>lhe</i> dei a notícia.

(Martins, 2013: 2240, com adaptação)

(II-28) Aquele rapaz [que se sentou há pouco] é o meu primo.

(II-29) Ele sorriu [porque se sentiu muito feliz].

Entretanto, ao contrário do que acontece nas frases finitas, certas estruturas infinitas permitem duas formas de colocação, registando-se variação entre ênclise e próclise. Para uma descrição mais pormenorizada destas questões, poderá consultar-se Martins (2013: 2270-2378).

O clítico ainda poderá admitir uma construção de redobro, em que o pronome tónico “duplica, ou redobra o clítico de forma a colmatar, para um fim particular, a sua natureza fraca, ou deficiente” (Martins, 2013: 2234).

(II-30) Até *me* roubaram **a mim** a carteira.

Como se demonstra em (II-30), a construção de redobro, que é composta muitas vezes por um pronome tónico, recebe o acento prosódico característico dos focos contrastivos (cf. Martins, 2013: 2234).

Do ponto de vista sintático, a construção de redobro assume a mesma função que está associada ao clítico, que é complemento direto (II-31) e complemento indireto (32):

(II-31) O chefe apenas [*o*]<sub>CD</sub> cumprimentou[**a ele**]<sub>CD</sub> no gabinete.

(II-32) A Maria só [*lhe*]<sub>CI</sub> deu [**a ele**]<sub>CI</sub> uma prenda de Ano Novo.

Na linearidade da frase, o redobro do clítico não afetarà, em caso algum, a colocação dos clíticos, sendo possível encontrar-se o clítico em posição enclítica (II-33a), proclítica (II-33b) e mesoclítica (II-33c):

(II-33) (a) Enviei-*lhe* o livro **a ele**.

(b) Não *lhe* enviei o livro **a ele**.

(c) Enviar-*lhe*-ei o livro **a ele**.

Quanto à colocação da estrutura de redobro, verifica-se que ocorre em posição tanto adjacente (II-34a) quanto não adjacente (II-34b) ao grupo verbal:

(II-34) (a) Disse-*lhe a ele* a notícia.

(b) Disse-*lhe* a notícia *a ele*.

Sendo que o presente trabalho se focaliza no clítico anafórico SE, importa salientar que o SE anafórico, tanto reflexo quanto recíproco, poderá ser redobrado com a sua forma tónica SI, como em (II-35) e (II-36):

(II-35) A Maria deu-se *a si própria* uma prenda de Ano Novo.

(II-36) Os dois cumprimentaram-se *entre si* no gabinete.

O uso destas estruturas de redobro poderá ser muito importante, especialmente em situações de ambiguidade, questão detalhadamente discutida na Secção 3.4.2.

O comportamento característico dos clíticos pronominais acima exibidos é diferente do dos clíticos em outras línguas, como por exemplo em mandarim, L1 do público-alvo do estudo empírico do presente trabalho.

## 2.2.2 Clíticos em mandarim

O mandarim (*putonghua*<sup>4</sup>), língua oficial da China, faz parte da família sino-tibetana e é falado pelo maior grupo étnico da China, *Han*, que corresponde aproximadamente a 93% dos 1,3 biliões de habitantes chineses; deste modo é também designado de *hanyu*, que é língua da etnia *Han*, na China (cf. Zhang, 2008: 3).

Tanto quanto é do nosso conhecimento, e tal como acontece noutras línguas, os clíticos em mandarim são raramente analisados, daí se encontrar pouca descrição sistemática na literatura. Ainda importa referir que na China o uso do termo “clítico” é muito recente, tendo sido introduzido a partir dos estudos linguísticos ocidentais. No entanto, chama-se a atenção para a distinção entre as palavras cheias (*shici*) e as palavras vazias (*xuci*) em chinês (Lee, 2008: 65). As palavras cheias são aquelas que

---

<sup>4</sup> Em 1955 foi decretado na China que a língua oficial seria designado por *putonghua*, comumente referido no ocidente como mandarim. O mandarim é baseado nos dialetos do norte do país, tendo como padrão fonético o sistema do dialeto de Pequim.

carregam em si o seu conteúdo semântico, enquanto as palavras vazias são normalmente partículas, cuja função principal é de mostrar as relações gramaticais. Curiosamente, as palavras chamadas vazias são, muitas vezes, fonologicamente átonas (*weak forms*) por terem um tom neutro (não acentuado), como por exemplo os marcadores do plural e os marcadores dos tempos verbais, colocando-se obrigatoriamente adjacentes às outras formas fonologicamente acentuadas (*strong forms*), o que constitui um fenómeno muito parecido com o do processo de cliticização em línguas que contêm clíticos. A partir daí, essas formas começaram a ser analisadas como clíticos e ganharam mais relevo. No entanto, em mandarim, os clíticos são muito diferentes dos das línguas românicas, tanto fonologicamente quanto sintaticamente. Uma diferença muito importante é que, em mandarim, os pronomes são sempre formas fortes em vez de serem clíticos, como em certas línguas românicas.

Segundo Spencer e Luís (2012: 77), em mandarim as formas clíticas são diferentes: a maioria dos itens lexicais, sobretudo os de valor semântico e algumas outras partículas com função sintática, têm, no total, quatro tons acentuados (Gan *et al.*, no prelo). O primeiro tom é o mais alto (agudo) e constante; o segundo tom começa médio e sobe (parecido com o tom com que se faz uma pergunta em português); o terceiro tom começa baixo, fica mais baixo ainda e sobe até alto; e o quarto tom começa alto e desce rápido e direto até se tornar grave. Além destes quatro tons mais básicos, há um quinto que se chama neutro (não acentuado); aliás, alguns especialistas não o consideram exatamente um tom porque não contém em si nenhuma tonalidade, nenhuma ênfase, apresentando-se como “weak form” (Ross & Ma 2006: 6). Além disso as formas de ligação dos itens lexicais com o tom neutro (não acentuado) são também estudadas no âmbito dos clíticos (cf. Sun, 2006: 75-81; Dai, 1997: 123-125), uma vez que na maioria dos casos, o tom neutro (não acentuado) se coloca na posição enclítica e não altera o tom original do hospedeiro, processo que é muito parecido com a cliticização em português.

Entre as formas clíticas de mandarim destacam-se as que se colocam sempre no final das frases ou dos grupos verbais, as quais estão frequentemente ligadas ao

tempo, aspeto ou modal verbal. A mais prototípica é a partícula *ma*, que foi analisada também por Spencer e Luís (2012: 76), marcador com o qual se forma uma interrogativa total. Em mandarim na escrita, uma interrogativa total diferencia-se duma declarativa pela presença do ponto de interrogação e muitas vezes pela presença da partícula *ma* (tom neutro), como em (II-37):

(II-37) Ni qu **ma**?

Tu ir **Q**?

Tu vais?

No entanto, a presença da partícula *ma* também não é obrigatória na interrogativa total: a frase (II-38) continua a ser uma interrogativa sim-não.

(II-38) Ni renshi ta?

Tu conhecer ele?

*Tu conhece-lo?*

Note-se que, em mandarim, o verbo não se conjuga e o valor do tempo reflete-se nas partículas (clíticas), entre as quais se destaca a forma *le*, que se coloca sempre à direita do verbo hospedeiro, com adjacência (II-39a) ou sem adjacência (II-39b) (no final do grupo verbal), para expressar o tempo pretérito perfeito, como por exemplo:

(II-39) (a) Ta wancheng **le** zuoye.

Ele acabar **PERF**<sup>5</sup> trabalho.

*Ele acabou o trabalho.*

(b) Ta wancheng zuoye **le**.

Ele acabar trabalho **PERF**.

*Ele acabou o trabalho.*

As partículas clíticas também permitem expressar outros valores: por exemplo, *ya* exprime a surpresa do locutor, como em (II-40):

---

<sup>5</sup> Marcador do tempo pretérito perfeito.

(II-40) Ni zai jia **ya!**

Tu em casa **INTERJ!**

*Tu estás em casa!*

Uma outra forma clítica muito importante em mandarim é a partícula *men*, formadora do plural. O plural do nome de traço [+humano] é formado com esta partícula clítica, que se incorpora ao nome singular (sempre se coloca em posição enclítica) para formar o plural. Deste modo, a partícula *men* aproxima-se de um afixo (Ross & Ma, 2006: 6):

(II-41) Laoshi**men**

professor[**PLU**]

professores

Tal como as outras formas clíticas acima apresentadas, a partícula *men* também não afeta o tom dos nomes de forma singular (processo que se aproxima da cliticização em português), mantendo-se o tom original no processo de formação do plural:

(II-42) xuéshēng vs. xuéshēng**men**

aluno vs. aluno[**PLU**]

aluno vs. alunos

Por fim, importa salientar que em mandarim os pronomes com a função de complemento direto (II-43) e de complemento indireto (II-44), contêm em si um dos quatro tons acentuados e nunca se apresentam como formas clíticas, o que constitui uma diferença muito óbvia em comparação com os clíticos pronominais em PE.

(II-43) Ni ai **tā** ma?

Tu amar **o** Q?

*Tu ama-lo?*

(II-44) Ta gei *le wǒ* yi bem shu.

Ele dar PERF *me* um CLASS livro.

*Ele deu-me um livro.*

Em suma, tendo em consideração as propriedades exibidas nas formas clíticas em mandarim acima apresentadas, chega-se à conclusão de que as formas clíticas nesta língua são muito diferentes dos clíticos típicos das línguas românicas (incluindo o PE): i) no plano fonológico, em mandarim, as formas clíticas apresentam-se como “*weak forms*” por não conterem em si nenhum tom acentuado (ou por conterem em si o tom neutro), ao passo que em PE os clíticos são unidades destituídas de acento que dependem prosodicamente de outras palavras adjacentes; ii) do ponto de vista sintático, a função que as formas clíticas desempenham em mandarim é também diferente, servindo estas formas como partículas interrogativas, partículas de conclusão de uma ação, interjeições, marcadores do plural de nomes de ser humano, etc., enquanto em PE os clíticos incluem artigos definidos, pronomes átonos, pronomes interrogativos, preposições, etc.

Além disso, chama-se a atenção para a seguinte distinção que é fundamental para o presente trabalho: em mandarim, os pronomes pessoais (incluindo o pronome reflexo *ziji*) têm tons acentuados. Como se observará na Secção 2.3, em mandarim, as construções de reflexividade são codificadas pelo marcador *ziji* (pronome reflexo), que não é clítico por conter em si tons acentuados e não depender prosodicamente do verbo hospedeiro, situação que contrasta com o que acontece em PE. Para o caso de estruturas recíprocas, a diferença é mais evidente: tal como se descreverá em 2.4, em mandarim, a reciprocidade não é assegurada com formas clíticas mas com o advérbio *huxiang* (que equivale semanticamente a *mutuamente* em PE), palavra prosodicamente independente.

Tendo em conta a extrema relevância do contraste na codificação de reflexividade e de reciprocidade em PE e em mandarim para o presente trabalho, apresentar-se-ão, no seguinte quadro, as diferenças mais significativas das estruturas

reflexas e recíprocas entre estas duas línguas, as quais serão pormenorizadamente desenvolvidas nas Secções 2.3 (estruturas reflexas) e 2.4 (estruturas recíprocas).

		Estruturas reflexas em PE	Estruturas reflexas em mandarim	Estruturas recíprocas em PE	Estruturas recíprocas em mandarim
<b>Marcador</b>		SE	ZIJI (pron.)	SE	HUXIANG (adv.)
	Cliticidade	+	- (+ tom acentuado)	+	- (+ tom acentuado)
	Argumentalidade	+	+	+	-
	Marcador nulo	-	+ (com verbos lexicalmente reflexos)	- / +(com verbos lexicalmente recíprocos)	+ (com verbos lexicalmente recíprocos)
	Reflexas corporais	+	-	/ <sup>6</sup>	/
	Reflexas não corporais	+	+	/	/
<b>Prefixo</b>		AUTO-	ZI-/ZIWO-	ENTRE-/INTER-	HU-/DUI-
	Presença de marcador argumental	+	-	± <sup>7</sup>	-
	Alteração de transitividade da estrutura	-	+	-	+
<b>Verbos lexicalmente reflexos/recíprocos</b>		-	+	+	+
	Compatibilidade com marcador reflexo/recíproco	/	-	-	+

Quadro 2.2: Codificação de reflexividade e de reciprocidade em PE e em mandarim

<sup>6</sup> Não se aplica.

<sup>7</sup> O prefixo *inter-* não pede o uso obrigatório de SE RECIPRO (cf. Secção 3.5.4).

## 2.3 Reflexivização

### 2.3.1 Natureza da reflexividade e estruturas reflexas

As estruturas reflexas denotam situações em que o sujeito age sobre si próprio, ou seja, o ato expresso é perspectivado como praticado e sofrido pelo mesmo sujeito. No que diz respeito ao PE, as estruturas reflexas são entendidas nas gramáticas tradicionais como manifestação de voz reflexa, em que se juntam às formas verbais da voz ativa os pronomes *me*, *te*, *nos*, *vos* e *se* (singular e plural) (cf. Cunha e Cintra, 1998: 382-383).

Estes clíticos pronominais têm uma propriedade muito importante, que é a função anafórica (de reflexividade ou reciprocidade), isto é, a sua referência é sempre definida relativamente a outra expressão nominal antecedente. Neste aspeto, as construções reflexas e recíprocas poderão partilhar algumas semelhanças, como por exemplo:

(II-45) A Maria penteou-se (a si própria). (construção reflexa)

(II-46) A Maria e a Rita pentearam-se (a si próprias). (construção reflexa)

(II-47) A Maria e a Rita pentearam-se (uma à outra). (construção recíproca)

No entanto, as construções reflexas e recíprocas funcionam sintaticamente de formas diferentes (Lobo, 2013: 2211): na **construção reflexa**, o referente designado pelo antecedente e pela expressão reflexa participa numa situação (de realização de uma ação que incide sobre ele próprio) em que tem simultaneamente dois papéis diferentes: agente e paciente ou agente e destinatário. Emprega-se um pronome reflexo quando são correferentes os dois argumentos, cada um dos quais tem dois papéis diferentes num evento único (cf. II-45). Importa esclarecer que a oração poderá representar vários subeventos, quando o sujeito da estrutura reflexa é composto (cf. II-46): cada membro acumula os dois papéis, *a Maria* penteou-se a si própria e *a Rita* penteou-se também a si própria.

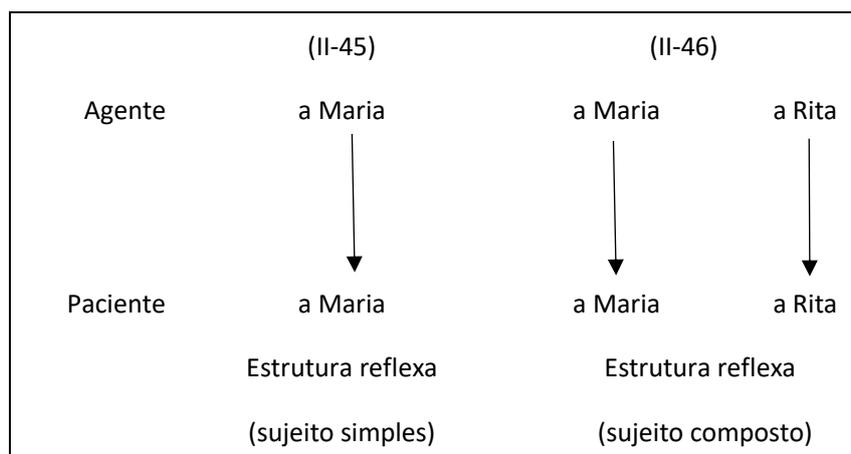


Gráfico 2.1: Estruturas reflexas (sujeito simples vs. sujeito composto)

Os estudos de tipologia de línguas mostraram que as construções verbais reflexas estão amplamente representadas em diversas línguas: Slavcheva (2007) apresentou um estudo translinguístico (cross-linguistic) sobre as estruturas reflexas em búlgaro, francês e húngaro<sup>8</sup>. O presente trabalho também se interessa pelas estratégias de expressão de reflexividade em línguas tipologicamente diversas, com especial atenção, no entanto, às seguintes línguas: PE, inglês e mandarim. Quanto a esta questão, importa mencionar o trabalho pioneiro sobre a tipologia das estruturas reflexas de Faltz (1985:48) que influenciou muitos trabalhos posteriores. Segundo este autor, as estruturas reflexas existentes em línguas múltiplas dividem-se em três categorias morfossintáticas: reflexo pronominal (cf. II-48), reflexo composto (cf. II-49) e reflexo verbal (cf. II-51).

<sup>8</sup> Segundo Slavcheva (2007: 154), em francês e em búlgaro as estruturas reflexas coincidem porque são ambas compostas por um clítico enquanto em húngaro, os verbos reflexos e os não reflexos partilham a mesma raiz, mas diferenciam-se no sufixo. Para uma descrição pormenorizada das estruturas nestas línguas, consulte-se Slavcheva (2007).

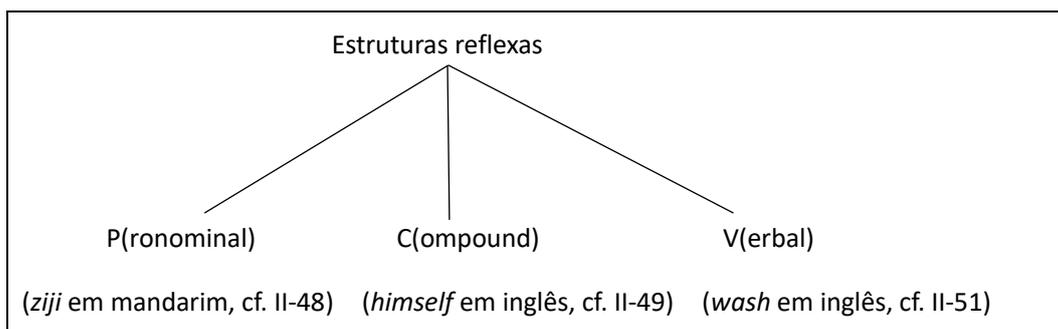


Gráfico 2.2: Tipologia de estruturas reflexas

(Gráfico adaptado do original apresentado por Faltz, 1985: 48)

Há autores, como por exemplo Belikova (2013: 26-27), que consideram as estruturas de reflexo pronominal e de composto como estratégias nominais: os reflexos pronominais são considerados formas morfológicamente simples (formas mono-morfológicas, i.e., *ziji* em mandarim) e os reflexos compostos formas morfológicamente complexas (i.e., *himself* em inglês).

As três estratégias acima apresentadas são adotadas em mandarim e em inglês na marcação de reflexividade. A estrutura de reflexo pronominal é composta por um verbo e um marcador reflexo pronominal (i.e., *ziji* em mandarim). A formação da estrutura de reflexo composto é muito semelhante: juntam-se um verbo e um marcador reflexo composto, que é formado por dois elementos (i.e., *X-self* em inglês). Nota-se que tanto para *ziji* (II-48) como para *X-self* (II-49), o marcador reflexo serve sintaticamente como complemento verbal (direto e indireto) dependendo anaforicamente de um antecedente.

(II-48) Ta zeguai ***ziji*** qichuang wan le.

Ele culpar **REFLEX** levantar tarde PERF

*Ele culpou-se por se ter levantado tarde.*

(II-49) Peter gave ***himself*** a present.

A estrutura de reflexo verbal revela-se mais económica por não conter em si nenhum marcador reflexo. A noção de reflexividade encontra-se inerente no léxico (verbo), ou seja, a estratégia verbal realiza-se com verbos lexicalmente reflexos, o que é possível tanto em mandarim (II-50) como em inglês (II-51).

(II-50) Ta **xizao** [-]<sub>CD</sub>, ranhou qu shuijiao le.

Ele **lavar** [-]<sub>CD</sub>, depois ir dormir PERF

*Ele lavou-se e foi dormir.*

(II-51) Peter **washed** [-]<sub>CD</sub> and went to sleep.

SE REFLEX em PE revela as suas propriedades particulares em comparação com o marcador *X-self* em inglês:

(II-52) (a) O aluno defendeu-**se** à frente do professor.

(b) O aluno não **se** defendeu à frente do professor.

(c) The student defended **himself** in front of the teacher.

(d) The student did not defend **himself** in front of the teacher.

Do ponto de vista fonológico, o marcador reflexo *X-self* em inglês não é clítico porque tem o seu acento próprio e não depende prosodicamente do verbo, o que o aproxima do marcador *ziji* em mandarim. Como resultado, a forma de o pronome reflexo *X-self* se ligar ao verbo predicativo (II-52c) é distinta do processo de “cliticização” em PE: SE REFLEX junta-se ao verbo formando fonologicamente uma palavra nova “*defen´deuse*”, não afetando o acento original do verbo, como em II-52a. Na colocação dos marcadores reflexos, a posição do marcador reflexo *X-self* é sempre enclítica (como em II-52c e II-52d), enquanto SE REFLEX não tem uma posição fixa (II-52a e II-52b), embora se encontre sempre adjacente ao seu verbo hospedeiro. Do ponto de vista sintático, o *X-self* é normalmente entendido como argumento interno, como em (II-52c) e (II-52d) onde serve de complemento direto do verbo *defend*. Quanto ao uso de SE, a questão torna-se complexa, porque se encontram na literatura muita controvérsia em relação à sua argumentalidade, questão detalhadamente discutida na Secção 3.4.1.

### 2.3.2 Expressão de reflexividade em PE

Em PE a reflexividade pode codificar-se com SE. As construções reflexas e recíprocas partilham o mesmo conjunto de formas clíticas (*me, te, se, nos, vos*), mas

divergem nas expressões pronominais fortes (formas de redobro): *a si próprio/mesmo* para as estruturas reflexas e *entre si/um ao outro* para as recíprocas.

Na literatura, pouca atenção é dada à forma tónica SI, que é muitas vezes perspectivada como uma construção de redobro nas estruturas reflexas, uma vez que poderá desambiguar o sentido reflexo do recíproco. Como afirmam Brito, Duarte e Matos (2003: 833), “nas construções reflexas, o constituinte redobrado pelo clítico é constituído por um pronome forte e um item anaforizador *próprio/a(s)* ou *mesmo/a(s)*”. O mesmo foi apontado por Duarte (2013: 449) que defende que “nas orações reflexas pode ocorrer um esforço pleonástico do complemento direto introduzido pela preposição *a* e constituído pela forma tónica do pronome reflexo, com traços de pessoa e número idênticos aos do pronome reflexo átono, seguido de uma das formas adjetivais anaforizantes *próprio* e *mesmo*”, como se mostra nos exemplos seguintes:

(II-53) (a) A Maria ofereceu-se uma prenda de Ano Novo.

(b) A Maria ofereceu-se ***a si própria/a si mesma*** uma prenda de Ano Novo.

No entanto, Lobo (2013: 2214) chamou a atenção para o facto de que além dos clíticos, o próprio pronome tónico SI (e as suas formas tais como *mim, ti, nós, vós, comigo, contigo, consigo, connosco* e *convosco*) também pode funcionar como marcador reflexo. O mesmo também foi referido por Cunha e Cintra (1998: 281-282) que defendem que o “reflexivo” apresenta as seguintes três formas próprias: a forma átona SE (como em II-54), a forma tónica SI (como em II-55) e a forma contraída do pronome tónico com a preposição *com* – *consigo* (como em II-56).

(II-54) O João lavou-***se*** rapidamente.

(II-55) O João falou de ***si*** próprio.

(II-56) Felizmente ele trouxe ***consigo*** o guarda-chuva quando saiu.

Para abordar melhor esta questão, importa referir que em PE não se marca a reflexividade com SE em todos os contextos, como se mostra nos seguintes exemplos:

(II-57) \*A Maria nunca ***se*** tem confiança.

(II-58) \*Ele somente é capaz de ***se*** pensar.

A inaceitabilidade das frases acima apresentadas deve-se a que a noção de reflexividade deve ser marcada com a sua forma tónica SI, como em (II-59) e (II-60):

(II-59) A Maria nunca tem confiança em *si* (própria).

(II-60) Ele somente é capaz de pensar em *si* (próprio).

Surge, no entanto, a seguinte dúvida: por que razão nos exemplos acima apresentados a reflexividade só se marca com a forma tónica em vez da forma clítica? Os valores argumentais de SE REFLEX poderão solucionar esta questão: SE REFLEX é argumental desempenhando, na maioria dos casos, a função sintática de complemento direto (II-61) ou de complemento indireto (II-62):

(II-61) A Ana gosta de [*se*]<sub>CD</sub> perfumar. (A Ana gosta de perfumar [*o quarto*]<sub>CD</sub>.)

(II-62) A Leonor fez-*[se]*<sub>CI</sub> a si própria uma pergunta. (A Leonor fez [*ao marido*]<sub>CI</sub> uma pergunta.)

O marcador tónico SI, que ocorre sempre precedido por preposições, ocupa a função sintática de complemento oblíquo (como em II-59 e II-60). Em outras palavras, tanto a forma clítica SE como a forma tónica SI são marcadores reflexos, funcionando a primeira como complemento direto ou indireto e a segunda complemento oblíquo do verbo. A incompatibilidade de SE nas frases (II-57) e (II-58) justifica, de forma indireta, o seu estatuto argumental.

Um outro argumento para a natureza argumental do SE observa-se no seguinte grupo de frases, em que a reflexividade também não se codifica com o clítico reflexo SE:

(II-63) \*Essa foi a prova de que ele *se* estava apaixonado.

(II-64) \*E, basicamente, concluí que o jogador *se* ficava zangado.

(II-65) \*Agora ela está-*se* mais satisfeita e recuperou a sua autoestima.

A agramaticalidade sentida nas frases (II-63) – (II-65) vem do facto de que SE não se poderá associar ao verbo copulativo (*estar* e *ficar*, nestes exemplos), o que, aliás, justifica também o seu carácter argumental, porque os verbos copulativos não permitem complementos diretos/indiretos e apenas os verbos das estruturas

argumentais aceitam complementos diretos/indiretos. Com os verbos copulativos, a reflexividade marca-se, também, com a forma tónica SI, como em:

(II-66) Essa foi a prova de que ele estava apaixonado **por si** mesmo.

(Essa foi a prova de que ele se apaixonou **por si** mesmo.)

(II-67) E, basicamente, concluí que o jogador ficava zangado **consigo** mesmo.

(E, basicamente, concluí que o jogador se zangou **consigo** mesmo.)

(II-68) Agora ela está mais satisfeita **consigo** mesma e recuperou a sua autoestima.

(Agora ela satisfiz-se **consigo** mesma e recuperou a sua autoestima.)

Para resumir esta questão, chega-se à conclusão de que diferentemente da situação em mandarim e inglês, em que é possível o vazio da existência do marcador (ou marcador nulo, como em II-50 e II-51), na codificação de reflexividade em PE a presença do marcador é sempre obrigatória. São, aliás, dois marcadores reflexos: um de forma clítica SE e outro de forma tónica SI. Em associação com a diferença fonológica e prosódica, a distinção na função sintática entre os dois marcadores também se revela evidente: SE REFLEX, de carácter argumental, ocorre normalmente nas posições de complemento direto e indireto, e nas restantes situações (i.e., complemento oblíquo, predicativo do sujeito, etc.) será marcada a reflexividade com a sua forma tónica SI.

Para além das estratégicas morfossintáticas, a reflexividade ainda se assegura, no domínio lexical, com o prefixo *auto-*, elemento que “exprime a noção de próprio”<sup>9</sup>. Este é compatível com certas estruturas reflexas, mais concretamente, com verbos reflexos não corporais (questão abordada na Secção 3.4.2) para reforçar a ideia de reflexividade (i.e., *autoavaliar-se*, *autocriticar-se*, *autodefender-se*, etc.). Embora seja um pouco redundante, o prefixo *auto-* permite a presença de SE REFLEX, como por exemplo:

(II-69) Ele enganou-se mas **autocorrigiu-se** em seguida.

---

<sup>9</sup> Definição do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa (Vol. I), 2001: 425.

(II-70) O escritor vai **autobiografar-se** no próximo livro.

Nota-se que o prefixo *auto-* nunca é compatível com as estruturas reflexas corporais (nas quais também não é compatível a estrutura de redobro *a si próprio*), revelando-se redundante já que a expectativa de reflexividade é muito grande nas reflexas corporais (como em II-71), questão discutida detalhadamente na Secção 3.4.2.

(II-71) (a) O João sentou-se à mesa.

(b) \*O João autosenhou-se à mesa.

(c) \*O João sentou-se a si próprio à mesa.

Convém referir que, em PE, se encontra um conjunto de estratégias adotadas para a codificação da reflexividade. Como o presente trabalho se focaliza em SE, apresentam-se, no seguinte quadro, apenas as estratégias mais relevantes para este estudo:

Estratégias	Exemplos
V-se	<i>levantar-se</i>
V + PREP + SI (próprio/mesmo)	<i>gosta de si próprio</i>
V-se + PREP + SI (próprio/mesmo)	<i>elogiar-se a si próprio</i>
auto-V-se	<i>autocriticar-se</i>

Quadro 2.3: Estruturas de codificação de reflexividade em PE

### 2.3.3 Expressão de reflexividade em mandarim

Para a codificação de reflexividade em mandarim, o marcador mais utilizado é o pronome *ziji* (Chen, 1999: 33), que equivale à forma *-self* em inglês; todavia, em inglês *-self* não ocorre sozinho como marcador reflexo e tem que se associar à estrutura pronominal formando, assim, a estrutura *X-self*.

O marcador *ziji* ainda possui uma forma derivada *X-ziji*, que equivale à forma *X-*

*self* em inglês, porque o elemento *X* em *X-ziji* varia também de acordo com a pessoa e com o número do antecedente (Yuan, 1994: 539-542):

Pessoa e número	<i>X-ziji</i> em mandarim	<i>X-self</i> em inglês
1ª pessoa do singular	woziji	myself
2ª pessoa do singular	niziji	yourself
3ª pessoa do singular	taziji	himself/herself/itself
1ª pessoa do plural	womenziji	ourselves
2ª pessoa do plural	nimenziji	yourselves
3ª pessoa do plural	tamenziji	themselves

Quadro 2.4: Formas *X-ziji* e *X-self* em mandarim e em inglês

Tanto *ziji* como *X-ziji* poderão marcar a reflexividade, assumindo estes dois marcadores a mesma função sintática. O único aspeto que distingue os dois marcadores é o valor de anáfora: à luz da Teoria da Regência e da Ligação (*Government and Binding Theory*) de Chomsky (1981, 1986), o marcador *X-ziji* permite apenas uma anáfora local, associando-se apenas ao antecedente local, enquanto o marcador *ziji* se pode associar tanto ao antecedente local quanto ao antecedente de longa distância<sup>10</sup>. Esta questão tem provocado enorme interesse nos estudos linguísticos, e

<sup>10</sup> Sendo que o marcador *ziji* permite tanto a anáfora local como a de longa distância, surge às vezes a ambiguidade (como em 2), o que não acontece com o marcador *X-ziji* (como em 1):

(1) Zhangsan renwei Lisi xiangxin taziji.

Zhangsan achar Lisi confiar REFLEX

*Zhangsan acha que Lisi confia em si próprio.*

(2) Zhangsan renwei Lisi xiangxin ziji.

Zhangsan achar Lisi confiar REFLEX

*Zhangsan acha que Lisi confia em si próprio. Ou:*

*Zhangsan acha que Lisi tem confiança nele.*

O significado da frase (1) revela-se muito claro: *Zhangsan* acha que *Lisi* confia em si próprio. O antecedente do marcador *taziji* (que corresponde a *himself* em inglês) é local (o sujeito da oração subordinada, *Lisi*) e não de longa distância (o sujeito da oração subordinante, *Zhangsan*).

A frase (2) já poderá ser ambígua, permitindo duas leituras possíveis: *Zhangsan acha que Lisi confia em si próprio* ou *Zhangsan acha que Lisi confia nele*. Isto quer dizer, o antecedente do marcador anafórico *ziji* pode ser local (*Lisi*, como na primeira leitura) ou de longa distância (*Zhangsan*, como na segunda leitura). Sem indicação do contexto, ambas as leituras são possíveis, surgindo assim ambiguidade. A anáfora de longa distância do marcador *ziji*, sujeita a uma série de condições sintáticas, semânticas e até pragmáticas, quebra o Princípio A de Chomsky (1981) de uma anáfora estar ligada no seu domínio sintático local, fenómeno que tem provocado o enorme interesse de muitos linguistas.

a esmagadora maioria dos estudos sobre *ziji* na literatura concentra-se neste tópico (cf. Huang & Tang, 1991; Chen, 1995; Pollard & Xue, 1998; Cole, Hermon & Huang, 2001; Bai, 2005; Dugarova, 2007; Liu, 2010; Li & Zhou, 2010; He & Kaiser, 2016). No presente trabalho, a atenção não será focalizada sobre a anáfora de longa distância, razão pela qual se apresentarão os estudos apenas com o marcador *ziji*.

É consensualmente aceite a argumentalidade do marcador *ziji*, que poderá assumir tanto a função acusativa (II-72) como a dativa (II-73) (Li & Thompson, 1981: 173), propriedade que o aproxima de SE REFLEX em PE.

(II-72) Lisi bu neng yuanliang [*ziji*]<sub>CD</sub>.

Lisi não conseguir desculpar [**REFLEX**]<sub>CD</sub>

*Lisi não se conseguiu desculpar.*

(II-73) Wangwu song [*ziji*]<sub>CI</sub> yifen liwu.

Wangwu oferecer [**REFLEX**]<sub>CI</sub> um presente

*Wangwu ofereceu a si próprio um presente.*

No entanto, a função sintática que o marcador *ziji* poderá assumir é mais rica do que SE REFLEX em PE, porque além do valor acusativo/dativo, este marcador, em mandarim, ainda poderá funcionar como parte do sujeito da frase possuindo o valor enfático (cf. Li & Thompson, 1981: 174; Tang, 1989: 93-121; Ji, 2015: 10-11), neste caso, *ziji* corresponde a *próprio/mesmo* em PE, como se observa em (II-74) e (II-75):

(II-74) Ta *ziji* zuo fan.

Ele **REFLEX** cozinhar arroz

*Ele próprio cozinha.*

(II-75) Zhangsan *ziji* ye bu xiangxin zhege gushi.

Zhangsan **REFLEX** também não acreditar esta história

*Zhangsan ele próprio também não acredita nesta história.*

Outra das maiores diferenças entre os marcadores SE e *ziji* consiste no facto de *ziji* ser prosodicamente independente, contendo em si tons acentuados. Como resultado, a ligação entre o pronome *ziji* e o verbo também contrasta face ao processo

de cliticização em PE, manifestando este marcador, na linearidade frásica em mandarim, uma posição relativamente mais fixa. A posição não marcada de *ziji* é enclítica (como em II-72 e II-73), o que também corresponde à ordem prototípica de SVO, que é universal em muitas línguas (incluindo o PE e o mandarim). No entanto, encontra-se uma estrutura particular em que o pronome *ziji* também pode preceder o verbo (Lu, 2016: 2): certas preposições (tais como *ba*, *wei*, *gei*, etc.) podem associar-se ao pronome *ziji* formando, assim, um sintagma preposicional, que se coloca, obrigatoriamente, à esquerda do verbo, assumindo também as funções de complemento direto (como em II-76) ou indireto (como em II-77):

(II-76) Zhangsan **ba ziji** lengjin le xialai.

Zhangsan **PREP REFLEX** acalmar PERF xialai<sup>11</sup>

*Zhangsan acalmou-se.*

(II-77) Lisi **gei ziji** song le yi fen liwu.

Lisi **PREP REFLEX** dar PERF um CLASS presente

*Lizi deu-se a si próprio um presente.*

Apesar de ser possível o pronome *ziji* anteceder o verbo, importa esclarecer que a sua colocação se distancia da colocação de SE REFLEX em PE: i) na maioria dos casos o pronome *ziji* coloca-se à direita do verbo, e a única possibilidade de preceder o verbo ocorre com preposições tais como *ba*, *wei*, *gei*, etc.; ii) a posição mais livre de SE deve-se à sua cliticidade, o que não acontece no pronome *ziji*, que tem tons acentuados e poderá anteceder o verbo devido à presença das referidas preposições.

Para resumir, apresentam-se, no seguinte quadro, as semelhanças e diferenças verificadas entre os marcadores SE e *ziji*: i) são ambos anafóricos, por conterem referência ao seu antecedente; ii) SE é clítico enquanto *ziji* tem tons acentuados; iii) SE poderá assumir as funções de complemento direto e indireto, e no caso de *ziji*, além de complemento direto e indireto, ainda poderá funcionar como sujeito da frase; iv)

---

<sup>11</sup> Partícula sem valor semântico que se coloca por razões fonológicas.

SE REFLEX poderá ocorrer uma posição enclítica, proclítica e mesoclítica, e o pronome *ziji* só se poderá colocar à esquerda ou à direita do verbo.

Marcadores Reflexos		SE	ZIJI
Anáfora		+	+
Cliticidade		+	-
Argumentalidade	Sujeito	-	+
	Complemento direto	+	+
	Complemento indireto	+	+
Colocação	Ênclise	+	+
	Mesóclise	+	-
	Próclise	+	+

Quadro 2.5: Comparação entre marcadores reflexos SE e *ziji*

Em mandarim, tal como acontece em PE, o conceito de reflexividade apresenta-se não apenas na sintaxe como também no léxico. Encontram-se dois prefixos reflexos *zi-* e *ziwo-* (Chief, 1998: 48-49), que são semântica e sintaticamente idênticos, manifestando apenas uma diferença fonológica: o prefixo *zi-* é monossilábico e só é compatível com verbos monossilábicos; enquanto o *ziwo-*, prefixo dissilábico, só é compatível com verbos dissilábicos.

Os verbos formados com os prefixos *zi-* e *ziwo-*, também designados como verbos prefixos, são intransitivos (cf. Tang, 1992; Chief, 1998) apresentando, em comparação com verbos prefixados por *auto-* em PE, as seguintes duas diferenças:

Os prefixos *zi-/ziwo-* interiorizam em si a noção de reflexividade, não sendo assim compatíveis com o marcador *ziji* (Ji, 2015: 15) (como em II-78), enquanto o prefixo *auto-* aceita a coocorrência com SE (como em II-79c), o que constitui a primeira diferença.

(II-78) \*Zhangsan ***zi-sha ziji*** le.

Zhangsan [**REFLEX-**]*matar* ~~REFLEX~~ PERF

A segunda diferença é o facto de o uso dos prefixos *zi-/ziwo-* alterar a transitividade da estrutura (II-79a), o que não acontece com o prefixo *auto-* (II-79d):

(II-79) (a) Women yao xuehui **ziwo-piping** [-]<sub>CD</sub>.

Nós dever aprender [**REFLEX-**]*criticar* [-]<sub>CD</sub>

*Nós devemos aprender a autocriticar-nos.*

(b) Women yao xuehui **piping** [*ziji*]<sub>CD</sub>.

Nós dever aprender *criticar* [**REFLEX**]<sub>CD</sub>

*Nós devemos aprender a criticar-nos (a nós próprios).*

(c) Temos que aprender a **autocriticar**-[*nos*]<sub>CD</sub>.

(d) \*Temos que aprender a **autocriticar** [-]<sub>CD</sub>.

Como se observa em (II-79a), o novo verbo *ziwo-piping*, composto pelo prefixo *ziwo-* e o verbo-raiz *piping* (*criticar* em PE), é intransitivo (como em II-79a), embora o seu verbo-raiz *piping* (*criticar* em PE) seja transitivo (como em II-79b). A comparação entre as frases (II-79a) e (II-79b) permite relevar um fenómeno muito interessante: o prefixo *ziwo-* interioriza em si não apenas a noção de reflexividade (marcada pelo pronome *ziji*) mas também o valor argumental (acusativo neste exemplo) do marcador *ziji*, resultando na perda de realização sintática do argumento interno (Tang, 1992: 301)<sup>12</sup>, processo que não se verifica em PE.

Em seguida, apresenta-se, no Quadro 2.6, o contraste entre os prefixos reflexos em PE e mandarim: o prefixo *auto-* não afeta a transitividade do verbo e é compatível com SE REFLEX (a presença de SE REFLEX é, até, obrigatória, cf. II-79c e II-79d) enquanto os prefixos *zi-/ziwo-* em mandarim têm as suas propriedades particulares, nomeadamente resultarão na perda de realização sintática do argumento interno, absorvendo em si o papel temático interno, razão pela qual os prefixos *zi-/ziwo-* não são compatíveis com o marcador reflexo argumental e a estrutura torna-se

---

<sup>12</sup> A hipótese inergativa da estrutura não é aceite por outros autores, por exemplo Chief (1999), que defende a hipótese inacusativa. Sobre a hipótese inacusativa consulte-se Chief (1999).

intransitiva.

Prefixo	<i>auto-</i>	<i>zi-/ziwo-</i>
Reflexividade prefixada	+	+
Compatibilidade com marcador argumental	+	-
Alteração de transitividade da estrutura	+	-

Quadro 2.6: Comparação entre prefixos reflexos em PE e mandarim

No final desta secção, convém referir de novo que, em mandarim, tal como acontece em inglês, certos verbos são inerentemente reflexos, não sendo necessário o uso do marcador reflexo *ziji* (Chen, 1999: 37), que se torna, muitas vezes, redundante, como se mostra em (II-80):

(II-80) Ta **xizao** [-]<sub>CD</sub>, ranhou shang chuang shuijiao.

Ele **lavar** [-]<sub>CD</sub>, depois ir cama dormir

*Ele lavou-se, e depois foi para cama.*

?Ta **gei ziji** xizao, ranhou shang chuang shuijiao.

Ele **PREP REFLEX** lavar, depois ir cama dormir

Os verbos inerentemente reflexos em mandarim denotam, normalmente, uma ação reflexa corporal (Chen, 1999: 38). Em mandarim, as estruturas reflexas corporais distinguem-se das não-corporais por não exibirem o marcador reflexo *ziji* (como em II-81 e II-82). Tal distinção não se verifica em PE, porque tanto nas reflexas corporais como nas não corporais se pede o uso de SE. Sendo esta questão de extrema relevância para o estudo empírico do presente trabalho, voltará a ser discutida na Secção 5.2.1.

(II-81) Zhangsan **zhan ziji** qilai, ranhou zou le chuqu.

Zhangsan **levantar REFLEX** cima, depois ir PERF fora

*Zhangsan levantou-se e depois saiu.*

(II-82) Lisi **zuo ziji** xialai, kaishi chifan.

Lisi **sentar REFLEX** abaixo, começar comer

*Lisi sentou-se e começou a comer.*

Para concluir esta secção, apresentam-se, no quadro seguinte, as estratégias mais relevantes na codificação de reflexividade em mandarim:

Estratégias	Exemplos
V <sub>REFLEX</sub> [-]CD/CI	<i>xizao</i> lavar-se
V + <i>ziji</i>	<i>biaoyang ziji</i> elogiar REFLEX
PREP + <i>ziji</i> + V	<i>wei ziji bianhu</i> PREP REFLEX defender
[Prefixo] <sub>REFLEX-V</sub> [-]CD/CI	<i>zi-sha</i> [prefixo] <sub>REFLEX</sub> -matar

Quadro 2.7: Estruturas de codificação de reflexividade em mandarim

Para a comparação entre a marcação de reflexividade em PE e em mandarim, destacam-se os seguintes três aspetos (cf. Quadro 2. 8): i) encontram-se nestas duas línguas marcadores reflexos argumentais SE e *ziji*, ocorrendo o primeiro tanto nas reflexas corporais como nas não corporais em PE e o último apenas nas reflexas não-corporais em mandarim. Além disso, o funcionamento do marcador *ziji* é mais rico do que SE REFLEX, especialmente no tocante à função sintática; ii) encontram-se, também, em ambas as línguas, prefixos *auto-* e *zi-/ziwo-*, só que o prefixo *auto-* aceita o uso de SE REFLEX (argumental) SE enquanto o prefixo *zi-* já não é compatível com *ziji*, resultando na perda de realização sintática do argumento interno; iii) em mandarim, encontra-se um grupo de verbos inerentemente reflexos, que não são compatíveis com *ziji*, denotando normalmente ações reflexas corporais, para as quais o uso de SE REFLEX é obrigatório em PE.

		<b>Estruturas reflexas em PE</b>	<b>Estruturas reflexas em mandarim</b>
<b>Marcador reflexo</b>		SE	ZIJI
	Cliticidade	+	- (+ tom acentuado)
	Argumentalidade	+	+
	Marcador nulo	-	+
	Reflexas corporais	+	- (com verbos lexicalmente reflexos)
	Reflexas não corporais	+	+
<b>Prefixo reflexo</b>		AUTO-	ZI-/ZIWO-
	Reflexividade prefixada	+	+
	Presença de marcador argumental	+	-
	Alteração de transitividade da estrutura	-	+
<b>Verbos lexicalmente reflexos</b>		-	+
	Compatibilidade com marcador recíproco	/	-

Quadro 2.8: Codificação de reflexividade em PE e em mandarim

## 2.4 Reciprocização

### 2.4.1 Natureza da reciprocidade e estruturas recíprocas

Numa construção recíproca estabelecem-se relações complexas entre as duas ou mais entidades sendo cada uma das quais balizada pelo antecedente. Não obstante, nenhuma das entidades está associada simultaneamente a dois papéis distintos num só subevento da situação descrita pela construção. Em vez disso, uma construção

recíproca descreve subeventos paralelos em que cada uma das entidades do conjunto desempenha um único papel em cada subevento. Em outras palavras, cada indivíduo do conjunto pode ser agente num subevento e paciente noutro, mas nunca poderá acumular estes dois papéis simultaneamente num mesmo subevento (como em II-84), contrariamente àquilo que acontece numa construção reflexa (II-83) (Lobo, 2013: 2212-2213).

(II-83) A Maria e a Rita pentearam-se (a si próprias). – Leitura reflexa

(II-84) A Maria e a Rita pentearam-se (uma à outra). – Leitura recíproca

Nas frases (II-83) e (II-84), em ambos os casos há um conjunto de dois elementos e dois subeventos: em (II-83), em que se permite uma leitura reflexa, cada membro acumula simultaneamente dois papéis diferentes (agente e paciente): a *Maria* penteou-se a si própria e a *Rita* também se penteou a si própria; na frase (II-84), em que se permite uma leitura recíproca, a *Maria* participa num evento como agente, em que penteou a *Rita*, e noutro subevento enquanto paciente, em que foi penteada pela *Rita* (e vice-versa). A diferença entre as frases (II-83) e (II-84) revela-se mais visível no seguinte gráfico:

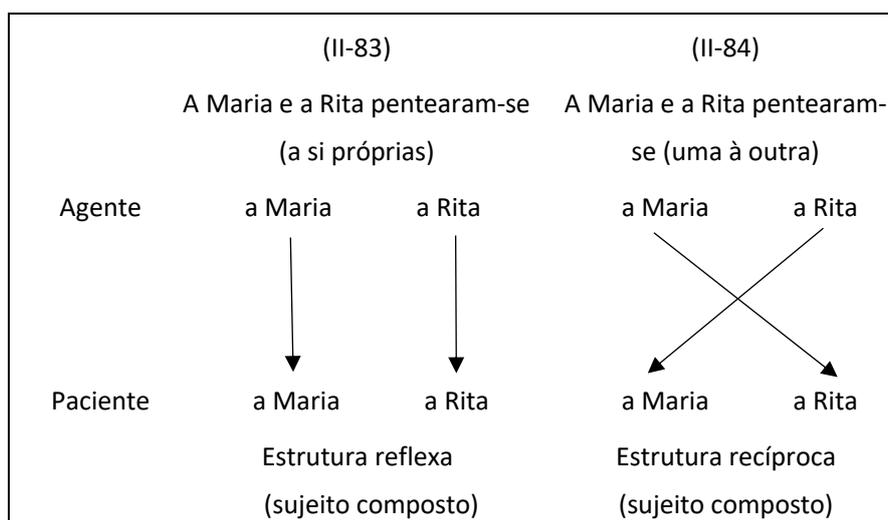


Gráfico 2.3: Estrutura reflexa vs. Estrutura recíproca

É importante salientar de novo a impossibilidade de um determinado membro assumir dois papéis no mesmo subevento, razão pela qual o antecedente (o sujeito)

duma construção recíproca é necessariamente não unário. No caso de o antecedente incluir mais de dois elementos, a situação pode ser ainda mais complicada porque é possível que nem todos os indivíduos envolvidos desempenhem os dois papéis em subeventos distintos, como se ilustra no seguinte exemplo dado por Lobo (2013: 2213): (II-85) As crianças (a Ana, a Rita e o Zé) lavaram-se (umas às outras).

A frase permite duas interpretações (como se mostra no Gráfico 2.4). Na primeira leitura incluem-se dois subeventos: (i) a *Ana* lavou a *Rita*; (ii) a *Rita* lavou o *Zé*. Nesta interpretação (a primeira hipótese do Gráfico 2.4), todos os indivíduos participam num subevento, quer como agente quer como paciente, mas apenas um (a *Rita*) participa em dois subeventos, num como agente noutro como paciente. Na segunda hipótese do Gráfico 2.4, há três subeventos: (i) a *Ana* lavou a *Rita*; (ii) a *Rita* lavou o *Zé*; (iii) o *Zé* lavou a *Ana*. Neste caso, todos participam em dois subeventos, num como agente noutro como paciente.

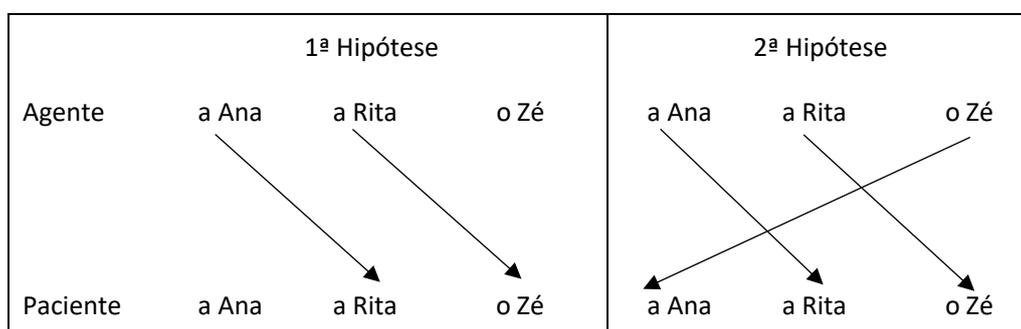


Gráfico 2.4: Duas interpretações possíveis da reciprocidade

Quando à questão de tipologia de estruturas recíprocas, existem vários modelos, como os de König & Kokutani (2006), de Nedjalkov (2007) e de Haspelmath (2007)<sup>13</sup>. No presente trabalho, usa-se o modelo de Evans (2008: 33-104) porque é considerado o mais completo, e nele estão representadas as estruturas recíprocas em mandarim. De acordo com este autor, a primeira divisão contempla frases simples e frases compostas. A codificação da noção de reciprocidade é muito explícita em estruturas

<sup>13</sup> Para estes modelos consulte-se König e Gast (2008: 12-13).

de coordenação, em que não é preciso o uso do nenhum marcador recíproco:

(II-86) O Filipe ama a Helena e a Helena ama o Filipe.

Numa frase simples, encontram-se várias estratégias para assegurar a reciprocidade, como se exhibe no seguinte gráfico:

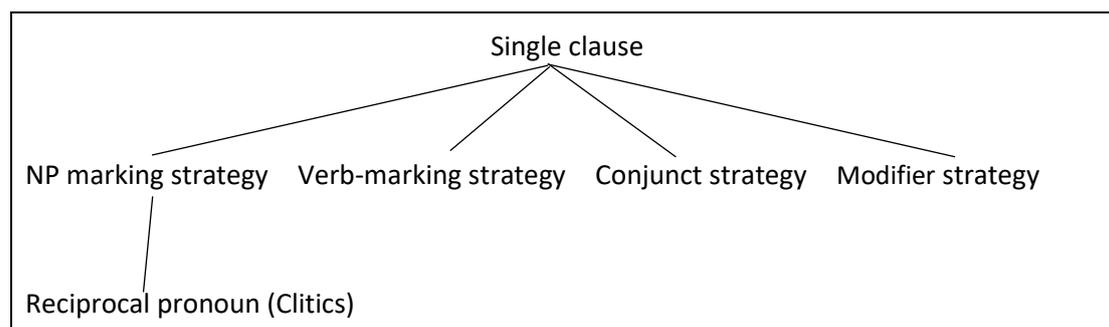


Gráfico 2.5: Tipologia de estruturas recíproca

(Gráfico adaptado do original apresentado por Evans, 2008: 45)

Apresentam-se, no presente trabalho, apenas as estratégias adotadas nas línguas que são objeto de estudo (PE e mandarim). Segundo Evans (2008), a **Estratégia de Clíticos** advém das línguas românicas, em que SE (em francês, espanhol e português) ou SI (em italiano) servem como marcadores tanto para a reflexividade como para a reciprocidade, assumindo normalmente a função sintática de complemento verbal. Em PE, a argumentalidade de SE nas estruturas recíprocas também provoca, tal como acontece com as estruturas reflexas, muita controvérsia porque existem duas linhas de análise opostas (Ribeiro, 2011: 52): uma que defende que as estruturas recíprocas decorrem de uma operação diatésica recessiva que resulta na perda de manifestação sintática de um dos argumentos selecionados pelo predicador; outra que postula que todos os argumentos exigidos pelo verbo têm presença na linearidade frásica. Esta questão voltará a ser discutida no próximo capítulo (cf. Secção 3.5.1).

A segunda estratégia é **Estratégia Verbal**: com certos verbos inerentemente recíprocos dois participantes unem-se num único argumento, havendo portanto uma

redução de valência de um argumento (II-87b). Importa chamar a atenção para a possibilidade de não realização de nenhum marcador nas estruturas recíprocas expressas através de estratégia verbal. Os exemplos dados por Evans (2008: 73) permitem esclarecer a realização de reciprocidade com esta estratégia:

(II-87) (a) John kissed Mary and Mary kissed John.

(b) John and Mary *kissed*.

Evans (2008: 73) pretende ilustrar, através destes dois exemplos (II-87a e II-87b), a diferença entre a estrutura unidirecional e a recíproca: na estrutura unidirecional a ação é feita pelo agente (x) sobre o paciente (y) enquanto na estrutura bidirecional recíproca, x age sobre y e simultaneamente y age sobre x:

Unidirecional	Recíproca
V <x,y>	V <x+y>

Quadro 2.9: Estrutura unidirecional vs. Estrutura recíproca

Nota-se que a estratégia verbal é possível em múltiplas línguas como PE e mandarim, questão que se discutirá detalhadamente mais adiante.

Uma outra estratégia a destacar é a **Estratégia Modificativa**, com a qual se marca a reciprocidade com um modificador, elemento que não se integra no predicado como argumento (Evans, 2008: 76). Por exemplo, o marcador recíproco mais utilizado em mandarim *huxiang* é modificador (advérbio), que corresponde semanticamente aos advérbios *mutuamente* e *reciprocamente* em PE.

Para muitas línguas, como por exemplo o PE, o advérbio recíproco representa apenas uma estratégia secundária, não sendo obrigatória a sua presença numa estrutura recíproca:

(II-88) Eles ajudaram-se (*mutuamente*) durante este semestre.

No entanto, para línguas como o mandarim e o tétum, o advérbio recíproco já

representa uma estratégia primária:

(II-89) Temen ***huxiang*** bangzhu.

Eles ***mutuamente*** ajudar

*Eles ajudam-se (mutuamente).*

Note-se que neste exemplo em mandarim, o advérbio *huxiang* é o único marcador recíproco que se encontra na frase, sem o qual não se marcaria a reciprocidade. Apresentam-se, nas seguintes secções 2.4.2 e 2.4.3, as estruturas recíprocas em PE, língua-alvo de aquisição, e em mandarim, L1 dos aprendentes.

#### 2.4.2 Expressão de reciprocidade em PE

Em primeiro lugar importa salientar, de novo, que as construções recíprocas envolvem necessariamente um sujeito binário, não sendo possível uma interpretação recíproca de SE em frases em que o antecedente seja um sintagma nominal unário (neste caso só é possível a interpretação reflexa).

Como já apontado para a marcação de reflexividade, em PE também não se codifica sempre a reciprocidade com SE RECIPRO, como se observa no seguinte exemplo:

(II-90) \*O marido e a mulher não ***se*** estão satisfeitos.

A incompatibilidade de SE na marcação de reciprocidade na frase (II-90) também se poderá explicar com o seu carácter argumental: SE RECIPRO só poderá assumir as funções sintáticas de complemento direto (II-91) ou indireto (II-91):

(II-91) Eles beijaram-***se***<sub>CD</sub> no jardim.

(II-92) Eles telefonam-***se***<sub>CI</sub> todos os dias.

Em outras situações, a reciprocidade poderá ser marcada pelo sintagma preposicional complexo *um PREP outro*, como em (II-93) e (II-94):

(II-93) O marido e a mulher não estão satisfeitos ***um com o outro***.

(II-94) Estamos próximos ***uns dos outros***.

As construções reflexas e recíprocas partilham o mesmo conjunto de clíticos.

Assim, a frase *elas lavaram-se* permite tanto uma leitura reflexa como uma leitura recíproca. Neste caso, para uma leitura reflexa inequívoca, emprega-se também a estrutura *um PREP outro*, desambiguando o sentido e reforçando a noção de reciprocidade:

(II-95) Elas lavaram-se ***uma à outra***. (não a si próprias)

Muito semelhante à marcação de reflexividade, no domínio lexical, também se encontram prefixos recíprocos *entre-/inter-*, elementos lexicais que exprimem a noção de reciprocidade. São compatíveis com certas estruturas recíprocas para reforçar a ideia de reciprocidade (i.e., *entrechocar-se*, *entrecruzar-se*, *interajudar-se*, etc.). Embora sejam redundantes, estes prefixos aceitam a presença de SE RECIPRO (como em II-96), questão detalhadamente abordada na Secção 3.5.4.

(II-96) Os dois governos *entrechocaram-se* em elementos fundamentais.

Goddy (2010: 95) chama a atenção para uma categoria de verbos que veiculam lexicalmente a noção da reciprocidade e que designamos por **Verbos Recíprocos**. Goddy (2010) analisa os verbos recíprocos em PB, oferecendo os seguintes exemplos:

(II-97) (a) O João e a Maria ***falaram***.

(b) O João e a Maria ***se falaram (um com outro)***.

(II-98) O João e a Maria ***conversaram***.

(Goddy, 2010: 96)

Observa-se que a frase (II-98) de Goddy (2010) é muito parecida com o exemplo *John and Mary kissed* dado por Evans (2008: 73). A frase (II-97a) não permite uma leitura recíproca, apenas nos exemplos (II-97b) e (II-98) se marca a reciprocidade entre os participantes *o João e a Maria*: na frase (II-97b), a reciprocidade é veiculada através de SE RECIPRO enquanto na frase (II-98) a noção de reciprocidade já se encontra inerente no próprio verbo *conversar*. São verbos lexicalmente/inerentemente recíprocos em PE, que se discutirão mais pormenorizadamente na Secção 3.5.2.

Para concluir esta secção, apresentam-se as seguintes estratégias de codificação de reciprocidade mais relevantes para o presente trabalho:

Estratégias	Exemplos
V <sub>RECIPRO</sub>	<i>conversar</i>
V-se	<i>abraçar-se</i>
V + <i>um</i> + PREP + <i>o outro</i>	<i>gostar um do outro</i>
V-se + <i>um</i> + PREP + <i>o outro</i>	<i>zangar-se um com o outro</i>
Entre-V-se	<i>entrecruzar-se</i>
Inter-V-se	<i>interajudar-se</i>

Quadro 2.10: Estruturas de codificação de reciprocidade em PE

### 2.4.3 Expressão de reciprocidade em mandarim

Embora a reciprocidade esteja presente em múltiplas línguas, a categoria sintática e as propriedades distribucionais do marcador recíproco variam de língua para língua: em mandarim, a reciprocidade é, muitas vezes, marcada com o modificador *huxiang*<sup>14</sup> (cf. Ping, 1995; Lu, 2008; Liu, 2014; Wang, 2014; e Zhou, 2014; como em II-99a), advérbio que semanticamente corresponde a *reciprocamente/mutuamente* em PE:

(II-99) (a) Women yinggai ***huxiang*** bangzhu [-]<sub>CD</sub><sup>15</sup>.

Nós dever ***mutuamente*** ajudar [-]<sub>CD</sub>

*Devemos ajudar-nos um ao outro.*

(b) \*Women yinggai bangzhu ***huxiang*** [-]<sub>CD</sub>.

Nós dever ajudar ***mutuamente*** [-]<sub>CD</sub>

Como referido em 2.4.1, o mandarim faz parte das línguas em que o modificador

<sup>14</sup> Em mandarim a reciprocidade poderá ser marcada, embora menos frequentemente, com outras estruturas tal como a construção verbal V-lai-V-qu (*V-come-V-go*); sobre esta estrutura consulta-se Liu (1999).

<sup>15</sup> Complemento direto não realizado.

é considerado uma estratégia primária na codificação de reciprocidade (Liu, 2014: 10). Além disso, importa chamar a atenção para a única posição possível do advérbio recíproco *huxiang*, que deverá ocupar sempre a posição pré-verbal (Chen, 2014: 8), como se revela nas frases (II-99a) e (II-99b).

Outro aspeto a destacar é que o advérbio *huxiang* resulta da não realização/perda do complemento verbal (Chen, 2014: 31), propriedade de elevada relevância para o presente trabalho.

(II-100) Zhangsan he Lisi ***huxiang*** zhize [-]<sub>CD</sub>.

Zhangsan e Lisi ***mutuamente*** criticar [-]<sub>CD</sub>

*Zhangsan e Lisi criticam-se um ao outro.*

(II-101) Zhangsan he Lisi zhize [Wangwu]<sub>CD</sub>.

Zhangsan e Lisi criticar [Wangwu]<sub>CD</sub>

*Zhangsan e Lisi criticam Wangwu.*

(II-102) \*Zhangsan he Lisi zhize [-]<sub>CD</sub>.

Zhangsan e Lisi criticar [-]<sub>CD</sub>

(II-103) \*Zhangsan he Lisi ***huxiang*** zhize [Wangwu]<sub>CD</sub>.

Zhangsan e Lisi ***mutuamente*** criticar [Wangwu]<sub>CD</sub>

Como se observa em (II-100), quando ocorre o advérbio recíproco *huxiang* na frase, o lugar do complemento direto fica vazio. No entanto, a não realização do complemento direto não se poderá atribuir à intransitividade do verbo *zhize* (*criticar* em PE), que, aliás, aceita o complemento direto (como em II-101). A hipótese mais aceitável para explicar a possibilidade de objeto nulo da frase (II-100) é que o advérbio recíproco *huxiang* absorve em si o completo direto, porque i) sem a presença de tal advérbio, o objeto nulo para o verbo *zhize* (*criticar* em PE) não é aceitável (como em

II-102); ii) tal advérbio, normalmente, não é compatível com o complemento direto (como em II-103).

Também se verifica a não realização de complemento indireto com o advérbio *huxiang*, como se pode verificar nos seguintes exemplos:

(II-104) Tamen ***huxiang*** dadianhua [-]<sub>CI</sub>

Eles ***mutuamente*** telefonar [-]<sub>CI</sub>

*Eles telefonam-se mutuamente.*

(II-105) Tamen jingchang ***huxiang*** xie xin [-]<sub>CI</sub>

Eles frequentemente ***mutuamente*** escrever carta [-]<sub>CI</sub>

*Eles escrevem-se frequentemente.*

Embora os advérbios *huxiang* e *mutuamente* sejam semanticamente equivalentes, distinguem-se pelos seus comportamentos: i) o advérbio *huxiang* é marcador recíproco enquanto o advérbio *mutuamente* não o é, mas funciona para reforçar a noção de reciprocidade; ii) embora ambos denotem em si a noção de reciprocidade, o advérbio *huxiang* resulta na perda de complemento verbal, o que não acontece com o advérbio português *mutuamente*.

O marcador recíproco *huxiang* também revela diferenças (aliás, muito evidentes) em comparação com SE RECIPRO: i) o marcador *huxiang* não é clítico contendo em si tons acentuados, portanto é prosodicamente independente; ii) sendo um advérbio, o marcador *huxiang* desempenha apenas a função de modificador e não de complemento verbal (argumento); iii) o advérbio *huxiang* ocorre sempre à esquerda do verbo, única posição possível na linearidade frásica. O único aspeto em comum que os marcadores SE e *huxiang* partilham é o carácter anafórico, sendo este garantido pela própria noção de reciprocidade. Apresenta-se, no seguinte gráfico, a comparação entre os marcadores SE e *huxiang*.

Marcadores Reflexos		SE	HUXIANG (adv.)
Anáfora		+	+
Cliticidade		+	-
Argumentalidade	Complemento direto	+	-
	Complemento indireto	+	-
Colocação	Ênclise	+	-
	Mesóclise	+	-
	Próclise	+	+

Quadro 2.11: Comparação entre marcadores recíprocos SE e HUXIANG

Em mandarim, a noção de reciprocidade também poderá ser marcada no léxico: encontram-se os prefixos recíprocos *dui-/hu-* (Zhou, 2014: 87), que são compatíveis com certos verbos monossilábicos formando novos verbos derivados.

Os prefixos recíprocos *dui-/hu-*, tal como os prefixos reflexos *zi-/ziwo-*, caracterizam-se pela capacidade de alterar a grelha argumental do verbo-raiz (Wu 2003: 62), isto é, se o verbo-raiz é transitivo (II-106), o novo verbo derivado passa a ser intransitivo (II-107), o que constitui a maior diferença em comparação com os prefixos *entre-/inter-*.

(II-106) Ta le yu **zhu** [*ren*]<sub>CD</sub>.

Ele gostar de **ajudar** [*pessoa*]<sub>CD</sub>

*Ele gosta de ajudar (outras) pessoas.*

(II-107) Women yingdang xuehui [**hu**]<sub>RECIPRO-zhu</sub> [-]<sub>CD</sub>.

Nós dever aprender [**RECIPRO-ajudar**]<sub>[-]</sub><sub>CD</sub>

*Nós devemos aprender a ajudar-nos uns aos outros.*

Como se pode ver em (II-106) o verbo original *zhu* é transitivo e aceita o complemento direto, enquanto o novo verbo prefixado *hu-zhu* é intransitivo, não sendo compatível com o complemento direto (II-107).

Na comparação entre os prefixos reflexos *auto-* e *zi-/ziwo-* a atenção é dada à sua não compatibilidade com o marcador reflexo argumental *ziji*, aspeto que se torna irrelevante para o caso de prefixos recíprocos, já que em mandarim, não há marcador recíproco argumental. Tal como já referido, o marcador recíproco em mandarim *huxiang* não é argumental, mas modificador (advérbio). Tanto nas estruturas recíprocas marcadas com o advérbio *huxiang* como com os prefixos *dui-/hu-*, não há realização do argumento interno (complemento direto), como se observa em (II-108) e (II-109):

(II-108) Women yingdang xuehui [**hu**]<sub>RECIPRO-zhu</sub> [-]<sub>CD</sub>.

Nós dever aprender [**RECIPRO-**]*ajudar* [-]<sub>CD</sub>

*Nós devemos aprender a ajudar-nos uns aos outros.*

(II-109) Women yingdang xuehui **huxiang bangzhu** [-]<sub>CD</sub>

Nós dever aprender **mutuamente ajudar** [-]<sub>CD</sub>

*Nós devemos aprender a ajudar-nos uns aos outros.*

Em seguida, apresenta-se no Quadro 2.12 a comparação entre os prefixos recíprocos nas duas línguas: i) tanto em PE como em mandarim é possível codificar a reciprocidade com os prefixos; ii) os prefixos recíprocos *entre-/inter-* em PE são compatíveis com o argumento interno e a reciprocidade é representada por SE RECIPRO; os prefixos *hu-/dui-* modificam a transitividade do verbo, não sendo compatíveis com a presença do argumento interno.

Prefixo	entre-/inter	hu-/dui-
Reciprocidade prefixada	+	+
Alteração da transitividade da estrutura	-	+
Presença de argumento interno	± <sup>16</sup>	-

Quadro 2.12: Comparação entre prefixos recíprocos em PE e mandarim

<sup>16</sup> O prefixo *inter-* não pede o uso obrigatório de SE RECIPRO (cf. Secção 3.5.4).

Em mandarim, tal como acontece em inglês e PE, também é possível encontrar verbos que são lexicalmente recíprocos, como se verifica no seguinte exemplo:

(II-110) Tamen (***huxiang***) ***taolun*** le yihui, ranhou dechu le jielun.

Eles (***mutuamente***) ***discutir*** PERF um pouco, depois chegar PERF conclusão.

*Eles discutiram um pouco e chegaram à conclusão.*

O verbo *taolun*, que equivale a *discutir* em PE, é inerentemente recíproco. Poder-se-á avançar que as estruturas em mandarim e em PE têm semelhanças, ainda que os verbos inerentemente recíprocos em PE não sejam compatíveis com SE RECIPRO. Note-se que, em mandarim, os verbos que denotam lexicalmente a reciprocidade aceitam o uso do marcador recíproco *huxiang*, uma vez que, nesta língua, o marcador recíproco não é argumental, mas modificador.

Para resumir, apresentam-se as seguintes estratégias de codificação de reciprocidade em mandarim mais relevantes para o presente trabalho. O marcador recíproco mais utilizado é o modificador *huxiang*, advérbio que é compatível com o caso de objeto nulo.

Estratégias	Exemplos
V <sub>RECIPRO</sub> [-]CD/CI	<i>taolun</i> (discutir)
<i>huxiang</i> V [-]CD/CI	<i>huxiang bangzhu</i> (ajudar-se mutuamente)
[Prefixo] <sub>RECIPRO-V</sub> [-]CD/CI	<i>hu-zhu</i> (ajudar-se mutuamente)

Quadro 2.13: Estruturas de codificação de reciprocidade em mandarim

Para a comparação entre a marcação de reciprocidade em PE e em mandarim, destacam-se os seguintes aspetos (cf. Quadro 2.14): i) em PE, a reciprocidade é marcada com o clítico argumental SE e, em mandarim, é marcada com o advérbio recíproco *huxiang*, marcador que permite o caso de objeto nulo; ii) em ambas as

línguas, encontram-se certos prefixos recíprocos, no entanto o prefixo *entre-* pede obrigatoriamente o uso de SE RECIPRO, enquanto os prefixos *hu-* e *dui-* modificam a grelha argumental dos verbos, já não sendo compatíveis com o complemento verbal; iii) em ambas as línguas, encontra-se um grupo de verbos inerentemente recíprocos, no entanto estes verbos em PE não são compatíveis com SE RECIPRO enquanto, em mandarim, tais verbos aceitam o uso do marcador recíproco *huxiang*.

		<b>Estruturas recíprocas em PE</b>	<b>Estruturas recíprocas em mandarim</b>
<b>Marcador recíproco</b>		SE	HUXIANG (adv.)
	Cliticidade	+	- (+ tons acentuados)
	Argumentalidade	+	-
	Marcador nulo	-/+ (com verbos lexicalmente recíprocos)	+ (com verbos lexicalmente recíprocos)
<b>Prefixo recíproco</b>		entre-/inter	<i>hu-/dui-</i>
	Reciprocidade prefixada	+	+
	Alteração da transitividade da estrutura	-	+
	Presença de marcador argumental	$\pm$ <sup>17</sup>	-
<b>Verbos lexicalmente recíprocos</b>		+	+
	Compatibilidade com marcador recíproco	-	+

Quadro 2.14: Codificação de reciprocidade em PE e em mandarim

Sendo uma questão de extrema importância para a presente investigação, o contraste na codificação de reflexividade e reciprocidade entre as duas línguas voltará a ser discutido na Secção 5.2.1.

<sup>17</sup> O prefixo *inter-* não pede o uso obrigatório de SE RECIPRO (cf. Secção 3.5.4).

## 2.5 Síntese

No Capítulo II focam-se três das noções mais relevantes para a presente investigação: clítico, codificação de reflexividade e codificação de reciprocidade, o que constitui uma base fundamental para o estudo empírico.

Começa-se por apresentar uma descrição dos clíticos em PE e em mandarim (cf. Secção 2.2). O clítico é entendido (Martins, 2013: 2231) como uma forma que não contém em si nenhum acento. A ausência do acento fonológico faz com que o clítico não tenha a capacidade de ocorrer isoladamente e se ligue, obrigatoriamente, a vários níveis, a palavras hospedeiras. No que diz respeito ao PE, SE e outros pronomes pessoais (não reflexos, tais como *o*, *a*, e *lhe*, etc.) tradicionalmente designados como “pronomes pessoais átonos” (cf. Cunha e Cintra, 1998: 279) são clíticos porque não constituem, por si próprios, uma unidade fonológica associada a um acento. Em mandarim a situação é diferente: trata-se de uma língua que não tem acento, mas que tem quatro tons acentuados e um não-acentuado. Os itens lexicais com o tom não-acentuado, que se apresentam como “weak form” (Ross & Ma 2006: 6), por não conterem em si nenhuma tonalidade acentuada, são também estudadas no âmbito dos clíticos (cf. Sun, 2006: 75-81; Dai, 1997: 123-125): na maioria dos casos, o tom não-acentuado costuma colocar-se na posição enclítica sem alterar o tom original do hospedeiro, processo parecido com a cliticização em PE.

Em relação à codificação de reflexividade e de reciprocidade em PE e em mandarim, as diferenças são óbvias: os marcadores reflexo *ziji* (pronome) e recíproco *huxiang* (advérbio) em mandarim têm tons acentuados, o que os afastam de SE do PE.

Em PE a reflexividade e a reciprocidade são marcadas com SE anafórico, que assume o valor acusativo ou dativo na frase. O uso de SE REFLEX é sempre obrigatório, tanto nas reflexas corporais como nas não-corporais, só que as corporais não são compatíveis com o prefixo reflexo *auto-* e com a construção de redobro *a si próprio*. Em mandarim, a distinção entre as reflexas corporais e as não-corporais torna-se óbvia: o marcador *ziji* ocorre apenas nas reflexas não-corporais e as reflexas corporais são

compostas por verbos inerentemente reflexos (marcador nulo neste caso). O marcador *ziji*, apesar de possuir tons acentuados (que o distancia de SE), partilha as seguintes semelhanças ao ser comparado com SE REFLEX: i) são ambos marcadores anafóricos, cuja referência é definida relativamente a outra expressão nominal antecedente; ii) são ambos argumentais que desempenham as funções de complemento direto e indireto. O contraste entre os prefixos reflexos em PE e em mandarim também é evidente: o prefixo *auto-* não afeta a transitividade do verbo e é compatível com SE REFLEX ao passo que os prefixos *zi-/ziwo-* resultarão na perda de realização sintática do argumento interno, absorvendo em si o papel temático interno, razão pela qual os prefixos *zi-/ziwo-* não são compatíveis com o marcador reflexo argumental *ziji* e a estrutura torna-se intransitiva.

Em relação às estruturas recíprocas as diferenças são maiores entre estas duas línguas, sobretudo porque em mandarim a reciprocidade é realizada através do advérbio recíproco *huxiang* e as estruturas recíprocas são consideradas casos de objeto nulo. Em comparação com SE RECIPRO, o marcador recíproco *huxiang* apresenta as suas propriedades próprias: i) *huxiang* não é clítico contendo em si tons acentuados, portanto é prosodicamente independente; ii) sendo um advérbio, *huxiang* desempenha apenas a função de modificador e não de complemento verbal (argumento); iii) o advérbio *huxiang* ocorre sempre à esquerda do verbo, única posição possível na linearidade frásica. Além disso, ainda se nota que em ambas as línguas é possível marcar a reciprocidade com prefixos, no entanto, os prefixos recíprocos *entre-/inter-* em PE são compatíveis com SE RECIPRO, o que não acontece nos prefixos *hu-/dui-*, que afetam a transitividade do verbo-raiz, sendo incompatíveis com a presença do argumento interno. Como se trata de uma questão de especial relevância para a presente investigação, as diferenças entre as estruturas reflexas e recíprocas em PE em mandarim (apresentadas no Quadro 2.2) voltam a ser discutidas no Capítulo V.

## **CAPÍTULO III**

---

### **COMPORTAMENTO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DE *SE***



### 3.1 Introdução

O presente capítulo procede a uma descrição sistemática de SE, parte central do objeto de estudo do presente trabalho. A reflexão sobre SE em PE remonta a gramáticas bastante recuadas no tempo (i.e., Barros, 1540; Barboza, 1830; Dias, 1881), em que este é normalmente perspectivado como um pronome reflexo. A partir da segunda metade do século XX, o carácter de cliticidade de SE começou a ganhar mais relevo, sendo este prosodicamente dependente de outras palavras acentuadas.

Embora partilhe algumas semelhanças com outros clíticos pronominais não reflexos (i.e., *o*, *os*, *a* e *as*), SE torna-se particular pelo seu carácter multifuncional, sendo possível ocorrer em múltiplas estruturas, designadamente as que envolvem SE anafórico (reflexo e recíproco), SE impessoal (de sujeito indeterminado e SE passivo), SE decausativo e SE inerente (cf. Ribeiro, 2011).

No presente capítulo, focalizam-se SE REFLEX e SE RECIPRO. Uma das questões mais relevantes para a presente investigação é o seu estatuto de argumentalidade, questão bastante polémica que será detalhadamente discutida nas Secções 3.4.1 e 3.5.1.

O presente capítulo inclui, além desta secção introdutória, as seguintes secções: a Secção 3.2 onde se apresentam as duas linhas de investigação dominantes até ao presente: a abordagem pronominal e a abordagem clítica; a Secção 3.3 que se destina a uma descrição da multiplicidade do modo de funcionamento de SE, o que o distingue de outros clíticos pronominais; a Secção 3.4 na qual se analisará SE REFLEX, com uma atenção especial prestada à sua argumentalidade; e a Secção 3.5 que tem como objeto de estudo SE recíproco, seguindo uma linha de reflexão idêntica à da Secção 3.4.

## 3.2 Estatuto e comportamentos de SE

Dada a diversidade do modo de funcionamento e a multiplicidade de questões teóricas envolvidas, SE é frequentemente estudado sob várias perspectivas, causando polémica não apenas no estudo linguístico como também na atividade didática. O maior problema consiste, tal como foi referido no capítulo anterior, na “ausência de consenso quanto à natureza e ao estatuto de SE” (Ribeiro, 2011: 16). Por isso, SE tem recebido diferentes designações e múltiplas propostas de descrição. De seguida, apresentam-se duas propostas, uma mais tradicional em que SE é tratado como pronome reflexo; e a segunda, mais recente, em que se presta atenção à partilha de semelhanças de SE com os demais clíticos.

### 3.2.1 Abordagem pronominal

A descrição sobre SE em PE remonta a tempos pretéritos. É possível encontrar reflexões nas gramáticas mais recuadas, como por exemplo, na gramática de João de Barros (1540)<sup>1</sup>, uma das primeiras gramáticas da língua portuguesa, assim como nas outras gramáticas que foram publicadas nos séculos posteriores, sobretudo no século XIX. Nestas gramáticas tradicionais, SE é normalmente analisado como uma unidade multifuncional presente em diferentes estruturas. Em seguida, apresentam-se as observações sobre SE nas duas gramáticas de referência do século XIX: Barboza (1830) e Dias (1881).

A discussão sobre a natureza de SE já começou no século XIX, apresentando Barboza (1830) as seguintes três formas de designação com valores diferentes:

i) Alguns gramáticos “chamão **Pronominaes** aquelles verbos, que nunca se conjugão sem os dous pronomes da mesma pessoa”, como por exemplo, *arrepender-*

---

<sup>1</sup> Barros (1540: 19) mencionou na sua gramática a categoria de “verbos impessoaes”, que se conjugam “pelas terceiras peossas do singular”. O autor ainda classifica os verbos impessoais em duas subcategorias: os de voz ativa e os de voz passiva. Não se encontra a descrição sistemática de SE nesta gramática primordial.

se, queixar-se, etc. (caso que é designado hoje em dia como SE inerente);

ii) “Chamão **Recíprocos** aos que com os mesmos pronomes exprimem huma acção recíproca entre duas, ou mais pessoas”, o que se realiza nos seguintes dois modos: a) “pondo o verbo no singular, e exprimindo a segunda pessoa com a preposição *com*”, como por exemplo “*communica-se com João*”; b) “pondo o verbo no plural com o pronome da mesma pessoa, e ajudando-lhe, para tirar toda a equivocação, as palavras *hum o outro, entre si, mutuamente*”, como por exemplo “*Abraçarão-se hum ao outro*”;

iii) “Chamão finalmente **Reflexos**, ou **Reflexivos** aos verbos verdadeiramente activos, cujos agentes fazem recair sobre si mesmo, por meio dos pronomes da sua mesma pessoa” (1830: 257-259).

Barboza (1830: 259-260) chamou à construção na qual o sujeito produz e recebe, em si mesmo, o efeito de “voz média”, para a qual os gregos tinham uma forma de terminação própria e diferente da ativa e da passiva; no entanto, nem os latinos nem os portugueses tinham alguma forma especial. Porém, os latinos e os portugueses recorrem a “pronomes da mesma pessoa do verbo, postos antes, ou depois d'elle, ou no meio”, formas que são chamadas “Reflexos”.

Segundo o mesmo autor, a voz média dos verbos em português corresponde quase exactamente à dos gregos. No entanto, a semelhança é maior do que isso, porque, em grego, a voz média serve não só para fazer refletir a acção reflexa, mas também tem sentido passivo; curiosamente em português “[...] os verbos reflexos tem igualmente esta significação passiva nas terceiras pessoas e hum ou outro numero, quando o sujeito do verbo he hu nome de couzas inanimadas” ou bem mais raramente “quando o sujeito he hum nome de pessoas” (Barboza, 1830: 260).

Em suma, encontra-se já na gramática de Barboza (1830) uma descrição do uso multifuncional de SE, sendo-lhe atribuídas diferentes formas de designação correspondentes aos seus valores múltiplos. Além disso, também se verifica uma distinção clara entre as funções reflexa e recíproca, embora estas funções não sejam profundamente abordadas na gramática.

SE é também tratado como um pronome por Dias (1881), que descreve o seguinte: “para exprimir que o objecto de uma acção é o mesmo que o agente, empregão-se os verbos na voz activa acompanhados dos pronomes *me, te, se* nas tres pessoas do singular, e *nos, vos, se* nas tres do plural” (1881: 49). Tal como Barboza (1830), também Dias (1881) descreveu o caso do SE inerente nos seguintes termos: “ha alguns verbos que, ou sempre ou em certas significações, só se conjugão na fórmula de reflexos”, como por exemplo, “*abastecer-se*” e “*lembrar-se*” (1881: 50). Dias (1881) ainda avançou na observação da multifuncionalidade de SE, que, além dos usos reflexo e inerente já referidos, ainda poderia desempenhar as outras funções seguintes (1881: 110-111):

i) **SE recíproco**, “a conjugação reflexa serve tambem de exprimir reciprocidade”, como por exemplo, “*Elle e ella amão-se um ao outro*”;

ii) **SE passivo**, “a conjugação reflexa (na terceira pessoa) serve outrosim de voz passiva, quando não se nomeia o agente” ou “quando o sujeito é ser inanimado”, como por exemplo “*desarmão-se as tendas*”;

iii) **SE impessoal**, “aos verbos intransitivos e tambem aos transitivos tomados intransitivamente (isto é, sem referencia a complemento objectivo algum determinado), póde-se dar, no singular, a forma reflexa empregada como voz passiva, para d’este modo deixar totalmente indeterminada a pessoa que pratica a acção ou que tem a qualidade ou estado significados pelo verbo”, como por exemplo, “*O que se faz? Estuda-se.*”

Para resumir, Dias (1881) aperfeiçoou a pista de Barboza (1830) propondo, na sua gramática, uma descrição mais sistemática dos seguintes valores de SE: i) reflexo; ii) inerente; iii) recíproco, iv) passivo; v) impessoal; nota-se que SE impessoal não foi abordado por Barboza (1830).

Como referido por Ribeiro (2011: 17), esta linha de análise de base tradicional continua presente ao longo de todo o século XX, repercutindo-se em trabalhos de ampla divulgação e de continuado seguimento em contexto pedagógico, como por exemplo, na conhecida gramática de Cunha e Cintra (1998), que influenciou durante

meio século e continua a influenciar o ensino de PL2 na China.

Cunha e Cintra (1998) mantém a designação “voz reflexiva” defendendo que “o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objecto directo ou, mais raramente, de objecto indirecto e representa a mesma pessoa que o sujeito”. Também foi abordado, nesta gramática, que o verbo reflexivo poderá também marcar a reciprocidade ocorrendo nas estruturas que envolvem “uma acção mútua de dois ou mais sujeitos” (Cunha & Cintra, 1998: 405).

Cunha e Cintra (1998: 307-308) também propõem uma descrição do multifuncionamento de SE. O pronome SE poderá assumir as seguintes funções: i) objeto direto (mais comum); ii) objeto indireto (relativamente mais raro, mas menos raro quando exprime a reciprocidade); iii) sujeito de um infinitivo; iv) pronome apassivador; v) símbolo de indeterminação do sujeito (junto à terceira pessoa do singular de verbos intransitivos, ou de verbos intransitivos tomados intransitivamente); vi) palavra expletiva (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito); vii) parte integrante de certos verbos que geralmente exprimem sentimento ou mudança de estado.

Sendo que o carácter multifuncional de SE se encontra descrito em todas as três gramáticas tradicionais acima referidas, apresenta-se o seguinte quadro comparativo, que nos permite chegar às seguintes duas conclusões: i) o uso decausativo de SE (cf. Ribeiro, 2011) não se apresentou em nenhuma das três gramáticas tradicionais acima expostas; ii) o uso impessoal de SE não foi mencionado por Barboza (1830), mas encontra-se uma descrição relacionada com este tópico nas gramáticas de Dias (1881) e de Cunha e Cintra (1998).

	Barboza (1830)	Dias (1881)	Cunha e Cintra (1998)
SE Reflexo	+	+	+
SE Recíproco	+	+	+
Se Inerente	+	+	+
SE Apassivador	+	+	+

SE Impessoal	-	+	+
SE Decausativo	-	-	-

Quadro 3.1: Comparação de descrição de SE na linha tradicional

### 3.2.2 Abordagem clítica

Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, a caracterização de SE começou a assumir renovada importância em trabalhos da segunda metade do século XX, em que SE passou a ser analisado no âmbito dos clíticos (cf. Brito, Duarte e Matos, 2003; Ribeiro, 2011; Spencer & Luís, 2012). Tal como outras formas clíticas, SE depende prosodicamente de outras palavras adjacentes, pelo que não tem a capacidade de ocorrer isoladamente e liga-se obrigatoriamente a palavras hospedeiras.

Face à abordagem pronominal, é de extrema importância destacar, na abordagem clítica, a seguinte propriedade de SE: o seu estatuto intermédio entre palavra (acentuada) e afixo (cf. Secção 2.2.1). Destituído de acento, SE é prosodicamente dependente de verbos hospedeiros, o que não acontece com outros pronomes acentuados. Dada a sua não autonomia, SE mantém uma relação mais próxima com o respetivo hospedeiro verbal, sendo possível não ocupar a posição canónica característica do complemento verbal (direto ou indireto), mas, antes, encontrar-se em adjacência estrita ao verbo.

Conforme Ribeiro (2011: 24), surgem duas pistas na análise do posicionamento dos clíticos pronominais na linearidade frásica: “uma que sugere que os clíticos são gerados em posição argumental, movendo-se, posteriormente, para a sua posição sintática final; outra que, contrariamente, sustenta que os clíticos são gerados na sua posição final”. Ribeiro (2011: 24) aponta que a primeira é mais aceite, citando a explicação que Margo (2007: 46) faculta: “(i) os clíticos têm estatuto categorial ambíguo, sendo simultaneamente  $X^0$  e  $X^{max}$ ; (ii) os clíticos são projetados numa posição argumental e movem-se, em sintaxe visível, para a projeção funcional mais alta atingida por movimento do verbo”. A argumentalidade de SE REFLEX e SE RECIPRO

voltará a ser discutida nas Secções 3.4.1 e 3.5.1

Embora SE partilhe certas semelhanças prosódicas, morfofonológicas e distribucionais com os restantes clíticos pronominais, é muito mais complexo definir o seu estatuto argumental/não argumental, porque poderá ocorrer em múltiplos contextos com valores também diversificados. No que diz respeito à questão de multifuncionalidade, Brito, Duarte e Matos (2003: 835-844) propõem a seguinte descrição:

**a) Clítico argumental de referência definida**

SE anafórico (reflexo e recíproco) poder-se-á caracterizar como argumental desempenhando as funções de complemento direto (III-1) e indireto (III-2) dos verbos transitivos e ditransitivos.

(III-1) Os dois cumprimentaram-**[se]**<sub>CD</sub> no gabinete.

(III-2) A Maria deu-**[se]**<sub>CI</sub> [uma prenda de Ano Novo]<sub>CD</sub>.

Para justificar a sua argumentalidade, as mesmas autoras observam que SE REFLEX e SE RECIPRO também poderão ser extraídos sem que a frase seja sentida como um caso de Objeto Nulo (2003: 833):

(III-3) Antes de ir à festa, todas as raparigas **se**<sub>REFLEX</sub> pentearam [-]<sub>CD</sub> e perfumaram [-]<sub>CD</sub> com muita delicadeza.

(III-4) Acredito que eles **se**<sub>RECIPRO</sub> telefonam [-]<sub>CI</sub> e escrevem [-]<sub>CI</sub> frequentemente.

**b) Clítico argumental de referência arbitrária**

Neste caso, o sujeito, que denota uma entidade arbitrária, poderá ser codificado por SE, estrutura designada como SE impessoal ou estrutura de sujeito indeterminado. Neste caso, o sujeito associado a SE é indefinido e não específico, que poderá ser substituído por *alguém*, como por exemplo:

(III-5) Discute-**se** muito a utilidade desta guerra.

**c) Clítico com estatuto argumental e funcional**

É o caso de SE apassivador, que tem por referente uma entidade arbitrária como

o agente da passiva, como por exemplo:

(III-6) Venderam-**se** muitos carros durante os primeiros seis meses deste ano.

Para justificar o seu valor argumental, Brito, Duarte e Matos (2003: 839) observam que SE apassivador poderá admitir também interações de extração simultânea de clítico:

(III-7) Já hoje **se** venderam e [-]<sub>SE</sub> compraram muitos livros na feira do livro.

#### **d) Clítico com comportamento de afixo derivacional**

É o caso de SE decausativo, que não foi observado nas gramáticas antigas referidas em 3.2.1. Neste caso, SE inibe a presença do argumento externo do verbo, argumento externo que “deteria normalmente as relações temáticas de causador ou de agente” (Brito, Duarte e Matos 2003: 841), como se mostra nos seguintes exemplos:

(III-8) (a) O vidro partiu-**se**.

(b) \*O vidro partiu-**se** pela tempestade.

#### **e) Clítico sem conteúdo semântico ou morfossintático**

É o caso de SE inerente, que, tal como já foi observado nas gramáticas antigas (cf. Barboza, 1830; Dias, 1881), não está associado a qualquer posição argumental, como por exemplo:

(III-9) Depois de ouvir a notícia, ela zangou-**se**.

Para melhor revelar o estatuto não argumental de SE inerente, chama-se a atenção para a sua impossibilidade de ser substituído por outros pronomes clíticos, como se mostra no seguinte exemplo:

(III-10) \*Ela zangou-**a**.

Sendo uma propriedade particular, a plurifuncionalidade do clítico SE ainda será pormenorizadamente descrita na Secção 3.3.

Ao ser comparada com a pronominal, a abordagem clítica de SE é de elevada relevância para o presente trabalho, porque permite ilustrar uma das maiores diferenças entre os marcadores reflexos em mandarim e PE: *ziji* é pronome com tons

acentuados enquanto SE é marcador átono (clítico). Embora *ziji* tenha um funcionamento sintático mais rico, *ziji* e SE partilham, ainda, muitas semelhanças especialmente no que concerne à argumentalidade, razão que nos permite concluir que as dificuldades dos aprendentes chineses na aquisição de SE residem principalmente no seu estatuto clítico. O facto de SE não ser tónico poderá causar dificuldades aos aprendentes chineses na sua aquisição.

### 3.3 Multifuncionalidade de SE

A multifuncionalidade de SE é tópico frequentemente analisado numa perspetiva translinguística, como por exemplo no trabalho de Bruhn de Garavito, Lamarche e Heap (2002), em que se analisaram os usos múltiplos em espanhol e francês<sup>2</sup>. Em PE, SE também poderá assumir múltiplas funções, quando ocorre em diferentes contextos. Quanto a esta questão, destacam-se na literatura os trabalhos de Brito, Duarte e Matos (2003), de Fonseca (2012) e de Ribeiro (2011). Baseado na linha de Brito, Duarte e Matos (2003), Ribeiro (2011) descreveu pormenorizadamente as estruturas de **SE anafórico (reflexo e recíproco)**, de **SE impessoal (de sujeito indeterminado e SE passivo)** e de **SE decausativo**, não abordando, porém, o **SE inerente** (também conhecido como **pseudo-reflexo**), que foi estudado por Fonseca (2012). A seguir, apresenta-se a descrição das estruturas em que SE ocorre.

Antes de abordar a polifuncionalidade de SE, ainda se chama a atenção para o facto de este, quando assume funções diferentes, se apresentar sob formas diferentes: i) **nas construções impessoais** (de sujeito indeterminado e de sujeito passivo), SE não se altera de acordo com a pessoa ou o número do sujeito (nunca aparece sob as formas de *me*, *nos*, etc.); ii) para as estruturas de **SE anafórico**, de **SE decausativo** e

---

<sup>2</sup> Bruhn de Garavito, Lamarche e Heap (2002) colocaram as seguintes dúvidas: i) porque SE aparece em estruturas tão variadas como em reflexas, impessoais e decausativas? ii) porque o comportamento de SE varia entre as diferentes línguas e entre os diferentes dialetos de uma língua? Para responderem a estas perguntas, os autores propuseram a seguinte hipótese: interpretação reflexa sem especificação reflexa. Para uma descrição pormenorizada desta hipótese, consulte-se Bruhn de Garavito, Lamarche e Heap (2002).

de **SE inerente**, a realização de SE altera-se de acordo com a pessoa ou o número, manifestando formas específicas para a primeira e a segunda pessoa (singular e plural): *me, nos, te e vos*.

O estatuto argumental de SE é também variável. Ribeiro (2011) propõe a seguinte descrição das propriedades e comportamentos muito distintos nas diferentes estruturas em que ele ocorre:

	SE anafórico		SE impessoal		SE	SE
	reflexo	recíproco	indeterminador	apassivador	decausativo	inerente
Estatuto argumental	+	+	+	+	-	-
Manifestação do argumento externo	-	-	+	+	-	-
Manifestação do argumento interno	+	+	+	-	-	-
Referência dependente e definida	+	+	-	-	-	-
Referência autónoma e indeterminada	-	-	+	+	-	-
Operador diatésico	-	-	-	+	-	-
Marcador diatésico	-	-	-	-	+	-

Quadro 3.2: Síntese dos traços prototípicos dos vários usos de SE (Ribeiro, 2011: 276)

De acordo com Ribeiro (2011), à exceção de SE decausativo e SE inerente, nos demais casos SE é argumental: SE REFLEX e SE RECIPRO ocupam o lugar de argumento interno sendo referencialmente dependentes do argumento externo; no entanto, SE indeterminador e SE apassivador são manifestações mais ténues do argumento externo (ou do argumento interno).

### 3.3.1 SE anafórico

Quando no presente trabalho se analisa SE anafórico, estão em causa as estruturas que são tradicionalmente conhecidas como estruturas reflexas e recíprocas. São estruturas que descrevem situações em que uma entidade age sobre si própria, fazendo com que a ação se reflita em si mesma (nas estruturas reflexas) ou construções verbais que denotam situações em que participam duas (ou mais) entidades que realizam a mesma ação uma sobre a outra (nas estruturas recíprocas).

As duas estruturas partilham propriedades comuns em termos de dependência referencial e alternância argumental, questões mais detalhadamente analisadas a partir do século XX. Quanto à última questão, revela-se mais polémica e discutir-se-á nas Secções 3.4.1 e 3.5.1. Em relação à primeira questão, convém retomar a Teoria da Regência e da Ligação (*Government and Binding Theory*) proposta por Chomsky (1981, 1986). De acordo com este autor, a interpretação de anáforas, pronomes e expressões referenciais é explicitada por um conjunto de princípios gramaticais (Silva, 2011: 535):

Princípio A: Uma anáfora está ligada ao seu domínio sintático local (correferência).

(III-11) A avó<sub>i</sub> penteou-**se**<sub>\*<sub>j</sub>/i</sub>.

(III-12) A Rita e a Isabel<sub>i</sub> conhecem-**se**<sub>\*<sub>j</sub>/i</sub> há muito tempo.

Princípio B: Um pronome é livre do seu domínio sintático local (referência disjunta).

(III-13) A avó<sub>i</sub> penteou-**a**<sub>\*<sub>i</sub>/j</sub>.

(III-14) A Rita e a Isabel<sub>i</sub> conhecem-*nas*<sub>\*i/j</sub> há muito tempo.

Com os exemplos verifica-se, de forma clara, as diferenças entre o Princípio A e o Princípio B: a referência do clítico anafórico (III-11 e III-12) é sempre correferencial deste enquanto a do pronome não anafórico (III-13 e III-14) é disjunta. Tanto para o clítico reflexo (III-11) quanto para o clítico recíproco (III-12) é assegurada a referência não autónoma: percebe-se automaticamente que o referido é o antecedente (*a avó* para III-11 e *a Rita e a Isabel* para III-12); no que diz respeito aos pronomes não anafóricos (III-13 e III-14), os seus referidos não se podem definir no seu domínio sintático local (podem definir-se com o contexto); no entanto, também se percebe de imediato a impossibilidade de os seus referidos coincidirem com os sujeitos, *a avó* (III-13) ou *a Rita e a Isabel* (III-14).

Os exemplos acima expostos justificam que SE REFLEX e SE RECIPRO partilham a natureza referencialmente não autónoma (dependente), razão pela qual em ambas as estruturas SE é assumido como clítico anafórico, tal como foi defendido por Brito, Duarte e Matos (2003: 805):

*“A anáfora será [...] a relação referencial que se estabelece entre certas expressões tradicionalmente consideradas pronominais, como os reflexos e os recíprocos, e que não tem nunca referência autónoma, e uma expressão que fixa o seu valor referencial, isto é, lhes serve de antecedente”.*

O mesmo foi apontado por Lobo (2013: 2211):

*“Os pronomes pessoais reflexos e os pronomes pessoais recíprocos são formas intrinsecamente anafóricas, ou seja, formas cuja referência é sempre definida relativamente a outra expressão nominal antecedente que, para além disso, tem de pertencer à mesma oração ou sintagma nominal que contém esses pronomes”.*

Embora possam partilhar certas semelhanças, as estruturas reflexas e recíprocas descrevem situações com características distintas, especialmente “no que concerne

ao número de intervenientes nelas envolvidos, às relações que entre si mantêm e ao tipo de papéis temáticos a que estão associados” (Ribeiro, 2011: 84). Serão sistematicamente descritas estas duas estruturas nas Secções 3.4 e 3.5.

### 3.3.2 SE impessoal

SE impessoal ocorre nas duas construções tradicionalmente conhecidas como estruturas passivas de SE (SE apassivador) e estruturas de sujeito indeterminado (SE indeterminador). Como explicita Ribeiro (2011: 150), a designação de estruturas de SE impessoal engloba “dois tipos de construções de SE com objetivos pragmáticos coincidentes e que são usadas quando não se pretende, ou não se consegue, identificar com precisão a entidade, habitualmente humana, subjacente à situação descrita”.

Apesar de partilharem a natureza impessoal, as duas estruturas de SE impessoal exibem diversas divergências sobretudo ao nível da realização da estrutura temático-argumental dos respetivos predicadores e do diferente estatuto de SE.

Embora se encontre uma breve descrição destas duas estruturas nas gramáticas antigas, como por exemplo, na gramática de Dias (1881), a sua distinção não é nelas suficientemente clara.<sup>3</sup> Mais recentemente, Cunha e Cintra (1998: 308) tentam distinguir as estruturas de SE apassivador e de SE indeterminador, explicando que o último ocorre apenas com a terceira pessoa do singular de verbo intransitivo, ou “de transitivos tomados intransitivamente”.<sup>4</sup> No entanto, o mais problemático parecer ser

---

<sup>3</sup> Como se referiu em 3.2.1, para SE apassivador, Dias (1881: 111) explicou que “a conjugação reflexa (na terceira pessoa) serve outrossim de voz passiva, quando não se nomeia o agente” e deu um exemplo “desarmão-se as tendas = são desarmadas as tendas”; para SE impessoal, encontra-se a seguinte descrição de Dias (1881: 111): “aos verbos intransitivos e também aos transitivos tomados intransitivamente (isto é, sem referencia a complemento objectivo algum determinado), póde-se dar, no singular, a forma reflexa empregada como voz passiva, para d’este modo deixar totalmente indeterminada a pessoa que pratica a acção ou que tem a qualidade ou estado significados pelo verbo”, como por exemplo, “O que se faz? Estuda-se.” Não foi abordada, nesta gramática antiga, a comparação entre as duas estruturas.

<sup>4</sup> Cunha e Cintra (1998: 308) ainda deram os seguintes exemplos:

Vive-*se* ao ar livre, come-*se* ao ar livre, dorme-*se* ao ar livre.

SE indeterminador, nomeadamente a questão da aceitabilidade da estrutura sem concordância verbo-SN pós-verbal. Cunha e Cintra (1998: 309) não reconhecem a gramaticalidade da estrutura em que não se verifica a concordância verbal (ex. *vende-se casas*), que é aceite por Peres e Móia (1995: 237), autores que admitem ambas as estruturas (*vende-se casas* e *vendem-se casas*) considerando o primeiro o caso do “uso do clítico impessoal” (SE indeterminador)<sup>5</sup>.

É normalmente mais aceite a proposta de Brito, Duarte e Matos (2003: 836-837), que consideram SE impessoal (apassivador e indeterminador) o caso de SE dotado de estatuto argumental, assumindo-se como sujeito da estrutura em que ocorre. No entanto, o SE indeterminador (o SE-nominativo para as autoras) caracteriza-se por ter referência arbitrária, não sendo assim possível identificar o seu referente. A referência arbitrária é fácil de verificar, porque é possível substituir o clítico por expressões nominais como *alguém*, como por exemplo:

(III-15) (a) Vende-**se** casas.

(b) **Alguém** vende casas.

A entidade envolvida na estrutura de SE indeterminador é necessariamente entidade [+ humana] (cuja referência não é identificável), com a função temática normalmente de Agente, Tema ou Experienciador (Ribeiro, 2011: 158-159). Quanto aos verbos nelas envolvidas, como foi apontado por Vasconcelos (2013: 21-22) poderão ser intransitivos (inacusativo ou inergativo), transitivos (direto ou indireto) e copulativos, como por exemplo:

(III-16) *Nasce-se* pouco em Portugal. (verbo intransitivo, inacusativo)

(III-17) *Chora-se* muito nos casamentos. (verbo intransitivo, inergativo)

(III-18) *Vê-se* demasiada televisão. (verbo transitivo direto, complemento direto: *televisão*)

(III-19) Nesta empresa *telefona-se* muito aos clientes. (verbo transitivo indireto,

---

Martelava-**se**, serrava-**se**, acepilhava-**se**.

<sup>5</sup> A estrutura sem concordância ainda não é aceite como gramatical por muitos autores e por muitos falantes cultos. Sobre esta questão, poderá consultar-se Ribeiro (2011).

complemento indireto: *aos clientes*)

(III-20) Aqui *gosta-se* muito de sardinha. (verbo transitivo indireto, complemento oblíquo: *de sardinha*)

(III-21) Em algumas situações *fica-se* nervoso. (verbo copulativo)

Em PE, a voz passiva realiza-se de duas formas: a passiva sintética com SE, em que o agente da passiva não está explicitado (III-22a); a passiva perifrástica, sem a presença de SE, tendo o verbo *ser* ou *estar* como auxiliar e o verbo principal no particípio passado, estrutura que permite a explicitação do agente da passiva (III-22b). Em outras palavras, na estrutura de SE apassivador, também é impossível determinar ou especificar a sua referência, o que justifica a designação de SE impessoal para os dois tipos de construções de SE (indeterminador e apassivador). Um outro traço que as duas estruturas partilham é que a entidade envolvida, impossível de especificar, tem normalmente o traço [+ humano] (Agente, Experienciador ou Beneficiário).

(III-22) (a) Comeu-*se* o bolo. (\*Comeu-*se* o bolo pelo João.)

(b) O bolo foi comido. (O bolo foi comido pelo João.)

Devido à incompatibilidade entre SE e a explicitação do agente da passiva, Ribeiro (2011: 194) defende o estatuto argumental de SE, que, além de assumir a função de marcador apassivador, absorve em si o argumento externo (III-23b), tornando assim incompatível a estrutura com o agente (argumento externo), muitas vezes realizado com um sintagma “*por X*” (III-23b).

(III-23) (a) [O João]<sub>argumento externo</sub> comeu [o bolo]<sub>argumento interno</sub>.

(b) Comeu[-*se*]<sub>argumento externo</sub> o [o bolo]<sub>argumento interno</sub>.

Importa ainda salientar que, tanto nas passivas perifrásticas como nas passivas de SE, ocorrem exclusivamente os verbos transitivos. Os verbos inacusativos ou inergativos, que estão associados apenas a um único participante (que serve sintaticamente como um sujeito da frase), não têm as condições necessárias para a realização da transformação passiva.

Para resumir, embora divirjam na transitividade dos verbos envolvidos (SE

apassivador aceita apenas verbos transitivos enquanto SE indeterminador aceita não só verbos transitivos, mas também verbos intransitivos), as estruturas de SE indeterminador e de SE apassivador partilham duas semelhanças muito relevantes: a referência arbitrária e a argumentalidade de SE (que funciona como argumento externo), razão pela qual estão incluídas as duas estruturas no mesmo grupo.

### 3.3.3 SE decausativo

SE decausativo, também conhecido como SE anticausativo, ocorre, tal como o próprio nome indica, em estruturas não causativas, ou seja, em estruturas em que é impossível identificar a entidade que funciona como a causa.

Para melhor entender tal estrutura, chama-se a atenção para o facto de que certos verbos em PE permitem duas construções, uma causativa (III-24a) e outra decausativa (III-24b):

(III-24) (a) A chuva **molhou** o casaco.

(b) O casaco **molhou-se**.

(c) \*A chuva **molhou-se** o casaco.

Observa-se que nas estruturas causativas os verbos funcionam como transitivos e admitem dois argumentos, um externo com a função de Causa (*a chuva* em III-24a) e um interno com a função de Tema ou Experienciador (*o casaco* em III-24a e III-24b). Descrevem eventos com causa externa, em que o sujeito provoca uma mudança sofrida pelo objeto direto. Nas estruturas decausativas, SE serve como marcador da realização de decausativização (III-24c), cuja presença é associada à ausência de manifestação sintática do argumento temático Causa. Ribeiro (2011: 226) caracteriza estas estruturas como:

- i) que denotam situações de mudança de estado;
- ii) que são sintaticamente intransitivas correlacionáveis com as estruturas transitivas correspondentes;
- iii) que exibem um SN sujeito necessariamente não agentivo e coincidente com o SN objeto direto da estrutura transitiva correspondente.

Neste tipo de estruturas, a Causa poderá ser expressa como adjunto (III-25) e, desta vez, SE não absorve tal elemento, tal como se verifica na estrutura de SE apassivador em que SE não é compatível com o agente da passiva. O exemplo seguinte ilustra estas características:

(III-25) O casaco molhou-*se* com a chuva.

No que respeita ao estatuto argumental, com já foi apontado na secção anterior, Brito, Duarte e Matos (2003: 841) defendem a não argumentalidade de SE, considerando-o como comportamento de afixo derivacional decausativo. De acordo com as autoras, destituído de estatuto argumental, SE proíbe a presença do argumento externo do verbo, argumento externo que normalmente define as relações temáticas de causador ou de agente.

### 3.3.4 SE inerente

SE inerente, tal como o próprio nome indica, ocorre em formas verbais que estão registadas no léxico com SE, ou seja, em que o clítico constitui uma parte integrante da sua entrada lexical.

A descrição sobre SE inerente já remota à gramática de Barboza (1930: 258), em que se definiu como “Pronominaes” os verbos “que nunca se conjugam sem os dois pronomes da mesma pessoa”, oferecendo os seguintes exemplos: *abster-se*, *arrepender-se*, *atrever-se*, *apegar-se*, *compadecer-se*, *descuidar-se*, *esquecer-se*, *gloriar-se*, *jactar-se*, *queixar-se*, etc.

Quanto à sua designação, Fonseca (2012) chama ao SE inerente SE pseudo-reflexo, com o objetivo de o distanciar de SE REFLEX (reflexo verdadeiro): SE inerente, embora muito parecido (com a mesma conjugação pronominal), não tem valor reflexo, ou melhor, não tem valor semântico, mas funciona como um sufixo.

Para justificar a distinção entre SE REFLEX e SE inerente, Vilela (1992) propõe os seguintes testes: interrogação, substituição, coordenação e modificação, que são compatíveis apenas com SE REFLEX. A seguir, apresentam-se os exemplos oferecidos

por Vilela (1992: 77):

(III-26) Lavar-se (SE REFLEX)

- (a) interrogação: (a) quem lava ele?
- (b) substituição: ele lava o bebé
- (c) coordenação: ele lava-se a si e ao bebé
- (d) modificação: ele lava-se apenas a si

(III-27) Arrepende-se (SE inerente)

- (a) interrogação: \*(a) quem arrepende ele?
- (b) substituição: \* ele arrepende o bebé
- (c) coordenação: \* ele arrepende-se a si e ao bebé
- (d) modificação: \* ele arrepende-se apenas a si

Os exemplos acima apresentados permitem distinguir SE REFLEX de SE inerente: para o caso de SE REFLEX é possível: i) interrogar o complemento (III-26a); ii) substituir o pronome clítico por um SN (III-26b); iii) coordenar o clítico com outro complemento (III-26c); iv) modificar o clítico com um advérbio de exclusão (III-26d). Pelo contrário, estes testes não são compatíveis com SE inerente (*arrepende-se* em III-27).

No entanto, os verbos com SE inerente não são homogéneos. Vasconcelos (2013: 26-27) observa a seguinte subdivisão:

i) Verbos que só podem ocorrer com o clítico, tais como *arrepende-se, queixar-se, suicidar-se, portar-se, vangloriar-se*, etc.;

ii) Verbos com opcionalidade de clítico, tais como *rir(-se), casar(-se)*, etc.;

iii) Verbos com alternativa transitiva, tais como *lembrar(-se), decidir(-se), debater(-se), despedir(-se)*, etc.

Em relação à natureza de SE inerente, Fonseca (2012: 41) ainda descreve as seguintes propriedades: i) não tem o valor reflexo, não sendo possível ser reforçado pela paráfrase *a si mesmo/próprio*; ii) não lhe é atribuída nenhuma relação temática ou semântica, portanto é designado de SE pseudo-reflexo/SE inerente; iii) como não lhe é atribuída nenhuma relação temática ou semântica, não é argumental e tem uma natureza quase afixal; iv) como não é argumental, não tem uma verdadeira função

anafórica (é, portanto, designado pelo mesmo autor de pseudo-anafórica).

Resumindo e concluindo, SE revela o caráter polifuncional, apresentando-se ou de natureza argumental e anafórica (como é o caso de SE REFLEX e de SE RECIPRO), ou de caráter mais autónomo (como SE indeterminador e apassivador), e ainda de natureza não argumental, aproximando-se do sufixo (no caso de SE decausativo e inerente). Esta diversidade de funções e de estruturas causará dificuldades aos alunos que aprendem português como L2. No presente trabalho, focalizam-se as dificuldades sentidas na aquisição de SE REFLEX e de SE RECIPRO pelos falantes chineses. Em seguida, explorar-se-á um aspeto de grande relevância sobre as estruturas reflexas e recíprocas.

### **3.3.5 Apagamento de SE**

O apagamento de SE é um fenómeno muito interessante e merece uma atenção especial nos estudos linguísticos. Trata-se de um fenómeno que perturba não apenas os falantes de L2 mas também os falantes nativos, que também o suprimem em algumas situações no uso da língua do dia-a-dia. A supressão de SE revela-se mais frequente em PB do que em PE: Bittencourt (2009: 143-160) identifica uma série de fatores condicionantes do apagamento do SE em PB, que são i) a predicação verbal (sintática e semântica); ii) a concordância entre verbo e argumento interno; iii) o grau de referência do argumento representado pelo clítico apagado e iv) o tipo de clítico. Para uma descrição pormenorizada destes fatores, consulta-se Bittencourt (2009).

Para analisar as funções sintático-semânticas em que SE sofre maior apagamento, Bittencourt (2009: 140) recorre à abordagem funcionalista, mais especificamente ao processo de gramaticalização. De acordo com esta autora, tal fenómeno poderá ser entendido como um processo de mudança que configura uma trajetória de gramaticalização: a mudança semântica e a perda de traços característicos de uma categoria gramatical. Por exemplo, SE inerente comporta-se como um afixo (cf. Secção 3.3.4), o que justifica a hipótese da gramaticalização deste clítico. Vitral (2006: 126),

baseado em Hopper e Traugott (1993), propõe a seguinte trajetória:

item lexical > item gramatical > clítico > afixo

Bittencourt (2009: 140), baseada em Castilho (1997), defende que o apagamento de uma categoria é o último estágio do processo da gramaticalização: um item gramatical pode desaparecer por ter-se tornado afuncional:

discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero

Ainda de acordo com os estudos empíricos desta autora, no PB omite-se SE, mais frequentemente no caso de SE indeterminador sem concordância (III-28b), de SE decausativo (III-29b) e de SE inerente (III-30b):

(III-28) (a) Vende-se casas.

(b) ?Vende casas.

(III-29) (a) O vidro partiu-se.

(b) ?O vidro partiu.

(III-30) (a) O João arrependeu-se.

(b) ?O João arrependeu.

Os resultados da Bittencourt (2009: 140) não surpreendem, porque nestes três casos SE não é argumental, nem se altera formalmente de acordo com a pessoa e número do sujeito (funcionado quase como um afixo); portanto é mais gramaticalizado do que em outros casos.

Para o caso de SE REFLEX e SE RECIPRO, normalmente não se omitem tanto como SE indeterminador sem concordância, SE decausativo e SE inerente, porque são argumentais e são marcadores de reflexividade e reciprocidade. No entanto, em certas circunstâncias também é possível a não realização de SE nas estruturas reflexas e recíprocas, questão que se abordará nas Secções 3.4.3 e 3.5.3.

### 3.4 SE anafórico reflexo

Dedica-se esta secção à descrição sistemática de SE REFLEX em PE. Como já foi apontado nos capítulos anteriores, esta construção é designada como de voz média (Barboza, 1830) ou como de voz reflexiva (Cunha & Cintra, 1998) nas gramáticas mais antigas ou mais tradicionais, e SE REFLEX é tratado como pronome reflexo (Cunha & Cintra, 1998); recentemente, é entendido como clítico anafórico (Brito, Duarte e Matos, 2003; Ribeiro, 2011). Como também foi referido, surge polémica quanto à transitividade da estrutura e à argumentalidade de SE REFLEX. Nesta secção, serão analisadas as questões acima referidas com uma apresentação da distinção entre reflexo corporal e reflexo não corporal, questão fundamental para o estudo empírico apresentado no Cap. V.

#### 3.4.1 Transitividade da estrutura e argumentalidade de SE reflexo

O estatuto do clítico reflexo nas línguas românicas é muito analisado e discutido em estudos linguísticos recentes, sendo objeto de diferentes propostas. Alsina (1996: 81-82) refere as duas mais aceites: a abordagem pronominal e a abordagem inacusativa.

Na primeira abordagem, designada por este autor como **abordagem pronominal**<sup>6</sup>, os clíticos reflexos são perspetivados como clíticos anafóricos argumentais, que ocorrem associados às posições de complemento direto ou de complemento indireto. Trata-se de uma pista que se desenvolveu a partir da linha mais tradicional. No que ao português diz respeito, Cunha e Cintra (1998) chamam a SE REFLEX pronome reflexo, comparando-o com os restantes pronomes átonos que estão associados à posição de complemento direto (III-31) ou indireto (III-32):

(III-31) (a) O Mário matou-[**se**]<sub>CD</sub> ontem à noite.

(b) O Mário matou-[**o**]<sub>CD</sub> ontem à noite.

---

<sup>6</sup> Abordagem defendida por Rizzi (1986), Moore (1991), Fontana e Moore (1992), etc. (cf. Alsina, 1996: 81-82).

(III-32) (a) A Maria deu-[**se**]<sub>Cl</sub> uma prenda de Ano Novo.

(b) A Maria deu-[**lhe**]<sub>Cl</sub> uma prenda de Ano Novo.

Brito, Duarte e Matos (2003) consideram as formas reflexas e recíprocas (*me, te, se, nos, vos*) clíticos anafóricos, porque tais formas átonas não têm capacidade referencial autónoma dependendo necessariamente de um antecedente, que ocorre na mesma oração. As autoras também defendem claramente a argumentalidade do clítico anafórico SE (reflexo e recíproco), que assume normalmente as funções de complemento direto e indireto.

Nesta linha tradicional, como observa Ribeiro (2011: 88), não se verifica nas estruturas reflexas a realização de operação argumental recessiva, os argumentos (tanto interno quanto externo) selecionados pelos predicadores estão presentes na linearidade frásica, embora muitas vezes SE REFLEX não se encontre no lugar prototípico em que aparecem os complementos.

A nível semântico e sintático, os dois argumentos correspondem às funções temáticas de Agente e Tema. Mais ainda: o argumento externo (Agente) funciona sintaticamente como sujeito, enquanto o argumento interno (Tema) como complemento. Importa, ainda, salientar que, tal como numa relação dependente anafórica, o argumento externo (Agente) e o argumento interno (Tema) consubstanciam-se na mesma entidade.

Na segunda abordagem, designada como **abordagem inacusativa**<sup>7</sup> (Alsina, 1996: 82-83), as estruturas reflexas são entendidas como resultado de operações de redução argumental. A inacusatividade das estruturas reflexas tem origem no processo de absorção do papel temático externo no léxico porque não há condições para se realizar na sintaxe; assim a posição de sujeito sintático apresenta-se vaga, e passa a ser ocupada pelo grupo nominal que materializa o argumento interno. (cf. Grimshaw 1990). Seguindo esta abordagem, a estrutura reflexa (III-33a) poderá partilhar com a passiva (III-33b) as seguintes características: em ambos os casos o

---

<sup>7</sup> Abordagem defendida por Rosen (1989), Grimshaw (1990), etc. (cf. Alsina, 1996: 82-83).

argumento externo é absorvido, ou equivalentemente suprimido, e o único argumento sintaticamente realizado é o argumento interno.

(III-33) (a) O aluno *defendeu-se* à frente do professor.

(b) O aluno *foi defendido* à frente do professor.

Perante esta questão polémica, Alsina (1996) discordou da abordagem pronominal e da inacusativa, mas tentou integrar as duas pistas, propondo o seguinte (Alsina, 1996: 81-114): o clítico reflexo nas línguas românicas não é a expressão do argumento selecionado pelo predicado mas o marcador de operação temático-argumental (o que o aproxima da abordagem inacusativa); no entanto, os dois argumentos (anaforicamente ligados) estão sintaticamente presentes na estrutura reflexa (o que o aproxima da abordagem pronominal). De acordo com esta proposta de Alsina (1996), na estrutura reflexa SE não é argumental: os dois argumentos (interno e externo, anaforicamente ligados) realizam-se na mesma posição sintática (sujeito).

Ainda se poderão encontrar outras análises sobre o estatuto argumental do marcador reflexo das línguas românicas: Geniusiene (1987) e Reinhart e Siloni (2005) defendem que a reorganização argumental subjacente às estruturas reflexas realiza-se através de realização sintática do argumento interno, e resulta da sua não projeção na sintaxe, conduzindo, assim, à ocorrência de construções inergativas; para outros (Kemmer, 1993; 1994; Givón, 2001) as estruturas são vistas como tendo um estatuto intermédio entre as estruturas transitivas e as intransitivas, abordagem que voltará a ser discutida posteriormente.

No entanto, no que diz respeito ao PE o comportamento de SE REFLEX revela-se diferente do de outras línguas românicas, como por exemplo, o francês. Belikova (2013), ao analisar a aquisição das estruturas reflexas e recíprocas em francês como L2, questiona a argumentalidade de SE REFLEX/RECIPRO em francês defendendo que a enganadora instrução afeta a aquisição das estruturas em causa. De acordo com esta

autora (2013: 27), “[...] *se* does look like a pronominal clitic superficially in that it appears to have a similar distribution to such clitics [...]”. SE REFLEX/RECIPRO em francês é considerado como marcador de redução de transitividade por esta autora, que deu os seguintes exemplos (Belikova, 2013:31):

- (III-34) (a) Je ferai laver Marie à Paul.  
*I make.FUT wash Marie to Paul*  
I will make Paul wash Marie.
- (b) Je la ferai laver à Paul.  
*I her make.FUT wash to Paul*  
I will make Paul wash her.
- (c) Je ferai danser Paul.  
*I make.FUT dance Paul*  
I will make Paul dance.
- (d) Je ferai se laver Paul.  
*I make.FUT SE wash Paul*  
I will make Paul wash (himself).

Tal como se mostrou nos exemplos acima expostos, em francês, na oração encaixada, a construção *la laver* em (III-34b) (*lavá-la* em PE) comporta-se como a estrutura *laver Marie* em (III-34a) (*lavar a Maria* em PE), enquanto o comportamento da estrutura reflexa *se laver* em (III-34d) (*lavar-se* em PE) equivale ao do verbo intransitivo *danser* em (III-34c) (*dançar* em PE).

No entanto, a aplicação destes exemplos em PE não revelou a diferença acima apresentada; pelo contrário, o comportamento da estrutura *lavar-se* em PE (III-35c) é muito parecido com o da estrutura *lavá-la* em PE (III-35b).

- (III-35) (a) Vou mandar o Paul lavar a Maria.  
(b) Vou mandar o Paul lavá-la.  
(c) Vou mandar o Paul lavar-se.

(d) Vou mandar o Paul dançar.

Belikova (2013) também defende a intransitividade de SE REFLEX exibindo os diferentes comportamentos entre os clíticos reflexos e não reflexos (2013: 32):

(III-3 (a) Je me demande comment s'est rasé Paul.

*I wonder how SE shaved Paul*

I wonder how Paul shaved himself.

(b) ??Je me demande comment les a rasés Paul.

*I wonder how them shaved Paul*

I wonder how Paul shaved them.

Os exemplos revelam que em francês SE REFLEX é compatível com a inversão SV (Sujeito-Verbo) na oração completiva (III-36a) enquanto com o pronome clítico *les* (os em PE) a inversão SV (Sujeito-Verbo) já não é compatível (III-36b). O mesmo acontece em PE (III-37):

(III-37) (a) Quero saber como *se* barbeou o João.

(b) ?/\*Quero saber como *o* barbeou o João.

No entanto, esta diferença acima exposta não é suficiente para justificar a intransitividade da estrutura reflexa em PE: a estranheza da frase (III-37b) vem do facto de o pronome clítico *o* (em III-37b) não poder ser correferencial de *João*. SE REFLEX é compatível com a inversão SV porque é anafórico: a dependência anafórica implica que na oração completiva o argumento interno (objeto) corresponda referencialmente ao argumento externo (sujeito).

Belikova (2013) deu um outro exemplo para revelar a diferença no comportamento de SE REFLEX/RECIPRO face a outros clíticos pronominais (2013: 34):

(III-38) (a) \*?Ils se sont infidèles.

*they SE are unfaithful*

Intended: 'They are unfaithful to each other (or to themselves).

(b) Ils nous sont infidèles.

*they us are unfaithful*

They are unfaithful to us.

Observa-se que em francês SE REFLEX/RECIPRO não é compatível com estruturas adjetivais. O mesmo também acontece em PE (III-39):

(III-39) (a) Eles são-nos fieis.

(b) \*Eles são-*se* fieis.

(c) Eles são fiéis a *si* próprios/a *si* mesmos.

É verdade que o comportamento de SE REFLEX/RECIPRO não é idêntico ao de outros clíticos pronominais. No entanto, a estranheza da frase (III-39b) ajuda, aliás, a justificar a argumentalidade de SE: SE não é compatível com estruturas adjetivais porque este, quando codifica a reflexividade/reciprocidade, assume normalmente apenas o valor acusativo ou dativo; nos outros casos, a reflexividade poderá ser marcada com o pronome tónico *Si*, como em (III-39c).

Tendo em conta as considerações acima apresentadas, no presente trabalho as estruturas reflexas serão perspectivadas como estruturas transitivas. Em seguida, reúnem-se os argumentos que poderão justificar a sua transitividade, alguns dois quais já referidos nos capítulos anteriores.

O primeiro argumento é o mais evidente: SE REFLEX poderá ser substituído pelos pronomes não reflexos de complemento direto ou indireto:

(III-40) (a) O Mário matou-*[se]*<sub>CD</sub> ontem à noite.

(b) O Mário matou-*[a]*<sub>CD</sub> ontem à noite.

(c) O Mário matou *[a Maria]*<sub>CD</sub> ontem à noite.

(III-41) (a) A Maria deu-*[se]*<sub>CI</sub> uma prenda de Ano Novo.

(b) A Maria deu-*[lhe]*<sub>CI</sub> uma prenda de Ano Novo.

(b) A Maria deu *[ao Luís]*<sub>CI</sub> uma prenda de Ano Novo.

Observa-se que nos exemplos (III-40b) e (III-41b) SE REFLEX é respetivamente substituído pelos pronomes *a* e *lhe*, pronomes átonos que assumem a função sintática de complemento direto (*a Maria* em III-40c) e indireto (*ao Luís* em III-41c). Além disso, nota-se que SE REFLEX não é compatível com a presença do complemento direto (III-

42b e III-42c) ou indireto (III-43b e III-43c), o que justifica também a sua argumentalidade.

(III-42) (a) O Mário matou-**[se]**<sub>CD</sub> ontem à noite.

(b) \*O Mário matou-**[se]**<sub>CD</sub> ~~[a Maria]~~<sub>CEB</sub> ontem à noite.

(c) \*O Mário matou-**[se]**<sub>CD</sub> ~~[o Mário]~~<sub>CEB</sub> ontem à noite.

(III-43) (a) A Maria deu-**[se]**<sub>CI</sub> uma prenda de Ano Novo.

(b) \*A Maria deu-**[se]**<sub>CI</sub> ~~[ao Luís]~~<sub>CI</sub> uma prenda de Ano Novo.

(c) \*A Maria deu-**[se]**<sub>CI</sub> ~~[à Maria]~~<sub>CI</sub> uma prenda de Ano Novo.

Nos exemplos apresentados SE REFLEX é incompatível com a presença do complemento direto ou indireto, que se revela redundante e agramatical.

Ainda importa salientar que a função sintática que SE assume não poderá ser outra senão a de complemento direto ou indireto, porque nos demais casos a reflexividade se costuma codificar com a forma tónica SI (como em III-44b, cf. Cap. 2.3.2):

(III-44) (a) \*Ele somente é capaz de **se** pensar.

(b) Ele somente é capaz de pensar **em si** (próprio).

A não aceitabilidade da frase (III-44a) demonstra que, normalmente, SE REFLEX não é compatível com o complemento preposicionado, assumindo apenas as funções de complemento direto ou indireto.

O segundo argumento foi exposto por Brito, Duarte e Matos (2003: 836), que defendem que “[...] em frases com extração simultânea de clítico, é possível recuperar o argumento não realizado, sem que a frase seja sentida como um caso de Objeto Nulo”, como em:

(III-45) Quem se defende [-]<sub>CD</sub> das agressões e vê [-]<sub>CD</sub> obrigado a aceitar a violência fica revoltado.

(Brito, Duarte e Matos, 2003: 836)

Trata-se de um argumento também muito relevante, porque a melhor explicação para a aceitabilidade da frase (III-45) consiste na hipótese de que o complemento

verbal já se encontra absorvido em SE REFLEX.

Quanto ao terceiro argumento, chama-se a atenção para o conjunto dos testes que Vilela (1992: 77) propôs para distanciar SE REFLEX de SE inerente (testes anteriormente referidos em III-26 e III-27): interrogação, substituição, coordenação e modificação:

(III-46) Lavar-se (SE REFLEX)

(a) interrogação: (a) quem lava ele?

(b) substituição: ele lava o bebé

(c) coordenação: ele lava-se a si e ao bebé

(d) modificação: ele lava-se apenas a si

Tirando o caso de substituição (III-46b) que já foi referido no primeiro argumento, SE REFLEX ainda poderá ser interrogado (III-46a), coordenado (III-46c) e modificado (III-46d), o que justifica a argumentalidade de SE REFLEX assim como a transitividade da estrutura.

No entanto, tal como observa Belikova (2013), o comportamento de SE não é idêntico ao dos restantes pronomes clíticos (*o, os, a e as*). Embora se defenda, no presente trabalho, a transitividade da estrutura reflexa e a argumentalidade de SE REFLEX, torna-se mais justo reconhecer também a existência de certas diferenças na transitividade entre as estruturas reflexas e não reflexas. Portanto, propõe-se que, na escala de transitividade, as estruturas reflexas se encontram na posição intermédia entre construções transitivas e intransitivas:

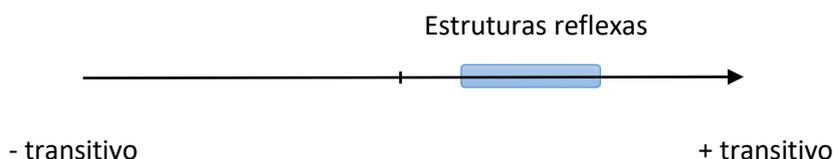


Gráfico 6: Construção reflexa na escala de transitividade

Trata-se de uma hipótese defendida por Kemmer (1993, 1994) e Givón (2001), autores que perspetivam as estruturas reflexas como tendo um estatuto intermédio

entre as estruturas transitivas e as intransitivas. No que respeita ao PE, Duarte (2013) segue a mesma pista defendendo o seguinte (2013: 448):

*“... na transição entre as construções transitivas, em que figuram explícita ou implicitamente dois argumentos, e as construções intransitivas com verbos que selecionam apenas um argumento, encontramos construções em que ocorrem verbos transitivos, mas cujos argumentos alinhados com as funções sintáticas de sujeito e de complemento direto representam a mesma entidade extralinguística (têm o mesmo referente), ou seja, são correferentes [...]”.*

Embora as construções reflexas sejam transitivas, a sua transitividade difere da transitividade (plena) das construções não reflexas por causa da referência anafórica de SE REFLEX: nas estruturas transitivas não reflexas envolvem-se, normalmente, dois elementos diferentes (Agente e Tema), que sintaticamente se realizam como Sujeito (argumento externo) e Objeto (argumento interno). Embora também selecionem dois argumentos, as estruturas reflexas denotam uma situação muito diferente: nela participa apenas uma entidade que inicia uma ação e sofre seus efeitos. Em outras palavras, apesar de ocupar a posição de argumento interno, SE REFLEX corresponde referencialmente ao seu antecedente: argumento externo. O facto de se envolver apenas uma só entidade reduz certamente a transitividade da estrutura, porque já não se verifica semântica e referencialmente a distinção entre Sujeito e Objeto.

### **3.4.2 Reflexas corporais/não corporais e construções de redobro**

As estruturas reflexas poderão subdividir-se de acordo com critérios diferentes. Para melhor revelar as diferenças entre as estruturas em PE e mandarim, destaca-se, no presente trabalho, a distinção entre estruturas reflexas de ação corporal (III-47) e estruturas reflexas de ação não corporal (III-48):

(III-47) Ele sentou-**se** à mesa e começou a tomar café.

(III-48) Quando foi questionado, ele defendeu-**se** com muita coragem.

De acordo com Ribeiro (2011: 104), as reflexas corporais descrevem situações em que intervém um único participante que age sobre o seu próprio corpo. Trata-se de situações naturalmente autocentradas (como em III-47), em que há grande expectativa de reflexividade, quando ambos os argumentos exibem o traço [+ humano]. Pelo contrário, as reflexas não corporais denotam situações em que há uma reduzida expectativa de reflexividade (como em III-48), mesmo no caso de os participantes exibirem o traço [+ humano]. Ribeiro (2011: 106) designa os verbos que ocorrem nas reflexas corporais como introvertidos, que se distanciam dos verbos extrovertidos, que menos frequentemente descrevem situações reflexas.

No que respeita às estruturas reflexas corporais em PE, Ribeiro (2011: 106-109) ainda propõe as seguintes subclassificações: (i) estruturas reflexas de ação corporal que denotam situações de cuidado e embelezamento corporal (III-49), (ii) as que codificam situações de mudança de posição corporal (III-50) e (iii) as que descrevem cenários de deslocação corporal (III-51):

(III-49) A Maria não sai sem *se perfumar*.

(III-50) Ele costuma *deitar-se* muito cedo.

(III-51) Ele *aproximou-se* do espelho para ver melhor.

Nas estruturas reflexas não corporais ocorrem os verbos extrovertidos, que segundo a mesma autora, abrangem verbos das seguintes áreas semânticas: (i) verbos avaliativos (*avaliar, criticar, etc.*), (ii) verbos declarativos (*declarar, confessar, etc.*), (iii) verbos declarativos de ordem (*exigir, ordenar, etc.*), (iv) verbos volitivos (*desejar, querer, etc.*) e (v) verbos epistémicos (*saber, supor, etc.*).

Importa indagar se a distinção semântica entre reflexas corporais e não corporais se revela muito clara, e se na sintaxe os dois tipos de estruturas reflexas se comportam de mesmo modo. Como já foi anteriormente referido, nas reflexas corporais a expectativa de reflexividade é maior sobretudo quando os argumentos externos e internos se associam ao traço [+ humano], como no exemplo seguinte:

(III-52) (a) Ele dobrou-se para beijar a criança.

(b) \*Ele dobrou o Luís para beijar a criança.

A inaceitabilidade da frase (III-52b) é óbvia, porque se espera normalmente que num verbo reflexo o argumento externo seja coincidente com o interno, uma vez que são ambos de traço [+ humano].

No entanto, também é possível a realização de verbos mais introvertidos nas estruturas não reflexas com ambos os argumentos com o traço [+ humano], como por exemplo:

(III-53) A mãe **banha** a bebé todos os dias.

(III-54) O neto **sentou** a avó no sofá para ela descansar um pouco.

Os exemplos acima apresentados justificaram a possibilidade de os verbos introvertidos ocorrerem nas estruturas não reflexas, mas em circunstâncias muito específicas (Ribeiro, 2011: 108): observa-se que nestas frases os referentes dos argumentos internos, de traço [+humano], não têm normalmente a capacidade de realizar independentemente estas ações (*a bebé banhar-se* em III-53, *a avó sentar-se* em III-54) e os referentes dos argumentos externos funcionam como agentes adjuvantes e próativos.

Uma outra hipótese de ocorrerem os verbos introvertidos nas estruturas não reflexas é a seguinte:

(III-55) O médico chinês está a **massajar** o doente.

(III-56) Ela ganha bem por **maquilhar** as noivas na cerimónia de casamento.

A ação descrita das frases (III-55) e (III-56) envolve a profissão do argumento externo, ou um tipo de serviço que o argumento externo oferece ao argumento interno. Para resumir, a realização de estruturas não reflexas com verbos introvertidos também é possível, mas são casos muito particulares em que há certas restrições quanto à ação descrita ou aos referentes dos argumentos externos e internos.

É mais natural, com verbos introvertidos, as estruturas não reflexas envolverem um argumento interno destituído do traço [+humano], como nos exemplos seguintes:

(III-57) A Ana **lava o cabelo** todos os dias.

(III-58) Elas estão a **perfumar a casa** para a festa.

(III-59) Ele levantou-se, **afastou a cadeira** e foi à janela.

(III-60) Ele **levantou** a cabeça e olhou curiosamente para mim.

Tendo em conta os seus comportamentos e propriedades muito particulares, Duarte (2013: 449) considera que as reflexas corporais não são verdadeiramente reflexas mas sim pseudo-reflexas<sup>8</sup>.

É importante chamar a atenção para os diferentes comportamentos que se verificam entre as reflexas corporais e as não corporais. Ribeiro (2011: 115) recorreu a dois testes para mostrar tais diferenças: i) incompatibilidade com a colocação da expressão *a si próprio* (III-62b) e ii) incompatibilidade com a prefixação *auto-* (III-62c):

(III-61) (a) O criminoso **defendeu-se** a na sentença.

(b) O criminoso **defendeu-se a si próprio** na sentença.

(c) O criminoso **autodefendeu-se** na sentença.

(III-62) (a) Ele **sentou-se** no sofá e logo adormeceu.

(b) \*Ele **sentou-se a si próprio** no sofá e logo adormeceu.

(c) \*Ele **autosentou-se** no sofá e logo adormeceu.

A inaceitabilidade das frases (III-62b) e (III-62c) é evidente: os verbos envolvidos nas reflexas corporais não são compatíveis com o uso da construção *a si próprio* e do prefixo *auto-*. Tal incompatibilidade também não causa estranheza, porque, tal como já apontado, as reflexas corporais contêm em si grande expectativa de reflexividade, razão pela qual o uso da expressão *a si próprio* e do prefixo *auto-* se revela muito redundante.

A construção de redobro *a si próprio* e o prefixo *auto-* são compatíveis exclusivamente com as reflexas não corporais, funcionando o primeiro, muitas vezes, para desambiguar o sentido, como em (III-63b):

(III-63) (a) Os criminosos **defenderam-se** na sentença.

(b) Os criminosos **defenderam-se a si próprios** na sentença.

(c) Os criminosos **defenderam-se um ao outro** na sentença.

---

<sup>8</sup> Nota-se que alguns autores, tal como Fonseca (2012), também chamam ao SE inerente como SE pseudo-reflexo.

Embora sejam diferentes as estruturas reflexas corporais e não corporais em PE, o uso de SE REFLEX manifesta-se obrigatório em ambas; caso contrário a frase revelasse inaceitável (III-64), mesmo com a presença da expressão *a si próprio* (III-65). O mesmo não acontece em inglês e mandarim, em que é possível não se encontrar nenhum marcador nas estruturas reflexas que denotam uma ação corporal, questão que voltará a ser discutida na Secção 5.2.1.

(III-64) \*Ele costuma **levantar** muito cedo.

(III-65) \*Ele não tinha advogado e defendeu **a si próprio** perante o juiz.

### 3.4.3 Estruturas reflexas: condições de (não) realização de SE e operadores equivalentes

Como se referiu no Cap. 3.3.5, há uma certa tendência para omitir, no uso quotidiano, SE sem valor semântico ou função argumental, como no caso de SE decausativo e inerente. No que diz respeito a SE REFLEX, será também possível apagá-lo apesar do seu estatuto argumental? Antes de abordar esta questão, convém mencionar o outro marcador reflexo em PE: o pronome tónico SI.

Como se expôs no Cap. 2.3.2, o pronome SI também é marcador reflexo, distanciando-se de SE REFLEX por este ocorrer apenas nos lugares de complemento direto e indireto. Nos outros casos recorre-se, normalmente, ao pronome tónico SI para codificar a reflexividade:

(III-66) O João falou de **si** (próprio).

(III-67) Olhei para **mim** (próprio) no espelho e não gostei do que vi.

(III-68) Essa foi a prova de que ele está apaixonado por **si** mesmo.

Além disso, o pronome SI também aparece nas construções de redobro *a si próprio/própria (mesmo/mesma)*, que servem para desambiguar o sentido ou para reforçar a noção de reflexividade:

(III-69) Ele não tinha advogado e defendeu-se **a si próprio** perante o juiz.

Muitos autores (Cunha & Cintra, 1998; Brito, Duarte e Matos, 2003; Ribeiro, 2011; etc.) sustentam o estatuto argumental de SE REFLEX defendendo que funciona como

complemento direto ou indireto. O valor acusativo de SE REFLEX não causa grande problema; no entanto, como salienta Lobo (2013: 2212), existem flutuações entre os falantes quanto à aceitabilidade do SE REFLEX com a função de complemento indireto. A situação varia em função dos verbos; para o verbo *perguntar*, é normalmente aceite:

- (III-70) (a) Ele ***perguntou-se*** o que aconteceu?  
(b) Ele ***perguntou-se para si próprio*** o que aconteceu?  
(c) Ele ***perguntou para si próprio*** o que aconteceu?

Com o verbo *sorrir*, o clítico reflexo SE parece menos aceitável:

- (III-71) (a) ?A bebé gosta de ***sorrir-se*** ao espelho.  
(b) ?A bebé gosta de ***sorrir-se a si própria*** ao espelho.  
(c) A bebé gosta de ***sorrir a si própria*** ao espelho.

Em relação aos verbos de transação, como por exemplo *oferecer*, parece que são ambos aceites mas há certa preferência em usar a forma forte SI:

- (III-72) (a) A Maria ***ofereceu-se*** uma prenda de Ano Novo.  
(b) A Maria ***ofereceu a si própria*** uma prenda de Ano Novo.  
(c) ?A Maria ***ofereceu-se a si própria*** uma prenda de Ano Novo.

Observa-se, com os exemplos acima apresentados, que se revela redundante SE REFLEX com o valor dativo quando se encontra presente na frase a construção *a si próprio/própria (mesmo/mesma)*, como se mostra em (III-70b), (III-71b) e (III-72c). Neste caso, é muito frequente os falantes recorrerem, no uso do dia-a-dia especialmente na oralidade, ao pronome tónico SI para codificar a reflexividade, questão que será analisada com dados empíricos no Capítulo V.

#### **3.4.4 SE reflexo e relação de (in)equivalência com o prefixo *auto-***

Como se referiu no Cap. 2.3.2, o prefixo reflexo *auto-* permite também a codificação da reflexividade. No entanto, importa salientar que tal prefixo, embora codifique em si a noção de reflexividade, não poderá ocorrer sozinho, mas empregar-se sempre junto a SE REFLEX, como se mostra nos seguintes exemplos:

(III-73) (a) Ele enganou-se mas **autocorrigiu-se** imediatamente.

(b) \*Ele enganou-se mas **autocorrigiu** imediatamente.

(III-74) (a) A escritora vai **autobiografar-se** no próximo livro.

(b) \*A escritora vai **autobiografar** no próximo livro.

A inaceitabilidade das frases (III-73b) e (III-74b) poderá justificar uma relação de dependência entre o prefixo *auto-* e SE REFLEX, sendo impossível ocorrer isolado tal prefixo com tais reflexos.

Convém também relembrar que o prefixo *auto-* nunca é compatível com as reflexas corporais:

(III-75) (a) \*A Maria **autosentou-se** e começou a comer.

(b) A Maria **sentou-se** e começou a comer.

(III-76) (a) \* Ele **autolavou-se** e foi para cama.

(b) Ele **lavou-se** e foi para cama.

A estranheza sentida nas frases (III-75a) e (III-76a) tem origem no facto de as reflexas corporais serem normalmente situações naturalmente autocentradas, em que há grande expectativa de reflexividade; deste modo, o uso do prefixo *auto-* revela-se muito redundante, violando a máxima de quantidade.

Importa ainda destacar que o prefixo *auto-* também não é compatível com as construções de redobro *a si próprio/própria (mesmo/mesma)*:

(III-77) (a) \*O criminoso **autodefendeu-se a si próprio** na sentença.

(b) O criminoso **autodefendeu-se** na sentença.

Como se demonstra no exemplo (III-77a), a noção de reflexividade marcada na estrutura pronominal *autodefender-se* é suficientemente forte, razão pela qual seria redundante se fosse reforçada mais uma vez, com a construção *a si próprio*.

Tendo em consideração todas as propriedades acima referenciadas nas estruturas com o prefixo *auto-*, coloca-se outra pergunta: SE REFLEX continua a ser argumental quando coocorre com o prefixo *auto-*? Para responder a esta questão, retomam-se os testes de Vilela (1992: 77): interrogação, substituição, coordenação e modificação.

(III-78) Autocriticar-se

- (a) interrogação: \*(a) quem autocritica ele?
- (b) substituição: \*ele autocritica o filho
- (c) coordenação: \*ele autocritica-se a si e ao filho
- (d) modificação: ? ele autocritica-se apenas a si

Observa-se em (III-78) que o prefixo *auto-* não é compatível com estes testes (exceto o teste de modificação, porque a frase (III-78d) poderá ser aceite, embora haja redundância) que servem para distanciar SE REFLEX de SE inerente, este último também incompatível com tais testes:

(III-79) Suicidar-se

- (a) interrogação: \*(a) quem suicida ele?
- (b) substituição: \*ele suicida o criminoso
- (c) coordenação: \*ele suicida-se a si e ao criminoso
- (d) modificação: \*ele suicida-se apenas a si

Com a comparação dos exemplos acima expostos, é possível verificar que o comportamento de SE REFLEX na estrutura prefixada se aproxima do comportamento de SE inerente, fenómeno que merece a nossa atenção.

### 3.5 SE anafórico recíproco

A proximidade entre as estruturas reflexas e recíprocas já foi observada pelos gramáticos dos séculos passados: a conjugação reflexa (cf. Dias, 1881: 110-111), a voz média ou a voz reflexiva (cf. Barboza, 1830: 257-259) poderão servir também para exprimir a reciprocidade. As construções reflexas e recíprocas são ambas formas intrinsecamente anafóricas, porque tanto para uma quanto para outra a sua referência é sempre definida relativamente a uma expressão nominal antecedente. Muito semelhante à polémica sobre a transitividade da estrutura reflexa, a mesma questão foi colocada no caso das estruturas recíprocas, questão abordada na presente

secção. Além disso, prestar-se-á ainda atenção às diferenças verificadas nas estruturas recíprocas em PE e em mandarim, questão fundamental para o estudo empírico deste trabalho.

### **3.5.1 Transitividade da estrutura e argumentalidade de SE recíproco**

Muito semelhante ao que acontece nos estudos sobre as estruturas reflexas, no que respeita à questão da transitividade das estruturas recíprocas surgem, também, duas linhas divergentes (Ribeiro, 2011: 131-138): por um lado, a abordagem tradicional, que sustenta o carácter argumental de SE RECIPRO: por exemplo Brito, Duarte e Matos (2003) defendem a transitividade das estruturas recíprocas; por outro lado, autores como Nedjalkov (2007) e Dobrovie-Sorin (2005) que afirmam a intransitividade das estruturas recíprocas, considerando que SE RECIPRO não é argumental, funcionando antes como marcador de alterações a nível da valência verbal. Entre os autores que sustentam a intransitividade das estruturas recíprocas, as opiniões ainda divergem: Nedjalkov (2007) defende que o sujeito, necessariamente plural, assume duplo papel temático, ao passo que Dobrovie-Sorin (2005) argumenta que as estruturas recíprocas são intransitivas inergativas.<sup>9</sup>

No presente trabalho, seguir-se-á a pista de Ribeiro (2011: 135). Numa construção recíproca envolve-se uma dupla relação entre dois participantes: o participante A projeta uma ação sobre o participante B, e em simultâneo ou em sequência o participante B exerce essa mesma ação sobre o participante A. Deste modo, exibem-se Agente e Tema duplos nas construções recíprocas. Quanto à linearidade frásica, o SN sujeito materializa o papel temático Agente, enquanto SE RECIPRO, cujo valor referencial é dependente do SN sujeito, ocupa o lugar de objeto (direto ou indireto).

---

<sup>9</sup> Sobre a questão, ver ainda Ribeiro (2011: 131-132).

Ribeiro (2011: 135) destaca a seguinte diferença que se encontra entre as estruturas reflexas e recíprocas: a relação de dependência referencial numa construção recíproca não é “única” e “direta” como nas estruturas reflexas, mas sim mais complexa, porque se encontra uma “duplicação” e “inversão” de papéis temáticos associados aos participantes envolvidos.

São vários os testes que servem como argumentos que sustentam a argumentalidade de SE RECIPRO. Repare-se que os testes que justificam a argumentalidade das estruturas reflexas também são compatíveis com as construções recíprocas. SE RECIPRO poderá ter função de complemento direto ou indireto:

- (III-80) (a) O Mário e o Filipe cumprimentaram-[*se*]<sub>CD</sub> na empresa hoje de manhã.  
(b) O Mário e o Filipe cumprimentaram-[*na*]<sub>CD</sub> na empresa hoje de manhã.  
(c) O Mário e o Filipe cumprimentaram [*a Maria*]<sub>CD</sub> na empresa hoje de manhã.
- (III-81) (a) A Maria e A Helena desejam-[*se*]<sub>CI</sub> (uma à outra uma) um bom ano novo.  
(b) A Maria e A Helena desejam-[*lhe*]<sub>CI</sub> um bom ano novo.  
(c) A Maria e A Helena desejam [*ao João*]<sub>CI</sub> um bom ano novo.

Como se observa nos exemplos expostos, é possível substituir SE RECIPRO pelos pronomes *a* (III-80b) e *lhe* (III-81b), pronomes átonos que assumem a função sintática de complemento direto (*a Maria* em III-80c) e indireto (*ao João* em III-81c). Ainda para justificar a sua argumentalidade, importa notar que SE RECIPRO não é compatível com a presença de outro complemento direto ou indireto, que se revela redundante, como se mostra nos seguintes exemplos:

- (III-82) (a) \*O Mário e o Filipe cumprimentaram-[*se*]<sub>CD</sub> [~~*a Maria*~~]<sub>CD</sub> na empresa hoje de manhã.  
(b) \*A Maria e A Helena desejaram-[*se*]<sub>CI</sub> [~~*ao João*~~]<sub>CI</sub> um bom ano novo na festa de ontem.

O segundo argumento também foi exposto por Brito, Duarte e Matos (2003: 836), segundo o qual, tal como acontece nas estruturas reflexas, “[...] em frases com

extração simultânea de clítico, é possível recuperar o argumento não realizado, sem que a frase seja sentida como um caso de Objeto Nulo”, ou seja, o argumento não realizado de *cumprimentar* (III-83) e *telefonar* (III-84) é o mesmo do argumento de *encontrar* (III-83) e *escrever* (III-84):

(III-83) Penso que eles **se encontraram** [-]<sub>CD</sub> e **cumprimentaram** [-]<sub>CD</sub> à entrada da escola.

(III-84) Julgo que eles **se escreveram** [-]<sub>CI</sub> e [-]<sub>CI</sub> **telefonaram** meses a fio.

(Brito, Duarte e Matos, 2003: 836)

Embora os exemplos acima expostos sejam justificativos, chama-se, no presente trabalho, uma atenção redobrada para o facto de a transitividade das estruturas recíprocas ser uma transitividade reduzida, uma vez que SE RECIPRO não é compatível com a voz passiva. Esta questão não é relevante para as estruturas reflexas porque a sua incompatibilidade é logo justificada por razões semânticas: a própria noção de reflexividade não é compatível com a voz passiva. No entanto, a noção de reciprocidade poderá ser expressa na voz passiva, como por exemplo, com a expressão “*um PREP outro*” (III-85a), mas nunca com SE RECIPRO (III-85b):

(III-85) (a) A Rita e a Maria são apresentadas uma à outra pela Rita.

(b) \*A Rita e a Maria são-[**se**]<sub>CI</sub> apresentadas pela Rita.

(c) A Rita e a Maria são-[**nos**]<sub>CI</sub> apresentadas pela Rita.

Observa-se em (III-85) que a voz passiva é compatível com a expressão “*um PREP outro*” (III-85a) e com o pronome átono de complemento indireto *nos* (III-85c), mas nunca é compatível com SE RECIPRO (III-85b). A impossibilidade de as estruturas recíprocas com SE se transformarem em voz passiva leva-nos a considerar a transitividade numa estrutura recíproca, tal como acontece com as estruturas reflexas, como uma transitividade reduzida, hipótese também defendida por Ribeiro (2011: 138). Segundo esta autora, as construções recíprocas envolvem, tal como as reflexas, um argumento sintático lexicalmente realizado com um clítico, o que significa que um dos argumentos selecionados pelo predicador em uso tem uma presença reduzida ao nível da linearidade frásica. Além disso, a mesma autora também acredita que esta redução ou atenuação da presença material do argumento interno resulta da

duplicação e sobreposição dos papéis Agente e Tema, contrariando, assim, um dos principais critérios de transitividade.

### 3.5.2 Verbos recíprocos e incompatibilidade com *SE* recíproco

Como se referiu no Cap. 2.4.2, existe uma categoria de verbos que veiculam lexicalmente a noção de reciprocidade, que são designados Verbos Recíprocos por Goddy (2008, 2010). Esta autora chama a atenção para um tipo de estrutura recíproca em que a noção de reciprocidade não é codificada por nenhum marcador, mas por verbos que, por si, denotam situações prototípicas recíprocas. De acordo com Goddy (2008: 34), os verbos recíprocos apresentam uma dupla ocorrência sintática:

(III-86) (a) João e Maria ***conversaram***.

(b) João ***conversou*** com Maria.

(c) Maria ***conversou*** com João.

A estrutura apresentada na frase (III-86a) é designada como forma simples e a estrutura apresentada nas frases (III-86b) e (III-86c) como forma descontínua (Goddy, 2008:34). No entanto, esta autora ainda chama a atenção para o facto de que nem todos os verbos que permitem as duas estruturas são recíprocos, como por exemplo:

(III-87) (a) João e Maria ***jantaram***.

(b) João ***jantou*** com Maria.

(c) Maria ***jantou*** com João.

(Goddy, 2008: 36)

Goddy (2008) distanciou o verbo *jantar* dos verbos recíprocos porque no caso de *jantar*, a forma simples (III-87a) não implicará necessariamente a forma descontínua (III-87b e III-87c): a frase (III-87a) possibilita uma hipótese de *João* e *Maria* terem jantado com outras pessoas, pelo que a noção de reciprocidade não é assim garantida.

Goddy (2008: 39-47) ainda analisou a transitividade dos verbos intrinsecamente recíprocos e, no presente trabalho, interessam-nos apenas os verbos semanticamente

recíprocos intransitivos<sup>10</sup>. Importa salientar que estes verbos recíprocos intransitivos nunca são compatíveis com SE RECIPRO, como se mostra em (III-88b) e (III-89b):

- (III-88) (a) Eles conversaram na festa de ontem.  
(b) \*Eles **conversaram-se** muito na festa de ontem.
- (III-89) (a) Os dois irmãos lutaram pela herança.  
(b) \*Os dois irmãos **lutaram-se** pela herança.

A incompatibilidade de SE RECIPRO em (III-88b) e (III-89b) não é difícil de entender, porque a noção de reciprocidade se encontra inerente nos verbos *conversar* (III-88) e *lutar* (III-89), o que faz com que SE RECIPRO seja muito redundante.

No entanto, é preciso salientar que, embora não sejam compatíveis com SE RECIPRO, muitos verbos de sentido recíproco aceitam construções de redobro “*um PREP outro*”:

- (III-90) Eles conversaram **um com o outro** na festa de ontem.
- (III-91) Os dois irmãos lutaram **um contra o outro** pela herança.

Os dois exemplos revelam que a reciprocidade codificada pelos verbos recíprocos ainda poderá ser reforçada com as construções de redobro, como acontece às estruturas em que ocorre SE RECIPRO.

Para resumir, os verbos inerentemente recíprocos denotam situações prototípicas recíprocas e não são compatíveis com SE RECIPRO, embora possam aceitar, muitas vezes, construções de redobro “*um PREP outro*”. A não consciência desta questão poderá causar problemas aos aprendentes de L2, questão abordada na parte empírica deste trabalho.

---

<sup>10</sup> Goddy (2008: 37-43) também analisou, no seu trabalho, verbos recíprocos transitivos, tal como *juntar*:

- (1) (a) João **juntou** o leite e a farinha.  
(b) João **juntou** o leite com a farinha.  
(c) João **juntou** a farinha com o leite.  
(d) \*João **juntou** o leite.

O verbo *juntar* é obviamente transitivo, uma vez que aceita o complemento direto (*o leite e a farinha* em 1a). Sente-se a reciprocidade que o verbo *juntar* contém em si porque pede automaticamente duas entidades como complemento direto (1a e 1d), o que não acontece em outros verbos transitivos, tal como *pegar*:

- (2) (a) João **pegou** o leite e a farinha.  
(b) João **pegou** o leite.  
(c) João **pegou** a farinha.

### 3.5.3 Estruturas recíprocas: condições de (não) realização de SE e operadores equivalentes

Seguindo a linha abordada no Cap. 2.4.2, a noção de reciprocidade poderá ser codificada com SE, quando a sua função é de complemento direto ou indireto. Ribeiro (2011: 144) tentou defender a obrigatoriedade de presença de SE RECIPRO (como em III-92a, III-93a e III-94a), chegando à conclusão de que, nestes casos, a construção recíproca complexa (“*um PREP outro*”), cuja manifestação não é obrigatória, se assume sobretudo como reforço da reciprocidade, e não como manifestação do argumento interno, como em (III-92b), (III-93b) e (III-94b):

(III-92) (a) Eles ***abraçaram-se*** e começaram a chorar.

(b) \*Eles ***abraçaram um ao outro*** e começaram a chorar

(III-93) (a) Eles ***zangaram-se*** logo depois do exame.

(b) \*Eles ***zangaram um com outro*** logo depois do exame.

(III-94) (a) Eles ***incentivaram-se*** durante todo o curso.

(b) \*Eles ***incentivaram um ao outro*** durante todo o curso.

(Ribeiro, 2011: 144)

Lobo (2013: 2217) reconhece também a função de complemento direto e indireto que SE RECIPRO poderá desempenhar; no entanto, oferece o seguinte exemplo em que SE RECIPRO é omissa e substituída pela forma complexa “*um PREP outro*”:

(III-95) (a) O João e a Teresa ***perguntavam-se (um ao outro)*** se tudo aquilo faria sentido.

(b) O João e a Teresa ***perguntavam um ao outro*** se tudo aquilo faria sentido.

O exemplo (III-95a) não causa nenhuma estranheza e justifica que a presença da forma complexa não seja obrigatória; a frase (III-95b) revelou, no entanto, que SE RECIPRO também poderá ser substituída pela forma complexa “*um PREP outro*”.

Analisando melhor as frases (III-95a) e (III-95b), verifica-se que SE RECIPRO assume, neste caso, a função de complemento indireto. Poderão encontrar-se mais

exemplos em que se omite SE RECIPRO com o valor dativo:

(III-96) (a) Na véspera do ano novo, os membros da família **desejam-se (uns aos outros)** um bom ano novo cheio de felicidades.

(b) Na véspera do ano novo, os membros da família **desejam uns aos outros** um bom ano novo cheio de felicidades.

Os exemplos (III-95b) e (III-96b) parecem sugerir que, para certos verbos, SE recíproco com valor dativo poderá ser substituído pela estrutura lexical *un(s) ao(s) outro(s)*, tal como acontece com as estruturas reflexas. No entanto, a frase (III-96b) suscita o seguinte problema: a construção “*um PREP outro*” neste caso parece assumir sintaticamente a função de complemento indireto do verbo *desejar*, uma vez que a frase (III-96) não se sente como um caso de objeto nulo, hipótese que contradiz Ribeiro (2011), quando sustenta que a forma complexa não se entende como manifestação do argumento interno.

Uma outra questão de relevância para a presente investigação é a preferência dos falantes entre o uso de SE RECIPRO e da forma complexa “*um PREP outro*” na marcação de reciprocidade, quando está em jogo a função de complemento indireto. Os dados dos estudos empíricos do presente trabalho mostram a preferência dos nativos pela construção complexa, questão que voltará a ser discutida no Cap. V.

#### 3.5.4 SE recíproco e relação de (in)equivalência com os prefixos *entre-* e *inter-*

Como é defendido por Rio-Torto (no prelo), certos prefixos empregam-se para codificar a bilateralidade e a reciprocidade, como por exemplo, *inter-* e *entre-*, que se combinam com bases nominais, verbais e adjetivais.

Ambos os prefixos *inter-* e *entre-* são compatíveis com SE RECIPRO, como se mostra em (III-97) e (III-98):

(III-97) Sendo membros da mesma equipa, os dois deverão **interajudar-se** mútua e reciprocamente.

(III-98) Os alunos **entreadjudaram-se** para poderem acabar mais cedo o trabalho.

De acordo com Rio-Torto (no prelo), quando se combina com um verbo, o prefixo *inter-* não modifica a grelha argumental daquele (se o verbo de base é intransitivo, assim continua a ser quando prefixado), mas altera o preenchimento semântico dos participantes/argumentos externos envolvidos, que passam a ser dois, ao mesmo tempo que codifica uma relação de reciprocidade e de bidirecionalidade. Como por exemplo:

(III-99) (a) \*O Afonso **interage** (com serenidade perante as adversidades)

(b) O Afonso **age** com serenidade perante as adversidades.

(c) O Afonso e o Tomás **interagem** com serenidade perante as adversidades.

(Rio-Torto, no prelo)

Uma grande diferença entre *inter-* e *entre-* é que quando codifica uma relação bidirecional entre membros o primeiro é possível ocorrer sozinho (sem a presença de SE RECIPRO, como em III-99c) enquanto o segundo pede sempre a presença de SE<sup>11</sup>, como em:

(III-100) (a) Os dois governos **entrechocaram-se** em elementos fundamentais.

(b) \* Os dois governos **entrechocaram** em elementos fundamentais.

(III-101) (a) Eles **entreolharam-se** sem dizer nem uma palavra.

(b) \* Eles **entreolharam** sem dizer nem uma palavra.

Quanto ao estatuto de SE RECIPRO nas estruturas prefixadas de *inter-* e *entre-*, aplicam-se, também, os seguintes testes de Vilela (1992: 77): interrogação, substituição, coordenação e modificação.

(III-102) *entreolhar-se*

(a) Interrogação: \* (a) quem entreolham eles?

(b) Substituição: \*eles entreolham os colegas

(c) Coordenação: \*eles entreolham-se entre si e entre os colegas

---

<sup>11</sup> Quando codifica a relação de incompletude, a presença de SE não é necessária, por exemplo *entreadbrir* (Rio-Torto, no prelo).

(d) Modificação: ?eles entreolham-se apenas entre si<sup>12</sup>

(III-103) *interajudar-se*

(a) Interrogação: \* (a) quem interajudam eles?

(b) Substituição: \*eles interajudam os colegas

(c) Coordenação: \*eles interajudam-se entre si e entre os colegas

(d) Modificação: ?eles interajudam-se apenas entre si<sup>13</sup>

Os resultados dos testes mostram que o comportamento de SE RECIPRO na construção prefixada aproxima-se do de SE inerente: quando prefixado com *entre-* e *inter-*, SE RECIPRO não é compatível com os testes de interrogação (III-102a e III-103a), substituição (III-102b e III-103b) e de coordenação (III-102c e III-103c), mas é possível ser modificado (III-102d e III-103d).

Para resumir, os prefixos *entre-* e *inter-* marcam lexicalmente a noção e reciprocidade. São ambos compatíveis com SE RECIPRO mas *entre-* pede obrigatoriamente a presença de SE RECIPRO, o que não acontece com o prefixo *inter-*.

Apresentam-se, nos primeiros três capítulos, vários tópicos tércios associados a SE, e no Cap. IV a atenção será dada à aquisição da L2, questão de elevada relevância para o presente trabalho.

### 3.6 Síntese

Com objetivo de proceder a uma análise sistemática do funcionamento sintático e semântico de SE, o presente capítulo começa por apresentar as descrições encontradas nas gramáticas antigas (i.e., Barros, 1540; Barboza, 1830; Dias, 1881), em que SE é perspectivado como pronome reflexo, sendo discutida também, embora não aprofundadamente, a sua multifuncionalidade.

Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, a caracterização de SE começou

---

<sup>12</sup> A frase poderá ser aceite, mas com algumas dificuldades.

<sup>13</sup> A frase poderá ser aceite, mas com algumas dificuldades.

a assumir renovada importância, em trabalhos da segunda metade do século XX, em que SE passou a ser analisado no âmbito dos clíticos (cf. Brito, Duarte e Matos, 2003; Ribeiro, 2011; Spencer & Luís, 2012). Tal como outras formas clíticas, SE depende prosodicamente de outras palavras adjacentes, pelo que não tem a capacidade de ocorrer isoladamente e tem de se ligar, obrigatoriamente, a palavras hospedeiras.

Embora partilhe certas semelhanças prosódicas, morfofonológicas e distribucionais com os restantes clíticos pronominais, SE distingue-se pela sua multifuncionalidade e pela complexidade na definição do seu estatuto argumental/não argumental. Quanto aos valores diversificados e aos múltiplos contextos em que SE ocorre, apresenta-se a proposta de classificação de Ribeiro (2011), que analisou, pormenorizadamente, no seu trabalho as estruturas de **SE anafórico (reflexo e recíproco)**, de SE impessoal (de sujeito indeterminado e SE passivo) e de SE decausativo.

No âmbito da presente investigação, segue-se a pista argumental de SE REFLEX (cf. Secção 3.4.1) e de SE RECIPRO (cf. Secção 3.5.1) em PE apresentando os diferentes argumentos para justificar este ponto-de-vista: i) SE REFLEX/ SE RECIPRO poderá ser substituído pelos pronomes não reflexos de complemento direto ou indireto; ii) no caso de SE REFLEX/ SE RECIPRO “[...] em frases com extração simultânea de clítico, é possível recuperar o argumento não realizado, sem que a frase seja sentida como um caso de Objeto Nulo” (Brito, Duarte e Matos, 2003: 836). Além disso, note-se que o conjunto dos testes que Vilela (1992: 77) propôs para distanciar SE REFLEX de SE inerente (interrogação, substituição, coordenação e modificação) também contribuem para justificar o estatuto argumental de SE REFLEX. O estatuto argumental de SE REFLEX/RECIPRO é muito importante para a presente investigação, porque constitui um aspeto em comum que aproxima SE e *ziji*, marcador reflexo (não corporal) em mandarim.

No entanto, também se nota que o comportamento de SE anafórico não é idêntico ao dos outros clíticos pronominais não reflexos. Apesar de se defender, na presente investigação, a transitividade da estrutura reflexa e a argumentalidade de SE REFLEX, convém reconhecer também a existência de algumas diferenças: embora as

construções reflexas sejam transitivas, a sua transitividade difere da transitividade (plena) das construções não reflexas por causa da referência anafórica de SE REFLEX. Em relação a SE RECIPRO, a situação é muito parecida: a transitividade das estruturas recíprocas também é reduzida, uma vez que SE RECIPRO também se comporta de forma diferente dos clíticos *o, os, a, as* (por exemplo, SE RECIPRO não é compatível com a voz passiva, cf. Secção 3.5.1).

Para a marcação de reflexividade e reciprocidade em PE, ainda se incluiu neste capítulo uma descrição sobre os prefixos reflexo (*auto-*) e recíproco (*entre-* e *inter-*) e sobre as construções de redobro (*a si próprio* para SE REFLEX e um *ao PREP outro* para SE RECIPRO), em que se chama a atenção para a compatibilidade dos prefixos e das construções de redobro com SE REFLEX/RECIPRO. Por conterem em si próprios também a noção de reflexividade/reciprocidades, estes prefixos e construções de redobro ainda poderão influenciar a omissão de SE REFLEX/RECIPRO por parte dos alunos chineses, questão que se discute no Capítulo V.



## **CAPÍTULO IV**

---

# **AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DE L2: CONCEITOS NUCLEARES**



## 4.1 Introdução

O presente capítulo tem como objetivo apresentar os conceitos nucleares de aquisição/aprendizagem de L2 com uma atenção especial para as hipóteses mais relevantes para o estudo empírico da presente investigação, apresentado no Cap. V.

Embora a Aquisição de uma L2 seja ainda uma área de investigação relativamente recente, poderá encontrar-se na literatura um elevado número de teorias também elas marcadas por alguma controvérsia. Uma questão relevante para o presente trabalho é o acesso à Gramática Universal (GU, Chomsky, 1981; 1986) e a transferência da L1 na aquisição de uma L2. No que toca às questões de acesso à GU no decurso da aquisição de L2, surgem várias hipóteses das quais se apresentam, nesta secção, as seguintes: *Full Access Full Transfer* (Schwartz & Sprouse, 1994; 1996), *Minimal Trees* (Vainikka & Young-Scholten, 1994; 1996), *Full Access No Transfer* (Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996; 1998), e *Fundamental Difference Hypothesis* (Bley-Vroman e Yoshinaga, 1992). Uma outra questão de igual importância diz respeito aos processos cognitivos na aquisição/aprendizagem de uma L2, nomeadamente, aos seguintes dois casos particulares: omissão/simplificação e sobregeneralização das formas-alvo.

O presente capítulo inclui, além desta secção introdutória, as seguintes secções: a Secção 4.2 pretende fazer uma revisão geral dos estudos que focam a Aquisição de uma L2; na Secção 4.3 apresentam-se os conceitos de L1 e L2; a Secção 4.4 centra-se na noção de interlíngua, descrevendo a sua origem, definição e premissas; na Secção 4.5 serão apresentadas as quatro hipóteses acima referidas relacionadas com as questões de acesso à GU na aquisição de uma L2; a Secção 4.6 pretende abordar a questão da transferência da L1, destacando que a transferência da L1 tanto poderá ser positiva como negativa; e, na Secção 4.7, serão discutidos os dois processos cognitivos de aquisição de L2: omissão/simplificação e sobregeneralização das formas-alvo.

## 4.2 Enquadramento geral: Aquisição de uma L2

De acordo com Doughty e Long (2003a: 3-4), o escopo da área de investigação designada como **Aquisição de L2** (*Second Language Acquisition, SLA*) é bastante amplo e poderá envolver os seguintes conhecimentos teóricos, metodológicos e heurísticos:

- i) Conhecimentos teóricos sobre a aquisição de segunda, terceira línguas e dialetos, tanto por adultos quanto por crianças que se encontram em contextos naturais ou com instrução, quer por indivíduos quer por grupos em contextos de língua estrangeira/segunda;
- ii) Uma variedade de métodos de recolha e análise de dados que incluem a observação nos contextos de aquisição (naturais ou com instrução), o uso de diferentes métodos experimentais de pesquisa, a análise do comportamento dos aprendentes nas tarefas diferentes, o tratamento qualitativo/quantitativo dos dados;
- iii) Um grande leque de áreas de investigação, tais como a Linguística, a Linguística Aplicada, a Psicologia Cognitiva, a Comunicação, a Psicologia Educacional, a Educação e a Antropologia.

Embora seja uma área bastante abrangente e muito frutífera, a Aquisição de uma L2 é considerada uma área científica relativamente nova, porque vários autores (i.e., Gass & Selinker, 2008; Ellis, 2008) concordaram que o desenvolvimento e expansão dos estudos sobre a aquisição de L2 têm como início a segunda metade da década de 1960.

Desde que a Aquisição de uma L2 foi estabelecida como uma disciplina intelectual, têm surgido múltiplas teorias que incluem, do ponto de vista cronológico, as seguintes escolas principais: inatista (i.e., Modelo Monitor, de Krashen, 1978; 1982), generalista (i.e., Gramática Universal, de Chomsky, 1981; 1986) e cognitivista (i.e., Modelo Declarativo/Procedimental, de Ullman, 2001; 2004; 2005).

## ⚙ **Modelo Monitor (Krashen, 1978; 1982; 1985)**

O Modelo Monitor, proposto por Krashen (1978, 1982, 1985), é uma das primeiras propostas de aquisição de uma L2 e a que provocou mais discussão até ao presente. Este modelo baseia-se nas seguintes cinco hipóteses sobre a aquisição de uma L2:

### 1. Hipótese de Aquisição-Aprendizagem

A diferença encontrada entre a **aquisição** e a **aprendizagem** de uma L2 parece óbvia (Krashen, 1982: 10): a aquisição, processo subconsciente que envolve um mecanismo de aquisição de línguas, é inato e é responsável pela aquisição não só da L1 mas também da L2: a aquisição de uma L2, que é similar ao que acontece na aquisição da L1, também pode ocorrer de forma natural e espontânea. Na aquisição, não é obrigatória a instrução nem a intenção de aprender uma L2. Em contrapartida, a *aprendizagem* é um processo consciente de obtenção de conhecimentos explícitos sobre a L2, sendo tipicamente um processo que se realiza em contextos de instrução.

### 2. Hipótese de Monitor

Esta hipótese diz respeito à forma com a qual se correlacionam a aquisição e a aprendizagem no processo de assimilação de estruturas em L2. De acordo com Krashen (1985), os conhecimentos que advêm da aprendizagem poderão servir para monitorizar, rever ou corrigir os conhecimentos linguísticos adquiridos pelos aprendentes em L2 (resultados do processo de aquisição desta língua-alvo). Neste sentido, os aprendentes de L2 poderão avaliar, com conhecimentos obtidos através da aprendizagem, se as formas que utilizam estão corretas. Krashen (1985:2) ainda apresentou as seguintes duas condições fundamentais para o Monitor se encontrar ativado: a) o falante deve estar ciente da correção linguística; b) o falante deve conhecer as regras.

### 3. A Hipótese de Ordem Natural

Esta hipótese foi inicialmente proposta por Corder (1967). De acordo com

Krashen (1985: 1), a aquisição dos conteúdos gramaticais de uma L2 realiza-se seguindo uma ordem natural e previsível, que é independente do seu grau de complexidade e da ordem em que é ensinada em contextos de instrução.

#### 4. Hipótese de *input*

A aquisição de uma L2 realiza-se quando se encontra exposto ao que Krashen (1985: 2) chamou de *input* compreensível, outro aspeto de elevada relevância para este Modelo. O *input* compreensível contém um *input* linguístico de nível superior do nível de proficiência do aprendente; por outras palavras, valida-se a aquisição com um *input* lexical, semântica e sintaticamente (e não só) mais rico. Krashen (1985: 2), introduziu, ao definir o termo *input* compreensível, o elemento *i*, nível atual de proficiência do aprendente. Para que a aquisição da segunda língua ocorra de forma natural e espontânea o aprendente precisa de estar exposto a um *input* rico e compreensível, ligeiramente acima de seu nível de proficiência ( $i + 1$ ). O *input* compreensível integra, de forma espontânea e automática, o mecanismo inato de aquisição de línguas.

#### 5. Hipótese do Filtro Afetivo

O *input* compreensível é necessário, mas não suficiente (Krashen, 1985: 2). Para que a aquisição se realize, os aprendentes devem estar expostos ao *input*, sentindo-se, ao mesmo tempo, confortáveis na situação de aquisição e demonstrando uma atitude positiva em relação à L2. No caso de aprendentes em situações de *stress*, com baixa autoestima ou com uma atitude negativa em relação à língua-alvo ou cultura-alvo, os seus elevados filtros afetivos bloqueiam a interação do *input* compreensível com o mecanismo de aquisição de línguas.

#### ✿ Gramática Universal (Chomsky, 1981; 1986)

Esta hipótese sobejamente conhecida é proposta e desenvolvida por Chomsky (1981, 1986), autor que defende a existência de uma Gramática Universal (GU), que

subjaz, de forma comum, às gramáticas particulares das diferentes línguas. Segundo este linguista, as variações entre as diferentes línguas enquadram-se dentro de certos limites designados como “princípios” e “parâmetros” (Chomsky, 1981). Para distinguir estes dois conceitos, Towell (1994: 61) esclarece que os “princípios” são “*universal design features of human language, and the research of linguistics is to uncover and describe those principles*” enquanto os “parâmetros” são “*limited possibilities for variation allowed within the principles of UG*”. Seguindo esta orientação, os “princípios” são universais e invariáveis, ao passo que os “parâmetros” são variáveis e a sua variação é condicionada para cada língua dentro dos limites determinados pelos mesmos “princípios”.

Segundo a teoria chomskiana (1986), as crianças nascem com uma predisposição natural para a aquisição de línguas, o que é semelhante, por exemplo, à sua capacidade de aprender a andar. Esta predisposição natural, condicionada por um conjunto de “princípios” e “parâmetros”, permite às crianças a aquisição e o desenvolvimento dos conhecimentos linguísticos (em L1, por exemplo) durante os seus primeiros anos de vida. Também não se pode ignorar o ambiente a que as crianças estão expostas (o *input*), outro aspeto muito importante: desde que haja *input*, as crianças não necessitarão de outros estímulos externos e a aquisição de línguas poderá realizar-se de forma automática.

A aquisição da L1 poderá passar por diferentes etapas, desde o estágio inicial ( $S_0$ ) até ao estágio final ( $S_s$ ), sendo este último correspondente ao nível de proficiência dos falantes nativos. Para melhor ilustrar este processo, apresenta-se o seguinte gráfico:

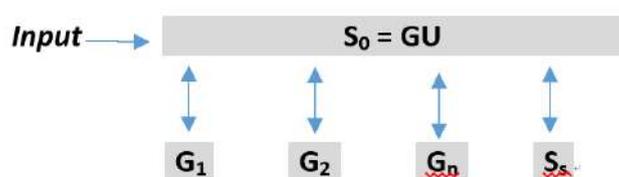


Gráfico 4.1 Modelo de Aquisição de L1 (White, 2003b: 3)

Tal como se observa no Gráfico 4.1, o *input* ou o ambiente linguístico ao qual as

crianças estão expostas poderá ativar a sua predisposição inata de aquisição e de desenvolvimento de línguas. Importa chamar a atenção para o facto de que, em regra geral, qualquer criança, independentemente da sua classe social e do grau de estimulação que recebe, é capaz de adquirir plenamente a sua língua materna, nos primeiros anos de vida, o que quer dizer que a criança consegue adquirir por completo o sistema linguístico da L1 (ver também Cook, 1988: 50).

A aquisição da L1 é um processo que se realiza de forma automática e sempre de forma bem-sucedida, enquanto na aquisição de L2 o estágio final dos aprendentes adultos se apresenta, pelo menos na maioria dos casos, divergente da norma-padrão da língua-alvo. Quanto à aquisição de uma L2, em particular no que diz respeito ao estágio inicial da aquisição de L2 e à possibilidade de acesso à GU, surgem várias hipóteses que se apresentam detalhadamente na Secção 4.5.

#### ⚙ **Modelo Declarativo/Procedimental (Ullman, 2001; 2004; 2005)**

O Modelo Declarativo/Procedimental (Ullman, 2001; 2004; 2005), de carácter neurocognitivo, foi inicialmente proposto para descrever a aquisição da L1 numa abordagem neural, cognitiva e computacional. Este modelo estendeu-se, também, à aquisição de uma L2, sendo proposto que a L2 é adquirida e processada por dois sistemas cerebrais: **memória declarativa** e **memória procedimental**.

Uma das principais premissas do Modelo Declarativo/Procedimental é a de existência de duas capacidades mentais: **léxico mental** e **gramática mental** (Ullman, 2004: 233-234). O léxico mental inclui palavras que um aprendente/falante conhece, informações relacionadas com estas palavras (por exemplo, se um verbo pede ou não complemento direto/indireto), e também informações relacionadas com morfemas e estruturas complexas (nomeadamente, as expressões idiomáticas). A gramática mental contém as regras que permitem a combinação de palavras, grupos verbais e nominais e de orações. Segundo Ullman (2004: 234-242), o léxico mental é armazenado/memorizado enquanto a gramática mental é computacional/operacional. Deste modo, importa destacar uma outra premissa

fundamental para este modelo: a de correlação entre a distinção do léxico mental/gramática mental e a distinção entre memória declarativa/procedimental - o léxico mental é adquirido com a memória declarativa e a gramática mental com a memória procedimental.

Relativamente à aquisição de uma L2, encontra-se um elevado número de teorias (umas com ligeiras diferenças e outras até contraditórias entre si), não sendo exequível enumerá-las exaustivamente no presente trabalho. No entanto, tal como foi referido, dado que a maioria das pesquisas datam de meados da década de 1960, a Aquisição de uma L2 é ainda uma ciência relativamente nova em evolução, sendo possível encontrar muita controvérsia neste campo (cf. Long, 2012: 139-149)<sup>1</sup>.

### 4.3 Conceitos fundamentais: L1 e L2

É identificada como L1, ou como Língua Materna (LM) a primeira língua que uma pessoa adquire na infância (Gass & Selinker, 2008:7), que poderá não corresponder necessariamente à língua oficial do país onde vive. No entanto, hoje em dia, há também muitas crianças bilingues<sup>2</sup> que são precocemente expostas a dois sistemas

---

<sup>1</sup> Por um lado, para muitos pesquisadores (i.e., Gregg, 1996; 2003; Schwartz, 1998; 1999; White, 2003a), a atenção concentra-se na teoria linguística, em particular, na teoria da competência linguística inata proposta por Chomsky (1981, 1986); por outro lado, sustenta-se que a aquisição ocorre através da prática da língua e do funcionamento de um processador e não de um mecanismo de aquisição de linguagem inata (O'Grady, 2005; Ellis, 2011). Além disso, encontram-se, ainda, muitos investigadores que trabalham dentro de um quadro cognitivo (não generativo) (i.e., Doughty & Long, 2003b; Gass & Mackey, 2012; Robinson, 2003), que tratam de questões como a aprendizagem implícita e explícita (DeKeyser, 2003; Ellis, 1994; Williams, 2009), a aprendizagem acidental e intencional (Hulstijn, 2003), a variação no desenvolvimento da interlíngua (Romaine, 2003), *input* e interação (Gass, 1997), o processamento linguístico (Jiang, 2004; Gor & Cook, 2010; Pienemann, 1998), a fossilização (Han & Odlin, 2006; Lardiere, 1998; Long, 2003), os efeitos da idade (Hyltenstam & Abrahamsson, 2003; Abrahamsson & Hyltenstam, 2009), a aptidão linguística (language aptitude) (Abrahamsson & Hyltenstam, 2009; Doughty, 2003; Skehan, 2012), etc. Sobre esta questão, consulta-se Long (2012: 139-149).

<sup>2</sup> As crianças cujos pais são de nacionalidades diferentes (cujo pai fala com ela num idioma e a mãe noutra) ou crianças cujos pais emigraram para um país de língua diferente (falando a criança uma língua em casa e usando outro idioma no seu quotidiano) são casos típicos de crianças que cresceram bilingues. (Silva, 2005: 98-99)

linguísticos, pelo que poderão dominar duas LMs, designadas por Hamers e Blanc (1989: 10) como Língua A e Língua B.

L1 é uma língua adquirida numa fase precoce do desenvolvimento de um falante. Importa salientar que a L1 constitui o primeiro sistema linguístico adquirido de forma natural e espontânea, através da interação com o ambiente de imersão (*input*), sem intervenção pedagógica e sem uma reflexão linguística consciente, o que o afasta da L2.

Em relação ao conceito de Língua Não Materna (LNM), a designação é mais complexa. É possível encontrar na literatura os seguintes termos: L2, Língua Segunda (LS), Língua Estrangeira (LE). Os termos LS e LE, apesar de designarem ambos uma língua não nativa, associam-se a situações diferentes apresentando, sociolinguisticamente, divergências entre si. Leiria (2004: 1-5) esclareceu a diferença entre LS e LE: a LS é frequentemente uma das línguas oficiais que é ensinada nas escolas e desempenha um papel na vida política e económica do Estado; a LE, pelo contrário, pode corresponder a uma língua aprendida em espaços onde essa língua não tem qualquer estatuto sociopolítico. Usa-se, no presente trabalho, a denominação de L2, porque é a que abrange todos os casos de aquisição/aprendizagem de uma língua não materna, quer aqueles em que a L2 é LE, quer aqueles em que é LS.

Em comparação com a aquisição (de forma natural e espontânea) de L1, a assimilação de estruturas linguísticas de uma L2 poderá envolver dois processos, nomeadamente, a aquisição e a aprendizagem (cf. Krashen, 1978, 1982): a aquisição é o processamento de estruturas de uma língua, que ocorre de forma espontânea em contextos naturais (que poderá acontecer tanto em L1 como em L2); a aprendizagem diz respeito ao processo de assimilação de uma língua em fases tardias, em que se realiza a aprendizagem (que acontece só com a L2) com uma clara consciência. Muitas vezes, os dois processos acima referidos encontram-se misturados, tal como acontece com aprendentes chineses, público-alvo desta investigação.

Na presente investigação, será dada atenção à aquisição/aprendizagem de uma L2, que se diferencia da aquisição da L1, nos seguintes aspetos: i) a aquisição da L2,

tanto por adolescentes como por adultos, ocorre numa fase mais tardia do que a da L1 (por parte das crianças); ii) os aprendentes da L2 já possuem um sistema linguístico previamente assimilado (L1). Um ponto muito discutido na literatura é o efeito da L1 na aquisição de uma L2 (detalhadamente apresentado em 4.5 e 4.6). Os conhecimentos prévios em L1 poderão condicionar os aprendentes na assimilação das estruturas linguísticas da L2: por exemplo, a existência do marcador reflexo argumental *ziji* em L1 (mandarim) poderá eventualmente influenciar os aprendentes chineses na assimilação de SE REFLEX.

Gass & Selinker (2008:164) chamam a atenção para várias diferenças entre crianças e adultos na aquisição de uma língua, que se traduzem pelo facto de os resultados alcançados poderem ser muito diferentes: em situações normais, as crianças conseguem alcançar precocemente um estado de aquisição completa dos conhecimentos linguísticos da L1; com os adultos, é normalmente muito difícil adquirir de forma plena ou satisfatória as regras linguísticas da L2. Por outras palavras, os resultados alcançados pelos adultos na aquisição/aprendizagem de L2 revelam-se diferentes dos que caracterizam as estruturas e o modo de funcionamento da língua-alvo (L2), questão que se discutirá de imediato na seguinte secção.

#### **4.4 Interlíngua**

Com o objetivo de descrever/analisar o processo de aquisição de uma L2, surgem várias linhas de investigação orientadas para um mesmo objetivo, mas com princípios metodológicos diferentes: a Análise Contrastiva, a Análise do Erro e a Interlíngua, muito desenvolvidas por autores como Corder (1967), e Selinker (1972), Frias (1992) e Ledesma (2001).

#### 4.4.1 Análise Contrastiva (Fries, 1945; Lado, 1957) e Análise de Erros (Corder, 1967)

Um dos primeiros modelos a serem desenvolvidos no âmbito da Linguística Comparada é o da Análise Contrastiva (Fries, 1945; Lado, 1957), que entende o processo de aquisição de uma L2 como a aquisição de uma série de hábitos, baseados no binómio estímulo-resposta (Fries, 1992:59). Um dos principais conceitos deste modelo é o da “interferência linguística”, que foi considerada como fonte principal dos desvios dos aprendentes, tal como descrito por Lee (1968:186): *“the prime cause, or even the sole cause, of difficulty and error in foreign-language learning is interference coming from the learners' native language”*. Nesta perspetiva, os desvios eram tratados de forma negativa e dever-se-iam evitar no processo de aquisição de uma L2 através de uma comparação dos sistemas linguísticos L1 vs. L2. Por esta razão, a função principal da Análise Contrastiva era de tentar prever as estruturas problemáticas na aquisição de uma L2 através de uma comparação sistemática entre L1 e L2.

Em comparação com a Análise Contrastiva, o modelo de Análise de Erros (Corder, 1967) tem uma visão positiva dos desvios considerando-os como parte natural do processo de aquisição da L2 e como indicadores do estágio em que se encontram os alunos com bases em: i) identificação dos “erros” no seu contexto; ii) classificação e descrição dos mesmos; iii) a sua explicação, buscando mecanismos ou estratégias psicolinguísticos e as fontes dos “erros”, adotando a interferência da L1 como mais uma estratégia; iv) avaliação da gravidade dos “erros” e a sua possível recuperação, caso a análise tenha um objetivo didático (Cunha, 2009: 46). Na perspetiva do Modelo de Análise de Erros, os desvios passam a assumir valores positivos por serem entendidos como algo normal e como mecanismo ativo e necessário no processo de aquisição da L2.

Para mostrar claramente as diferenças entre estes dois modelos, Cunha (2009: 47) apresenta o seguinte quadro:

Modelo	Análise Contrastiva	Análise de Erros
<b>Bases Teóricas</b>	Linguística Estrutural e Comportamental	Linguística Generativo-transformacional e Cognitivismo
<b>Interesses</b>	Descrição das línguas e previsão do erro	Aquisição de L2 e LE
<b>Conceito</b>	O erro é negativo, pois trata-se de um desvio da norma da língua-alvo	O erro é positivo, uma vez que demonstra em que estágio da aprendizagem se encontra o aprendente
<b>Possíveis causas do “erro”</b>	Interferência da língua materna	Interferências da LM, a língua-alvo, as estratégias de aprendizagem, os materiais e técnicas utilizadas pelo professor

Quadro 4.1: Análise Contrastiva vs. Análise dos Erros (Cunha, 2009: 47)

Sendo a descrição de exemplos do sistema linguístico dos aprendentes um método muito importante na investigação da aquisição de L2, é de extrema importância que nos focalizemos nos desvios dos aprendentes, mais concretamente, nos tipos de desvios, na sua origem e na forma como estes mudam ao longo do processo da aquisição de uma L2 (Ellis, 2003: 15). Os desvios dos aprendentes na assimilação de uma L2 apresentam as suas próprias características e deverão ser analisados com cuidado porque nos permitem entender melhor o processo de aquisição de L2.

No entanto, também é preciso chamar a atenção para o facto de alguns padrões de desvios poderem ser causados apenas por lapso, o que acontece também com os falantes nativos. Ellis (2003: 15) propôs a distinção entre desvios não ocasionais (*errors*) e ocasionais (*mistakes*): os primeiros acontecem porque há lacunas nos conhecimentos dos aprendentes, enquanto os segundos correspondem a lapsos casuais produzidos pelos aprendentes, sendo apenas os não ocasionais (*errors*) o objeto de análise.

#### 4.4.2 Interlíngua: definição e premissas

A própria ocorrência de desvios comprova a existência de um sistema linguístico intermédio na aquisição de uma L2, ponto de visto defendido por Corder (1967), que avança o seguinte:

*“A learner’s errors, then, provide evidence of the system of the language that he is using (i.e., he has learned) at a particular point in the course (and it must be repeated that he is using some system, although it is not yet the right way).”*

*Corder (1967: 167)*

Seguindo esta linha, foram Corder (1967) e Selinker (1972) os primeiros autores que começaram a estudar, nas décadas sessenta e setenta do século XX, o sistema linguístico do aprendente ao longo da sua aquisição da L2. A partir da publicação do artigo *Interlanguage* (Selinker, 1972), a noção de interlíngua tem sido foco de particular atenção por oferecer uma nova abordagem que nos permite entender melhor os fatores envolvidos no processo de assimilação das estruturas de uma L2. Selinker propôs, em 1972, o conceito de *Interlíngua* para designar tal sistema linguístico intermédio (entre a L1 e a língua-alvo) que os aprendentes de L2 evidenciam ao longo da aquisição e que apresenta uma organização baseada em regras e princípios próprios. Deste modo, a assunção de “erros” da Análise Contrastiva e da Análise dos Erros passa pelo conceito de interlíngua: sistema próprio de cada um desses estádios pelos quais passam os aprendentes de L2. Portanto, embora a análise da interlíngua tenha surgido ligada à Análise dos Erros, a interlíngua apresenta-se como um sistema linguístico intermédio onde existem estruturas diferentes das da língua-alvo, formas consideradas desviadas.

Como observa Ellis (2003: 34), uma das características da interlíngua é a **simplificação** que consiste na produção de estruturas reduzidas em termos de morfologia, fonologia, bem como a ordem de palavras. Este fenómeno ocorre com mais incidência nas fases iniciais da aquisição da L2. A **hipergeneralização** (ou

sobregeneralização) das estruturas da língua-alvo é mais uma das características da interlíngua: os aprendentes de uma L2 poderão utilizar uma estrutura, regra ou aspectos corretos da língua-alvo em contextos linguísticos mais alargados do que é possível nesta língua.

Ellis (2003) propõe que o conceito de interlíngua envolve as seguintes principais premissas sobre aquisição de L2:

- 1) Os aprendentes desenvolvem, quando adquirem uma L2, sucessivos sistemas de regras linguísticas abstratas que condicionam a compreensão e produção da L2. Tais sistemas linguísticos, ou melhor as interlínguas, poderão ser vistas como uma "gramática mental" (Ellis, 2003: 33);

Selinker (1972), inspirado na proposta de Lenneberg (1967) sobre a existência de uma estrutura linguística latente, propôs a existência de uma estrutura psicológica latente. Em comparação com a estrutura linguística latente de Lenneberg (1967), Selinker (1972: 211-212) aceitou a existência de um mecanismo já formulado, mas definiu a estrutura psicológica latente, apontando as seguintes diferenças: i) não há equivalência ao conceito do tipo do de "Grammatical Universal"; ii) não se assegura que a estrutura psicológica latente possa ser totalmente ativada; iii) não se garante que a estrutura psicológica latente possa ser transposta para as estruturas atualizadas das línguas naturais (*there is no guarantee that this latent structure will be realized into the actual structure of any natural languages*), isto significa que nem sempre a aquisição da L2 é bem-sucedida.

- 2) A gramática dos aprendentes é permeável, isto quer dizer que as regras que constituem os conhecimentos dos aprendentes, em qualquer estágio, não são sempre fixas, mas, sim, sujeitas às influências externas (Ellis, 2003: 33);

As interlínguas progressivamente desenvolvidas pelo aprendente de uma L2 são sistemas altamente instáveis, que poderão variar de acordo com o grau de proficiência,

experiência, características pessoais dos aprendentes.

No que diz respeito ao desenvolvimento da(s) interlíngua(s), Ellis (1999) propôs as seguintes três etapas:

*(1) innovation (i.e., the acquisition of new forms), (2) elaboration (i.e., the complexification that takes place as the learner discovers the contextual uses of a form), and (3) revision (i.e., the adjustments that are made to the entire system as a result of innovation and elaboration).*

*(Ellis, 1999: 31)*

As três etapas acima apresentadas justificam, também, a instabilidade das interlínguas dos aprendentes na aquisição de uma L2. A interlíngua é o resultado de um processo de construção criativa da gramática mental do aprendente, razão pela qual se apresenta como um sistema linguístico sempre “em evolução”.

3) A gramática do aprendente é transicional. Os aprendentes poderão mudar a sua gramática durante o processo de assimilação da L2, acrescentando algumas regras, apagando outras e, até, reestruturando o sistema inteiro. Isto resulta num processo chamado de ***interlanguage continuum***: os aprendentes poderão desenvolver uma série de “gramáticas mentais” (interlínguas) à medida que aumenta a complexidade de seu conhecimento da L2 (Ellis, 2003: 33).

A interlíngua dos aprendentes desenvolve-se de forma processual e criativa, podendo envolver elementos da L1, da língua-alvo e elementos exclusivamente idiossincráticos. Ao desenvolver a sua competência na L2, os aprendentes passam por várias etapas, criando assim várias configurações até alcançar o resultado final. Portanto, a interlíngua (ou as interlínguas) é entendida como um conjunto de vários estágios/fases de sistemas provisórios de conhecimentos linguísticos. Além disso, as interlínguas, etapas obrigatórias na aquisição de uma L2, vão evoluindo e tornando-se cada vez mais complexas ao longo do processo da aquisição, razão pela qual a análise das interlínguas permite acompanharmos a evolução do aprendente.



Gráfico 4.2: *Continuum* na construção da(s) interlíngua(s)

Tal como se pode observar no Gráfico 4.2, entre o estágio inicial e o estágio final os aprendentes passam por várias etapas, em que poderão criar estruturas consideradas intermediárias entre L1 e L2, sendo também possível os aprendentes não apreenderem certas regras da L2. Nota-se que a formação da interlíngua poderá relacionar-se com a interferência da L1, aos níveis sintático, fonológico, semântico e lexical de L1, os quais podem influenciar as novas construções da L2 usadas pelos aprendentes (cf. Secção 4.6). Como resultado, as produções dos aprendentes poderão apresentar-se de uma forma entrecruzada (entre L1 e L2). Teoricamente, embora seja muito difícil, a interlíngua poderá, com o progresso do nível de proficiência do aprendente, aproximar-se da L2 numa fase de nível C2.

- 4) Os aprendentes poderão adotar várias "estratégias de aprendizagem" (*learning strategies*, Selinker, 1972) no desenvolvimento das suas interlínguas. Os diferentes tipos de erros que os aprendentes cometem refletem diferentes estratégias: por exemplo, os erros de omissão poderão sugerir que os aprendentes estão a simplificar a tarefa de aquisição/aprendizagem, ignorando os elementos gramaticais, cuja utilização ainda não dominam. Por outro lado, a sobregeneralização e a transferência (linguística) também poderão ser vistas como evidências de aplicação de outras estratégias de aprendizagem (Ellis, 2003: 34);

Tal premissa é de extrema importância para o presente trabalho, uma vez que serão analisados aqui os seguintes dois fenómenos: omissão e sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO. Selinker (1972: 216-221) propôs cinco processos centrais no

desenvolvimento das interlínguas na aquisição/aprendizagem de L2, que serão apresentados na Secção 4.4.3.

- 5) A gramática do aprendente é passível de ser fossilizada. A fossilização refere-se aos desvios no uso da língua estrangeira que são permanentes e difíceis de serem eliminados. De acordo com Selinker (1972: 212), em média, apenas 5% dos aprendentes poderão desenvolver a mesma gramática mental de um falante nativo, mas a fossilização não ocorre na aquisição da L1 (Ellis, 2003: 34);

A presença permanente de desvios na produção dos aprendentes de L2 constituiu o ponto de partida para a formulação do conceito de fossilização, que foi proposto primeiramente por Selinker (1972):

*Fossilizable linguistic phenomena are linguistic items, rules, and subsystems which speakers of a particular NL (native language) will tend to keep in their IL (interlanguage) relative to a particular TL (target language), no matter what the age of the learner or amount of explanation and instruction he receives in the TL (target language).*

*(Selinker, 1972: 212)*

A partir desta conceptualização inicial, Selinker & Lamendella (1978) desenvolveram uma outra conceção:

*Fossilization is the permanent cessation of IL learning before the learner has attained target language norms at all levels of linguistic structure and in all discourse domains in spite of the learner's positive ability, opportunity or motivation to learn or acculturate into target society.*

*(Selinker & Lamendella, 1978:187).*

A comparação entre as duas conceções (Selinker, 1972 e Selinker & Lamendella,

1978) permite revelar algumas diferenças: na perspectiva de Selinker & Lamendella (1978), os fenômenos fossilizados afetam todos os níveis da estrutura linguística e do domínio discursivo, alargando a noção original de que fenômenos fossilizados diziam apenas respeito a itens, regras e subsistemas linguísticos (Selinker, 1972).

Um outro estudo muito conhecido sobre o processo de fossilização no desenvolvimento da interlíngua foi o de Schumann (1978: 256-271), que apresentou os resultados de uma pesquisa realizada com Albert, costa-riquenho de 33 anos de idade e imigrante nos Estados Unidos. Albert aprendeu inglês como L2, em contexto natural, mas durante toda a investigação a interlíngua dele revelou-se apenas numa fase inicial, porque o seu uso da L2 (o inglês) caracterizou-se por uma forma reduzida e simplificada da língua. Neste estudo, Schumann (1978) propôs três possíveis razões que se podem associar às falhas na aquisição da L2: idade, habilidade (aptidão) e distância social e psicológica.

A fossilização contém, muitas vezes, desvios que são "inalteráveis/imutáveis", independente do nível de proficiência linguística dos aprendentes, mesmo sendo eles falantes fluentes da L2. Esse fenômeno é distinto da "estabilização", estado que antecederá a fossilização. Isto significa que enquanto uma forma desviada estabilizada ainda é passível de ser corrigida uma forma fossilizada já não o é. No que diz respeito a este aspeto, Selinker e Mascia (1999) esclarecem o seguinte:

*In terms of the logic of fossilization, if we can demonstrate at any one time that highly stabilized forms are cognitively present, then the case is closed and the forms are permanently stabilized and we can call them "fossilized".*

*(Selinker e Mascia, 1999: 258)*

No entanto, não é fácil documentar devidamente, com estudos empíricos, a existência de estruturas linguísticas fossilizadas. Por exemplo, os estudos de Santo (2009) revelaram, ainda, alguma influência da L1 (Tétum) nos estádios finais da

aquisição da L2 (PE) (embora não seja particularmente grave em comparação com as fases iniciais), mas a própria autora (2009: 477) confessa que é difícil definir se estes falantes ainda não estão, de facto, no estágio final da aprendizagem ou se já atingiram o estágio final da aquisição/aprendizagem e se terá havido alguma fossilização relativamente a estas propriedades. Por esta razão, Long (2003) considera que os fenómenos linguísticos fossilizados são impossíveis de verificar empiricamente mostrando, no seu trabalho (2003: 521-522), a preferência pela noção de “estabilização”.

#### **4.4.3 Estratégias envolvidas no desenvolvimento de interlínguas**

No que diz respeito ao desenvolvimento das interlínguas, Selinker (1972: 216 - 221) propôs os seguintes cinco processos centrais a que os aprendentes de L2 podem recorrer: 1) **transferência linguística**; 2) **sobregeneralização do material linguístico da língua-alvo**; 3) **transferência de instrução**; 4) **estratégias de comunicação de L2**; 5) **estratégias de aprendizagem de L2**.

##### **⚙ Transferência linguística**

Em relação a esta estratégia, tal como indica o próprio nome, certos itens, regras e subsistemas das interlínguas poderão resultar da transferência da L1. Numa fase inicial da aprendizagem, os aprendentes poderão recorrer à L1 para colmatar uma lacuna nos conhecimentos na aquisição de L2. A transferência da L1 poderá envolver vários aspetos, tais como aspetos sintáticos, fonológicos, semânticos e lexicais. Por exemplo, os estudos de Santos (2009) justificaram os efeitos da influência da L1 (Tétum) nas primeiras fases da aquisição/aprendizagem de L2 (PE): nas primeiras fases, o falante realiza as estruturas do PE com base na sua gramática de Tétum, ou seja, sendo o Tétum uma língua de Sujeito obrigatoriamente realizado e com morfologia de concordância verbal pobre, estas propriedades são tidas em conta nas produções em Português; no estágio mais avançado, esse parâmetro já está reestruturado, embora

haja, ainda, alguns traços do Tétum nas interlínguas dos aprendentes. A questão da transferência da L1 voltará a ser detalhadamente discutida na Secção 4.6

#### ⚙ **Sobregeneralização do material linguístico da língua-alvo**

Certos elementos da interlíngua poderão ser produtos de sobregeneralização de regras ou características semânticas da L2; isto quer dizer que os aprendentes poderão proceder à extensão de uma regra da L2 a contextos onde ela não se aplica. Selinker (1972: 281) deu alguns exemplos em inglês:

(IV-1) \*What did he *intended* to say?

(IV-2) \*After thinking little I decided to start on the *bicycle* as slowly as I could as it was impossible to *drive* fast.

Na frase (IV-1) o morfema do tempo passado em inglês *-ed* é estendido a contextos em que, para os aprendentes de L2 a sua aplicação aparente é logicamente aceitável, embora a sua utilização seja agramatical; no exemplo (IV-2) encontrou-se uma expressão desviada *drive a bicycle* provavelmente porque o falante está a sobregeneralizar o uso do verbo *drive* para todos os tipos de veículos.

#### ⚙ **Transferência de instrução**

Trata-se de um processo muito diferente da transferência linguística e da sobregeneralização de regras da L2: na transferência de instrução, certos elementos da interlíngua poderão resultar de características específicas do processo de ensino da L2. Selinker (1972: 218) ofereceu um exemplo: nota-se a dificuldade pelos falantes servo-croatas de todos os níveis de proficiência na distinção entre *he* e *she*, utilizando estes falantes o pronome *he* em quase todas as situações em que se deveriam distinguir estas duas formas. Não se trata de uma transferência linguística porque se encontra a distinção *he/she* tanto na língua servo-croata como na língua inglesa. A origem deste fenómeno nas interlínguas parece associar-se à transferência de instrução, uma vez que os manuais/materiais utilizam sempre o sujeito masculino *he*

e nunca o feminino *she*. Selinker (1972: 219) chama ainda a atenção para o facto de este fenómeno também se poder observar nos aprendentes adultos (com uma idade superior a 18 anos), que, embora conscientes da distinção *he/she*, utilizam a forma masculina *he* para ambos os géneros.

#### ⚙ **Estratégias de aprendizagem da L2/estratégias de comunicação da L2**

De acordo com Selinker (1972), um dos exemplos de estratégias de aprendizagem da L2/estratégias da comunicação de L2 observado em muitas interlínguas reside na tendência de reduzir a língua-alvo a um sistema simplificado. O mesmo autor (1972: 208-209) também deu alguns exemplos: certos aprendentes de L2 poderão considerar todos os verbos transitivos ou intransitivos, ou poderão simplificar todos os tempos verbais do inglês, recorrendo à forma única *-ing* (IV-3):

(IV-3) Don't worry, *I'm hearing him*.

Este procedimento de simplificação pode verificar-se tanto a nível sintático como semântico, levando o aprendente a produzir enunciados com algumas características semelhantes às que se verificam nas produções infantis. (Costa, 2009: 22)

Para além do processo de simplificação, o outro mecanismo relacionado com estratégias de aprendizagem da L2/estratégias de comunicação da L2 é o de evitação. Selinker (1972: 220) ilustra que a tendência por parte dos aprendentes de L2 em recorrer à evitação poderá envolver artigos (IV-4), formas plurais (IV-5) e formas de tempos passados (IV-6):

(IV-4) \*It was  $\emptyset$  nice, nice trailer,  $\emptyset$  big one.

(IV-5) \*I have many hundred *carpenter* my own.

(IV-6) \*It *was* in Frankfort when I *fill* application.

O recurso a estas estratégias poderá explicar-se pelo facto de os aprendentes ainda não dominarem as formas-alvo ou de não estarem muito confiantes na sua produção.

Os processos acima referidos, especialmente o de transferência linguística, sobregeneralização e simplificação do material linguístico da L2 são de elevada importância para o presente trabalho, em que se pretende descobrir a origem da omissão e do sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO por aprendentes chineses.

#### **4.5 Gramática Universal e Transferência na aquisição de L2: hipóteses diferentes**

Embora existam múltiplas teorias dedicadas à aquisição de uma L2 (como se apresentou na Secção 4.2), o acesso à Gramática Universal (GU) e a fixação de parâmetros (Chomsky, 1981; 1986) continuam a influenciar muitos investigadores. Em comparação com a aquisição da L1, na aquisição de uma L2, as seguintes questões são as que se devem considerar prioritariamente: i) será que os aprendentes de L2 terão um acesso contínuo à GU? li) será que os aprendentes de L2 acedem à gramática da L1 ou utilizam outro mecanismo de aquisição na construção da sua gramática de L2? No entanto, ainda no enquadramento da GU na aquisição de uma L2, existem divergências, surgindo diferentes hipóteses associadas às seguintes questões: o estágio inicial e o acesso à GU na aquisição da L2.

O termo *estádio inicial (initial state)* é definido por White (2003b: 58) como “kind of unconscious linguistic knowledge that the L2 learner starts out with in advance of the L2 input and/or to refer to characteristics of the earliest grammar”. São várias as hipóteses que pretendem definir o estágio inicial de aquisição de uma L2. White (2003b: 61-94) descreveu três hipóteses que defendem a L1 como o estágio inicial (com acesso à GU): *Full Access Full Transfer*, de Schwartz & Sprouse (1994, 1996), a hipótese de *Minimal Trees*, de Vainikka & Young-Scholten (1994, 1996), a *Valueless Features Hypothesis*, de Eubank (1993/1994, 1994, 1996); e as duas que defendem a GU como o estágio inicial (com acesso à GU): a *Initial Hypothesis of Syntax* (Platzack 1996) e *Full Access No Transfer* (Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996; 1998).

No entanto, em outras hipóteses, o acesso à GU é questionado, como por exemplo, na hipótese de *Fundamental Difference* (Bley-Vroman & Yoshinaga, 1992) assume-se que a aquisição da L2 é completamente diferente da aquisição da L1, não existindo o acesso à GU na aquisição da L2; e na hipótese de *Representational Deficit Hypothesis* (Hawkins & Chan, 1997), assume-se que os traços de categorias funcionais que não estão disponíveis na L1 não podem ser adquiridos na L2. No presente trabalho, será dada especial atenção às seguintes quatro hipóteses: *Full Access Full Transfer* (Schwartz & Sprouse, 1994; 1996), *Minimal Trees* (Vainikka & Young-Scholten, 1994; 1996), *Full Access No Transfer* (Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996; 1998), e *Fundamental Difference Hypothesis* (Bley-Vroman e Yoshinaga, 1992).

#### ⚙ ***Full Access Full Transfer* (Schwartz & Sprouse, 1994; 1996)**

Trata-se de uma proposta desenvolvida por Schwartz e Sprouse em 1994 e reformulada em 1996. De acordo com esta hipótese, o estágio inicial na aquisição de uma L2 corresponde ao estágio final da L1, isto quer dizer que, no início da aquisição de uma L2, os aprendentes fazem transferência total das propriedades da sua L1. No caso de existir *input* linguístico da L2, o falante vai analisá-lo com base na sua gramática em L1. Quando este *input* é incompatível com a sua L1, o falante vai reestruturar a sua Gramática de Interlíngua com recurso à GU, como afirma White (2003b: 61):

*(...) the learner is not “stuck” with representations based of the L1 steady state. When the L1 grammar is unable to accommodate properties on the L2 input, the learner has recourse to UG options not instantiated in the L1, including new parameter setting, functional categories and feature values (...)*

Na aquisição de uma L2, os aprendentes também podem aceder à GU na ausência de estruturas equivalentes à L1. A interação entre a L1 e a GU começa no início do processo de aquisição, como se mostra no seguinte gráfico:

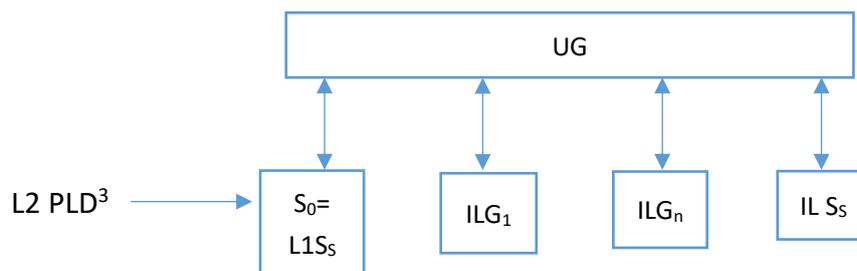


Gráfico 4.3. Hipótese *Full Transfer Full Access* (White, 2003b: 61)

#### ⚙ ***Minimal Trees* (Vainikka & Young-Scholten, 1994; 1996)**

A segunda hipótese, brevemente apresentada nesta secção, é a Hipótese das Árvores Mínimas (*Minimal Tree Hypothesis*), desenvolvida por Vainikka e Young-Scholten em 1994 e reformulada em 1996. Esta hipótese difere da hipótese de *Full Access Full Transfer* porque não sustenta a transferência total da L1. De acordo com esta hipótese, o estágio inicial na aquisição da L2 coincide somente na parte da gramática da L1: apenas as categorias lexicais são ativadas na transferência para a L2 enquanto as categorias funcionais não são transferidas, o que traduz um acesso parcial à L1. No entanto, esta hipótese defende, também, o acesso pleno à GU ao longo do processo de aquisição da L2.

#### ⚙ ***Full Access No Transfer* (Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996; 1998).**

Tanto esta hipótese quanto a hipótese de *Full Access Full Transfer* apoiam a possibilidade de acesso direto e inteiro à GU. No entanto, de acordo com Epstein, Flynn & Martohardjono (1996, 1998), “the interlanguage grammar is UG-constrained at all stages; grammars conform to the principles of UG and learners are limited to the hypothesis space allowed by UG (White, 2003b: 89)”. Estas duas hipóteses divergem no estágio inicial de aquisição da L2: a hipótese de *Full Access No Transfer* rejeita a possibilidade de a L1 ser o estágio inicial de aquisição de uma L2, considerando que o

<sup>3</sup> PLD: *Primary Linguistic Data*; IL: *interlanguage*.

ponto de partida da aquisição da L2 é apenas a GU, o que coincide com o estágio inicial da L1:

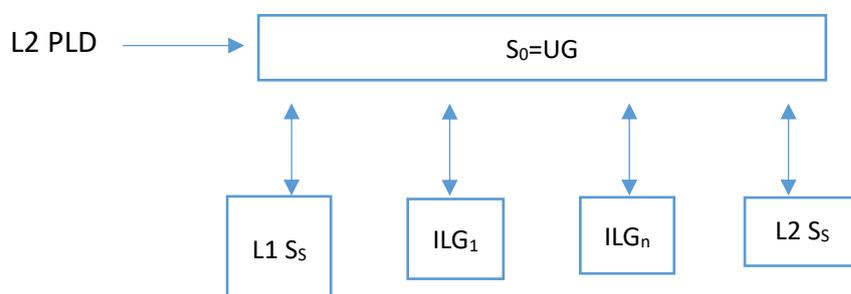


Gráfico 4.4: Hipótese *Full Transfer No Access* (White, 2003b: 90)

#### ⚙ **Fundamental Difference (Bley-Vroman, 1989; Bley-Vroman & Yoshinaga, 1992)**

De acordo com a Hipótese da Diferença Fundamental (*Fundamental Difference Hypothesis*) (Bley-Vroman, 1989; Bley-Vroman & Yoshinaga, 1992), a aquisição da L2 (não condicionada pela GU) ocorre de uma forma inteiramente diferente da aquisição da L1, ocorrendo através do acesso à L1 e de processos cognitivos gerais, tal como afirma White (2003b: 101):

*This is achieved by means of what is often called pattern matching: the learner concentrates on surface properties, unconsciously taking account of similarities and differences across various linguistic forms.*

De acordo com Bley-Vroman (1989: 54-55), as diferenças observadas entre a aquisição de uma língua por crianças e por adultos atribui-se às diferenças relacionadas com a maturação cerebral e a indisponibilidade da GU. Os aprendentes adultos já possuem um sistema linguístico (L1) quando começam a adquirir/aprender uma L2; além disso, devido à maturidade do seu estado cognitivo, os aprendentes recorrem a certas estratégias (por exemplo análise e teste de diferentes hipóteses) para adquirir uma L2. Portanto, para os aprendentes adultos, o seu conhecimento da L1 e as suas capacidades cognitivas “compensate for the loss in adults of the child’s

knowledge of Universal Grammar” (Bley-Vroman, 1989: 54). Devido à ausência de acesso à GU, esta hipótese defende que os aprendentes adultos de uma L2 nunca conseguirão atingir a proficiência linguística de um falante nativo.

No presente trabalho é pouco viável testar, de forma exaustiva, a questão do acesso à GU<sup>4</sup> na aquisição de L2, porque no estudo empírico apresentado no Capítulo V não é possível excluir o papel que o *input* em LA (Língua-alvo) e o ensino formal desempenham — e que será por certo também muito importante na aquisição/aprendizagem de uma L2 —. Assim, pretende-se verificar se os resultados apontam para um eventual acesso à GU na aquisição de L2 e verificar também qual das hipóteses acima referidas se revela mais coincidente com os resultados do presente trabalho.

#### **4.6 Transferência de L1**

A questão da transferência da L1 na aprendizagem de uma L2 é muito discutida na literatura não chegando, porém, a um consenso<sup>5</sup>. O conceito de transferência teve a sua origem na hipótese da Análise Contrastiva (Fries, 1945; Lado, 1957), que defende que o obstáculo principal na aquisição de uma L2 consiste na interferência causada pelo sistema da L1. A aplicação didática da Análise Contrastiva poderá ser muito interessante uma vez que permite prever que estruturas seriam problemáticas e levariam à produção do erro. O modelo de Análise Contrastiva baseia-se nos seguintes dois pressupostos básicos: i) a aquisição de uma L2 relaciona-se com uma

---

<sup>4</sup> O acesso à GU na aquisição de L2 poderá ser validada com outros estudos, por exemplo nos estudos sobre o conhecido caso de Restrição de Pronomes Plenos (Overt Pronoun Restriction). Para uma descrição sobre estes estudos, consulte-se White (2003b: 23).

<sup>5</sup> De acordo com Ionin (2003: 15-17), não foi possível chegar a um consenso sobre a transferência da L1 na aquisição de uma L2: autores como Schwartz & Sprouse (1994) e Robertson & Sorace (1999) apontam para a evidência da transferência de propriedades da L1 para a L2; Vainikka & Young-Scholten (1994, 1996) apontam para apenas a transferência parcial, denotando a evidência apenas na transferência de categorias lexicais mas não de categorias funcionais; e autores como Flynn (1987) e Flynn, Foley & Lust (2000) apontam para a ausência de transferência de L1.

transferência de hábitos na L1 para a L2; e ii) a transferência será positiva em todos os casos em que as estruturas da L1 e da L2 sejam idênticas, e será negativa quando houver diferenças entre os sistemas (Barallo, 1999: 36).

São várias as definições de transferência, sendo a de Odlin (1989) comumente aceita:

*Transfer is the influence resulting from the similarities and differences between the target language and any other language that has been previously (and perhaps imperfectly) acquired.*

*Odlin (1989: 27)*

Ellis (1999) superou a proposta de Odlin (1989) propondo uma série de fatores que restringem a transferência:

*(1) language level (phonology, lexis, grammar, and discourse), (2) social factors (the effect of the addressee and of different learning contexts on transfer), (3) markedness (the extent to which specific linguistic features are “special” in some way), (4) prototypically (the extent to which a specific meaning of a word is considered “core” or “basic” in relation to other meanings of the same word), (5) language distance and psychotypology (the perceptions that speakers have regarding the similarity and difference between languages), and (6) development factors (constraints relating to the natural processes of interlanguage development).*

*(Ellis, 1999: 315)*

Conforme Ellis (1999: 301-302), a transferência poderá envolver várias influências de línguas previamente adquiridas, tais como a transferência negativa, a transferência positiva, a evitação das formas-alvo da L2 e a sobregeneralização das formas-alvo. As quatro classes de influência acima referidas poderão, aliás, envolver duas vertentes, sendo as primeiras duas relacionadas com a influência da L1 e as

últimas duas com o processo cognitivo (cf. Secção 4.7).

A transferência da L1 é entendida como um processo que funciona através da incorporação de características da L1 nas interlínguas que os aprendentes estão a tentar construir (Gass e Selinker, 1992: 5-6). A transferência da L1 também é designada por Corder (1981: 96) como o fenómeno de “empréstimo”, que acontece quando os aprendentes de uma L2 estão confiantes com a proximidade (que pode ser errónea) entre a L1 e a L2. A transferência da L1 poderá ser positiva/negativa, conforme a proximidade/distinção entre a L1 e a L2.

- **Transferência negativa**

A transferência negativa, também conhecida como interferência (Weinreich, 1953: 1), é um fenómeno muito frequente na aquisição de uma L2 uma vez que a L1 é considerada uma das causas mais importantes para os desvios observados na assimilação de uma L2. A transferência negativa poderá validar-se quando os aprendentes ignoram as diferenças entre certos elementos em a L1 e a L2, considerando-os sempre iguais/parecidos. Tal como foi apontado por Odlin (1989: 15), adquirir uma L2 é uma tarefa diferente da de adquirir a L1, porque as dificuldades não resultam, muitas vezes, das estruturas da L2, mas dos hábitos criados pela L1.

No entanto, convém também salientar que nem todos os desvios observados no processo de aquisição de uma L2 são causados pela interferência da L1. Ellis (1999: 302) citou os resultados de vários estudos sobre a aquisição do inglês L2, que se apresentam no seguinte quadro:

Study	% of interference errors	Type of learner
Grauberg, 1971	36	First language German-adult, advanced
George, 1972	33 (approx)	Mixed first languages-adult, graduate
Dulay and Burt, 1973	3	First language Spanish-children, mixed level

Tran-Chi-Chau, 1975	51	First language Chinese- adult, mixed level
Mukkatesh, 1977	23	First language Arabic- adult
Flick, 1980	31	First language Spanish-adult, mixed level
Lott, 1983	50 (approx)	First language Italian-adult, university

Quadro 4.2: Percentagem de desvios da aquisição do inglês L2 por vários tipos de aprendentes (Ellis, 1999: 302)

Como se pode observar no Quadro 4.2, os resultados variam de caso para caso: Dulay e Burt (1973) denotam que a transferência apresenta apenas 3% dos desvios de interferência nas interlínguas dos falantes nativos (crianças) de espanhol (na aquisição do inglês L2) enquanto Tran-Chi-Chau (1975) registou uma percentagem de 51% de interferência no caso de falantes adultos nativos da língua chinesa<sup>6</sup>. Os resultados são particularmente interessantes porque revelam uma série de fatores condicionantes da interferência da L1: idade, nível de proficiência e proximidade/distinção entre a L1 e L2. Nos estudos de Dulay e Burt (1973) registou-se apenas uma percentagem de 3% de interferência pelo facto de o público-alvo serem crianças e pela distância entre L1 (espanhol) e L2 (inglês) ser relativamente pequena. No caso de Tran-Chi-Chau (1975), registou-se uma percentagem 51% de interferência, porque os aprendentes são adultos (manifestando mais dificuldades do que as crianças na aquisição de uma L2 e porque a L1 (chinês) e a L2 (inglês) são dois idiomas tipologicamente distintos.

A interferência da L1 merece a nossa atenção já que é responsável por uma parte importante dos desvios na aquisição de L2. No entanto, segundo Doughty e Long (2003: 4), é a transferência positiva que afeta efetivamente mais a aquisição de uma L2 do que a transferência negativa.

- **Transferência positiva**

A transferência positiva é designada por “facilitação” por Ellis (1999: 302). Note-

---

<sup>6</sup> Não foi mencionado se é mandarim ou cantonês.

se que nem todas as influências da L1 são sempre negativas, porque as línguas poderão partilhar algumas semelhanças ou estar historicamente relacionadas.

Certos aprendentes (especialmente aqueles cuja L1 é parecida com a L2) poderão ultrapassar rapidamente a fase inicial de aquisição da L2, conseguindo apreender o uso correto de certas estruturas (que correspondem às na L1). Assim, o efeito de transferência positiva poderá ser óbvio nas fases iniciais, em que os aprendentes ainda não estão preparados para a construção e o desenvolvimento de novas regras. (Ellis, 1999: 302)

A transferência positiva também poderá envolver vários aspetos, o que significa que as semelhanças no léxico, fonética e sintaxe poderão levar à aquisição da L2.

Ellis (1999: 304) também defende que a transferência positiva se revela mais evidente sobretudo quando a L1 e a L2 são muito próximas. Assim se entende que os falantes nativos de chinês terão mais facilidade do que os falantes nativos de inglês na aquisição do japonês, devido à proximidade dos sistemas de escrita entre chinês e japonês.

#### **4.7 Omissão/Simplificação e Sobregeneralização**

Ellis (1999: 301-302) defendeu que, para além da transferência da L1, também devem ser considerados fatores cognitivos na aquisição de uma L2, referindo dois casos muito particulares: omissão/simplificação das formas-alvo da L2 e sobregeneralização das formas-alvo.

Em boa verdade, a influência negativa da L1 na aquisição/aprendizagem poderá revelar-se menor do que inicialmente considerado. São vários<sup>7</sup> os trabalhos que demonstram que a L1 poderá desempenhar um papel bastante reduzido no processo

---

<sup>7</sup> Hamers e Blanc (1989: 221) apresentou os resultados dos estudos de Dulay e Burt (1974b) e de Krashen (1974), que mostram que os aprendentes com diferentes *backgrounds* linguísticos seguem padrões de desenvolvimento semelhante na assimilação das estruturas da L2.

de aquisição/aprendizagem de uma L2. Apresentam-se, aqui, os resultados dum estudo muito relacionado com o tópico de análise do presente trabalho: Madeira & Xavier (2009) apontam, no seu estudo sobre os aprendentes de língua materna românica e germânica, que independentemente da sua L1, todos os aprendentes têm comportamentos muito semelhantes no que respeita à colocação dos clíticos (não reflexos) em PE.

Conforme Alexopoulou (2007: 4-5), as características comuns entre a L1 e a L2 revelam que há uma estrutura mental universal que é responsável pelo mecanismo de aquisição de uma L2. Existem processos cognitivos, em certa medida, universais, que minimizam a interferência da L1. Essa interferência é criticada pela mesma autora como demasiado simplista e incapaz de explicar a complexidade do processo de aquisição/aprendizagem de L2.

O mesmo foi apontado por Ellis (2003: 19): os “erros” poderão ter diferentes origens e alguns “erros” parecem universais refletindo as tentativas dos aprendentes de cumprir tarefas de aprendizagem e de utilização da L2 de forma mais simplificada. O mesmo autor (2003) referiu ainda dois tipos de erros (omissão e sobreuso), que são objeto do estudo do presente trabalho:

*Learners commit errors of omission. For example, they leave out the articles “a” and “the” and leave the –s off plural nouns. They also overgeneralize forms that they find easy to learn and process. The use of “eated” in place of “ate” is an example of an overgeneralization error.*

*(Ellis, 2003: 19)*

Na opinião de Ellis (2003), tanto a omissão como a sobregeneralização, que se revelam universais na assimilação de estruturas de L2, não são linearmente encaráveis como manifestações de “transferência linguística”. Por outras palavras, a omissão e a sobregeneralização são estratégias universais que se adotam na aquisição de uma língua (tanto da L1 como de uma L2). No Cap. V do presente trabalho pretende-se

verificar, com dados empíricos, se a omissão e o uso incorreto (e desnecessário) de SE anafórico em PE pelos aprendentes chineses são associados à **interferência** da sua L1 (mandarim) ou se são manifestações de estratégias de **omissão/simplificação** e **sobregeneralização**, processos que ocorrem independentemente da L1 dos aprendentes.

## 4.8 Síntese

O presente capítulo apresenta várias noções teóricas sobre a aquisição de L2, área de investigação relativamente nova, mas frutífera. Destacam-se os seguintes conceitos que são considerados mais relevantes para a presente investigação: L1 e L2 (cf. Secção 4.3), Gramática Universal (cf. Secção 4.5), Transferência de L1 (cf. Secção 4.6), Omissão/Simplificação e sobregeneralização (cf. Secção 4.7).

L1, primeira língua que os indivíduos adquirem na infância (Gass & Selinker, 2008:7), adquire-se numa fase precoce do desenvolvimento de um falante, constituindo o primeiro sistema linguístico adquirido de forma natural e espontânea, sem intervenção pedagógica e sem uma reflexão linguística consciente, o que o afasta da L2. L2 é uma língua não materna/não nativa, podendo corresponder tanto a LS (Língua Segunda, que é normalmente língua oficial) ou a LE (Língua Estrangeira, que pode não ter qualquer estatuto sociopolítico em espaços onde essa língua é aprendida, cf. Leiria, 2004: 1-5). Em comparação com a aquisição de L1, a assimilação de estruturas linguísticas de uma L2 poderá envolver dois processos: i) a **aquisição** é o processamento de estruturas de uma língua, que ocorre de forma espontânea em contextos naturais (podendo ocorrer tanto em L1 como em L2); ii) a **aprendizagem** diz respeito ao processo de assimilação de uma língua em fases tardias, em que se realiza a aprendizagem (acontece só com a L2) com uma clara consciência (cf. Krashen, 1978; 1982).

O segundo conceito a destacar, aliás muito conhecido, é o de Gramática Universal (GU), proposto e desenvolvido por Chomsky (1981, 1986), autor que defende a

existência de um sistema universal, que subjaz, de forma comum, às gramáticas particulares das diferentes línguas. Segundo este linguista (1986), as crianças nascem com uma predisposição natural para a aquisição de línguas, o que é semelhante, por exemplo, à sua capacidade de aprender a andar. Esta predisposição natural, condicionada por um conjunto de “princípios” e “parâmetros”, permite às crianças a aquisição e o desenvolvimento dos conhecimentos linguísticos (em L1, por exemplo) durante os seus primeiros anos de vida. Na aquisição de línguas também é muito importante o ambiente a que as crianças estão expostas (o *input*): na aquisição de L1 por exemplo, desde que haja *input*, as crianças não necessitarão de outros estímulos externos e a aquisição de línguas poderá realizar-se de forma automática.

Um outro aspeto a não ignorar na aquisição de L2 é a transferência de L1, que é entendida como um processo que funciona através da incorporação de características da L1 nas interlínguas que os aprendentes estão a tentar construir (Gass & Selinker, 1992: 5-6). A transferência da L1 é designada por Corder (1981: 96) como o fenómeno de “empréstimo”, que acontece quando os aprendentes de uma L2 estão confiantes com a proximidade (que pode ser errónea) entre a L1 e a L2. A transferência da L1 pode ser positiva/negativa, conforme a proximidade/distinção entre a L1 e a L2. Em relação ao acesso à GU e à transferência de L1 na aquisição de L2, surgiram uma série de hipóteses que não são convergentes entre si: *Full Access Full Transfer* de Schwartz & Sprouse, 1994; 1996; *Minimal Trees* de Vainikka & Young-Scholten, 1994; 1996; *Full Access No Transfer* de Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996; 1998; *Fundamental Difference* de Bley-Vroman, 1989 e de Bley-Vroman & Yoshinaga, 1992. Estas hipóteses acima referidas são testadas, no Capítulo V com base nos dados empíricos.

Para além da transferência da L1, Ellis (1999: 301-302) chamou a atenção para outros fatores cognitivos na aquisição/aprendizagem de uma L2, referindo os seguintes dois casos muito particulares: omissão/simplificação e sobregeneralização das formas-alvo. Estas duas estratégias, a que frequentemente recorrem os aprendentes de L2, poder-se-ão relacionar com os dois desvios analisados na presente investigação: omissão e sobreuso de SE anafórico, que são analisados no Capítulo V.

## **CAPÍTULO V**

---

### **ESTUDO EMPÍRICO: METODOLOGIA E DISCUSSÃO**



## 5.1 Introdução

O presente capítulo pretende apresentar e analisar os resultados do inquérito aplicado a um conjunto de 96 alunos universitários chineses que aprendem PE como L2 e a um grupo de controlo composto por quinze alunos portugueses.

Este capítulo, de natureza empírica, começa por expor sumariamente os resultados da comparação sobre a codificação da reflexividade e reciprocidade entre PE e mandarim (Secção 5.2) — evidenciando que a proximidade mais saliente se verifica apenas nas reflexas não corporais —, para, a partir de tais resultados, discutir detalhadamente (cf. Estudos de Caso I-XIII) as hipóteses e os objetivos desta dissertação plasmados no presente capítulo.

A Secção 5.3 pretende descrever a amostra dos inquiridos: alunos de língua materna chinesa (mandarim), provenientes da *Beijing Language and Culture University* (BLCU). Na Secção 5.4, procura descrever-se pormenorizadamente, as 38 construções verbais e as duas tarefas (Produção induzida e Juízo de aceitabilidade) incluídas no nosso inquérito.

Na Secção 5.5 apresentam-se, circunstanciadamente, os resultados do inquérito, os quais serão analisados e discutidos na Secção 5.6, com o objetivo de questionar i) se há acesso à GU na aquisição de L2 (cf. Secção 5.6.1); ii) se há influência de L1 (mandarim) na omissão e no sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO (cf. Secção 5.6.2); iii) em que circunstâncias os aprendentes chineses mostram tendência para omitir ou sobreutilizar SE REFLEX/RECIPRO (cf. Secção 5.6.3).

## 5.2 Hipóteses e fundamentação do estudo comparativo sobre a codificação da reflexividade e da reciprocidade em PE e em mandarim

No presente trabalho, adota-se a pista que defende o valor argumental de SE REFLEX e de SE RECCIPRO em PE, como detalhadamente discutido no Capítulo III. Falando em termos gerais, a proximidade que se verifica na codificação de reflexividade entre PE e mandarim é maior do que a da codificação de reciprocidade, porque o marcador recíproco *huxiang*, em mandarim, é advérbio.

### 5.2.1. Marcadores de reflexividade em mandarim e em PE

Em PE o marcador reflexo mais frequentemente utilizado é o clítico SE. A função sintática que SE REFLEX desempenha é de complemento direto ou indireto (cf. Secção 2.2.2). Além disso, também se destaca a subclassificação entre as estruturas reflexas corporais e não corporais: os verbos que ocorrem nas reflexas corporais revelam maior expectativa de reflexividade quando os argumentos envolvidos exibem o traço [+ humano], razão pela qual tais verbos são considerados mais introvertidos (Ribeiro, 2011: 106). O mesmo foi apontado também por Duarte (2013: 449), que considera as reflexas corporais **pseudo-reflexas** (cf. Secção 3.3.2). A codificação de reflexividade em mandarim parece poder ajudar a validar esta designação para as reflexas corporais, porque, em mandarim, as reflexas corporais não pedem nenhum marcador reflexo (argumental), questão que se abordará já de seguida.

O marcador reflexo *ziji* **em mandarim** corresponde sintática e semanticamente a SE REFLEX. Para justificar o estatuto argumental do marcador *ziji*, ser-lhe-ão também aplicados todos os testes que validaram a argumentalidade de SE REFLEX. O primeiro

teste é o de substituição: *ziji* poderá ser substituído por pronomes/nomes que servem como complemento direto ou indireto:

(V-1) (a) Zhangsan zhi biaoyang [*ziji*]<sub>CD</sub>.

Zhangsan apenas elogiar [**REFLEX**]<sub>CD</sub>

*Zhangsan elogia-se apenas a si próprio.*

(b) Zhangsan zhi biaoyang [*ta*]<sub>CD</sub>.

Zhangsan apenas elogiar [**a**]<sub>CD</sub>

*Zhangsan apenas a elogia.*

(c) Zhangsan zhi biaoyang [*Lisi*]<sub>CD</sub>.

Zhangsan apenas elogiar [**Lisi**]<sub>CD</sub>

*Zhangsan elogia apenas Lisi.*

(V-2) (a) Wangwu gei le [*ziji*]<sub>CI</sub> yi fen shengri liwu.

Wangwu dar PERF [**REFLEX**]<sub>CI</sub> um CLASS aniversário prenda

*Wangwu deu-se a si próprio uma prenda de aniversário.*

(b) Wangwu gei le [*ta*]<sub>CI</sub> yi fen shengri liwu.

Wangwu dar PERF [**lhe**]<sub>CI</sub> um CLASS aniversário prenda

*Wangwu deu-lhe uma prenda de aniversário.*

(c) Wangwu gei le [*Lisi*]<sub>CI</sub> yi fen shengri liwu.

Wangwu dar PERF [**Lisi**]<sub>CI</sub> um CLASS aniversário prenda

*Wangwu deu ao Lisi uma prenda de aniversário.*

Verifica-se que, nos exemplos acima expostos, o marcador *ziji* foi respetivamente substituído pelo pronome *ta* (V-1b e V-2b) e pelo nome *Lisi* (V-1c e V-2c), com funções de complemento direto (V-1) e de complemento indireto (V-2), respetivamente. Em mandarim, não se verifica a distinção entre o pronome acusativo e o dativo, o que quer dizer que o pronome *ta* poderá desempenhar múltiplas funções sintáticas: complemento direto, complemento indireto, entre outras.

A argumentalidade do marcador *ziji* poderá ser validada também pela sua

incompatibilidade com a presença do complemento direto (V-3) ou indireto (V-4):

(V-3) \*Zhangsan zhi biaoyang [**ziji**]<sub>CD</sub> [~~Lisi~~]<sub>CD</sub>.

Zhangsan apenas elogiar [**REFLEX**]<sub>CD</sub> [~~Lisi~~]<sub>CD</sub>

(V-4) \*Wangwu gei le [**ziji**]<sub>CI</sub> [~~Lisi~~]<sub>CI</sub> yi fen shengri liwu.

Wangwu dar PERF [**REFLEX**]<sub>CI</sub> [~~Lisi~~]<sub>CI</sub> um CLASS aniversário prenda

Nestes exemplos (V-3) e (V-4), a presença do complemento direto e indireto revela-se redundante uma vez que o seu lugar se encontra preenchido pelo marcador *ziji*, sendo as frases agramaticais.

Tal como foi apontado por Brito, Duarte e Matos (2003: 836), outro argumento muito relevante é o seguinte: tal como para SE REFLEX, em frases com extração simultânea do marcador *ziji* também é possível recuperar o argumento não realizado, sem que a frase seja sentida como um caso de Objeto Nulo:

(V-5) Ni bixu xuehui ruhe zai weixian shi baohu [-]<sub>ziji</sub> he zhengjiu **ziji**.

Tu ter de aprender como em perigo quando proteger [-]<sub>ziji</sub> e salvar **REFLEX**

*Tu tens que aprender como te proteger e salvar quando estás em perigo.*

Muito parecido com o caso de SE REFLEX (cf. Cap. 3.4.1), encontra-se, na frase (V-5), a extração do marcador *ziji*, que ocupa o lugar de complemento direto tanto do verbo *baohu* (*proteger* em PE) como do verbo *zhengjiu* (*salvar* em PE).

Em seguida, aplicar-se-ão ao marcador *ziji* os testes que Vilela (1922: 77) propôs para distanciar SE REFLEX de SE inerente: interrogação, substituição, coordenação e modificação:

(V-6) Ta hui baohu **ziji**.

Ele ir proteger **REFLEX**

*Ele vai proteger-se.*

(a) Interrogação:

Ta hui baohu shui?

Ele ir proteger quem

*Quem é que ele vai proteger?*

(b) Substituição:

Ta hui baohu bieren.

Ele ir proteger outra pessoa

*Ele vai proteger outras pessoas.*

(c) Coordenação:

Ta hui baohu ziji he bieren.

Ele ir proteger REFLEX e outros

*Ele vai proteger-se a si próprio e (também) aos outros.*

(d) Modificação:

Ta zhi hui baohu ziji.

Ele apenas ir proteger REFLEX

*Ele vai proteger-se apenas a si próprio.*

Como se exhibe em (V-6), o marcador reflexo *ziji*, em mandarim, ainda poderá ser interrogado (V-6a), substituído (V-6b), coordenado (V-6c) e modificado (V-6d), o que o aproxima de SE REFLEX.

Todos os testes acima apresentados não apenas validam a argumentalidade do marcador *ziji*, mas também justificam a proximidade no comportamento entre SE e *ziji*, o que nos leva a prever que o marcador *ziji* poderá desempenhar um papel importante na aquisição de SE REFLEX pelos aprendentes chineses.

Apesar de os dois marcadores SE e *ziji* serem parecidos, é importante chamar a atenção para o facto de, em mandarim, o marcador *ziji* ocorrer apenas nas reflexas não corporais. Em mandarim, as reflexas corporais são estruturas intransitivas em que se envolve apenas o argumento externo. Dentro da categoria de estruturas reflexas corporais, Ribeiro (2011: 106-109) propôs as seguintes três subcategorias: (i)

estruturas reflexas de **ação corporal** que denotam situações de cuidado e embelezamento corporal, (ii) as que codificam situações de **mudança de posição corporal**, e (iii) as que descrevem cenários de **deslocação corporal**. Entretanto, em mandarim, o marcador *ziji* não ocorre para nenhuma das situações acima referidas:

(V-7) Zhangsan bu **penxiangshui** congbu chumen.

Zhangsan não **perfumar** nunca sair

*Zhangsan não sai sem se perfumar.*

(V-8) Lisi xiguan zao **qi**.

Lisi costumar cedo **levantar**

*Lisi costuma levantar-se cedo.*

(V-9) Wangwu **kaojin** jingzi weile kan de geng qingchu.

Wangwu **chegar perto de** espelho para ver PAR<sup>1</sup> mais claro

*Wangwu chegou perto do espelho para ver melhor.*

Verifica-se que em nenhum dos três exemplos acima apresentados ((V-7) para reflexas de ação corporal, (V-8) para reflexas de mudança de posição corporal e (V-9) para reflexas de deslocação corporal) ocorre a presença do marcador *ziji*, que, na verdade, se torna incompatível, como em:

(V-10) \*Zhangsan bu **penxiangshui ziji** congbu chumen.

Zhangsan não **perfumar REFLEX** nunca sair

(V-11) \*Lisi xiguan zao **qi ziji**.

Lisi costumar cedo **levantar REFLEX**

(V-12) \*Wangwu **kaojin ziji** jingzi weile kan de geng qingchu.

Wangwu **chegar perto de REFLEX** espelho para ver PAR<sup>2</sup> mais claro

Para perceber a incompatibilidade do marcador *ziji* nas frases acima apresentadas, analisam-se, em seguida, as três subcategorias de reflexas corporais em mandarim. Para os primeiros dois casos (ação corporal e mudança de posição

---

<sup>1</sup> Partícula acrescentada por razões fonológicas, mas sem valor semântico.

<sup>2</sup> Partícula acrescentada por razões fonológicas, mas sem valor semântico.

corporal), ocorrem nelas os verbos considerados introvertidos por Ribeiro (2011: 106): note-se que em mandarim a expectativa de reflexividade é tão grande que o uso do marcador *ziji* é desnecessário e redundante (como em V-10 e V-11). Assim, em mandarim, estas estruturas são não reflexas e intransitivas, estando apenas presente um argumento externo. Para o último caso (deslocação corporal), a situação é diferente: a estrutura em mandarim continua a ser não reflexa, mas transitiva: como se verifica no exemplo (V-12), envolvem-se nela dois argumentos, um externo (*Wangwu*) e um interno (*jingzi*, *espelho* em PE), sendo este complemento direto do verbo *kaojin* (*chegar perto de* em PE).

Para validar a função acusativa de *jingzi* (*espelho* em PE) na frase (V-12), aplicar-se-ão os testes de interrogação, substituição, coordenação e modificação de Vilela (1922: 77):

(V-13) Wangwu kaojin le ***jingzi***.

Wangwu chegar perto de PERF ***espelho***

*Wangwu chegou perto do espelho.*

(a) Interrogação:

Wangwu kaojin le shenme?

Wangwu chegar perto de PERF o quê

*De que é que o João chegou perto?*

(b) Substituição:

Wangwu kaojin le chuanguhu.

Wangwu chegar perto de PERF janela

*Wangwu chegou perto da janela.*

(c) Coordenação:

Wangwu kaojin le changhu he yangtai.

Wangwu chegar perto de PERF janela e varanda

*Wangwu chegou perto da janela e da varanda.*

(d) Modificação:

Wangwu jinjin kaojin le jingzi.

Wangwu apenas chegar perto de PERF espelho

*Wangwu chegou apenas perto do espelho.*

Os testes (V-13a - V13d) permitem validar o valor acusativo do *jingzi* (*espelho* em PE), o que significa que, na frase (V-12), o lugar do complemento direto se encontra já preenchido, tornando assim desnecessário e incompatível o marcador *ziji*.

Em ambas as línguas, encontram-se prefixos reflexos: *auto-* em PE e *zi-/ziwo-* em mandarim (cf. Cap. 2.3.2 e 2.3.3). Os prefixos *zi-* e *ziwo-* são semântica e sintaticamente iguais, distanciando-se apenas porque *zi-* é compatível com verbos monossilábicos, tais como *zixue* (*aprender sozinho* em PE), *zikua* (*elogiar-se a si próprio* em PE) enquanto *ziwo-* é apenas compatível com verbos dissilábicos, como por exemplo, *ziwopingjia* (*autoavaliar-se* em PE), *ziwopiping* (*autocriticar-se* em PE).

Em termos gerais, o prefixo reflexo não é compatível com as reflexas corporais, tanto em PE (V-14) como em mandarim (V-15), porque se revela redundante, dado que a expectativa de reflexividade do semantismo em contexto já é muito elevada, e codificada por SE.

(V-14) Hoje de manhã a Maria **\*autolevantou-se** cedo.

(V-15) Jintian zaochen Zhangsan **\*ziwoqichuang** hen zao.

Hoje manhã Zhangsan **[PERFLEX-]levantar** muito cedo

É importante destacar que os verbos prefixados com *zi-/ziwo-* funcionam sempre como intransitivos. Tal como se verifica nos exemplos (V-16) e (V-17), os prefixos *zi-/ziwo-* interiorizam em si a noção de reflexividade, não sendo assim compatíveis com o marcador *ziji* (Ji, 2015: 15):

(V-16) (a) Ta zongshi xihuan **zikua** [-]<sub>CD</sub>.

Ele sempre gostar **[REFLEX-]elogiar** [-]<sub>CD</sub>

*Ele gosta sempre de se elogiar a si próprio.*

(b) \*Ta zongshi xihuan **zikua** [zi:]<sub>CD</sub>.

Ele sempre gostar **[REFLEX-]elogiar** [REFLEX]<sub>CD</sub>

(V-17) (a) \*Ta zongshi xihuan **kua** [-]<sub>CD</sub>.

Ele sempre gostar **elogiar** [-]<sub>CD</sub>

(b) Ta zongshi xihuan **kua** [ziji]<sub>CD</sub>.

Ele sempre gostar **elogiar** [REFLEX]<sub>CD</sub>

*Ele gosta sempre de se elogiar a si próprio.*

No entanto, o mesmo não acontece com o prefixo *auto-*, que é compatível com o marcador SE nas reflexas corporais. Em seguida, apresenta-se no Quadro 5.1 a comparação entre as estruturas reflexas em PE e em mandarim.

	PE		Mandarim	
	Reflexas Corporais	Reflexas Não corporais	Reflexas Corporais	Reflexas Não corporais
Realização do argumento	+	+	-/+	+
Estrutura	S V-se	S V-se/ S auto-V-se	S V [-]/ S V O <sup>3</sup>	S V ziji/ S zi-/ziwo-V [-]
Realização do marcador	+	+	-	+
Natureza do marcador	Clítico anafórico	Clítico anafórico	Não existe marcador	Pronome anafórico

Quadro 5.1: Estruturas reflexas em PE e em mandarim

Como se revela no Quadro 5.1, são muitas as semelhanças encontradas nas estruturas reflexas não corporais: tanto em PE como em mandarim ocorre o

<sup>3</sup> Para as estruturas de ação corporal e de mudança de posição corporal a estrutura é intransitiva (SV [-]) e não há realização do argumento interno; para as estruturas de deslocação corporal, a estrutura apresenta-se transitiva (SVO) e há realização do argumento interno.

marcador argumental, cuja referência é sempre definida relativamente a outra expressão nominal antecedente. Em PE, o marcador é clítico e coloca-se em três posições (proclítica, enclítica e mesoclítica), enquanto em mandarim o marcador *ziji* tem tons acentuados, e ocorre normalmente na posição pós-verbal<sup>4</sup>. Ainda importa referir que são ambos marcadores argumentais, podendo servir como complemento direto/indireto. Tanto em PE como em mandarim existem prefixos reflexos, que são compatíveis com as reflexas não corporais, sendo que em mandarim os prefixos *zi-/ziwo-* não são compatíveis com o marcador *ziji*. Para o caso das reflexas corporais, a diferença entre as duas línguas é óbvia, uma vez que em mandarim não há realização do marcador reflexo *ziji* e as estruturas se apresentam como intransitivas.

### 5.2.2. Marcadores de reciprocidade em mandarim e em PE

No que respeita às estruturas recíprocas, a diferença é maior e mais notória entre PE e mandarim. Em mandarim, o marcador recíproco mais recorrente é o advérbio *huxiang* (*mutuamente* ou *reciprocamente* em PE), que se distancia do marcador recíproco SE, que é clítico argumental e anafórico.

Uma estrutura prototípica do PE, como a do exemplo seguinte, poderá ter a seguinte formulação em mandarim:

(V-18) Zhangsan he Lisi ***huxiang zhize*** [-]<sub>CD</sub>.

Zhangsan e Lisi ***mutuamente criticar*** [-]<sub>CD</sub>

*Zhangsan e o Lisi criticam-se um ao outro.*

Como se verifica na frase (V-18), com a presença do marcador *huxiang*, o lugar do complemento direto está vazio. No entanto, tal como referimos na Secção 2.3.3, o verbo *zhize* (*criticar* em PE) é transitivo e aceita o complemento direto, como em (V-19):

(V-19) Zhangsan he Lisi ***zhize*** [Wangwu]<sub>CD</sub>.

---

<sup>4</sup> Também poderá anteceder o verbo, mas trata-se de uma estrutura especial S + PREP + *ziji* + V (cf. Secção 2.3.3).

Zhangsan e Lisi **criticar** [Wangwu]<sub>CD</sub>

*Zhangsan e Lisi criticam Wangwu.*

Em mandarim, também existem prefixos recíprocos, como por exemplo *hu-*, sendo este o mais utilizado:

(V-20) (a) Nimen yingdang xuehui **huzhu** [-]<sub>CD</sub>.

Vocês dever aprender [**RECIPRO-]**ajudar [-]<sub>CD</sub>

*Vocês devem aprender a ajudar-se uns aos outros.*

(b) Nimen yingdang xuehui **huxiang bangzhu** [-]<sub>CD</sub>

Vocês dever saber **mutuamente** ajudar [-]<sub>CD</sub>

*Vocês devem aprender a ajudar-se uns aos outros.*

Na verdade, (V-20a) e (V-20b) poderão ser duas frases praticamente idênticas; aliás, o verbo prefixado *huzhu* poderá ser considerado como uma forma abreviada de *huxiang bangzhu* (*mutuamente ajudar* em PE)<sup>5</sup>. É importante notar que tanto em (V-20a) como em (V-20b) não há a realização do argumento interno.

Apresenta-se, no seguinte quadro, a comparação entre as estruturas recíprocas em PE e em mandarim:

	PE	Mandarim
Realização do argumento	+	-
Estrutura	S V-se/S entre-V-se	S <i>huxiang</i> V [-]/S <i>hu</i> -V [-]
Realização do marcador	+	+
Natureza do marcador	Clítico anafórico	Advérbio

Quadro 5.2: Estruturas recíprocas em PE e em mandarim

No que respeita às estruturas recíprocas, as diferenças entre PE e mandarim são

<sup>5</sup> Trata-se de uma abreviação muito popular: retira-se um carácter de cada palavra (neste caso, retiram-se o primeiro carácter *hu* do marcador *huxiang* e o último carácter *zhu* do verbo *bangzhu*) para formar um novo verbo abreviado *huzhu*.

muito evidentes, uma vez que em PE se codifica a noção de reciprocidade com SE RECIPRO, ao passo que em mandarim o marcador *huxiang* é advérbio. Uma outra diferença óbvia é a realização do argumento interno, que não se encontra nas estruturas recíprocas em mandarim. Em relação aos prefixos recíprocos, os prefixos *entre-/inter-* são compatíveis com SE RECIPRO (que é argumental), enquanto em mandarim o prefixo *hu-*, tal como o advérbio *huxiang*, não é compatível com a realização do complemento direto/indireto.

Em suma, em PE, as estruturas reflexas e recíprocas são sintaticamente parecidas, porque se realizam, em ambos os casos, com SE, clítico anafórico e argumental. No entanto, tal proximidade não se verifica em mandarim, já que tais estruturas se realizam respetivamente com o pronome anafórico *ziji* (nas reflexas) e com o advérbio *huxiang* (nas recíprocas). O contraste entre PE e mandarim neste aspeto poderá desempenhar um papel importante na aquisição de SE REFLEX/RECIPRO pelos aprendentes, questão que se discutirá posteriormente.

### 5.2.3. Hipóteses e objetivos

Tal como se definiu na secção introdutória, o presente capítulo tem como objetivo analisar o modo como se efetua a aquisição/aprendizagem de SE anafórico (SE REFLEX e SE RECIPRO) do PE por parte de aprendentes chineses, discutindo com resultados empíricos o acesso à GU e a transferência da L1 (mandarim) na aquisição/aprendizagem do PE como L2.

Chama-se a atenção para os seguintes exemplos observados nas interlínguas dos aprendentes chineses:

(V-21) \*Ele gosta de vestir com roupa escura.

(V-22) \*Quando entrei vi que eles estavam a abraçar calorosamente.

(V-23) \*A Maria acordou-se cedo hoje de manhã.

(V-24) \* Eles conversaram-se muito no almoço.

Curiosamente, estas duas categorias de desvios apresentam-se com codificações contraditórias: i) **omissão do marcador SE anafórico** (SE REFLEX em V-21 e SE RECIPRO em V-22); ii) **sobreuso do marcador SE anafórico** (SE REFLEX em V-23 e SE RECIPRO em V-24).

A estranheza dos quatro exemplos acima apresentados incide nos seguintes aspetos: nas frases (V-21) e (V-22), omite-se SE, cuja presença é obrigatória nas estruturas reflexas (V-21) e recíprocas (V-22) do PE; nas frases (V-23) e (V-24), diferentemente do que acontece em (V-21) e (V-22), foi acrescentado SE quando completamente desnecessário: o verbo *acordar* não é reflexo (V-23) e o verbo *conversar*, lexicalmente recíproco, é incompatível com SE RECIPRO (V-24).

No que diz respeito ao acesso de GU na aquisição/aprendizagem de L2, tal como foi apresentado na Secção 4.5, têm surgido muitas hipóteses que o defendem entre as quais se destacam as seguintes: *Full Access Full Transfer*, de Schwartz & Sprouse (1994, 1996); a hipótese de *Minimal Trees*, de Vainikka & Young-Scholten (1994, 1996); e *Full Access No Transfer*, de Epstein, Flynn & Martohardjono (1996, 1998). No entanto, o acesso à GU é questionado noutros modelos, como por exemplo na hipótese de *Fundamental Difference* (Bley-Vroman, 1989; Bley-Vroman & Yoshinaga, 1992) e na hipótese de *Representational Deficit Hypothesis* (Hawkins & Chan, 1997).

Os autores que defendem o acesso à GU, por exemplo Schwartz & Sprouse (1994, 1996) e Epstein, Flynn & Martohardjono (1996, 1998), afirmam que quando o *input* em L2 é incompatível com a sua L1, os falantes poderão reestruturar a sua Gramática de Interlíngua com recurso à GU.

**Pretende discutir-se, como primeiro objetivo do presente capítulo, se existe acesso à GU na aquisição da L2 através da análise da aquisição de SE REFLEX nas estruturas reflexas corporais (Estudo de Caso I) e de SE RECIPRO (Estudo de Caso II).** A eventual estabilização de SE REFLEX nas estruturas reflexas corporais e de SE

RECIPRO por aprendentes chineses poderá indiciar o acesso à GU na aquisição da L2, uma vez que são propriedades que não estão disponíveis na L1 (mandarim):

- ✎ Estudo de Caso I: Taxas de acerto no uso de SE REFLEX nas estruturas reflexas corporais.
- ✎ Estudo de Caso II: Taxas de acerto no uso de SE RECIPRO.

**O presente capítulo tem, como segundo objetivo, fundamentar e documentar a influência da L1 (mandarim) na omissão/sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO pelos aprendentes chineses.**

É deveras curioso perceber a origem das dificuldades dos aprendentes chineses. Como referido em 2.2.1 e 3.2.2, a cliticidade de SE REFLEX/RECIPRO em PE poderá causar dificuldades pelo facto de em mandarim tanto o marcador reflexo *ziji* como o marcador recíproco *huxiang* terem tons acentuados (cf. Gan *et al.*, no prelo) e SE REFLEX/RECIPRO ser um clítico.

Para além disso, convém também chamar a atenção para as diferenças na marcação da reflexividade/reciprocidade entre PE e mandarim: em mandarim, o marcador reflexo argumental *ziji* ocorre apenas com as reflexas não corporais, enquanto nas reflexas corporais não se encontra nenhum marcador (cf. Cap. 5.2.1); para as estruturas recíprocas o marcador *huxiang* é advérbio, isto quer dizer que também não se encontra presente nenhum marcador argumental nas estruturas recíprocas em mandarim (cf. Cap. 5.2.1):

	PE			Mandarim		
Estruturas em causa	Estruturas reflexas corporais	Estruturas reflexas não corporais	Estruturas recíprocas	Estruturas reflexas corporais	Estruturas reflexas não corporais	Estruturas recíprocas
Realização de marcador argumental	+	+	+	-	+	-

Quadro 5.3: Manifestação de marcadores argumentais de reflexividade e de reciprocidade em PE e em mandarim

Embora possam ser múltiplas as razões que levam os aprendentes a omitir/recorrer em excesso SE REFLEX e SE RECIPRO, a Transferência da L1 dos aprendentes (mandarim) parece constituir uma das explicações mais plausíveis.

A comparação entre as estruturas reflexas e recíprocas em PE e mandarim (cf. Quadro 5.3) permite-nos avançar as seguintes previsões: os aprendentes chineses poderão omitir mais SE REFLEX nas estruturas reflexas corporais e SE RECIPRO, uma vez que em mandarim não há realização do marcador argumental nestas duas estruturas. Com o objetivo de comprovar esta hipótese, serão feitos os seguintes dois estudos de caso:

- ✎ Estudo de Caso III: Omissão de SE REFLEX nas reflexas corporais vs. Omissão de SE REFLEX nas reflexas não corporais.
- ✎ Estudo de Caso IV: Omissão de SE REFLEX nas reflexas não corporais vs. Omissão de SE RECIPRO.

Embora o uso em excesso de SE REFLEX/RECIPRO seja menos frequente, é de nosso interesse perceber que razões levam os aprendentes chineses a recorrer a este clítico quando, na realidade, é completamente desnecessário. A atenção será dada também à influência da L1 (mandarim), uma vez que se prediz que a L1 (mandarim) se associa à omissão de SE REFLEX/RECIPRO. Recorde-se que, em mandarim, o estatuto do marcador reflexo *ziji* e do marcador recíproco *huxiang* é distinto: *ziji* é

pronome anafórico e argumental, o que o aproxima de SE REFLEX; *huxiang* é advérbio, o que o afasta de SE RECIPRO, razão pela qual se prediz que os aprendentes chineses poderão sobreutilizar SE REFLEX em vez de SE RECIPRO. Para justificar tal hipótese, pretende-se realizar o seguinte estudo de caso:

✎ Estudo de Caso IV: Sobreuso de SE REFLEX vs. Sobreuso de SE RECIPRO

**O presente capítulo pretende também averiguar, como último objetivo e independentemente da influência da L1 (mandarim), se existem outros fatores que se associam também à omissão/sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO.**

Nos estudos dedicados a SE REFLEX e a SE RECIPRO, a atenção é normalmente dada à sua argumentalidade (há flutuação na aceitação de SE REFLEX/RECIPRO com o valor dativo, como se referiu nas Secções 3.4.3 e 3.5.3), ao uso dos prefixos reflexos/recíprocos (*auto-* para as reflexas e *entre-/inter-* para as recíprocas) e ao uso das expressões de redobro (*a si próprio* para as reflexas e *um PREP outro* para as recíprocas). Assim, surgiu a seguinte dúvida: será que o apagamento de SE REFLEX/RECIPRO também se prende com os três aspetos acima referidos? Para responder a esta dúvida, pretendemos levar a cabo os seguintes seis estudos de caso (Estudos de Caso VI-VIII para a omissão de SE REFLEX e Estudos de Caso IX-XI para a omissão de SE RECIPRO):

✎ Estudo de Caso VI: Omissão de SE REFLEX não dativo vs. Omissão de SE REFLEX dativo.

✎ Estudo de Caso VII: Omissão de SE REFLEX prefixado com *auto-* vs. Omissão de SE REFLEX não prefixado com *auto-*.

✎ Estudo de Caso VIII: Omissão de SE REFLEX redobrado com *a si próprio* vs. Omissão de SE REFLEX não redobrado com *a si próprio*.

✎ Estudo de Caso IX: Omissão de SE RECIPRO não dativo vs. Omissão de SE RECIPRO dativo

✎ Estudo de Caso X: Omissão de SE RECIPRO prefixado com *entre-* vs. Omissão de

SE não prefixado não prefixado com *entre*-.

- ✎ Estudo de Caso XI: Omissão de SE RECIPRO redobrado com *um PREP outro* vs. Omissão de SE RECIPRO não redobrado com *um PREP outro*.

A última atenção será dada ao sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO. Para o caso de SE REFLEX, nota-se que em PE certos verbos, embora não reflexos, descrevem uma ação corporal, como por exemplo *engordar*; outras vezes a noção de reflexividade também poderá ser assegurada com o pronome tónico SI, como por exemplo, *pensar em si próprio*. São dois casos em que não é compatível o uso de SE REFLEX, no entanto pressupõe-se que, nestas duas situações acima referidas, os aprendentes chineses poderão sobreutilizar SE REFLEX, hipótese que será testada no Estudo de Caso XII:

- ✎ Estudo de Caso XII: Sobreuso de SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com o pronome tónico SI.

Para o caso de SE RECIPRO, recorda-se que em PE existem verbos lexicalmente recíprocos, que, embora não sejam compatíveis com SE RECIPRO, aceitam as expressões enfáticas *um PREP outro* e *entre si*, como por exemplo, *competir (um com outro)*, *lutar (entre si)*. Com estes verbos lexicalmente recíprocos, também é possível os aprendentes chineses usarem em excesso SE RECIPRO, uma vez que tais verbos sugerem em si a reciprocidade. Para justificar esta hipótese, realizar-se-á o seguinte estudo de caso:

- ✎ Estudo de Caso XIII: Sobreuso de SE recíproco com verbos lexicalmente recíprocos.

Por forma a sintetizar, apresentam-se, no seguinte quadro, os objetivos do presente trabalho assim como os respetivos estudos de caso:

OBJETIVO I: Validar o acesso à GU na aquisição de L2	
ESTUDO DE CASO I:	Taxas de acerto no uso de SE REFLEX nas estruturas reflexas corporais
ESTUDO DE CASO II:	Taxas de acerto no uso de SE RECIPRO
OBJETIVO II: Fundamentar a transferência de L1 (mandarim) na omissão/sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO	
ESTUDO DE CASO III:	Omissão de SE REFLEX nas reflexas corporais vs. Omissão de SE REFLEX nas reflexas não corporais
ESTUDO DE CASO IV:	Omissão de SE REFLEX nas reflexas não corporais vs. Omissão de SE RECIPRO
ESTUDO DE CASO V:	Sobreuso de SE REFLEX vs. Sobreuso de SE RECIPRO
OBJETIVO III: Descobrir, independentemente da influência da L1 (mandarim), quais os fatores que se associam à omissão/sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO.	
ESTUDO DE CASO VI:	Omissão de SE REFLEX não dativo vs. Omissão de SE REFLEX dativo
ESTUDO DE CASO VII:	Omissão de SE REFLEX prefixado com <i>auto-</i> vs. Omissão de SE REFLEX não prefixado com <i>auto-</i>
ESTUDO DE CASO VIII:	Omissão de SE REFLEX redobrado com <i>a si próprio</i> vs. Omissão de SE REFLEX não redobrado com <i>a si próprio</i>
ESTUDO DE CASO IX:	Omissão de SE RECIPRO não dativo vs. Omissão de SE RECIPRO dativo
ESTUDO DE CASO X:	Omissão de SE RECIPRO prefixado com <i>entre-</i> vs. Omissão de SE não prefixado não prefixado com <i>entre-</i>
ESTUDO DE CASO XI	Omissão de SE RECIPRO redobrado com <i>um PREP outro</i> vs. Omissão de SE RECIPRO redobrado com <i>um PREP outro</i>
ESTUDO DE CASO XII:	Sobreuso de SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com o pronome tónico SI
ESTUDO DE CASO XIII:	Sobreuso de SE recíproco com verbos lexicalmente recíprocos

Quadro 5.4: Apresentação dos objetivos do presente trabalho plasmados neste capítulo

### 5.3. Amostra

O inquérito da presente investigação foi aplicado a aprendentes universitários de PL2. No Interior da China (excluindo a Região Administrativa Especial de Macau), é ainda pouco vulgar lecionar-se a língua portuguesa nas escolas primárias ou secundárias. No entanto, dada a proximidade e a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, a viragem do Milénio registou a abertura de muitos cursos de licenciatura em estudos portugueses que pretendem formar quadros bilingues chinês-português. Os alunos inscritos nestes cursos de português iniciam a aprendizagem da língua de Camões a partir do zero, sendo, normalmente, um processo de aprendizagem sem imersão linguística e cultural, embora haja normalmente um ou dois leitores/professores nativos em cada instituição de ensino superior.

No inquérito da presente investigação, pediu-se a participação dos alunos de PL2 provenientes da *Beijing Language and Culture University* (BLCU), instituição que passou a oferecer o curso de Licenciatura em português a partir de 2007, tendo estabelecido protocolos de cooperação com o Instituto Politécnico de Macau e o Instituto Politécnico de Leiria. Foram inquiridos um total de 90 alunos provenientes dos quatro anos da Licenciatura da BLCU (com uma idade compreendida entre os 19 e os 22 anos): i) **23 alunos do primeiro ano**, que aprendem PE em Pequim com duas professoras bilingues (não nativas), sendo a instrução feita em L1; ii) **23 alunos do segundo ano**, que realizam o segundo ano do curso no Instituto Politécnico de Macau e cuja instrução passa a ser feita principalmente em L2; iii) **22 alunos do terceiro ano**, que se encontram no Instituto Politécnico de Leiria, e cuja instrução é feita totalmente em L2 num ambiente de imersão linguística e cultural, que poderá desempenhar um papel importante na aquisição de uma L2; **22 alunos do quarto ano**, que voltam a estudar em Pequim com as duas professoras bilingues, que lecionam principalmente disciplinas de tradução e interpretação

chinês-português/português-chinês. O inquérito foi realizado no final do ano letivo 2014-2015, mais concretamente entre Abril e Junho de 2015. No momento de responder ao inquérito, os inquiridos provenientes dos quatro anos do curso de Licenciatura estudavam PL2 há, respetivamente, cerca de um ano (em Pequim), há dois anos (em Pequim e Macau), há três anos (em Pequim, Macau e Leiria) e há quatro anos (em Pequim, Macau, Leiria e Pequim).

No que respeita ao nível de proficiência dos inquiridos, aplicam-se os critérios do Quadro Europeu Comum de Referências para as Línguas (QECR)<sup>6</sup>. Ainda que nem

<sup>6</sup> Encontram-se na página do Centro de Línguas da FLUC (<http://www.uc.pt/fluc/cl/diplomas/autoaval/>) os descritores de autoavaliação para cada nível:

A2	<p>Sou capaz de compreender expressões e vocabulário de uso mais frequente relacionado com aspetos de interesse pessoal...</p> <p>Sou capaz de ler textos curtos e simples. Sou capaz de encontrar uma informação previsível e concreta em textos simples de uso corrente...</p> <p>Sou capaz de comunicar em situações simples, de rotina do dia-a-dia, sobre assuntos e atividades habituais que exijam apenas uma troca de informação simples e direta...</p> <p>Sou capaz de escrever notas e mensagens curtas e simples sobre assuntos de necessidade imediata...</p>
B1	<p>Sou capaz de compreender os pontos essenciais de uma sequência falada que incida sobre assuntos correntes do trabalho, da escola, dos tempos livres, etc...</p> <p>Sou capaz de compreender textos em que predomine uma linguagem corrente do dia-a-dia ou relacionada com o trabalho...</p> <p>Sou capaz de lidar com a maior parte das situações que podem surgir durante uma viagem a um local onde a língua é falada...</p> <p>Sou capaz de escrever um texto articulado de forma simples sobre assuntos conhecidos ou de interesse pessoal...</p>
B2	<p>Sou capaz de compreender exposições longas e palestras e até seguir partes mais complexas da argumentação, desde que o tema me seja relativamente familiar...</p> <p>Sou capaz de ler artigos e reportagens sobre assuntos contemporâneos em relação aos quais os autores adoptam determinadas atitudes ou pontos de vista particulares...</p> <p>Sou capaz de conversar com a fluência e espontaneidade suficientes para tornar possível a interação normal com falantes nativos...</p> <p>Sou capaz de escrever um texto claro e pormenorizado sobre uma vasta gama de assuntos relacionados com os meus centros de interesse...</p>

todos os inquiridos tenham passado por um exame de certificação, a grelha de autoavaliação do QEQR serve de referência para definirmos os níveis dos inquiridos que deverão corresponder aos níveis A2, B1, B2 e C1 conforme se encontrarem no primeiro, segundo, terceiro, e quarto ano:

	Número	Nível	Contexto de aquisição de PL2
<b>Primeiro ano</b>	23	A2	Pequim, com a instrução feita em L1
<b>Segundo ano</b>	23	B1	Macau, com a instrução feita em L1 e L2
<b>Terceiro ano</b>	22	B2	Portugal, com a instrução feita em L2 e com imersão linguística e cultural
<b>Quarto ano</b>	22	C1	Pequim, com a instrução feita em L1

Quadro 5.5: Descrição e análise dos inquiridos

Para além dos inquiridos da BLCU, o mesmo inquérito ainda foi aplicado aos falantes nativos para procedermos a uma comparação. Neste caso, foi selecionado, como grupo de controlo, um conjunto de 15 alunos portugueses de mobilidade provenientes do Instituto Politécnico de Leiria que se encontrava, durante o ano letivo 2014-2015, no Instituto Politécnico de Macau a frequentar o Curso de Tradução e Interpretação Chinês-Português/Português-Chinês. As respostas dos falantes nativos podem servir não somente como referência, como também revelam a (não) aceitabilidade de SE REFLEX/RECIPRO com valor dativo entre os falantes nativos, questão abordada posteriormente na Secção 5.5.2.

C1	Sou capaz de compreender uma exposição longa, mesmo que não esteja claramente estruturada ou quando a articulação entre as ideias esteja apenas implícita...
	Sou capaz de compreender textos longos e complexos, literários e não literários, e distinguir estilos...
	Sou capaz de me exprimir de forma espontânea e fluente, sem dificuldade aparente em encontrar as expressões adequadas...
	Sou capaz de me exprimir de forma clara e bem estruturada, apresentando os meus pontos de vista com um certo grau de elaboração...

## 5.4. Inquérito

### 5.4.1. Seleção dos verbos

Incluíram-se, para o inquérito, 38 estruturas verbais para realizar os estudos de caso listados no Quadro 5.4: 20 estruturas verbais destinam-se ao uso de SE REFLEX e 18 estruturas envolvem SE RECIPRO. Como o presente trabalho de investigação tem como um dos objetivos principais testar a influência da L1 (mandarim), selecionaram-se, em termos gerais, as estruturas verbais portuguesas que têm um mesmo comportamento sintático ou um comportamento sintático muito semelhante ao das estruturas verbais semanticamente correspondentes em mandarim. Apresentam-se, de seguida, as estruturas verbais envolvidas em cada um dos estudos de caso listados no Quadro 5.4.

Os Estudos de Caso I e II destinam-se, respetivamente, a uma descrição geral da aquisição de SE REFLEX corporal e de SE RECIPRO, apresentando, assim, taxas de acerto de todas as estruturas verbais listadas no Quadro 5.6 em que se envolvem SE REFLEX corporal (*levantar-se*, *vestir-se* e *sentar-se*) e de estruturas verbais alistadas no Quadro 5.7 em que se envolve SE RECIPRO (*beijar-se*, *encontrar-se*, *apoiar-se*, *ajudar-se*, *desejar-se um ao outro*, *separar-se um do outro*, *entreolhar-se*, *entrecruzar-se*, *entrecruzar-se*, *entrecruzar-se*, *amar-se*). Note-se que se excluíram na contagem de taxas de acerto as estruturas de *oferecer-se um ao outro* e de *zangar-se um com outro*, porque não se chega a um consenso entre falantes nativos na aceitação de SE RECIPRO (e de SE REFLEX também) com a função dativa.

No Estudos de Caso III, realizar-se-á uma comparação entre a omissão de SE REFLEX corporal e de SE REFLEX não corporal. Para testar melhor a influência da L1 (mandarim) na omissão do clítico SE, excluíram-se outros fatores tais como o uso do prefixo *auto-* e da expressão de redobro *a si próprio*. Excluíram-se também dos

Estudos de Caso III e IV os verbos intransitivos/ditransitivos, uma vez que a aceitabilidade de SE REFLEX/RECIPRO com o valor dativo é discutível. Assim, selecionam-se, para o caso de reflexas corporais, as estruturas verbais muito prototípicas e frequentemente utilizada<sup>7</sup> **levantar-se**, **vestir-se** e **sentar-se**. No caso das reflexas não corporais, para melhor testar a transferência da L1, incluíram-se no inquérito os verbos **ver-se**, **ferir-se** e **conhecer-se**, já que tais verbos ocorrem, em ambas as línguas, na mesma estrutura S V REFLEX.

No Estudo de Caso IV, pretende-se fazer uma comparação entre a omissão de SE REFLEX não corporal e de SE RECIPRO. Utilizaram-se os mesmos verbos **ver-se**, **ferir-se** e **conhecer-se** para as reflexas não corporais, porque, assim, os resultados de comparação se revelam mais eficazes. No caso de estruturas recíprocas, a situação é mais complicada em mandarim: tal como referido em 2.3.3, apesar de ser assegurada muitas vezes a noção de reciprocidade através do advérbio *huxiang*, há um grupo de verbos que são lexicalmente recíprocos, com os quais o uso de tal marcador não é obrigatório. Incluíram-se, desta forma, assim dois verbos lexicalmente recíprocos em mandarim: **beijar-se** (*jiwen* em mandarim) e **encontrar-se** (*yujian* em mandarim). Para diversificar os verbos selecionados, incluíram-se dois verbos suplementares não lexicalmente reflexos em mandarim **apoiar-se** (*[huxiang]RECIPRO zhichi* em mandarim) e **ajudar-se** (*[huxiang]RECIPRO bangzhu* em mandarim).

No Estudo de Caso V, pretende-se fazer uma comparação geral entre o sobreuso de SE REFLEX e o de SE RECIPRO. A comparação será feita entre todas as estruturas verbais incluídas no Estudo de Caso XII (**acordar**, **engordar**, **melhorar**, **gostar de si próprio** e **pensar em si próprio**) e todas as incluídas no Estudo de Caso XIII (**conversar**, **partilhar**, **lutar entre si**, **competir um com outro**, **concordar entre si**).

---

<sup>7</sup> No presente trabalho, consulta-se a frequência do lema de acordo com o CORLEX (*Corpus Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo*, disponível em [http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica\\_de\\_corpus/projecto\\_lmcp.php](http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_lmcp.php)).

No Estudo de Caso VI, a comparação será feita entre a omissão de SE REFLEX com valor não dativo e de SE REFLEX com valor dativo. Para SE REFLEX com valor dativo, foram incluídas as estruturas **conceder-se a si próprio**, **oferecer-se a si próprio** e **perguntar-se a si próprio**, todas redobradas com a expressão *a si próprio*. Os inquiridos serão chamados a escolher entre *conceder-se a si próprio* e *conceder a si próprio* para percebermos a aceitabilidade de SE como complemento indireto. Não se pedirá aos inquiridos para escolher entre *conceder-se* e *conceder* porque, no último, não se codifica semanticamente a noção de reflexividade. No que respeita a SE não dativo, selecionaram-se duas estruturas **desculpar-se a si próprio** e **proteger-se a si próprio**, ambas também redobradas com *a si próprio*, para a comparação ser mais consistente. Note-se que em mandarim não há expressão de redobro do tipo *a si próprio*; no entanto, para as estruturas verbais selecionadas no Estudo de Caso VI, todas as estruturas correspondentes em mandarim têm um comportamento sintático muito parecido.

No Estudo de Caso VII, pretende-se testar se o uso do prefixo *auto-* se associa à omissão de SE REFLEX. Foram selecionados dois verbos reflexos prefixados **autoavaliar-se** e **autocriticar-se**, porque os seus equivalentes em mandarim são também verbos reflexos prefixados *[ziwo]<sub>REFLEX</sub>pingjia* (*autoavaliar-se* em PE) e *[ziwo]<sub>REFLEX</sub>piping* (*autocriticar-se* em PE). Recorde-se que, em mandarim, os prefixos *zi-/ziwo-* não são compatíveis com o pronome reflexo *ziji*. Para o caso de verbos reflexos não prefixados incluíram-se dois verbos **acalmar-se** e **elogiar-se**, que são incompatíveis com o prefixo *auto-*. Os correspondentes dos verbos *acalmar-se* e *elogiar-se*, em mandarim, são também reflexos prefixados: *[ziwo]<sub>REFLEX</sub>lengjing* (*acalmar-se* em PE) e *[ziwo]<sub>REFLEX</sub>biaoyang* (*elogiar-se* em PE).

No Estudo de Caso VIII, será testada a influência do uso de *a si próprio* na omissão de SE REFLEX. Como existem flutuações entre os falantes nativos quanto à aceitabilidade de SE REFLEX com a função de complemento indireto, analisam-se no Estudo de Caso VIII apenas estruturas verbais transitivas. A comparação será feita

entre as duas estruturas incluídas no Estudo de Caso VI ***desculpar-se a si próprio*** e ***proteger-se a si próprio*** e os três verbos reflexos não corporais seleccionados para os Estudos de Caso III e IV ***ver-se***, ***ferir-se*** e ***conhecer-se***, porque a expressão *a si próprio* não é compatível com as reflexas corporais.

No Estudo de Caso IX, tal como acontece com o Estudo de Caso VI, procura-se testar se o valor sintático de SE RECIPRO está relacionado com a sua omissão. Seleccionaram-se duas estruturas em que SE RECIPRO assume o valor não dativo ***separar-se um do outro*** e ***zangar-se um com outro***. Para o caso de SE RECIPRO com valor dativo, foram incluídas as estruturas ***desejar-se um ao outro*** e ***oferecer-se um ao outro***, ambas reforçadas com a expressão *um PREP outro*, para testar a aceitabilidade de SE RECIPRO dativo, tanto para falantes nativos quanto para inquiridos chineses.

No Estudo de Caso X, pretende-se testar se o uso do prefixo recíproco *entre-* se relaciona com a omissão de SE RECIPRO. Incluíram-se dois verbos prefixados ***entreolhar-se*** e ***entrecruzar-se*** e dois não prefixados ***cumprimentar-se*** e ***abraçar-se*** para revelar o contraste. É difícil encontrar verbos prefixados em PE cujos correspondentes são igualmente prefixos em mandarim: entre os verbos seleccionados apenas com *entreolhar-se*, o correspondente em mandarim também é prefixado (com prefixo recíproco *dui-*).

No Estudo de Caso XI, procura-se averiguar a relação entre o uso de *um PREP outro* e a omissão de SE RECIPRO. Como existem flutuações quanto à aceitabilidade de SE RECIPRO com função dativa, incluíram-se no Estudo de Caso XI apenas verbos transitivos. A comparação será feita entre as estruturas ***separar-se um do outro*** e ***zangar-se um com outro*** (já incluídas no Estudo de Caso IX) e os verbos ***amar-se***, ***cumprimentar-se*** e ***abraçar-se*** (os últimos dois incluídos no Estudo de Caso X).

No Estudo de Caso XII, pretende-se justificar o sobreuso de SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com o pronome tónico SI. Para o caso de verbos não reflexos de ação corporal, incluíram-se ***acordar***, ***engordar*** e ***melhorar***

(*melhorar* no caso de se referir à recuperação de uma doença), que não aceitam o uso de SE REFLEX. Incluíram-se, para o segundo caso, duas estruturas reflexas ***gostar de si próprio*** e ***pensar em si próprio***, em que se assegura a reflexividade com marcador tónico SI e o uso de SE REFLEX se torna incompatível.

No Estudo de Caso XIII, pretende-se justificar o sobreuso de SE RECIPRO com verbos lexicalmente recíprocos. Incluíram-se dois verbos lexicalmente recíprocos: ***conversar*** e ***partilhar***. Sendo que os verbos lexicalmente recíprocos aceitam as expressões *um PREP outro* e *entre si*, incluíram-se também três estruturas ***lutar entre si***, ***competir um com outro*** e ***concordar entre si***. Assim, a comparação entre os verbos (*conversar* e *partilhar*) e as estruturas (*lutar entre si*, *competir um com outro* e *concordar entre si*) permite, ainda, revelar se o uso de *um PREP outro* e *entre si* influenciará o sobreuso de SE RECIPRO.

Para resumir, apresentam-se nos seguintes dois quadros as 38 estruturas verbais selecionadas para o inquérito do presente trabalho.

Estruturas verbais em PE	Estruturas em mandarim	Estudo de caso
levantar-se	qishen [-]	I, III
vestir-se	chuanyi [-]	I, III
sentar-se	zuoxia [-]	I, III
ver-se	kanjian [ziji] <sub>REFLEX</sub>	III, IV, VIII
ferir-se	shangzhe [ziji] <sub>REFLEX</sub>	III, IV, VIII
conhecer-se	liaojie [ziji] <sub>REFLEX</sub>	III, IV, VIII
desculpar-se a si próprio	yuanliang [ziji] <sub>REFLEX</sub>	VI, VIII
proteger-se a si próprio	baohu [ziji] <sub>REFLEX</sub>	VI, VIII
conceder-se a si próprio	song [ziji] <sub>REFLEX</sub>	VI
oferecer-se a si próprio	gei [ziji] <sub>REFLEX</sub>	VI

perguntar-se a si próprio	wen [ziji] <sub>REFLEX</sub>	VI
autoavaliar-se	[ziwo-] <sub>REFLEX</sub> pingjia [-]	VII
autocriticar-se	[ziwo-] <sub>REFLEX</sub> piping [-]	VII
acalmar-se	[ziwo-] <sub>REFLEX</sub> lengjing [-]	VII
elogiar-se	[ziwo-] <sub>REFLEX</sub> biaoyang [-]	VII
acordar	xinglai	V, XII
engordar	zhangpang	V, XII
melhorar	bianhao	V, XII
gostar de si próprio	xihuan [ziji] <sub>REFLEX</sub>	V, XII
pensar em si próprio	kaolv [ziji] <sub>REFLEX</sub>	V, XII

Quadro 5.6: Estruturas verbais de reflexividade selecionadas

Estruturas verbais em PE	Estruturas em mandarim	Estudo de caso
beijar-se	jiewen [-]	II, IV
encontrar-se	yujian [-]	II, IV
apoiar-se	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> zhichi [-]	II, IV
ajudar-se	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> bangzhu [-]	II, IV
desejar-se um ao outro	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> zhufu [-]	II, IX
oferecer-se um ao outro	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> zengsong [-]	II, IX
zangar-se um com outro	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> shengqi [-]	II, IX, XI
separar-se um do outro	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> fenkai [-]	II, IX, XI
entreolhar-se	[dui-] <sub>RECIPRO</sub> shi [-]	II, X
entrecruzar-se	jiaocha [-]	II, X
cumprimentar-se	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> dazhaohu [-]	II, X, XI
abraçar-se	yongbao [-]	II, X, XI
amar-se	[xiang-] <sub>RECIPRO</sub> ai [-]	II, XI
conversar	jingzheng	V, XIII

partilhar	fenxiang	V, XIII
competir um com outro	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> jingzheng	V, XIII
concordar entre si	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> tongyi	V, XIII
lutar entre si	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> zhengdou	V, XIII

Quadro 5.7: Estruturas verbais de reciprocidade selecionadas

#### 5.4.2. Estrutura do inquérito

O presente inquérito contém duas tarefas diferentes: **Produção induzida** (com a seleção alternativa) e **Juízo de aceitabilidade**. Na primeira tarefa, a atenção dos inquiridos será diretamente focalizada no (não) uso do clítico: pede-se aos inquiridos para escolher uma das duas formas apresentadas (uma com a presença do clítico e outra sem) para completar as frases, como por exemplo:

##### ✎ Parte I. Produção induzida

Escolha as formas adequadas para completar as seguintes frases.

*Hoje, o João \_\_\_\_\_ mais tarde e portanto chegou atrasado ao emprego.  
(levantar/levantar-se)*

Resposta esperada: *Hoje, o João levantou-se mais tarde e portanto chegou atrasado ao emprego.*

*Já viu? Eles \_\_\_\_\_ apaixonadamente no jardim. (beijar/beijar-se)*

Resposta esperada: *Já viu? Eles beijaram-se apaixonadamente no jardim.*

Na segunda tarefa, pede-se aos inquiridos para verificar se as frases que lhes são apresentados estão corretas, e no caso de haver desvios, pede-se para os corrigir. Nesta parte, a atenção dos inquiridos não será diretamente focalizada ao (não) uso

do clítico, e além disso, os inquiridos terão total liberdade na correção de desvios:

## ✍ **Parte II. Juízo de aceitabilidade**

Verifique se as seguintes frases estão corretas. No caso de haver erros, corrija-os.

*Ele prefere vestir sempre com roupa escura.*

Resposta esperada: Não aceite. (*Ele prefere **vestir-se** sempre com roupa escura.*)

*Será verdade que eles separaram um do outro na semana passada?*

Resposta esperada: Não aceite. (*Será verdade que eles **se separaram** um do outro na semana passada?*)

Apresenta-se, em seguida, a distribuição das estruturas verbais no inquérito.

Estruturas verbais reflexas	Parte I	Parte II	Estruturas verbais recíprocas	Parte I	Parte II
levantar-se	+		beijar-se	+	
vestir-se		+	encontrar-se		+
sentar-se		+	apoiar-se	+	
ver-se	+		ajudar-se	+	
ferir-se		+	desejar-se um ao outro	+	
conhecer-se	+		oferecer-se um ao outro		+
desculpar-se a si próprio	+		zangar-se um com o outro		+
proteger-se a si próprio		+	amar-se		+
conceder-se a si próprio		+	separar-se um do outro		+
oferecer-se a si próprio	+		entreolhar-se	+	
perguntar-se a si próprio	+		entrecruzar-se		+
autoavaliar-se	+		cumprimentar-se	+	

autocriticar-se		+	abraçar-se		+
acalmar-se		+	conversar	+	
elogiar-se	+		partilhar		+
acordar	+		competir um com outro		+
engordar		+	concordar entre si		+
melhorar	+		lutar entre si	+	
gostar de si próprio		+			
pensar em si próprio		+			

Quadro 5.8: Distribuição dos verbos incluídos no inquérito

Considerámos relevante incluir no inquérito tarefas diferentes (produção altamente condicionada e juízos de aceitabilidade), já que os comportamentos dos inquiridos também se poderão diferenciar. Também por esta razão, serão separadamente analisados os resultados registrados nestas duas tarefas para percebermos se existe alguma disparidade. Dada a proximidade entre as estruturas reflexas e recíprocas em PE, serão misturadas, no inquérito, as duas estruturas para que se possa denotar o comportamento mais espontâneo e natural dos inquiridos.

## 5.5. Resultados

### 5.5.1. Recolha de dados

O inquérito, previamente descrito, foi aplicado aos alunos da BLCU provenientes dos quatro anos do curso de Licenciatura entre os meses de Maio e Junho do segundo semestre do ano letivo 2014-2015. Os testes foram distribuídos no início ou no final das aulas, conforme a disponibilidade do professor. Os alunos tiveram, aproximadamente, 30

minutos para realizar o inquérito; no entanto para os inquiridos do terceiro e do quarto ano não foi gasta a totalidade do tempo disponibilizado. Na realização do inquérito, não foi permitido o uso de qualquer tipo de dicionário a nenhum dos inquiridos envolvidos.

## 5.5.2. Apresentação geral dos resultados

### ❖ Resultados do grupo de controlo

No presente inquérito, servem como referência as respostas do grupo de controlo: alunos nativos provenientes do Instituto Politécnico de Leiria. Apresentam-se, em primeiro lugar, as respostas do grupo de controlo.

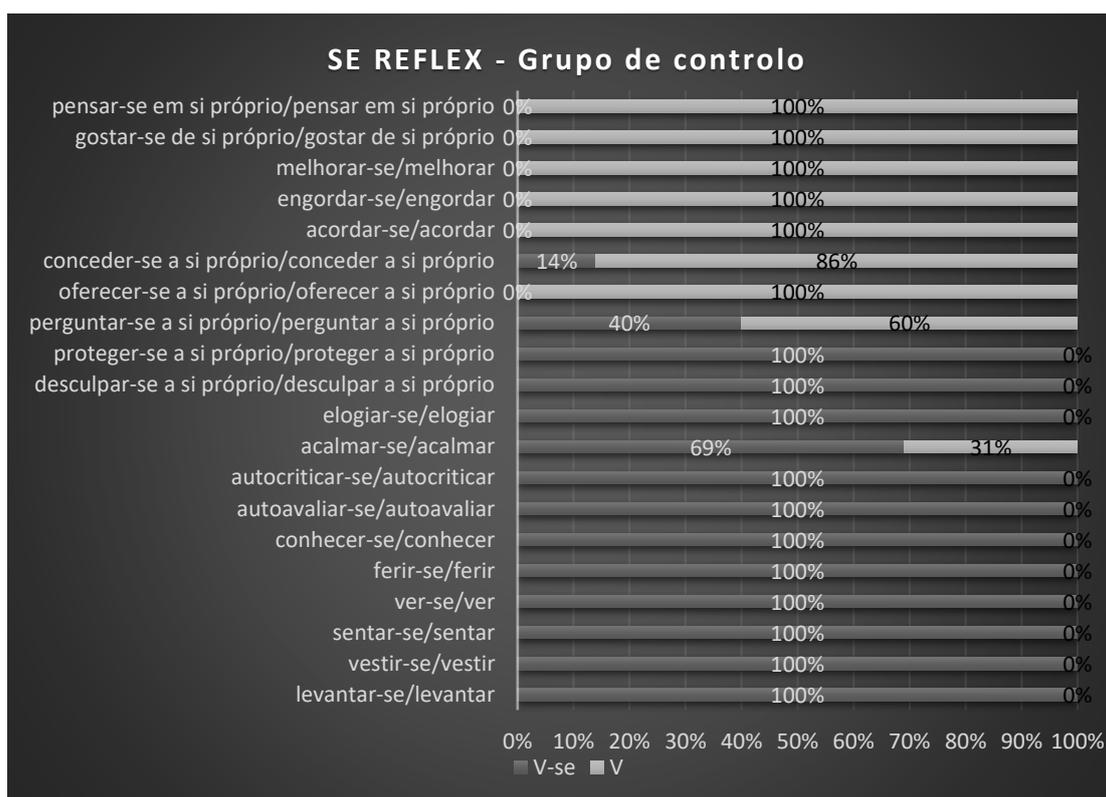


Gráfico 5.1: Respostas do grupo de controlo - Estruturas reflexas



Gráfico 5.2: Respostas do grupo de controlo – Estruturas recíprocas

À primeira vista, a comparação entre os Gráficos 5.1 e 5.2 permite demonstrar que os inquiridos nativos do grupo de controlo revelam mais incerteza nas estruturas reflexas do que nas recíprocas, porque as construções em que não foi alcançado o consenso envolvem todos SE REFLEX: ***conceder-se a si próprio/conceder a si próprio, perguntar-se a si próprio/perguntar a si próprio, acalmar-se/acalmar.***

Nota-se que a maioria dos problemas reside na aceitabilidade de SE REFLEX com a função de complemento indireto, tal como referido na Secção. 3.4.3. Como revelam os resultados do inquérito, quando se encontra presente a expressão *a si próprio*, os falantes nativos preferem a não utilização de SE REFLEX para os verbos ***conceder*** e ***oferecer***, verbos de transação. Retomam-se as frases em que ocorrem os dois verbos no inquérito:

#### ✂ **Produção induzida**

*Ontem foi o aniversário da Maria mas ela não recebeu nenhum presente,*

*portanto decidiu \_\_\_\_\_ a si própria um novo relógio como um presente.*  
(*oferecer/oferecer-se*)

Resposta esperada:

Mais aceitável: Ontem foi o aniversário da Maria mas ela não recebeu nenhum presente, portanto decidiu **oferecer** a si própria um novo relógio como um presente.

Menos aceitável: Ontem foi o aniversário da Maria mas ela não recebeu nenhum presente, portanto decidiu **oferecer-se** a si própria um novo relógio como um presente.

#### **Juízo de aceitabilidade**

*A Maria anda cansadíssima esta semana, por isso decidiu conceder-se a si própria um dia de folga para descansar um pouco.*

Resposta esperada:

Mais aceitável: Não aceite. (A Maria anda cansadíssima esta semana, por isso decidiu **conceder** a si própria um dia de folga para descansar um pouco.)

Menos aceitável: Aceite.

O verbo *oferecer* incluiu-se na tarefa de produção induzida, em que se pede aos inquiridos para escolher entre *oferecer* e *oferecer-se* para completar a frase. A esmagadora maioria dos inquiridos nativos (86%) prefere a forma **oferecer a si própria** por considerar neste caso redundante o uso de SE REFLEX. O mesmo aconteceu com o verbo *conceder*: na tarefa de juízo de aceitabilidade a totalidade dos inquiridos nativos eliminou SE REFLEX, considerando-o desnecessário.

Nos resultados do presente inquérito, o verbo *perguntar* parece o mais problemático, uma vez que foi com este verbo que se registou maior hesitação dos inquiridos nativos:

✂ **Produção induzida**

*Fiquei arrependido. \_\_\_\_\_ a mim próprio porque é que não fiz nada para o ajudar? (perguntar/perguntar-se)*

Resposta esperada:

Mais aceitável: Fiquei arrependido. ***Perguntei*** a mim próprio porque é que não fiz nada para o ajudar?

Menos aceitável: Fiquei arrependido. ***Perguntei-me*** a mim próprio porque é que não fiz nada para o ajudar?

Pede-se aos inquiridos para escolher entre *perguntar* e *perguntar-se* para completar a frase, sendo que os inquiridos nativos revelaram mais incerteza na seleção entre *perguntar-me a mim próprio* e *perguntar a mim próprio*. Tal como foi apontado por Lobo (2013: 2212), existem flutuações entre os falantes quanto à aceitabilidade de SE REFLEX com a função dativa. Embora a referida autora aceite SE REFLEX com valor dativo, os resultados do presente teste relativamente ao verbo ***perguntar*** revelaram que a maioria (60%) dos falantes nativos preferem a forma ***perguntar a mim próprio***.

Com os verbos de transação nas estruturas recíprocas, o consenso foi totalmente alcançado no presente inquérito.

✂ **Produção induzida**

*Na véspera do ano novo, os membros da família \_\_\_\_\_ uns aos outros um bom ano novo cheio de felicidades. (desejar/desejar-se)*

Resposta esperada:

Mais aceitável: Na véspera do Ano Novo, os membros da família ***desejam*** uns aos outros um bom Ano Novo cheio de felicidades.

Menos aceitável: Na véspera do Ano Novo, os membros da família ***desejam-se*** uns aos outros um bom Ano Novo cheio de felicidades.

### ✎ **Juízo de aceitabilidade**

*Na festa de Natal, os amigos oferecem-se uns aos outros presentes!*

Mais aceitável: Não aceite. (Na festa de Natal, os amigos **oferecem** uns aos outros presentes!)

Menos aceitável: Aceite.

Com estas duas frases os inquiridos nativos não manifestaram nenhuma hesitação: na tarefa de produção induzida, todos preferiram a forma **desejar uns anos outros**, e na tarefa de juízo de aceitabilidade, todos riscaram o marcador SE, mantendo a forma **oferecer uns aos outros**.

No presente teste, incluíram-se as duas construções **oferecer(-se) a si próprio** e **oferecer(-se) uns aos outros** para poder fazer uma comparação: com o verbo *oferecer* o uso de SE REFLEX com o valor dativo é pouco aceite (14%), enquanto o uso do SE RECIPRO com a função dativa é completamente descartada pelos inquiridos nativos.

Para concluir, a aceitabilidade de SE REFLEX/RECIPRO como complemento indireto merece uma atenção redobrada. Os resultados da presente investigação revelam certa preferência dos falantes nativos em relação à omissão de REFLEX/RECIPRO com a função dativa, especialmente no caso de verbos de transação.

Apresentam-se, em seguida, os resultados do presente inquérito aplicado aos alunos provenientes do primeiro ano (com o nível A2), do segundo ano (com o nível B1), do terceiro ano (com o nível B2) e do quarto ano (com o nível C1).

### ❖ **Resultados dos inquiridos do primeiro ano (A2)**

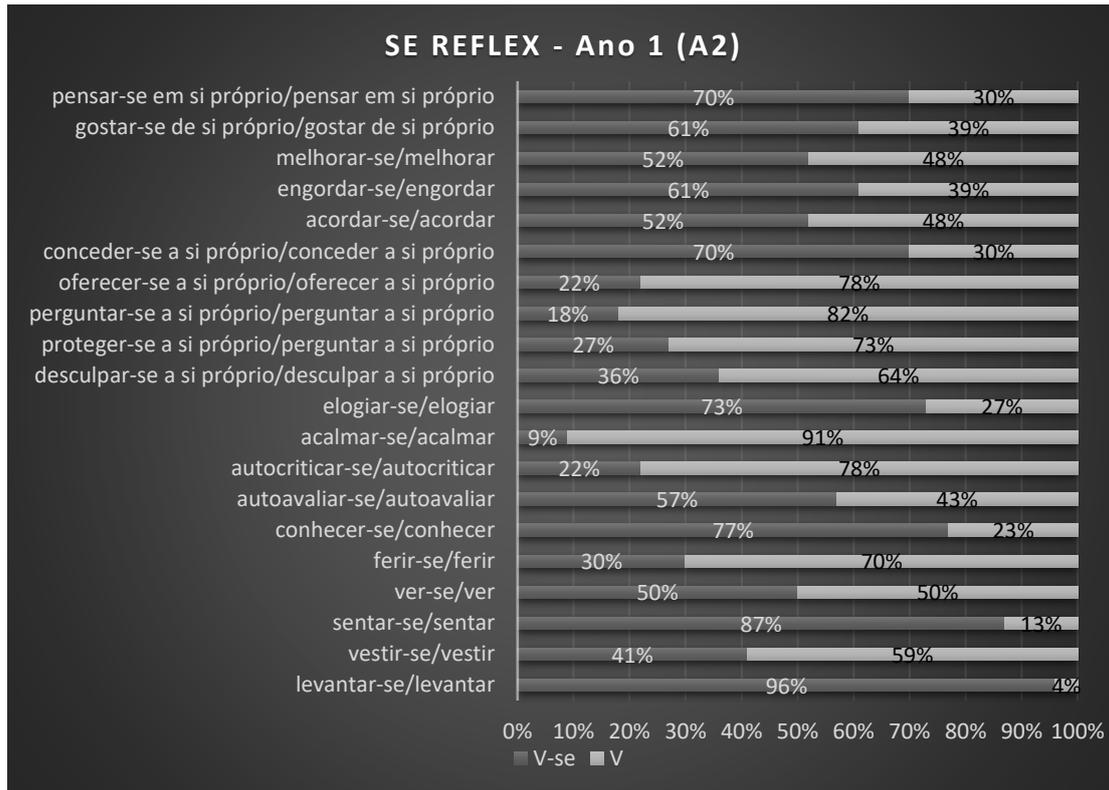


Gráfico 5.3: Respostas dos inquiridos do primeiro ano (A2) – Estruturas reflexas

O Gráfico 5.3 permite revelar que os comportamentos dos inquiridos do nível A2 são muito diferentes das respostas do grupo de controlo. Tal distanciamento não se estranha já que se trata dos alunos de iniciação. De acordo com os resultados, a omissão de SE REFLEX é frequente para os alunos de iniciação, como por exemplo, para as seguintes estruturas verbais, mais de metade dos inquiridos omitiram SE REFLEX: *proteger-se a si próprio* (73%), *desculpar-se a si próprio* (64%), *autocriticar-se* (78%), *ferir-se* (70%), *vestir-se* (59%). No entanto, isto não significa que os inquiridos de iniciação sintam dificuldades com todos os verbos, pois 96% dos inquiridos acertaram na estrutura reflexa corporal *levantar-se*. A maioria dos inquiridos de A2, tal como os inquiridos nativos, não aceitaram SE REFLEX com valor dativo, exceto no caso de *conceder(-se) a si próprio*, em que 70% dos alunos preferiram o uso de SE REFLEX (vs. 14% para os inquiridos nativos). O sobreuso de SE REFLEX é uma outra questão que preocupa os inquiridos de A2, como por exemplo,

com as seguintes estruturas, registou-se o sobreuso de SE REFLEX em mais de 50% dos respondentes: ***pensar em si próprio*** (70%), ***gostar de si próprio*** (61%), ***melhorar*** (52%), ***engordar*** (61%) e ***acordar*** (52%).

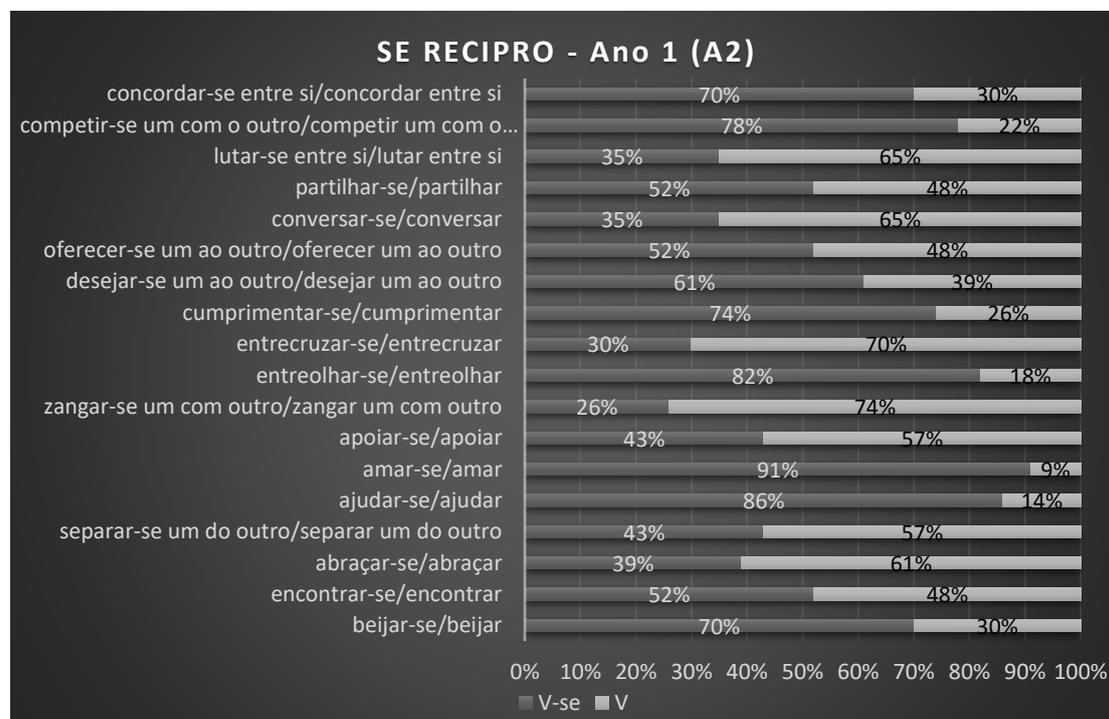


Gráfico 5.4: Respostas dos inquiridos do primeiro ano (A2) – Estruturas recíprocas

Para as estruturas recíprocas, o contraste entre os inquiridos nativos e os inquiridos de A2 também se revela muito acentuado. O apagamento de SE RECIPRO é frequente, especialmente com as construções ***entrecruzar-se*** (70%), ***zangar-se um com outro*** (74%), ***apoiar-se*** (57%), ***separar-se um do outro*** (57%) e ***abraçar-se*** (61%). Em relação aos verbos de transação ***oferecer(-se) um ao outro*** e ***desejar(-se) um ao outro***, SE RECIPRO com a função dativa é mais aceite pelos inquiridos de A2: mais de 50% (respetivamente 52% para ***oferecer-se um ao outro*** e 61% para ***desejar-se um ao outro***) dos inquiridos de A2 preferiram o uso de SE RECIPRO, o que o afasta das respostas do grupo de controlo (0% para ambos os casos). Também não se ignora que com certos verbos que os alunos conhecem melhor, o uso de SE RECIPRO se

estabilizou mais cedo na aquisição: por exemplo, com os verbos **amar-se** e **ajudar-se**, a esmagadora maioria dos alunos preferiu o uso do clítico (91% para *amar-se* e 86% para *ajudar-se*). O sobreuso de SE RECIPRO também é um fenómeno notório nos resultados, como por exemplo, com as seguintes construções, mais de metade dos alunos de A2 preferiram o uso de SE RECIPRO, que se revela, no entanto, agramatical: **concordar entre si** (70%), **competir um com outro** (78%) e **partilhar** (52%).

#### ❖ Resultados dos inquiridos do segundo ano (B1)

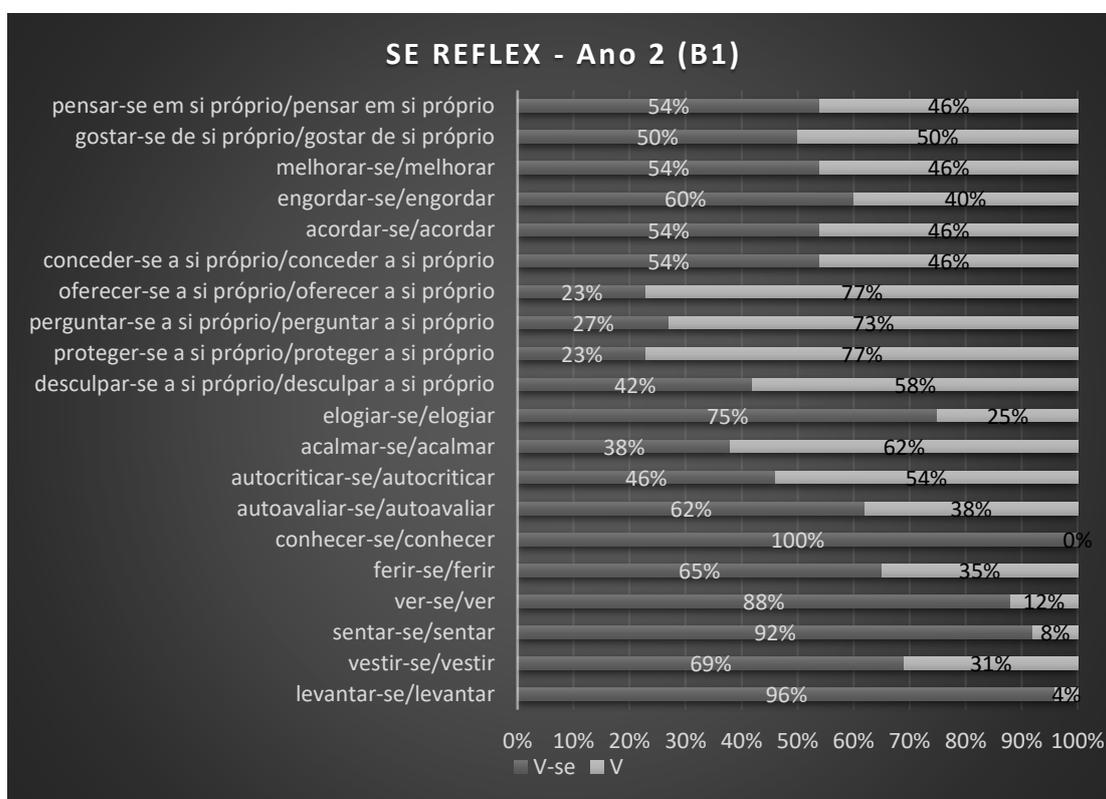


Gráfico 5.5: Respostas dos inquiridos do segundo ano (B1) – Estruturas reflexas

Em comparação com as respostas dos inquiridos de A2, os comportamentos dos respondentes de B1 revelaram-se um pouco menos desviantes, como por exemplo, para os verbos **ferir-se** e **ver-se** a taxa de omissão revelou-se mais reduzida: registaram-se, respetivamente, 35% e 12% de omissão (vs. 70% e 50% de omissão para os inquiridos de A2); a taxa omissão de SE REFLEX para o verbo *ver-se*

revelou-se mais reduzida (12%), o que constitui um contraste óbvio em comparação com 50% de omissão entre os inquiridos de A2. No entanto, entre os inquiridos de nível B1, a omissão de SE REFLEX também se revelou frequente, nomeadamente com as seguintes estruturas verbais, nas quais mais de 50% dos alunos omitiram SE REFLEX: **proteger-se a si próprio** (77%), **desculpar-se a si próprio** (58%), **acalmar-se** (62%), e **autocriticar-se** (54%). No que diz respeito à aceitabilidade de SE REFLEX dativo, a situação é parecida com a dos inquiridos de A2, mas para a construção **conceder(-se) a si próprio**, a percentagem de aceitabilidade de SE REFLEX diminuiu de 70% (A2) para 54% (B1). Quanto ao sobreuso de SE REFLEX, a situação continua preocupante, nomeadamente tal como os inquiridos de A2, com as seguintes construções verbais, metade ou mais de metade dos inquiridos de B1 optaram, embora desnecessariamente, por acrescentar SE REFLEX: **pensar em si próprio** (54%), **gostar de si próprio** (50%), **melhorar** (54%), **engordar** (60%) e **acordar** (54%). No entanto, registou-se uma pequena melhoria no caso de **pensar em si próprio**: 70% dos inquiridos de A2 sobreutilizaram SE REFLEX enquanto este número diminuiu para 54% entre os alunos de B1.

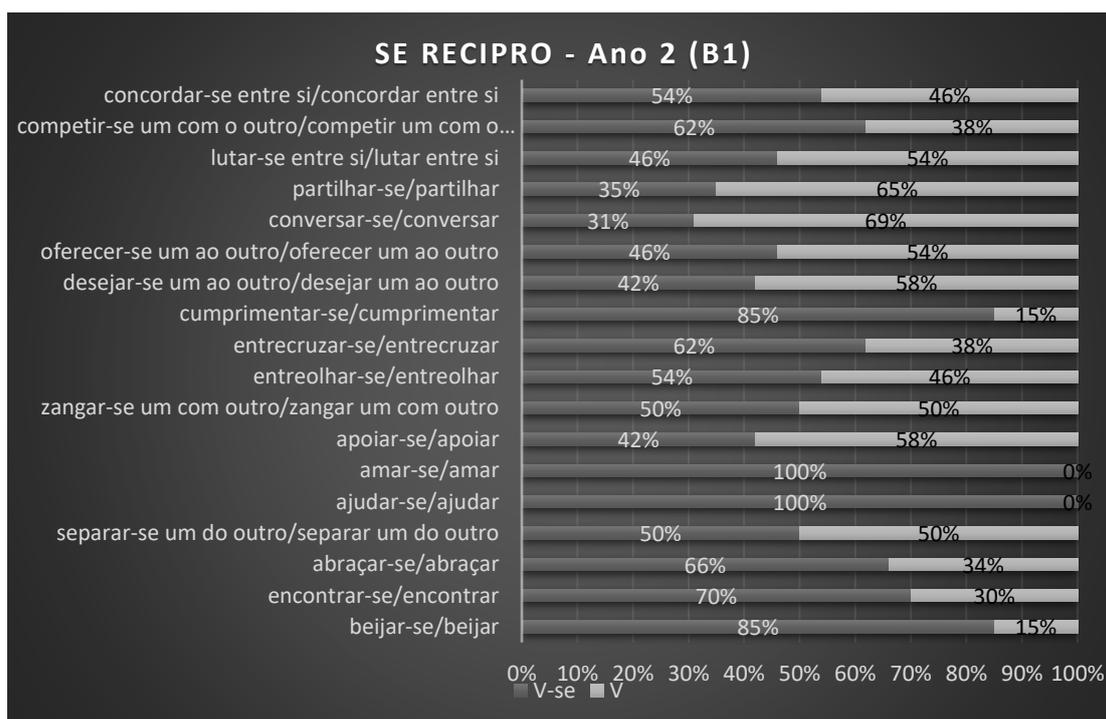


Gráfico 5.6: Respostas dos inquiridos do segundo ano (B1) – Estruturas recíprocas

Em relação às estruturas recíprocas, também se registou uma melhoria em comparação com os inquiridos de A2, provavelmente porque os respondentes de B1 têm um conhecimento mais consolidado do uso de SE RECIPRO. Registou-se uma taxa de omissão igual ou superior a 50% apenas com as seguintes três estruturas: ***zangar-se um com outro*** (50%), ***apoiar-se*** (58%) e ***separar-se um do outro*** (50%), o que constitui um avanço em comparação com os inquiridos de A2 (são cinco os verbos em que se registou uma taxa de omissão igual ou superior a 50%: ***entrecruzar-se*** (70%), ***zangar-se um com outro*** (74%), ***apoiar-se*** (57%), ***separar-se um do outro*** (57%) e ***abraçar-se*** (61%)). Registou-se, também, uma melhoria com os verbos de transação: a percentagem de aceitabilidade de SE RECIPRO dativo nas construções ***oferecer(-se) um ano outro*** e ***desejar(-se) um ao outro*** reduziu respetivamente de 52% e 61% (A2) para 46% e 42% (B1). Em relação ao sobreuso de SE RECIPRO, a percentagem de acerto também melhorou, como por exemplo com o verbo ***partilhar*** a taxa de sobreuso de SE RECIPRO diminuiu de 52% (A2) para 35%

(B1). No entanto, para **concordar entre si** e **competir um com outro** ainda se registou uma taxa de desvio (sobreuso de SE RECIPRO) superior a 50%.

#### ❖ Resultados dos inquiridos do terceiro ano (B2)

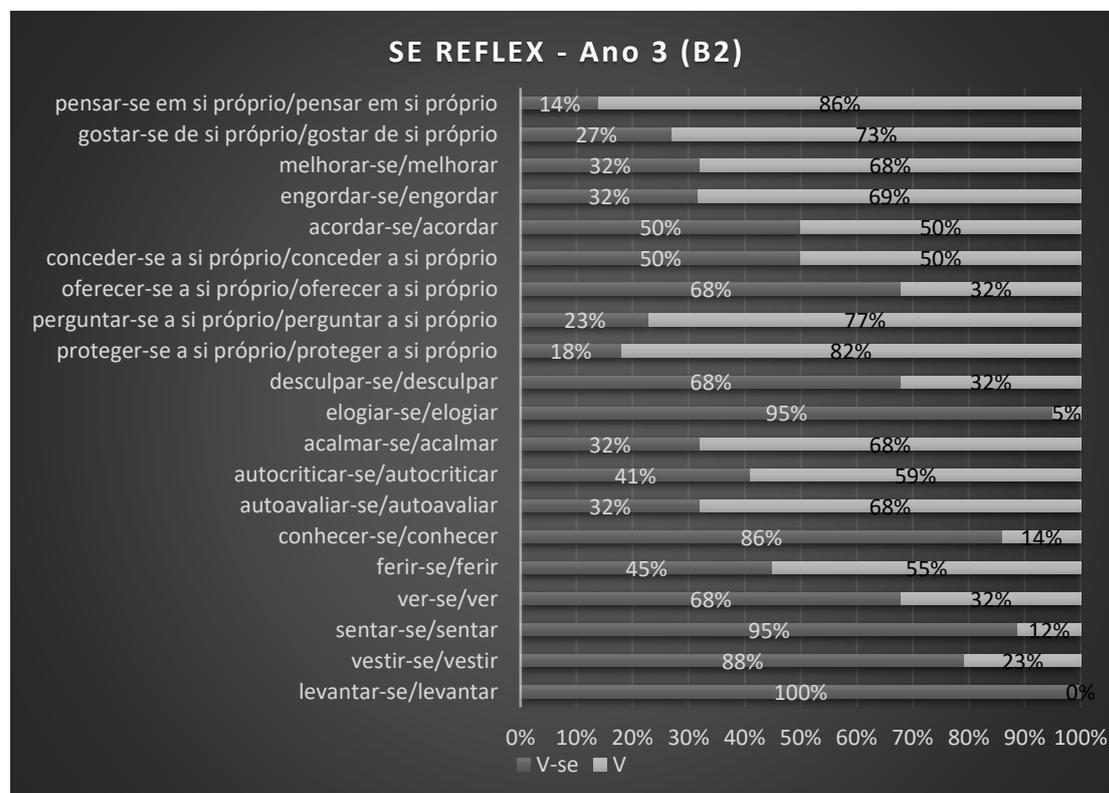


Gráfico 5.7: Respostas dos inquiridos do terceiro ano (B2) – Estruturas reflexas

Com o Gráfico 5.7 pode-se verificar uma pequena melhoria nos resultados entre os inquiridos de B1 e B2: por exemplo, no que toca ao sobreuso de SE REFLEX, a diferença é óbvia: não se registou, em nenhum verbo, uma taxa superior a 50% no sobreuso (o mais problemático é o verbo **acordar**, em que se verificou um desvio de 50% dos inquiridos que acrescentaram SE REFLEX). No que diz respeito à omissão de SE REFLEX, mais de 50% dos respondentes manifestaram dificuldades nas seguintes estruturas: **proteger-se a si próprio** (82%), **acalmar-se** (68%), **autocriticar-se** (59%), **autoavaliar-se** (68%) e **ferir-se** (55%). Em relação à aceitabilidade de SE REFLEX dativo com verbos de transação, os inquiridos de B2 manifestaram maior hesitação

com **oferecer(-se) a si próprio**: 68% preferiram o uso de SE REFLEX ao passo que, com a mesma construção, registou-se apenas uma taxa de uso de SE REFLEX de 46% para inquiridos de B1 e de 52% para alunos de A2.

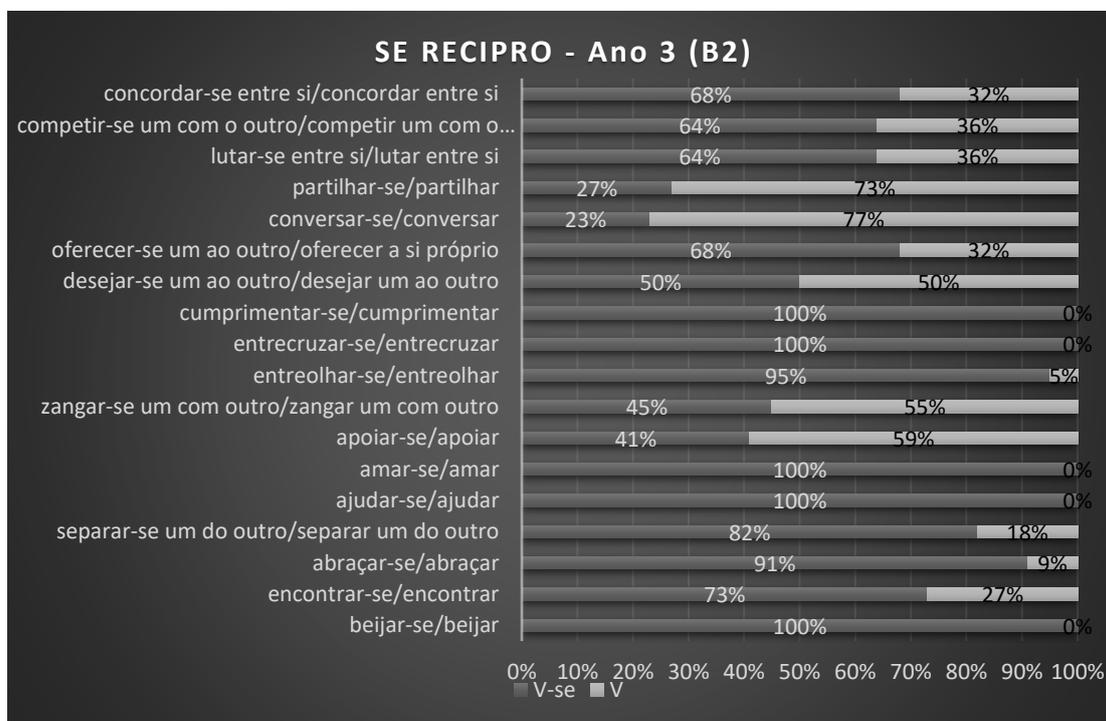


Gráfico 5.8: Respostas dos inquiridos do terceiro ano (B2) – Estruturas recíprocas

O Gráfico 5.8 permite-nos chegar à conclusão de que os inquiridos de B2 manifestaram menos dificuldades nas estruturas recíprocas do que nas reflexas, já que a omissão de SE REFLEX é mais frequente que a de SE RECIPRO: registou-se mais de 50% de omissão de SE apenas com as duas estruturas **zangar-se um com outro** (55%) e **apoiar-se** (59%), enquanto para a omissão de SE REFLEX se registou uma taxa de omissão de mais de 50% para as cinco seguintes estruturas: **proteger-se a si próprio** (82%), **acalmar-se** (68%), **autocriticar-se** (59%), **autoavaliar-se** (68%) e **ferir-se** (55%). Quanto ao uso do SE RECIPRO dativo com os verbos de transação, os comportamentos dos inquiridos de B2 continuam distintos das respostas dos inquiridos nativos, e a aceitação de SE RECIPRO é até maior do que nos alunos de B1:

registou-se, respetivamente, um uso de SE RECIPRO de 68% e 50% para **oferecer(-se) um ao outro** e **desejar(-se) um ao outro** (para os inquiridos de B1 registou-se, respetivamente, 46% e 42%). Curiosamente, a situação piorou nos inquiridos de B2, no que diz respeito ao sobreuso de SE RECIPRO: as construções **concordar um com o outro**, **competir um com o outro**, e **lutar entre si** causaram maior dificuldade aos inquiridos de B2 do que aos de B1 (registou-se, respetivamente, um sobreuso de SE RECIPRO de 68%, 64% e 64% (B2), o que constitui um maior desvio em comparação com os 54%, 62% e 46% do nível B1).

#### ❖ Resultados dos inquiridos do quarto ano (C1)

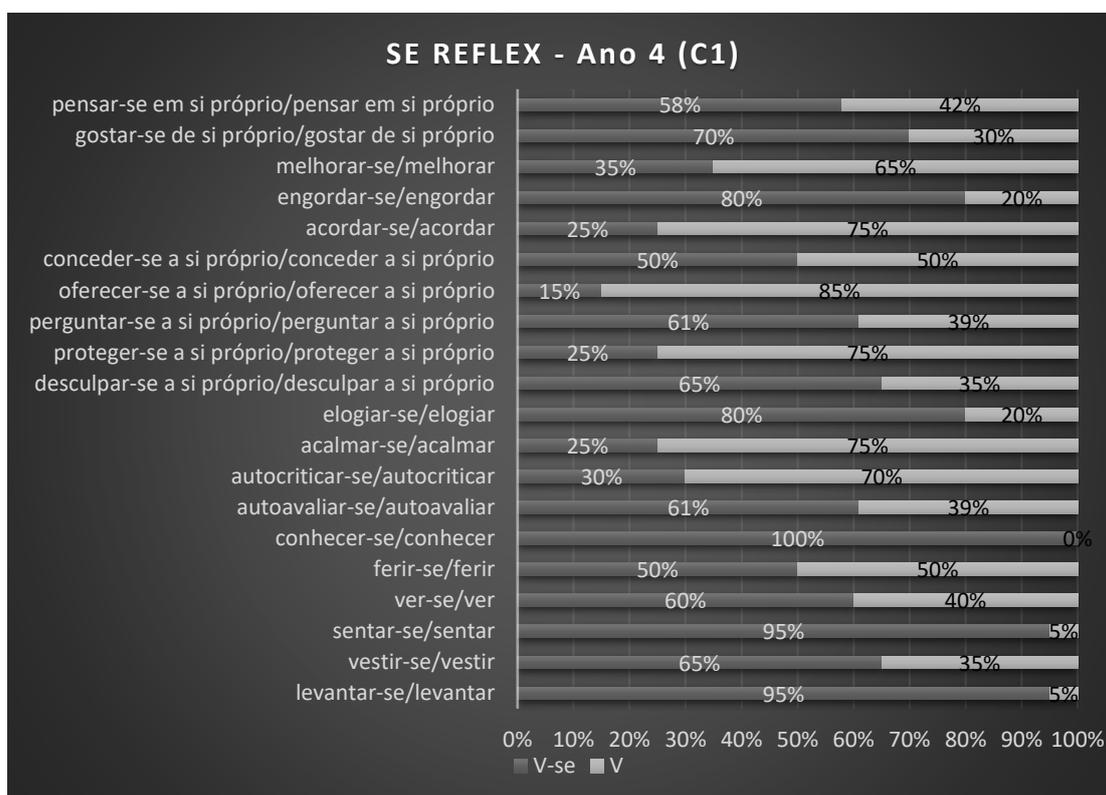


Gráfico 5.9: Respostas dos inquiridos do quarto ano (C1) – Estruturas reflexas

As respostas dos inquiridos de C1 são muito parecidas com as de B2, não revelando, curiosamente, nenhum avanço substancial entre os dados de ambos os níveis: para certos casos, os inquiridos de C1 demonstraram mais dificuldades do que os de B2: mais de metade dos alunos de C1 acrescentaram SE REFLEX para as

estruturas verbais *pensar em si próprio* (58%), *gostar de si próprio* (70%) e *engordar* (80%), ao passo que, para os inquiridos de B2, a taxa de desvio não chegou a atingir os 50% com nenhuma das três estruturas acima referidas. Em termos de omissão de SE REFLEX, mais de metade dos alunos manifestaram dificuldades com as construções *proteger-se a si próprio* (75%), *acalmar-se* (75%) e *autocriticar-se* (70%). Quanto à aceitabilidade de SE REFLEX dativo, os comportamentos dos inquiridos aproximam-se mais das respostas do grupo de controlo: com os verbos de transação, não se registou grande hesitação, especialmente para *oferecer(-se) a si próprio*, apenas 15% aceitou SE REFLEX dativo; com a construção *perguntar(-se) a si próprio* registou-se uma maior indecisão entre os inquiridos de C1: 61% aceitou o uso de SE REFLEX (para os nativos, registou-se 40% de aceitabilidade).

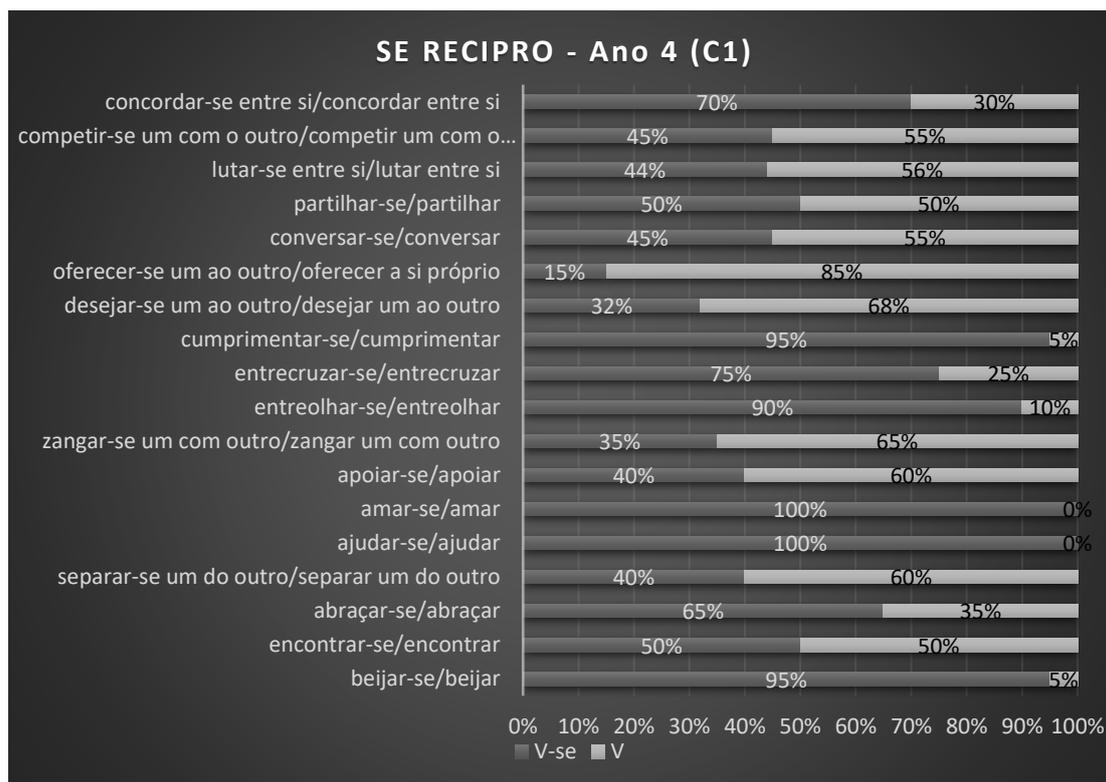


Gráfico 5.10: Respostas dos inquiridos do quarto ano (C1) – Estruturas recíprocas

Tal como acontece com as estruturas reflexas, para as estruturas recíprocas, os inquiridos de C1 tiveram, curiosamente, resultados ligeiramente mais desviantes do

que os de B2. Como se revela no Gráfico 5.10, na omissão de SE RECIPRO com as estruturas *encontrar-se*, *separar-se um do outro*, *abraçar-se*, a diferença é mais óbvia: 50% de omissão de C1 vs. 27% de omissão de B2 (*encontrar-se*), 60% de omissão de C1 vs. 18% de omissão de B2 (*separar-se um do outro*), e 35% de omissão de C1 vs. 9% de omissão de B2 (*abraçar-se*). Quanto à aceitabilidade de SE RECIPRO como complemento indireto, a situação apresentou-se mais satisfatória com os verbos de transação: com as construções *oferecer(-se) um ao outro* e *desejar(-se) um ao outro* registou-se apenas uma percentagem de 15% e 32% de uso de SE RECIPRO, um grau de acerto bem mais elevado quando comparado com o dos inquiridos de B2, B1 e A2. No que respeita ao sobreuso de SE RECIPRO, as respostas de C1 são muito parecidas com as de B2, não se registando uma melhoria óbvia. *Concordar entre si* continua a ser o mais problemático, sendo que se registou uma taxa de 70% de desvio nos inquiridos de C1 e de 68% nos de B2.

Para sintetizar, o uso de SE REFLEX e de SE RECIPRO constitui um obstáculo que preocupa os aprendentes chineses. Para o caso de SE REFLEX, de forma geral, pode concluir-se que as respostas dos inquiridos não nativos se afastam consideravelmente das respostas dos nativos, e nem mesmo os resultados dos inquiridos de C1 podem ser considerados satisfatórios. Registou-se um progresso entre A2 e B1 e entre B1 e B2, mas o avanço não se afigurou muito significativo. Em relação a SE RECIPO, embora os resultados dos inquiridos não nativos e dos nativos também sejam muito diferentes, a situação é um pouco melhor visto que o avanço registado entre A2 e B1 e entre B1 e B2 é mais expressivo do que nas estruturas reflexas. Curiosamente, são os comportamentos dos inquiridos de B2 que se aproximam mais das respostas dos inquiridos nativos. Na próxima secção, será feita a análise dos resultados acima apresentados, sendo discutidas as questões propostas nos objetivos do presente trabalho.

## 5.6. Análise empírica: discussão dos resultados

Nesta secção, será dada atenção à análise empírica dos resultados do inquérito, pretendendo-se discutir, com a análise dos dados, as seguintes três questões já levantadas na Secção 5.2.3:

- i) O acesso à GU na aquisição de L2, questão que será discutida em 5.6.1;
- ii) A transferência de L1 (mandarim) na aprendizagem/aquisição de SE REFLEX e de SE RECIPRO, questão que se analisará em 5.6.2;
- iii) Outros fatores associados à omissão/sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO, questão que se abordará em 5.6.3.

### 5.6.1 Análise dos resultados: acesso à GU na aquisição de L2

A primeira questão a ser discutida é o acesso à GU na aquisição de L2. Tal como descrito na Secção 4.5, encontram-se múltiplas hipóteses que dizem respeito a esta questão, entre as quais se destacam as de *Full Access Full Transfer* (Schwartz & Sprouse, 1994; 1996), de *Minimal Trees* (Vainikka & Young-Scholten, 1994; 1996) e de *Full Access No Transfer* (Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996; 1998) que defendem o acesso à GU na aquisição de L2; existem, também, outros modelos que não sustentam o acesso à GU na aquisição de L2, como o de *Fundamental Difference* (Bley-Vroman, 1989; Bley-Vroman & Yoshinaga, 1992).

Schwartz e Sprouse (1994, 1996), que apoiam o acesso à GU, afirmam que quando o *input* em L2 é incompatível com o de sua L1, os falantes poderão reestruturar a sua Gramática de Interlíngua com recurso à GU.

A presente secção visa descrever o processo de consolidação de SE REFLEX e de SE RECIPRO por falantes nativos de mandarim, com uma atenção particular para a aquisição/aprendizagem de SE REFLEX corporal e de SE RECIPRO por serem propriedades que não existem na L1 (mandarim) dos aprendentes. O eventual

sucesso na aquisição de SE REFLEX nas estruturas reflexas corporais e de SE RECIPRO por aprendentes chineses poderá indiciar o acesso à GU na aquisição de L2. Apresentam-se, nesta secção, os resultados dos seguintes estudos de caso:

- ✎ Estudo de Caso I: Taxas de acerto no uso de SE REFLEX nas estruturas reflexas corporais.
- ✎ Estudo de Caso II: Taxas de acerto no uso de SE RECIPRO.

✎ **Estudo de Caso I: Taxas de acerto no uso de SE REFLEX nas estruturas reflexas corporais**

Incluíram-se, no presente inquérito, três verbos de SE REFLEX *levantar-se*, *vestir-se* e *sentar-se* por forma a melhor demonstrar que é satisfatória a assimilação desta propriedade, ainda que não seja compatível com a L1 (mandarim):



Gráfico 5.11: Taxa média de acerto em respostas-alvo de SE REFLEX corporal

Como se demonstra no Gráfico 5.11, embora não seja compatível em L1 (mandarim), SE REFLEX corporal pode ser precocemente adquirido pelos aprendentes chineses: registou-se, já numa fase de iniciação (A2), uma taxa de acerto de 75%. Além disso, também se verificou uma evolução evidente no decurso de aprendizagem/aquisição de SE REFLEX corporal, exceto nos inquiridos de C1, que registaram uma taxa de acerto em respostas-alvo um pouco inferior em comparação

com os inquiridos de B2 (85% de C1 vs. 94% de B2). Embora se tenham incluído no questionário verbos relativamente mais comuns, pode-se concluir que SE REFLEX corporal é adquirível para aprendentes de mandarim, língua em que não existe nenhum marcador nas estruturas reflexas corporais. Assim sendo, surgiu uma outra pergunta: o que contribuiu para a precoce consolidação de estruturas reflexas corporais, uma vez que a situação é muito diferente na L1 dos inquiridos? Note-se que se incluíram no inquérito verbos reflexos corporais muito comuns (*levantar-se*, *vestir-se* e *sentar-se*), que deverão ocorrer também muito cedo na aquisição/aprendizagem do PL2 pelos inquiridos. Na verdade, os aprendentes começam a ter contacto com os verbos reflexos corporais numa fase muito inicial, pois quase todos os aprendentes se deparam com o verbo *chamar-se* logo na primeira aula, quando aprendem a perguntar (e responder) pelo nome: *Como se chama? Chamo-me Filipe*. Importa lembrar que os inquiridos são todos alunos universitários, e pelo facto de o primeiro ano de aquisição e aprendizagem de PL2 se ter realizado em Pequim (sem imersão linguística e cultural), o papel da instrução explícita deverá ter sido extremamente importante. Embora não seja possível explicar aos aprendentes o valor de SE REFLEX, logo na primeira aula, quando os alunos aprendem/adquirem mais verbos reflexos, como por exemplo os verbos reflexos de ação corporal *levantar-se*, *sentar-se* e *deitar-se*, os professores normalmente começam por explicar o valor reflexo e argumental de SE. O estatuto argumental de SE REFLEX (e de SE RECIPRO também) não é questionado no ensino/aprendizagem do PL2 na China, porque é comum seguir-se de muito perto a gramática de Cunha e Cintra (1984), em que SE REFLEX/RECIPRO é tratado como pronome reflexo.

Os comportamentos dos inquiridos também variam, naturalmente, de acordo com o verbo e com o tipo de exercício em que se insere o verbo, questão que será discutida nos Estudos de Caso III-XIII.

## ✎ Estudo de Caso II: Taxas de acerto no uso de SE RECIPRO

Para observar a assimilação de SE RECIPRO, incluíram-se no Estudo de Caso II as estruturas verbais em que SE RECIPRO assume o valor não dativo: *beijar-se, encontrar-se, apoiar-se, ajudar-se, zangar-se um com outro, separar-se um do outro, entreolhar-se, entrecruzar-se, e amar-se*, tendo sido excluídas as estruturas *desejar-se um ao outro* e *oferecer-se um ao outro*, pelo facto de a aceitabilidade de SE RECIPRO como complemento indireto ser problemática.



Gráfico 5.12: Taxa média de acerto em respostas-alvo de SE RECIPRO

O Gráfico 5.12 apresenta, em termos gerais, as taxas de acerto um pouco inferiores em comparação com o Gráfico 5.11, o que, aliás, não surpreende já que se incluíram, no Estudo de Caso I, os verbos mais comuns. Apesar disso, os resultados também poderão validar a adquiribilidade de SE RECIPRO: logo numa fase inicial (A2), mais de metade (58%) dos inquiridos já revelam dominar o uso deste marcador, e o progresso revelou-se mais óbvio comparativamente com os resultados do Gráfico 5.11 (especialmente entre os alunos dos níveis A2, B1 e B2). Tal como também acontece nos resultados relativos à aquisição de SE REFLEX corporal (cf. Gráfico 5.11), o comportamento dos alunos de C1 é, curiosamente, um pouco mais desviante do que o dos inquiridos de nível C1 (cf. Gráfico 5.12), o que poderá possivelmente justificar o papel da imersão linguística e cultural, uma vez que os alunos do terceiro

ano (B2) da BLCU se encontravam no Instituto Politécnico de Leiria durante o ano letivo 2014-2015<sup>8</sup>. Todavia, não foi possível testar o papel da imersão linguística e cultural no presente inquérito, devido ao facto de não haver duas turmas de mesmo nível (uma em imersão e outra não) que nos permitissem levar a cabo uma comparação.

Os resultados dos Estudos de Caso I e II justificam, em ambos os casos, a adquiribilidade de SE REFLEX corporal e de SE RECIPRO por aprendentes chineses. Convirá, também, apresentar os resultados com SE REFLEX não corporal, para percebermos se este foi adquirido com maior facilidade:



Gráfico 5.13: Taxa média de acerto em respostas-alvo de SE REFLEX não corporal

Para uma avaliação geral das taxas médias de acerto no uso de SE REFLEX não corporal, consideraram-se as seguintes estruturas verbais listadas no Quadro 5.6: *ver-se, ferir-se, conhecer-se, autoavaliar-se, autocriticar-se, acalmar-se, elogiar-se, desculpar-se a si próprio e proteger-se a si próprio*, sendo excluídas as estruturas *perguntar-se a si próprio, oferecer-se a si próprio e conceder-se a si próprio*, em que SE REFLEX tem o valor dativo.

Embora partilhe muitas semelhanças com *ziji* em mandarim, SE REFLEX não

<sup>8</sup> Os alunos de um nível mais elevado (C1) poderão ter menos cuidado no uso da L2 por terem adquirido uma certa autoconfiança comparativamente com os alunos dos níveis A2 e B1.

corporal não apresentou, como se poderia esperar, nenhuma vantagem em comparação com SE REFLEX corporal e com SE RECIPRO. Uma comparação entre os Gráficos 5.11, 5.12 e 5.13 revela de forma inequívoca os seguintes dois aspetos (cf. Gráfico 5.14): i) a taxa média de acerto de SE REFLEX não corporal é a mais reduzida de entre os três casos; ii) o progresso na taxa média de acerto consoante os diferentes níveis dos inquiridos também é o menos evidente: há um salto entre os níveis A2 e B1, mas a partir de B1 não se registou nenhum progresso.



Gráfico 5.14: Comparação de taxa média de acerto em respostas-alvo

Perante tais resultados, percebe-se que embora sejam incompatíveis com a L1 (mandarim) dos aprendentes, SE REFLEX e SE RECIPRO são, logo numa fase precoce, adquiríveis e adquiridos de forma muito satisfatória: quando o *input* em L2 é incompatível com a sua L1, os falantes poderão reestruturar a sua Gramática de Interlíngua com recurso à GU. A estabilização precoce de SE REFLEX corporal e de SE RECIPRO poderá apontar para o acesso à GU, uma vez que são as propriedades que mais divergem entre a LM e a LA. No presente trabalho, não é possível testar, de forma conclusiva, a questão do acesso à GU na aquisição de L2, porque o papel que (i) a exposição ao *input* em LA e (ii) o ensino formal desempenham revelam-se cruciais na proficiência revelada pelos inquiridos. Além disso, o facto de as taxas de acerto/desvio por nível de proficiência (A2 - C1) não serem significativas no sobreuso

mas serem diferenciadas na omissão indicia que o papel do *input* e dos mecanismos de processamento de memória declarativa/explicita é variável, obrigando a modalizar outros fatores influentes no processo de aquisição.

### 5.6.2 Análise dos resultados: L1 (mandarim) na omissão/sobreuso de SE reflexo/recíproco

A presente secção concentra-se nos fenómenos de **omissão** e **sobreuso** de SE REFLEX e de SE RECIPRO (como descrito em (V-21) - (V-24), na Secção 5.2.3), problemas que se destacam nas interlínguas dos aprendentes chineses.

Antes de abordar a questão da influência da L1 na omissão de SE REFLEX e de SE RECIPRO, apresenta-se, em seguida, a situação global da omissão. Contudo, será necessário chamar a atenção para os seguintes dois aspetos: i) estão excluídos, na contagem da taxa média de omissão global, os verbos intransitivos/ditransitivos, uma vez que existem flutuações entre os falantes nativos quanto à aceitabilidade de SE REFLEX/RECIPRO com o valor dativo; ii) exibem-se, no Gráfico 5.15, as situações globais de omissão, que se distanciam dos resultados apresentados nos Estudos de Caso III-XIII, em que se analisarão casos mais concretos, como por exemplo, a omissão de SE REFLEX não dativo/dativo, a omissão de SE REFLEX prefixado com *auto-*/não prefixado com *auto-*, etc.

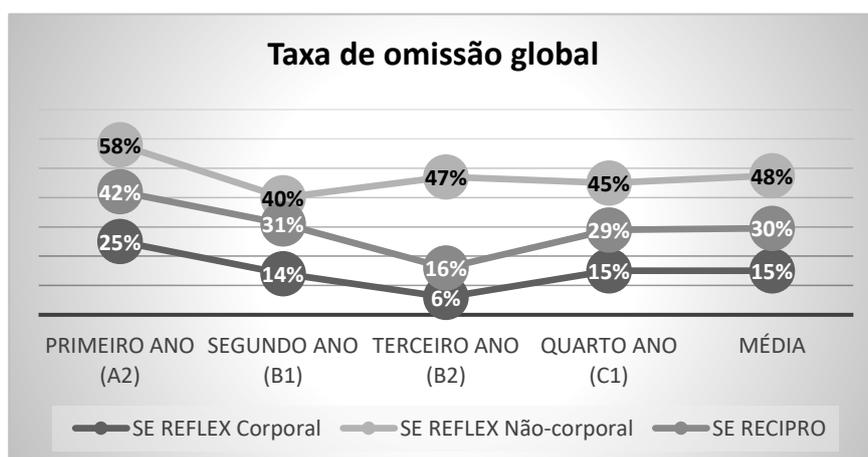


Gráfico 5.15: Omissão global de SE REFLEX/RECIPRO

Em termos globais, a omissão de SE REFLEX não corporal é mais acentuada do que a de SE REFLEX corporal e de SE RECIPRO, o que também coincidiu com as taxas gerais de acerto em respostas-alvo apresentadas no Gráfico 5.14. Para o conjunto destes três casos, a taxa de omissão diminuiu de A2 para B1, mas a partir de então, a situação já não é convergente: para o caso de SE REFLEX não corporal, a taxa de omissão até subiu (40% para B1, 47% para B2 e 45% para C1); os comportamentos dos inquiridos na omissão de SE REFLEX corporal e de SE RECIPRO são parecidos, as taxas globais de omissão diminuíram de B1 para B2, mas subiram de B2 para C1. A seguir, pareceu-nos pertinente procurar saber se os comportamentos dos inquiridos na produção induzida e os no juízo de aceitabilidade apresentavam algumas divergências:

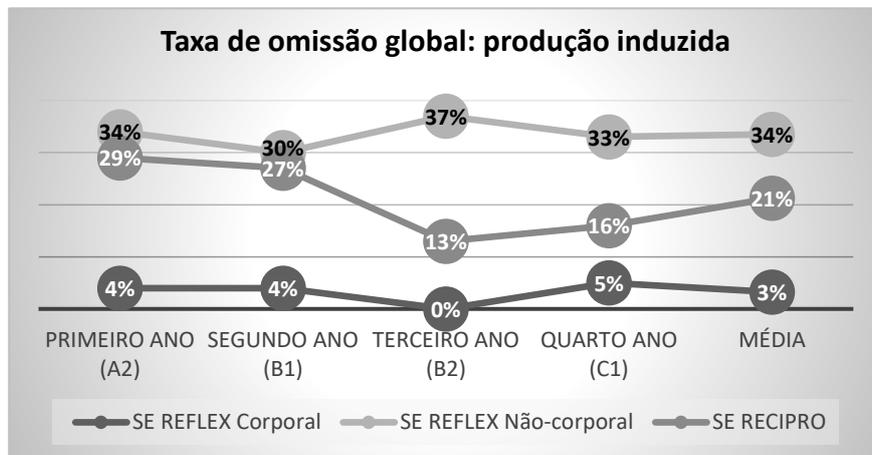


Gráfico 5.16: Omissão global de SE REFLEX/RECIPRO (produção induzida)

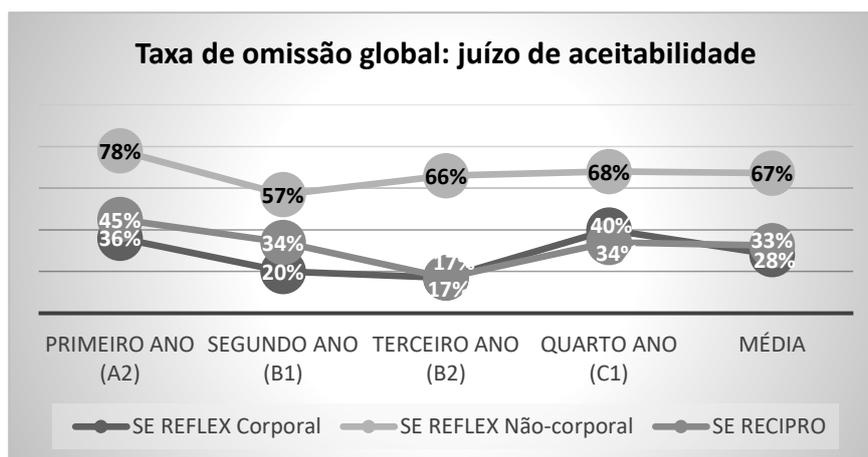


Gráfico 5.17: Omissão global de SE REFLEX/RECIPRO (juízo de aceitabilidade)

Com os Gráficos 5.16 e 5.17 pode-se verificar que, em ambas as tarefas, a omissão de SE REFLEX não corporal é mais frequente do que a dos outros dois casos. Além disso, a comparação entre os dois gráficos revelou claramente que, de forma geral, o comportamento dos inquiridos na tarefa de juízo de aceitabilidade é mais desviante do que o na tarefa de produção induzida, tanto na omissão de SE REFLEX corporal/não corporal como na omissão de SE RECIPRO, provavelmente, porque na tarefa de juízo de aceitabilidade a atenção dos inquiridos não se focou diretamente no (não) uso de SE REFLEX/RECIPRO. O comportamento registado na omissão de SE REFLEX corporal na produção induzida é muito satisfatório, porque o verbo incluído neste exercício é *levantar-se*, estrutura bastante recorrente e que os inquiridos deverão ter adquirido logo no início do processo de aquisição/aprendizagem de PL2 (embora tal estrutura não seja compatível com a L1 dos respondentes).

De seguida, apresenta-se a situação global de sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO:

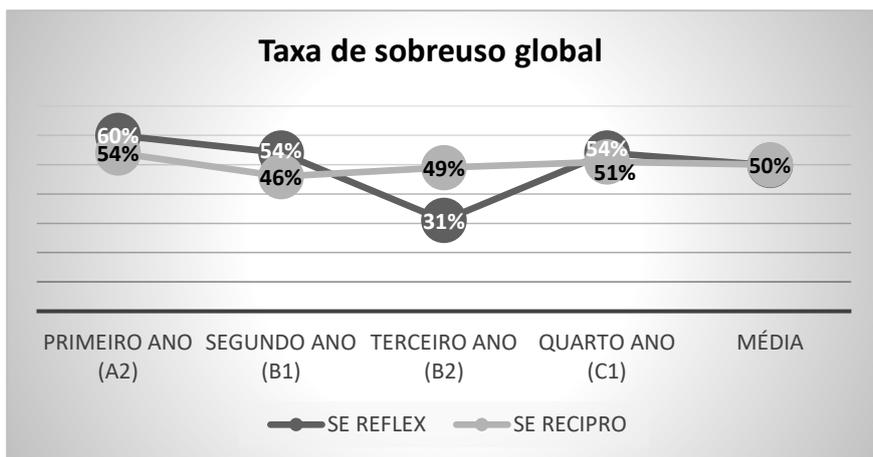


Gráfico 5.18: Sobreuso global de SE REFLEX/RECIPRO

O Gráfico 5.18 revelou um comportamento muito semelhante entre o uso em excesso de SE REFLEX e o de SE RECIPRO, registando-se, em particular, taxas de sobreuso global muito próximas entre os alunos de nível A2, B1 e C1. Relativamente ao sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO, verificou-se que o melhor resultado se registou com os alunos de B2 (para o caso de SE REFLEX), já que a taxa é a mais diminuta (31%). Além disso, também se observa que tanto para o uso em excesso de SE REFLEX como para o de SE RECIPRO não se registou quase nenhum progresso entre os alunos dos diferentes níveis de proficiência, o que parece justificar a seriedade desta situação. A seguir, também se apresentam os resultados das diferentes tarefas por forma a podermos observar se existe alguma disparidade.

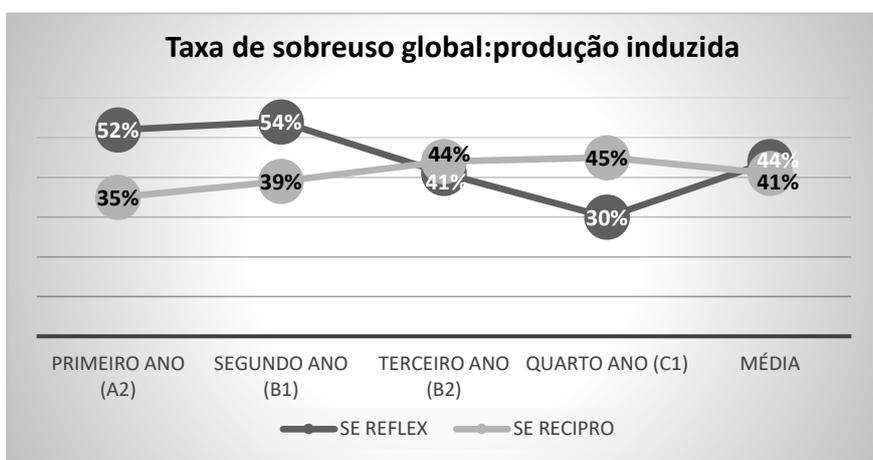


Gráfico 5.19: Sobreuso global de SE REFLEX/RECIPRO (produção induzida)

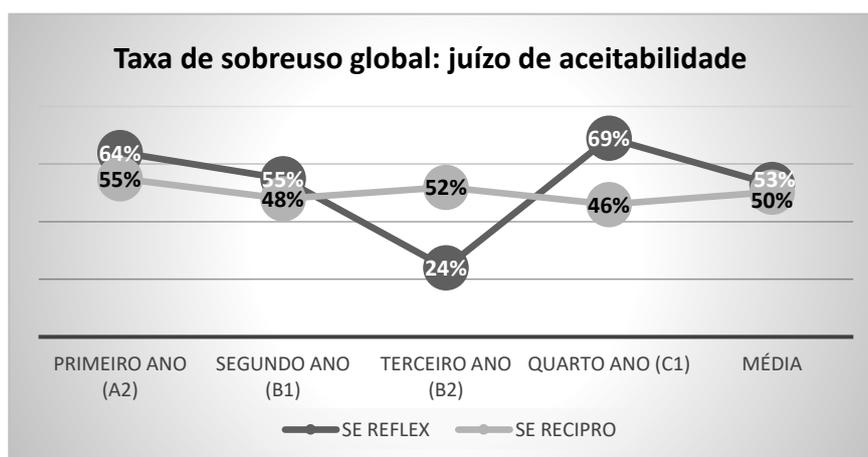


Gráfico 5.20: Sobreuso global de SE REFLEX/RECIPRO (juízo de aceitabilidade)

Embora se possam observar mais flutuações (sobretudo no caso de SE REFLEX), as diferenças registadas no sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO em ambas as tarefas não são muito acentuadas. Em termos gerais, e quanto ao sobreuso, os mesmos alunos também revelaram mais dificuldades no juízo de aceitabilidade do que na produção induzida.

Além disso, em ambos os exercícios e entre alunos de diferentes níveis o sobreuso de SE RECIPRO não registou muita flutuação, o que não aconteceu com o sobreuso de SE REFLEX. Neste último caso, o comportamento dos alunos de B2 e C1 é bastante divergente nas duas tarefas: registaram-se, respetivamente, 41% (B2) e 24% (C1) na produção induzida e 30% (B2) e 69% (C1) no juízo de aceitabilidade.

Com os resultados dos gráficos acima apresentados, percebe-se que a omissão e o sobreuso SE REFLEX e de SE RECIPRO são problemas recorrentes e de difícil resolução, porque em alguns casos (como por exemplo, o sobreuso de SE RECIPRO) quase não se verifica nenhuma melhoria no comportamento dos inquiridos, o que parece indicar que a aquisição do tópico não se associa apenas à memória declarativa, mas também à procedimental (Ullman, 2001; 2004; 2005). Dada a complexidade e multifuncionalidade de SE, a sua aquisição não se circunscreve apenas ao armazenamento do conhecimento lexical já que se integra em várias

interfaces linguísticas e associar-se-á, também, à memória procedimental, que é responsável pela habilidade gramatical.

Apresentam-se, em seguida, os resultados dos Estudos de Caso III-V, com o objetivo de testar se a omissão e o excessivo uso de SE REFLEX/RECIPRO se associa à L1 (mandarim).

Tal como referido em 5.2.2, em mandarim, o marcador reflexo argumental *ziji* ocorre apenas nas estruturas reflexas não corporais. Nas reflexas corporais, não se encontra tal marcador, fazendo com que as estruturas se apresentem como intransitivas; para as estruturas recíprocas, o marcador *huxiang* (cujas presença não é obrigatória para os verbos lexicalmente recíprocos em mandarim) é advérbio, não lhe sendo possível assumir a função de complemento direto/indireto.

Seguindo esta linha de descrição, percebe-se que a proximidade entre PE e mandarim se verifica apenas nas reflexas não corporais, porque exigem, em ambas as línguas, o uso do marcador argumental (SE REFLEX e *ziji*). No caso de se validar a influência da L1 (mandarim) sobre PL2, prediz-se que haverá tendência para se omitir mais SE REFLEX corporal e SE RECIPRO e que se sobreutilizará mais SE REFLEX. Assim sendo, os seguintes três estudos de caso poderão testar a transferência da L1 (mandarim) na omissão e no sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO:

- ✎ Estudo de Caso III: Omissão de SE REFLEX nas reflexas corporais vs. Omissão de SE REFLEX nas reflexas não corporais;
  - ✎ Estudo de Caso IV: Omissão de SE REFLEX nas reflexas não corporais vs. Omissão de SE RECIPRO;
  - ✎ Estudo de Caso V: Sobreuso de SE REFLEX vs. Sobreuso de SE RECIPRO.
- 
- ✎ **Estudo de Caso III: Omissão de SE REFLEX nas reflexas corporais vs. Omissão de SE REFLEX nas reflexas não corporais**

Para uma comparação entre a omissão de SE REFLEX corporal e de SE REFLEX não corporal, incluíram-se, no Estudo de Caso III, seis estruturas transitivas: três em que se envolve SE REFLEX corporal (*levantar-se*, *vestir-se* e *sentar-se*) e três SE REFLEX não corporal (*ver-se*, *ferir-se* e *conhecer-se*). Para justificar melhor a relação entre a transferência de L1 (mandarim) e a omissão de SE, excluiu-se o uso de outros elementos, por exemplo o prefixo *auto-* e a expressão *a si próprio*, que supostamente poderão influenciar também a omissão de SE REFLEX. Note-se, ainda, que os verbos *levantar-se*, *ver-se* e *conhecer-se* se inseriram na tarefa de produção induzida e que os outros verbos *vestir-se*, *sentar-se* e *ferir-se* foram incluídos no exercício de juízo de aceitabilidade. Seguidamente, apresentam-se no quadro 5.9 as taxas de ocorrência das estruturas verbais incluídas no Estudo de Caso III.

	PE	Mandarim	Construções verbais	Não						
				Nativos	nativos Média	A2	B1	B2	C1	
<b>Reflexas</b> <b>Corporais</b>	levantar-se	qishen [-]	levantar-se	100%	97%	96%	96%	100%	95%	
			levantar	0%	3%	4%	4%	0%	5%	
	vestir-se	chuanyi [-]	vestir-se	100%	66%	41%	69%	88%	65%	
			vestir	0%	34%	59%	31%	12%	35%	
	sentar-se	zuoxia [-]	sentar-se	100%	92%	87%	92%	95%	95%	
			sentar	0%	8%	13%	8%	5%	5%	
		Média		V-se	100%	85%	75%	86%	94%	85%
				V	0%	15%	25%	14%	6%	15%
<b>Reflexas</b> <b>Não</b> <b>Corporais</b>	ver-se	kanjian	ver-se	100%	67%	50%	88%	68%	60%	
		[ziji] <sub>REFLEX</sub>	ver	0%	33%	50%	12%	32%	40%	
	ferir-se	shangzhe	ferir-se	100%	48%	30%	65%	45%	50%	
		[ziji] <sub>REFLEX</sub>	ferir	0%	52%	70%	35%	55%	50%	
	conhecer-se	liaojie	conhecer-se	93%	91%	77%	100%	86%	100%	

	[ziji] <sub>REFLEX</sub>	conhecer	7%	9%	23%	0%	14%	0%
Média		V-se	98%	69%	52%	84%	66%	70%
		V	2%	31%	48%	16%	34%	30%

Quadro 5.9: Estudo de Caso III - Omissão de SE REFLEX corporal e não corporal

Para podermos analisar de forma mais rigorosa os comportamentos dos inquiridos, apresentam-se, em seguida, os itens incluídos no inquérito:

#### ✂ **Produção induzida**

Hoje, o João \_\_\_\_\_ mais tarde e portanto chegou atrasado ao emprego.  
(levantar/levantar-se)

Resposta esperada: Hoje o João **levantou-se** mais tarde e portanto chegou atrasado ao emprego.

A Helena costuma \_\_\_\_\_ ao espelho durante muito tempo antes de sair de casa. (ver/ver-se)

Resposta esperada: A Helena costuma **ver-se** ao espelho durante muito tempo antes de sair de casa.

Ele \_\_\_\_\_ muito bem, conhece as suas vantagens e os seus problemas.  
(conhecer/conhecer-se)

Resposta esperada: Ele **conhece-se** muito bem, conhece as suas vantagens e os seus problemas.

#### ✂ **Juízo de aceitabilidade**

Ele prefere vestir sempre com roupa escura.

Resposta esperada: Não aceite. (Ele prefere **vestir-se** sempre com roupa escura.)

A Maria entrou no gabinete, sentou-se na sua mesa e logo começou a trabalhar.

Resposta esperada: Aceite.

Quando andava de cavalo, a Sofia caiu e feriu.

Resposta esperada: Não aceite. (Quando andava de cavalo, a Sofia caiu e **feriu-se**.)

Para os verbos reflexos **levantar-se** e **sentar-se**, os resultados demonstram que mesmo com os inquiridos de iniciação (A2) não se registou uma elevada taxa de omissão de SE REFLEX, o que poderá significar uma consolidação precoce destes dois verbos reflexos. Em comparação com os verbos *levantar-se* e *sentar-se*, o verbo **vestir-se** traz, naturalmente, mais dificuldades (com o valor médio de 34% de omissão) porque é menos frequentemente utilizado (registou-se, no CORLEX, a frequência de 43 para *vestir-se*, número inferior quando comparado com os verbos *levantar-se* e *sentar-se*, que registaram 89 e 167 respetivamente). No entanto, com este verbo, registou-se uma evolução entre inquiridos de A2 (59% de omissão) e B1 (31% de omissão). Foi com os alunos de B2 que se registou um melhor resultado (12% de omissão), o que parece evidenciar o efeito positivo da imersão linguística e cultural, pois, no ano em causa, os alunos frequentavam o programa de mobilidade em Portugal.

Com os verbos de reflexas não corporais, o verbo **ferir-se** foi o que causou maior dificuldade, tendo sido registada uma percentagem média de omissão de 52%. A aquisição da estrutura **conhecer-se** não se revelou muito problemática, uma vez que o valor médio de omissão dos inquiridos chineses (9%) se aproxima das respostas dos inquiridos nativos (7% de omissão). A estrutura **ver-se** incluiu-se no exercício de juízo de aceitabilidade, em que, em média, 33% dos inquiridos aceitaram a frase com omissão de SE REFLEX (*\*Quando andava de cavalo, a Sofia caiu e feriu.*).

Ao contrário do que era expetável, os inquiridos omitiram mais SE REFLEX nas reflexas não corporais do que nas corporais, como se comprova no seguinte gráfico:

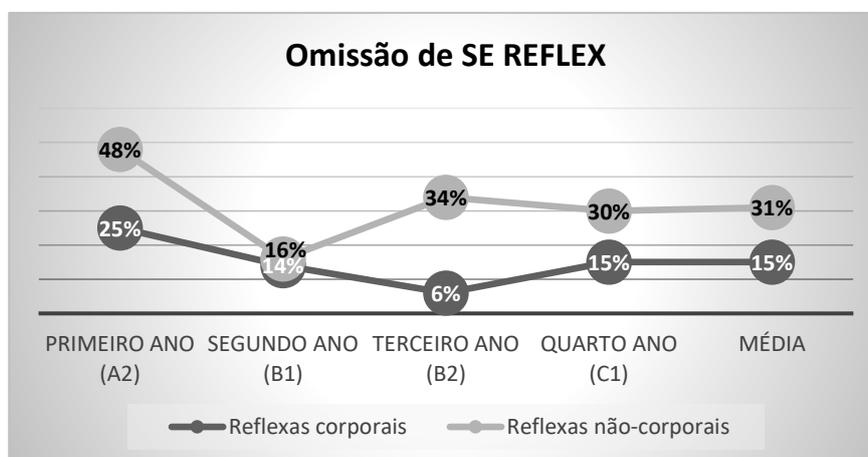


Gráfico 5.21: Estudo de Caso III – Valores médios de omissão de SE REFLEX corporal e não corporal

O Gráfico 5.21 permite ilustrar os resultados do Estudo de Caso III: os inquiridos omitiram mais SE REFLEX nas reflexas não corporais do que nas corporais, o que não correspondeu às nossas expetativas, dado que em mandarim as reflexas não corporais são codificadas por *ziji*, o que configura um paralelismo sensível com o PE. Para os inquiridos de todos os níveis, a taxa geral de omissão nas reflexas não corporais é mais elevada do que a nas reflexas corporais, especialmente no caso dos alunos de B2, com os quais se registou a maior diferença (34% de omissão nas reflexas não corporais vs. 6% de omissão nas reflexas corporais). Uma possível explicação para estes resultados é que os verbos reflexos não corporais incluídos no inquérito são relativamente menos utilizados (registaram-se, respetivamente, no CORLEX, as frequências de 80 para *ver-se*, de 2 para *ferir-se* e 8 para *conhecer-se*).

A seguir, apresentam-se separadamente os resultados das diferentes tarefas: produção induzida (Gráfico 5.22) e juízo de aceitabilidade (Gráfico 5.23), para verificar se os resultados são homogéneos:

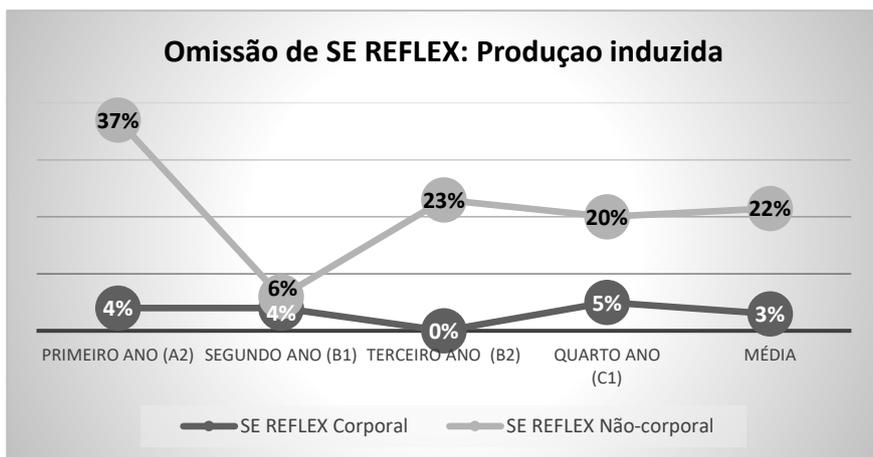


Gráfico 5.22: Estudo de Caso III – Valores médios de omissão de SE REFLEX corporal e não corporal (produção induzida)

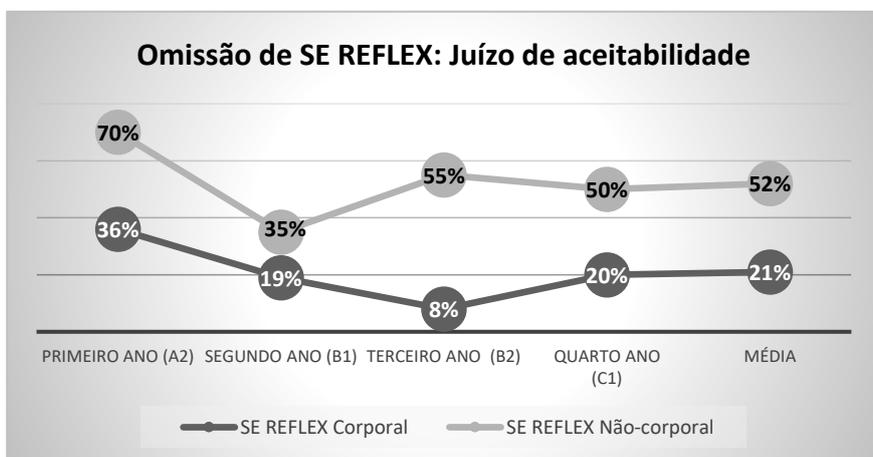


Gráfico 5.23: Estudo de Caso III – Valores médios de omissão de SE REFLEX corporal e não corporal (juízo de aceitabilidade)

Comparando os Gráficos 5.22 e 5.23, percebe-se que os valores médios de omissão de SE REFLEX, tanto nas reflexas corporais como nas não corporais, são mais elevados na tarefa de juízo de aceitabilidade do que na produção induzida (aliás, diferença bastante óbvia), o que parece demonstrar que quando não se chama a atenção para esta questão (nomeadamente, no juízo de aceitabilidade), os alunos não estão sensibilizados para o uso (ou não) de SE REFLEX, o que poderá desativar, provavelmente, o sistema de Monitor de Krashen (1985) (relembra-se que uma das condições para o Monitor se encontrar ativado é o falante conhecer as regras). No entanto, em qualquer uma das tarefas, o valor médio de omissão de SE REFLEX nas

reflexas corporais é francamente inferior ao das reflexas não corporais, o que coincidiu com o resultado geral invalidando a transferência da L1 na omissão de SE REFLEX.

A seguir, apresentar-se-á a comparação entre a omissão de SE REFLEX nas reflexas não corporais e nas recíprocas.

#### ✂ **Estudo de Caso IV: Omissão de SE REFLEX nas reflexas não corporais vs. Omissão de SE RECIPRO**

Tal como previamente descrito, no caso de se validar a transferência da L1 (mandarim), os inquiridos deveriam omitir mais frequentemente SE RECIPRO do que SE REFLEX nas reflexas não corporais, uma vez que entre o PE e o mandarim a proximidade se verifica apenas nas reflexas não corporais (o marcador recíproco em mandarim *huxiang* é advérbio, o que o afasta de SE RECIPRO).

Para o Estudo de Caso IV, a comparação é feita entre os verbos de reflexas não corporais incluídos no Estudo de Caso III (*ver-se*, *ferir-se* e *conhecer-se*) e quatro verbos de estruturas recíprocas *beijar-se*, *encontrar-se*, *ajudar-se* e *apoiar-se*. Note-se que ainda existe uma pequena diferença nos verbos *jiuwen* (*beijar-se* em PE) e *yujian* (*encontrar-se* em PE) incluídos no Estudo de Caso IV: em mandarim, estes são inerentemente recíprocos, denotando em si a noção de reciprocidade, pelo que o uso do advérbio recíproco *huxiang* não é obrigatório; no caso de [*huxiang*]<sub>RECIPRO</sub> *bangzhu* (*ajudar-se* em PE) e [*huxiang*]<sub>RECIPRO</sub> *zhichi* (*apoiar-se* em PE), o uso do advérbio recíproco *huxiang* é obrigatório, sem o qual não se asseguraria a codificação da reciprocidade. Chama-se, ainda, a atenção para o facto de que não há realização do argumento interno em mandarim para nenhuma das estruturas recíprocas incluídas no Estudo de Caso IV, o que significa que as estruturas nesta língua são todas intransitivas. Apresentam-se, em seguida, as taxas de ocorrência das estruturas verbais incluídas no Estudo de Caso IV.

	PE	Mandarim	Construções verbaís	Nativos	Não	1º	2º Ano	3º Ano	4º Ano	
					nativos	Ano	B1	B2	C1	
					Média	A2				
Reflexas Não Corporais	ver-se	kanjian	ver-se	100%	67%	50%	88%	68%	60%	
		[ziji] <sub>REFLEX</sub>	ver	0%	33%	50%	12%	32%	40%	
	ferir-se	shangzhe	ferir-se	100%	48%	30%	65%	45%	50%	
		[ziji] <sub>REFLEX</sub>	ferir	0%	52%	70%	35%	55%	50%	
	conhecer-se	liaojie	conhecer-se	93%	91%	77%	100%	86%	100%	
		[ziji] <sub>REFLEX</sub>	conhecer	7%	9%	23%	0%	14%	0%	
	Média			V-se	98%	69%	52%	84%	66%	70%
				V	2%	31%	48%	16%	34%	30%
	Recíprocas	beijar-se	jiewen [-]	beijar-se	100%	88%	70%	85%	100%	95%
				beijar	0%	12%	30%	15%	0%	5%
encontrar-se		yujian [-]	encontrar-se	100%	61%	52%	70%	73%	50%	
			encontrar	0%	39%	48%	30%	27%	50%	
ajudar-se		[huxiang] <sub>RECIPRO</sub>	ajudar-se	100%	97%	86%	100%	100%	100%	
		bangzhu [-]	ajudar	0%	3%	14%	0%	0%	0%	
apoiar-se		[huxiang] <sub>RECIPRO</sub>	apoiar-se	100%	42%	43%	42%	41%	40%	
		zhichi [-]	apoiar	0%	58%	57%	58%	59%	60%	
Média			V-se	100%	67%	60%	71%	71%	63%	
			V	0%	33%	40%	29%	29%	37%	

Quadro 5.10: Estudo de Caso IV - Omissão de SE REFLEX não corporal e de SE RECIPRO

Como se apresentaram, no Estudo de Caso III, as frases com os verbos **ver-se**, **ferir-se** e **conhecer-se**, apresentam-se apenas os itens em que se envolvem as estruturas recíprocas incluídas no Estudo de Caso IV:

#### Produção induzida

Já viu? Eles \_\_\_\_\_ apaixonadamente no jardim. (beijar/beijar-se)

Resposta esperada: Já viu? Eles **beijaram-se** apaixonadamente no jardim.

O Manuel e o João são colegas, eles \_\_\_\_\_ muito durante este semestre.  
(ajudar/ajudar-se)

Resposta esperada: O Manuel e o João são colegas, eles **ajudam-se** muito durante este semestre.

Antes de morrer, o pai pediu aos dois irmãos para \_\_\_\_\_ um ao outro no futuro. (apoiar/apoiar-se)

Resposta esperada: Antes de morrer, o pai pediu aos dois irmãos para **se apoiarem** um ao outro no futuro.

#### ✎ **Juízo de aceitabilidade**

Ontem, a Maria viu a Helena. Eram colegas da universidade e já não encontravam desde que acabaram o curso.

Resposta esperada: Não aceite. (Ontem a Maria viu a Helena. Eram colegas da universidade e já não ***se encontravam*** desde que acabaram o curso.)

Como os resultados dos verbos ***ver-se***, ***ferir-se*** e ***conhecer-se*** já se apresentaram no Estudo de Caso III, descrevem-se apenas os resultados das estruturas recíprocas: com os verbos ***beijar-se*** e ***ajudar-se*** registaram-se os comportamentos mais acertados, especialmente no caso de ***ajudar-se***, em que apenas se registou uma percentagem de 14% (já muito reduzida) na omissão de SE RECIPRO entre os inquiridos de A2 (a partir do nível B1 não se registou nenhum caso de omissão com este verbo); com os verbos ***encontrar-se*** e ***apoiar-se***, curiosamente, não se verificou nenhuma evolução óbvia entre os inquiridos dos diferentes níveis: especialmente para o verbo ***apoiar-se***, as respostas dos inquiridos de níveis diferentes são muito próximas (com uma percentagem de omissão de 57% para

inquiridos de A2, 58% de B1, 59% de B2 e 60% de C1). Nota-se, ainda, que entre as estruturas recíprocas, não há ligação entre a omissão de SE RECIPRO e o uso obrigatório/não obrigatório do advérbio *huxiang* em mandarim.

Os resultados do Estudo de Caso IV demonstram que entre as estruturas reflexas não corporais e as estruturas recíprocas não se registou nenhuma diferença significativa no que diz respeito à omissão de SE, especialmente na taxa média de omissão (31% nas reflexas não corporais vs. 33% nas recíprocas):

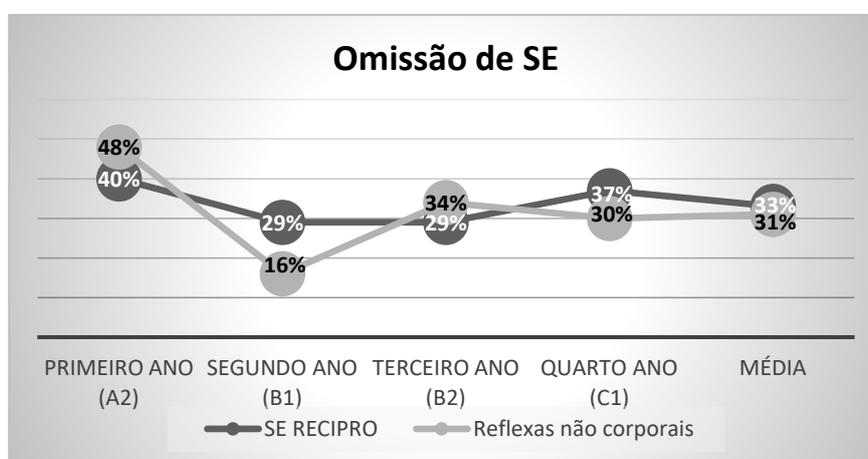


Gráfico 5.24 Estudo de Caso IV – Valores médios de omissão de SE RECIPRO e de SE REFLEX não corporal

O Gráfico 5.24 permite revelar que não foi verificada nenhuma diferença significativa entre a omissão de SE REFLEX não corporal e de SE RECIPRO. Pode-se observar uma maior flutuação na omissão de SE REFLEX não corporal entre os inquiridos de níveis diferentes, especialmente entre os inquiridos de A2 e B1 e entre os de B1 e B2. Tal flutuação não se manifestou de forma evidente para o caso de omissão de SE recíproco: em relação à taxa média de omissão de SE RECIPRO por nível dos inquiridos, a diferença é mínima, não sendo digna de registo.

Apresentam-se, a seguir, os resultados das tarefas de produção induzida (Gráfico 5.25) e de juízo de aceitabilidade (Gráfico 5.26), para averiguar se os resultados são semelhantes:

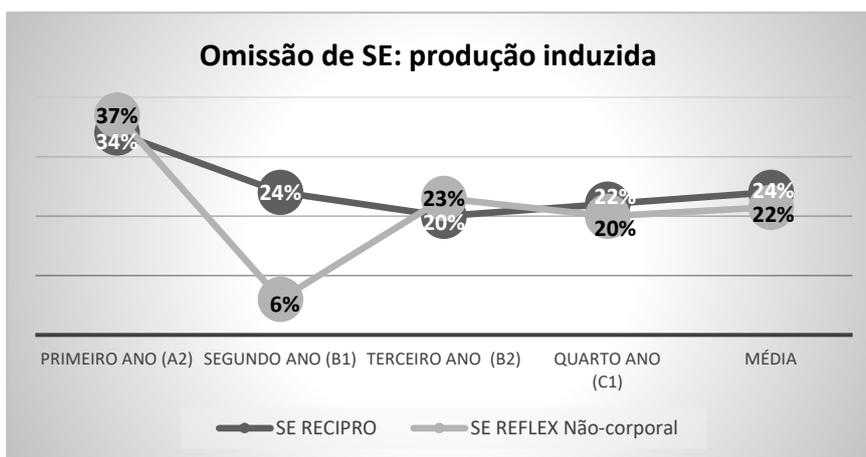


Gráfico 5.25 Estudo de Caso IV – Valores médios de omissão de SE RECIPRO e de SE REFLEX não corporal (produção induzida)

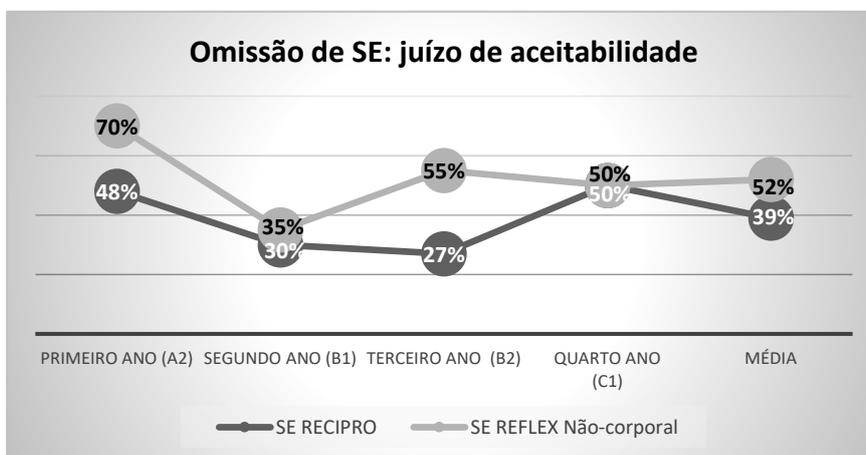


Gráfico 5.26 Estudo de Caso IV – Valores médios de omissão de SE RECIPRO e de SE REFLEX não corporal (juízo de aceitabilidade)

No exercício de produção induzida, a taxa de omissão de SE REFLEX não corporal é muito próxima da de omissão de SE RECIPRO, exceto com os inquiridos de B1, que manifestaram apenas 6% de omissão de SE RECIPRO; no exercício de juízo de aceitabilidade registou-se, com os inquiridos de A2, B1 e B2, um valor mais elevado de omissão de SE RECIPRO do que o de omissão de SE REFLEX não corporal, com especial relevo para os alunos de A2 e B2, em que se registou uma maior diferença entre a omissão de SE RECIPRO e a de SE REFLEX não corporal. Além disso, tal como se demonstrou nas comparações já efetuadas, os alunos parecem ter mais dificuldades na tarefa de aceitabilidade, mas em ambas as tarefas não se registou

nenhum valor acentuado de casos de omissão de SE RECIPRO, o que contradiz a expectativa (maior taxa de omissão de SE RECIPRO do que a de SE REFLEX não corporal).

Os resultados permitem-nos chegar a uma conclusão parecida com a anterior: a omissão de SE REFLEX/RECIPRO **NÃO** deve ser determinada pela L1 (mandarim), porque, caso contrário, os alunos teriam omitido mais vezes SE RECIPRO, o que não foi validado pelos nossos resultados. Repare-se, ainda, que os resultados do Estudo de Caso III coincidem com os do Estudo de Caso IV, sendo ambos não correspondentes às predições.

Embora não seja validada a influência da L1 (mandarim), convém retomar nesta secção a comparação entre SE e *ziji*, uma vez que a omissão de SE REFLEX ocorre, de igual modo, com as reflexas não corporais (que em mandarim exigem também o uso do marcador argumental *ziji*). Embora os dois marcadores partilhem certas semelhanças (nomeadamente, a argumentalidade), chama-se a atenção para a maior diferença entre estes dois casos: a cliticidade. Tal como referido na Secção 3.2.2, SE REFLEX/RECIPRO é clítico, pois não pode ocorrer isoladamente e liga-se, obrigatoriamente, a verbos hospedeiros, o que não acontece com *ziji*, pronome com tons acentuados com independência prosódica. Convém destacar, mais uma vez, o estatuto intermédio do clítico entre palavra (acentuada) e afixo: destituído de acento, SE REFLEX/RECIPRO dependente prosodicamente de verbos hospedeiros, o que não acontece com outros pronomes acentuados (*ziji* em mandarim).

Uma outra diferença é que, dada a sua não autonomia, SE REFLEX/RECIPRO mantém uma relação mais próxima com o respetivo hospedeiro verbal, podendo não ocupar a posição canónica característica de complemento direto e indireto, mas em adjacência estrita ao verbo. Em mandarim, a situação é diferente: o pronome reflexo *ziji* ocupa normalmente a sua posição canónica de objeto na estrutura SVO, uma vez que funciona sintaticamente como complemento direto/indireto. Tirando o caso especial em que o pronome *ziji* ocorre no sintagma preposicional “*PREP ziji*” (cf.

2.3.3), o marcador *ziji* encontra-se sempre na posição enclítica.

Para concluir, tanto o Estudo de Caso III como o Estudo de Caso IV invalidaram a transferência da L1 (mandarim) na omissão de SE REFLEX e de SE RECIPRO, porque a omissão ocorre homogeneamente em cada um dos seguintes três casos: estruturas reflexas corporais, reflexas não corporais e estruturas recíprocas. Desta forma, é-nos possível chegar à seguinte conclusão: a L1 (mandarim) não deverá constituir um fator condicionante para a omissão de SE, porque caso contrário os inquiridos teriam omitido mais vezes SE RECIPRO e SE REFLEX corporal do que SE REFLEX não corporal (sendo o último equivalente a *ziji* em mandarim). Além disso, os dados que recolhemos também nos permitem verificar uma consolidação precoce de SE REFLEX corporal: os aprendentes chineses conseguem normalmente consolidar SE REFLEX corporal já numa fase inicial, embora a estrutura não seja compatível com a L1 (mandarim). Mais se acrescenta que o comportamento dos aprendentes relativo ao uso dos verbos mais comuns poderá ser considerado bastante satisfatório (por exemplo, registou-se uma taxa média de 97% de acerto para *levantar-se*).

#### ✂ **Estudo de Caso V: Sobreuso de SE REFLEX vs. Sobreuso de SE RECIPRO**

O sobreuso e a omissão de SE REFLEX/RECIPRO são dois fenómenos completamente opostos que se encontram na(s) interlíngua(s) dos aprendentes chineses. Dada a cliticidade e a colocação não fixa de SE REFLEX/RECIPRO, os aprendentes omitem, por um lado, SE REFLEX/RECIPRO e acrescentam-no, por outro lado, quando completamente desnecessário.

Tal como referido em 5.2.1, SE REFLEX aproxima-se do marcador reflexo *ziji* por serem ambos anafóricos e argumentais, distanciando-se do marcador recíproco *huxiang*, por este último ser advérbio. Assim, os aprendentes deverão, no caso de se validar a influência da L1 (mandarim), sobreutilizar mais SE REFLEX do que SE RECIPRO. Para justificar esta hipótese, incluíram-se no Estudo de Caso V as seguintes estruturas verbais (nenhuma delas é compatível com SE): *acordar*, *engordar*,

*melhorar, gostar de si próprio, pensar em si próprio, conversar, partilhar, competir um com outro, concordar entre si e lutar entre si. Apresentam-se, no seguinte quadro, as taxas de ocorrência das estruturas verbais acima apresentadas.*

	PE	Mandarim	Estruturas verbais	Nativos	Não nativos Média	1º Ano (A2)	2º Ano (B1)	3º Ano (B2)	4º Ano (C1)
Sobreuso de SE REFLEX	acordar-se	xinglai	acordar-se	0%	45%	52%	54%	50%	25%
			acordar	100%	55%	48%	46%	50%	75%
	engordar-se	zhangpang	engordar-se	0%	58%	61%	60%	32%	80%
			engordar	100%	42%	39%	40%	68%	20%
	melhorar-se	bianhao	melhorar-se	0%	43%	52%	54%	32%	35%
			melhorar	100%	57%	48%	46%	68%	65%
	gostar-se de si próprio	xihuan [ziji] <sub>REFLEX</sub>	gostar-se de si próprio	0%	52%	61%	50%	27%	70%
			gostar de si próprio	100%	48%	39%	50%	73%	30%
	pensar-se em si próprio	kaolv [ziji] <sub>REFLEX</sub>	pensar-se em si próprio	0%	49%	70%	54%	14%	58%
			pensar em si próprio	100%	51%	30%	46%	86%	42%
Média			V-se	0%	49%	59%	54%	31%	54%
			V	100%	51%	41%	46%	69%	46%
Sobreuso de SE RECIPRO	conversar-se	jiaotan	conversar-se	0%	33%	35%	31%	23%	45%
			conversar	100%	67%	65%	69%	77%	55%
	partilhar-se	fenxiang	partilhar-se	0%	41%	52%	35%	27%	50%
			partilhar	100%	59%	48%	65%	73%	50%
	competir-se um	[huxiang] <sub>RECI</sub> PRO jingzheng	competir-se um com outro	0%	62%	78%	62%	64%	45%
			competir	100%	38%	22%	38%	36%	55%

	com outro		um com outro						
	concordar	[huxiang] <sub>RECI</sub> PRO tongyi	concordar-s e entre si	0%	<b>66%</b>	70%	54%	68%	70%
	r-se entre si		concordar entre si	100%	<b>34%</b>	30%	46%	32%	30%
	lutar-se	[huxiang] <sub>RECI</sub> PRO zhengdou	lutar-se entre si	<b>0%</b>	<b>47%</b>	35%	46%	64%	44%
	entre si		lutar entre si	<b>100%</b>	<b>53%</b>	65%	54%	36%	56%
	Média		V-se	<b>0%</b>	<b>50%</b>	54%	46%	49%	51%
			V	<b>100%</b>	<b>50%</b>	46%	54%	51%	49%

Quadro 5.11: Estudo de Caso V – Sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO

Apresentam-se, em primeiro lugar, os itens em que se envolvem as estruturas recíprocas acima referidas:

#### ✂ **Produção induzida**

Todos as manhãs ele costuma \_\_\_\_\_ muito cedo. (acordar/acordar-se)

Resposta esperada: Todos as manhãs, ele costuma **acordar** muito cedo.

A Ana ficou constipada porque apanhou frio no último sábado, mas esta semana já \_\_\_\_\_ bastante. (melhorar/melhorar-se)

Resposta esperada: A Ana ficou constipada porque apanhou frio no último sábado, mas esta semana já **melhorou** bastante.

Ontem à tarde, o Mário e a Sofia \_\_\_\_\_ no café durante muito tempo. (conversar/conversar-se)

Resposta esperada: Ontem à tarde, o Mário e a Sofia **conversaram** no café durante muito tempo.

Por causa da herança do pai, o João e o irmão \_\_\_\_\_ entre si.  
(lutar/lutar-se)

Resposta esperada: Por causa da herança do pai, o João e o irmão **lutaram** entre si.

#### ✂ **Juízo de aceitabilidade**

Embora coma muito, a Fernanda nunca mais se engorda.

Resposta esperada: Não aceite. (Embora coma muito, a Fernanda nunca mais **engorda**.)

O João acha-se sempre inferior, até que muitas vezes não se gosta de si mesmo.

Resposta esperada: Não aceite. (O João acha-se sempre inferior, até que muitas vezes não **gosta** de si mesmo.)

É uma pessoa egoísta que se pensa em si mesmo e nunca nos outros.

Resposta esperada: Não aceite. (É uma pessoa egoísta que **pensa** em si mesmo e nunca nos outros.)

Como não há revistas suficientes para toda a gente, o Filipe e a Helena vão partilhar-se a mesma revista.

Resposta esperada: Não aceite. (Como não há revistas suficientes para toda a gente, o Filipe e a Helena vão **partilhar** a mesma revista.)

Durante o Concurso de Eloquência em Língua Portuguesa, o Miguel e o Dinis vão competir-se um com o outro.

Resposta esperada: Não aceite. (Durante o Concurso de Eloquência em Língua Portuguesa, o Miguel e o Dinis vão **competir** um com o outro.)

Felizmente, no final, o Mário e o Pedro concordaram-se entre si.

Resposta esperada: Não aceite. (Felizmente, no final, o Mário e o Pedro **concordaram** entre si.)

As estruturas verbais incluídas no Estudo de Caso V são todas incompatíveis com o uso de SE REFLEX/RECIPRO. Entre estas estruturas, **engordar** (58% de sobreuso de SE REFLEX, em média), **gostar de si próprio** (52% de sobreuso de SE REFLEX em média), **competir um com outro** (62% de sobreuso de SE RECIPRO, em média), e **concordar entre si** (66% de sobreuso de SE RECIPRO, em média) revelaram os resultados menos ortodoxos que os demais. De entre todos os verbos, o melhor resultado foi registado com o verbo **conversar**, pois 67% dos inquiridos selecionaram, em média, a forma acertada na tarefa de produção induzida. Para as estruturas **acordar** (45% de sobreuso de SE REFLEX, em média), **melhorar** (43% de sobreuso de SE REFLEX, em média), **partilhar** (41% de sobreuso de SE RECIPRO, em média) e **lutar entre si** (47% de sobreuso de SE RECIPRO, em média), quase metade dos inquiridos sobreutilizaram ou aceitaram o sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO. Embora os comportamentos dos inquiridos variem de verbo para verbo, não se registou, em média, uma diferença significativa entre o sobreuso de SE REFLEX e de RECIPRO, como se demonstra no seguinte gráfico:

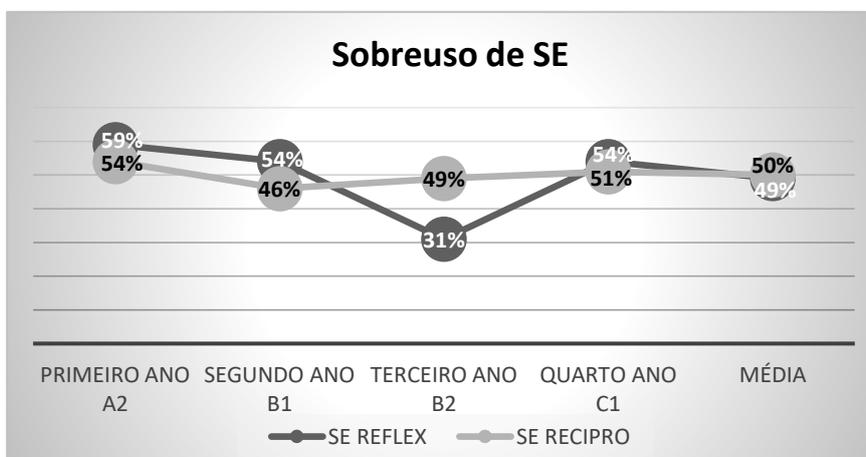


Gráfico 5.27: Estudo de Caso V – Valores médios de sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO

O Gráfico 5.27 permite revelar não apenas a proximidade entre a situação de sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO, mas também o comportamento muito parecido entre os inquiridos de diferentes níveis, especialmente para o caso de SE RECIPRO, onde se regista pouca flutuação e nenhuma evolução entre alunos dos diferentes níveis A2 – C1. Apresentam-se, igualmente, os resultados nas tarefas de produção induzida (Gráfico 5.28) e de juízo de aceitabilidade (Gráfico 5.29).

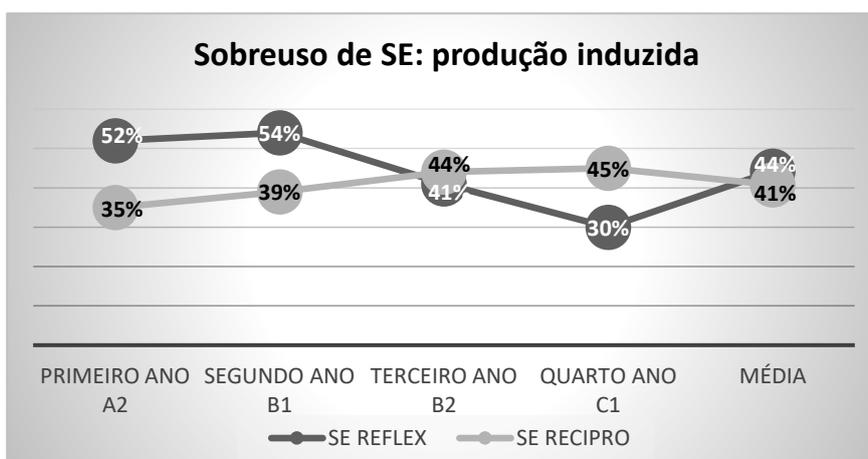


Gráfico 5.28: Estudo de Caso V – Valores médios de sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO (produção induzida)

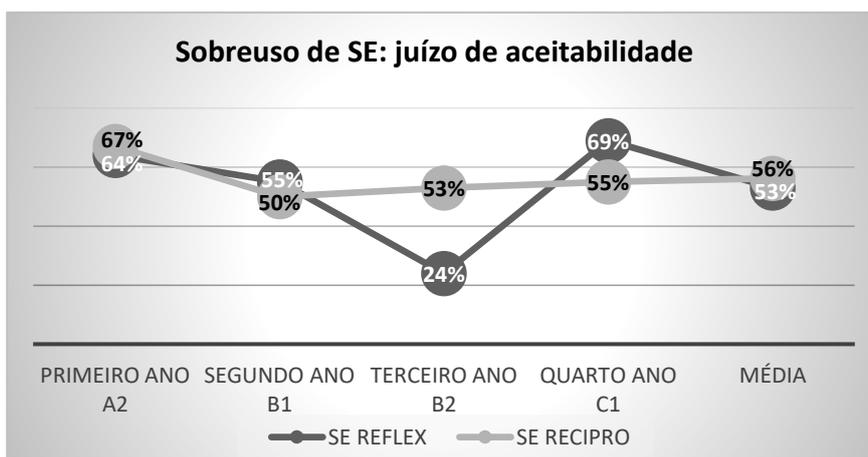


Gráfico 5.29: Estudo de Caso V – Valores médios de sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO (juízo de aceitabilidade)

Comparando os gráficos acima apresentados, verifica-se que os resultados no juízo de aceitabilidade são muito próximos dos resultados gerais. Na produção

induzida, registou-se uma evolução expeável (entre B1 e C1) para o caso de SE REFLEX, que não foi observada no juízo de aceitabilidade, em que é curiosamente mais elevada a aceitação de sobreuso de SE REFLEX dos alunos de C1. Ainda assim, os comportamentos na produção induzida são mais satisfatórios que os do juízo de aceitabilidade, o que coincide com os resultados de outros estudos de caso.

Os resultados do Estudo de Caso V também não correspondem às expeativas, o que parece sugerir que o sobreuso SE REFLEX/RECIPRO **NÃO** se determina pela transferência da L1 (mandarim). Nota-se que os resultados dos Estudos de Caso III-IV também invalidaram a hipótese de transferência da L1 (mandarim), respetivamente na omissão de SE REFLEX/RECIPRO, o que nos leva a questionar a influência de L1 na aquisição de SE REFLEX/RECIPRO em PE. A transferência da L1 na aquisição dos clíticos (*o, lhe, SE, etc.*) em PE também foi questionada por outros autores. Madeira & Xavier (2009), por exemplo, num estudo destinado aos aprendentes de língua materna românica e germânica, apontam que independentemente da sua língua materna, todos os aprendentes têm comportamentos muito semelhantes.

Considerando as hipóteses apresentadas na Secção 4.5 (*Full Access Full Transfer* de Schwartz & Sprouse, 1994; 1996; *Minimal Trees* de Vainikka & Young-Scholten, 1994; 1996; *Full Access No Transfer* de Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996; 1998 e *Fundamental Difference* de Bley-Vroman, 1989; Bley-Vroman & Yoshinaga, 1992), os resultados do presente trabalho parecem mais compatíveis com a hipótese **Full Access No Transfer** de Epstein, Flynn & Martohardjono (1996, 1998): a estabilização precoce de SE REFLEX corporal e de SE RECIPROCO registada nos Estudo de Caso I-II poderá indiciar a existência do acesso à GU na aquisição da L2, o que se afasta da hipótese *Fundamental Difference* (Bley-Vroman 1989, Bley-Vroman & Yoshinaga 1992), que não reconhece o acesso à GU na aquisição de L2; ao mesmo tempo, os Estudos de Caso III-V invalidaram a interferência da L1 na aquisição de SE anafórico em PE (tanto a omissão como o sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO não estão condicionados pela L1 dos inquiridos), o que afasta as hipóteses de *Full Access Full*

*Transfer* (Schwartz & Sprouse, 1994; 1996) e de *Minimal Trees* (Vainikka & Young-Scholten, 1994; 1996), que defendem a transferência (total ou parcial) da L1 na aquisição de L2.

### **5.6.3 Análise dos resultados: outros fatores associados à omissão/sobreuso de SE reflexo/recíproco**

Nesta secção, pretende-se responder, em primeiro lugar, à seguinte questão: independentemente da influência da L1 (que se verificou irrelevante em 5.6.2), em que condições os aprendentes chineses terão mais tendência em omitir SE REFLEX/RECIPRO?

No caso de omissão de SE REFLEX e de SE RECIPRO, prevê-se que a omissão de SE também possa ser influenciada em presença dos seguintes três fatores: i) a função dativa/não dativa de SE anafórico; ii) o uso dos prefixos reflexos/recíprocos (*auto-* para as reflexas e *entre-* para as recíprocas); iii) o uso das expressões de redobro (*a si próprio* para as reflexas e *um PREP outro* para as recíprocas). Com o objetivo de justificar a relação entre a omissão de SE REFLEX/RECIPRO e os fatores acima referidos, serão feitos os seguintes seis estudos comparativos, três para a omissão de SE REFLEX (Estudos de Caso VI, VII, e VIII) e três suplementares para a omissão de SE RECIPRO (Estudos de Caso IX, X, e XI):

- ✎ Estudo de Caso VI: Omissão de SE REFLEX não dativo vs. Omissão de SE REFLEX dativo.
- ✎ Estudo de Caso VII: Omissão de SE REFLEX prefixado com *auto-* vs. Omissão de SE REFLEX não prefixado com *auto-*.
- ✎ Estudo de Caso VIII: Omissão de SE REFLEX redobrado com *a si próprio* vs. Omissão de SE REFLEX não redobrado com *a si próprio*.
- ✎ Estudo de Caso IX: Omissão de SE RECIPRO não dativo vs. Omissão de SE RECIPRO dativo

✂ Estudo de Caso X: Omissão de SE RECIPRO prefixado com *entre-* vs. Omissão de SE não prefixado não prefixado com *entre-*.

✂ Estudo de Caso XI: Omissão de SE RECIPRO redobrado com *um PREP outro* vs. Omissão de SE RECIPRO não redobrado com *um PREP outro*.

✂ **Estudo de Caso VI: Omissão de SE REFLEX não dativo vs. Omissão de SE REFLEX dativo**

A aceitabilidade do valor dativo de SE anafórico é uma questão muito problemática. Tal como foi apontador por Lobo (2013: 2212), existem flutuações entre os falantes quanto à aceitabilidade de SE REFLEX com a função de complemento indireto. Para podermos comparar a omissão de SE REFLEX não dativo com o de SE REFLEX dativo, incluímos as seguintes estruturas verbais: *desculpar-se a si próprio*, *proteger-se a si próprio*, *conceder-se a si próprio*, *oferecer-se a si próprio*, e *perguntar-se a si próprio*. Apresentam-se, no seguinte quadro, as taxas de ocorrência das estruturas verbais acima expostas.

	PE	Mandarim	Construções verbais	Nativos	Não nativos Média	1º Ano A2	2º Ano B1	3º Ano B2	4º Ano C1
<b>SE REFLEX com valor não dativo</b>	desculpar-se a si próprio	yuanliang	desculpar-se a si próprio	100%	53%	36%	42%	68%	65%
	a si próprio	[ziji] <sub>REFLEX</sub>	desculpar a si próprio	0%	47%	64%	58%	32%	35%
	proteger-se a si próprio	baohu	proteger-se a si próprio	100%	23%	27%	23%	18%	25%
	a si próprio	[ziji] <sub>REFLEX</sub>	proteger a si próprio	0%	77%	73%	77%	82%	75%
	Média		V-se	100%	38%	32%	33%	43%	45%
			V	0%	62%	68%	67%	57%	55%
<b>SE REFLEX</b>	conceder-se	song	conceder-se a si próprio	14%	56%	70%	54%	50%	50%

com valor dativo	a si próprio	[ziji] <sub>REFLEX</sub>	conceder a si próprio	86%	44%	30%	46%	50%	50%
	oferecer-se a si próprio	gei	oferecer-se a si próprio	0%	32%	22%	23%	68%	15%
	a si próprio	[ziji] <sub>REFLEX</sub>	oferecer a si próprio	100%	68%	78%	77%	32%	85%
	perguntar-se a si próprio	wen	perguntar-se a si próprio	40%	32%	18%	27%	23%	61%
	a si próprio	[ziji] <sub>REFLEX</sub>	perguntar a si próprio	60%	68%	82%	73%	77%	39%
	Média		V-se	18%	40%	37%	35%	47%	42%
			V	82%	60%	63%	65%	53%	58%

Quadro 5.12: Estudo de Caso VI - Omissão de SE REFLEX não dativo vs.

#### Omissão de SE REFLEX dativo

De acordo com os resultados apresentados na Secção 5.5.2, os inquiridos nativos manifestaram mais dúvidas nas seguintes duas construções reflexas: *conceder-se a si próprio/conceder a si próprio* e *perguntar-se a si próprio/perguntar a si próprio*. Uma vez que tal problema preocupa e até levanta dúvidas nos próprios falantes nativos, é natural que os aprendentes de PL2 manifestem também certas dificuldades. Para podermos analisar melhor as dificuldades dos inquiridos, retomam-se as frases em que se inserem estas estruturas:

#### ✍️ Produção induzida

Foi a descontração dele que causou este acidente grave, portanto, ele não conseguiu \_\_\_\_\_ pelo lapso que cometeu. (desculpar/desculpar-se)

Resposta esperada: Foi a descontração dele que causou este acidente grave, portanto, ele não conseguiu ***desculpar-se*** pelo lapso que cometeu.

Ontem, foi o aniversário da Maria mas ela não recebeu nenhum presente,

portanto decidiu \_\_\_\_\_ a si própria um novo relógio como um presente.  
(oferecer/oferecer-se)

Resposta esperada: Mais aceitável: Ontem, foi o aniversário da Maria mas ela não recebeu nenhum presente, portanto decidiu **oferecer** a si própria um novo relógio como um presente.

Menos aceitável: Ontem, foi o aniversário da Maria mas ela não recebeu nenhum presente, portanto decidiu **oferecer-se** a si própria um novo relógio como um presente.

Fiquei arrependido. \_\_\_\_\_ a mim próprio porque é que não fiz nada para o ajudar? (perguntar/perguntar-se)

Resposta esperada: Mais aceitável: Fiquei arrependido. **Perguntei** a mim próprio porque é que não fiz nada para o ajudar?

Menos aceitável: Fiquei arrependido. **Perguntei-me** a mim próprio porque é que não fiz nada para o ajudar?

#### **Juízo de aceitabilidade**

Devemos, em particular, proteger aqueles que não podem proteger a si próprios.

Resposta esperada: Não aceite. (Devemos, em particular, proteger aqueles que não ***se podem proteger*** a si próprios.)

A Maria anda cansadíssima esta semana, por isso decidiu conceder-se a si própria um dia de folga para descansar um pouco.

Resposta esperada: Mais aceitável: Não aceite. (A Maria anda cansadíssima esta semana, por isso decidiu ***conceder*** a si própria um dia de folga para descansar um pouco.)

Menos aceitável: Aceite.

A análise dos resultados começa com as construções transitivas ***desculpar-se a si próprio*** e ***proteger-se a si próprio***, em que os inquiridos nativos não revelaram nenhuma dúvida e preferiram, sem exceção alguma, o uso de SE REFLEX (100%). O comportamento dos inquiridos não nativos revelou-se, contudo, muito diferente. Com estas duas estruturas, a omissão de SE REFLEX é muito mais frequente: 47% dos alunos omitiram, na tarefa de produção, SE REFLEX, em ***desculpar-se a si próprio*** e 77% dos inquiridos aceitaram, no juízo de aceitabilidade, a omissão de SE REFLEX para o caso de ***proteger-se a si próprio*** (nota-se que no exercício de juízo de aceitabilidade os resultados são mais desviantes), o que poderá também justificar que a existência de um padrão de referência gramatical (rígido e não flutuante) na aprendizagem de PL2 revela-se decisiva.

No que diz respeito ao uso de SE REFLEX nas estruturas intransitivas/ditransitivas, as respostas dos falantes nativos divergem: com as construções de transação ***conceder(-se) a si próprio*** e ***oferecer(-se) a si próprio*** os falantes nativos revelaram pouca flutuação, registando-se, respetivamente, 86% e 100% na omissão. Nota-se que tamanha diferença (86% e 100%) poderá ter tido origem no facto de estas duas estruturas terem sido integradas em tarefas distintas. A construção ***conceder-se a si próprio*** encontrou-se no exercício de juízo de aceitabilidade, em que 14% dos inquiridos aceitaram o uso de SE REFLEX. Quanto ao exercício de produção induzida, pediu-se aos inquiridos para escolher entre ***oferecer*** e ***oferecer-se*** por forma a completar a frase. Na verdade, esta tipologia de exercícios poderá chamar diretamente a atenção dos inquiridos, uma vez que 100% dos falantes nativos selecionaram a forma ***oferecer***, considerando, neste caso, muito redundante o uso de SE REFLEX.

No que concerne à construção ***perguntar-se a si próprio***, a indecisão dos falantes nativos revelou-se maior: pediu-se aos inquiridos para selecionar entre ***perguntar*** e ***perguntar-se*** para completar a frase, sendo que a maior parte (60%) dos inquiridos nativos optaram pela forma ***perguntar***, considerando redundante o uso de

SE REFLEX.

Na aceitabilidade de SE reflexo com a função dativa, as respostas dos inquiridos chineses distanciam-se, mais uma vez, das dos nativos, como se poderá constatar no seguinte gráfico:



Gráfico 5.30: Valores médios de omissão de SE REFLEX dativo

Como se pode observar no Gráfico 5.30, na(s) interlíngua(s) dos aprendentes chineses, a aceitação de SE REFLEX com a função dativa é maior do que a dos inquiridos nativos, registando-se uma taxa média de 60% de omissão (vs. 82% de omissão de SE REFLEX para os inquiridos nativos). Na produção induzida, 32% dos inquiridos preferiram o uso de SE REFLEX tanto para *oferecer-se a si próprio* como para *perguntar-se a si próprio*, e no juízo de aceitabilidade 56% aceitou o uso de SE REFLEX em *conceder-se a si próprio*.

A seguir, focaliza-se a análise na comparação entre a omissão de SE REFLEX não dativo e a de SE REFLEX dativo entre os inquiridos chineses, núcleo do Estudo de Caso VI:

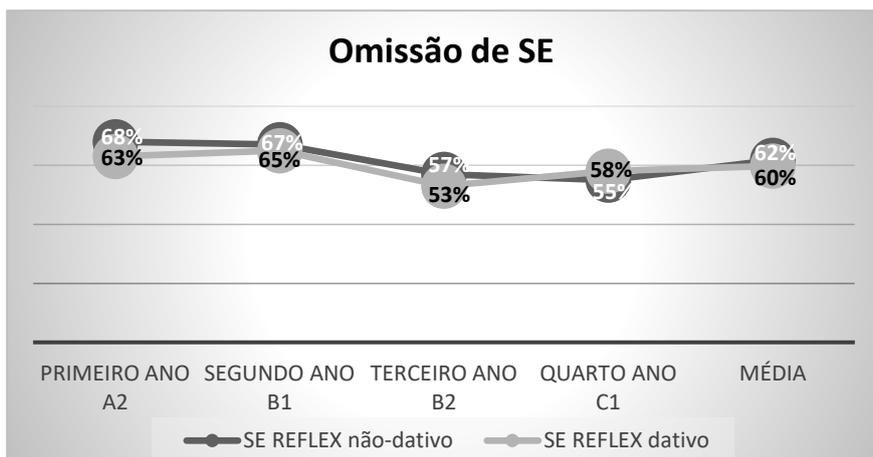


Gráfico 5.31: Estudo de Caso VI – Valores médios de omissão de SE REFLEX não dativo e dativo

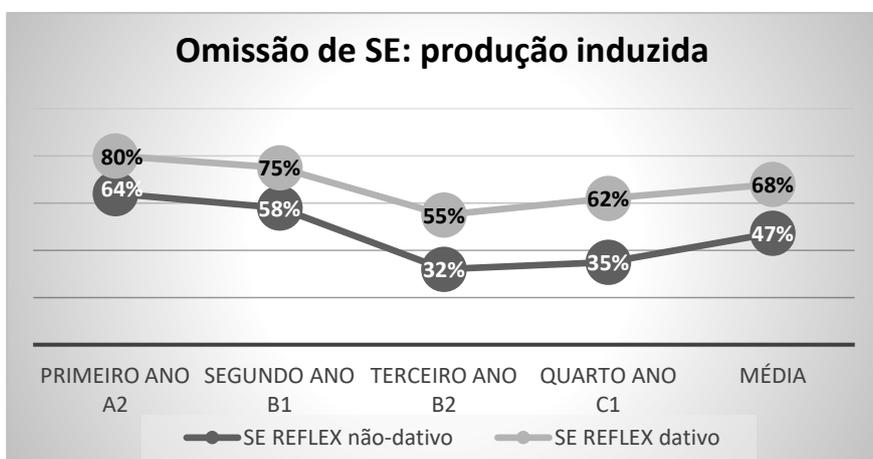


Gráfico 5.32: Estudo de Caso VI - Valores médios de Omissão de SE REFLEX não dativo e dativo (produção induzida)

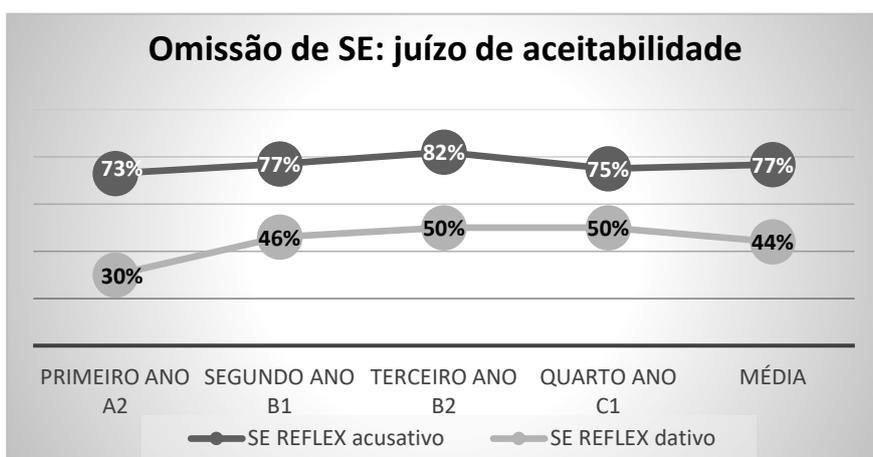


Gráfico 5.33: Estudo de Caso VI - Valores médios de omissão de SE REFLEX não dativo e dativo (juízo de aceitabilidade)

Curiosamente, como se pode observar nos gráficos acima expostos, os

resultados das duas tarefas são bastante distintos: na produção induzida (Gráfico 5.32), os inquiridos (de todos os níveis) omitiram mais SE REFLEX dativo do que SE REFLEX não dativo, enquanto no juízo de aceitabilidade os inquiridos (de todos os níveis) aceitaram mais a omissão de SE REFLEX não dativo do que de SE REFLEX dativo. Mas no panorama geral, a omissão de SE REFLEX não dativo e de SE REFLEX dativo é quase idêntica (Gráfico 5.31), o que parece indicar que, embora se registre uma grande diferença entre a aceitação de SE REFLEX com valor não dativo e dativo entre os falantes nativos, a função sintática (não dativa/dativa) não se associa à omissão de SE REFLEX pelos inquiridos chineses. Por outras palavras, independentemente da função sintática (não dativa/dativa) de SE REFLEX, os aprendentes chineses têm um comportamento muito semelhante no que diz respeito à omissão de SE REFLEX.

#### ✎ **Estudo de Caso VII: Omissão de SE REFLEX prefixado com *auto-* vs. Omissão de SE REFLEX não prefixado com *auto-***

No Estudo de Caso VII, será dada particular atenção ao uso do prefixo reflexo *auto-* e pretende-se descobrir se o uso de *auto-* influencia a omissão de SE REFLEX. Tal como foi descrito na Secção 3.4.4, o prefixo reflexo *auto-* permite igualmente a codificação da reflexividade, embora não ocorra sozinho e se empregue sempre junto a SE REFLEX. Também se chama a atenção para o facto de o prefixo *auto-* não ser compatível com as reflexas corporais, uma vez que as reflexas corporais denotam normalmente situações naturalmente autocentradas, em que existe grande expectativa de reflexividade.

Incluíram-se, no Estudo de Caso VII, quatro verbos reflexos, dois prefixados *autoavaliar-se*, *autocriticar-se* e dois não prefixados *acalmar-se* e *elogiar-se*, por forma a levar a cabo uma comparação. Para esses quatro verbos, os correspondentes em mandarim são todos verbos reflexos prefixados: *[ziwo-]<sub>REFLEX</sub>pingjia* (*autoavaliar-se* em PE), *[ziwo-]<sub>REFLEX</sub>piping* (*autocriticar-se* em PE),

[ziwo-]<sub>REFLEX</sub>lengjing (acalmar-se em PE) e [ziwo-]<sub>REFLEX</sub>biaoyang (elogiar-se em PE).

Em mandarim, os prefixos zi-/ziwo- não são compatíveis com o pronome reflexo ziji, o que constitui a maior diferença quando comparados com o prefixo *auto-* em PE (não podendo ocorrer sozinho, mas empregando-se sempre junto a SE REFLEX). A seguir apresentam-se as taxas de ocorrência das estruturas verbais acima descritas.

PE		Mandarim	Construções verbais	Nativos	Não nativos	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
					Média	A2	B1	B2	C1
<b>Reflexo</b>	autoavaliar-se	[ziwo-] <sub>REFLEX</sub> pingjia	autoavaliar-se	100%	53%	57%	62%	32%	61%
		[-]	autoavaliar	0%	47%	43%	38%	68%	39%
<b>com prefixo</b>	autocriticar-se	[ziwo-] <sub>REFLEX</sub> piping[-]	autocriticar-se	100%	35%	22%	46%	41%	30%
		[-]	autocriticar	0%	65%	78%	54%	59%	70%
<b>auto-</b>	Média		V-se	100%	44%	40%	54%	37%	46%
			V	0%	56%	60%	46%	63%	54%
<b>Reflexo</b>	acalmar-se	[ziwo-] <sub>REFLEX</sub> lengjing	acalmar-se	69%	26%	9%	38%	32%	25%
		[-]	acalmar	31%	74%	91%	62%	68%	75%
<b>sem prefixo</b>	elogiar-se	[ziwo-] <sub>REFLEX</sub> biaoyang	elogiar-se	100%	73%	73%	42%	95%	80%
		[-]	elogiar	0%	27%	27%	58%	5%	20%
<b>auto-</b>	Média		V-se	85%	50%	41%	40%	64%	53%
			V	5%	50%	59%	60%	36%	47%

Quadro 5.13: Estudo de Caso VII – Omissão de SE REFLEX prefixado (com *auto-*) e não prefixado (com *auto-*)

Apresentam-se, em primeiro lugar, as frases que constam do inquérito:

### **Produção induzida**

Para quem quer que seja, é importante aprender a \_\_\_\_\_.  
(autoavaliar/autoavaliar-se)

Resposta esperada: Para quem quer que seja, é importante aprender a **autoavaliar-se**.

E ele não tinha vergonha? \_\_\_\_\_ em frente do público durante uma hora?  
(elogiar/elogiar-se)

Resposta esperada: E ele não tinha vergonha? **Elogiou-se** em frente do público durante uma hora?

#### ✎ **Juízo de aceitabilidade**

Inesperadamente, o João autocriticou pela sua própria incapacidade na reunião.

Resposta esperada: Não aceite. (Inesperadamente, o João ***autocriticou-se*** pela sua própria incapacidade na reunião.)

Ao ouvir a notícia, ela chorou tanto que demorou muito tempo a acalmar.

Resposta esperada: Não aceite. (Ao ouvir a notícia, ela chorou tanto que demorou muito tempo a ***acalmar-se***.)

De entre os verbos incluídos no Estudo de Caso VII, chama-se a atenção para o verbo *acalmar-se*, visto que 31% dos inquiridos nativos aceitaram a omissão de SE REFLEX no exercício de juízo de aceitabilidade com este verbo (?Ao ouvir a notícia, ela chorou tanto que demorou muito tempo a *acalmar*.), o que nos leva a considerar que, neste caso em particular, o PE já estará a aceitar como correta a forma *acalmar*.

Os comportamentos dos inquiridos chineses variam de verbo para verbo. Na produção induzida, a diferença entre a omissão de SE REFLEX prefixado e não prefixado é maior: 47% de omissão em *autoavaliar-se* e apenas 27% de omissão para o caso de *elogiar-se*. No juízo de aceitabilidade, a diferença registada é relativamente menos evidente: 65% de omissão em *autocriticar-se* e 74% no caso de *acalmar-se*. O elevado valor de omissão para *acalmar-se* não é muito surpreendente,

já que este verbo também constitui maior dificuldade para os inquiridos nativos.

De acordo com os resultados, o contraste não se revelou muito óbvio entre o valor médio de omissão de SE REFLEX prefixado (com *auto-*) e não prefixado (com *auto-*), tal como se demonstra no seguinte gráfico:

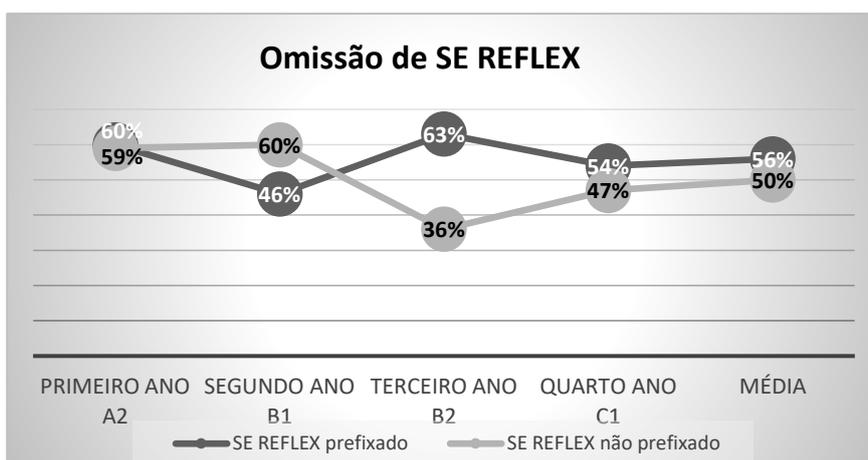


Gráfico 5.34: Estudo de Caso VII - Valores médios de omissão de SE REFLEX prefixado e não prefixado (com *auto-*)

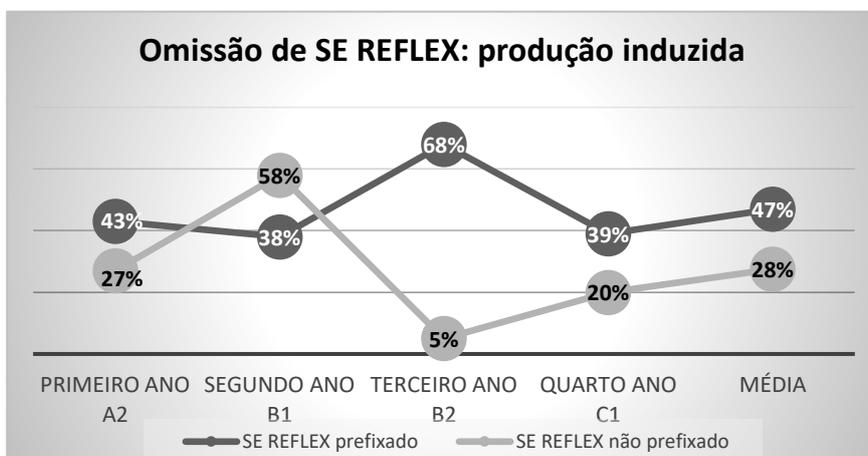


Gráfico 5.35: Estudo de Caso VII - Valores médios de omissão de SE REFLEX prefixado e não prefixado (produção induzida)

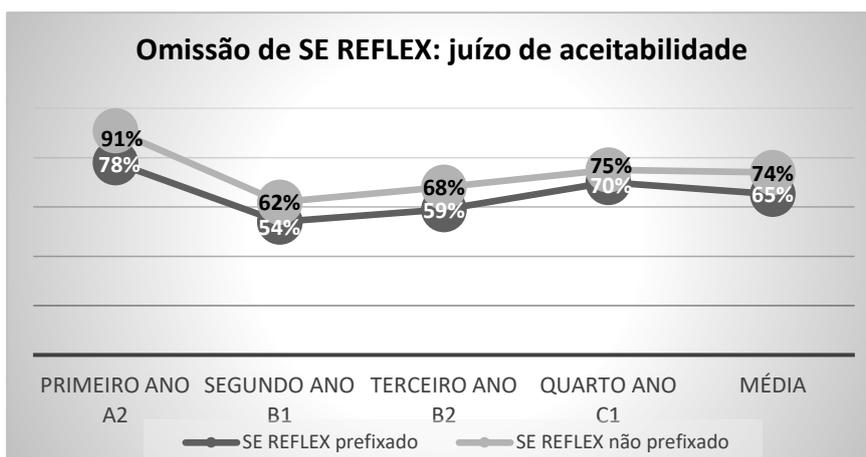


Gráfico 5.36: Estudo de Caso VII - Valores médios de omissão de SE REFLEX prefixado e não prefixado (juízo de aceitabilidade)

O Gráfico 5.34 permite revelar que, no que diz respeito à taxa média, não se verificou uma diferença significativa entre a omissão do SE REFLEX prefixado (56%) e não prefixado (50%). Na produção induzida (Gráfico 5.35), registam-se mais flutuações tanto para a omissão de SE REFLEX prefixado como para a de SE REFLEX não prefixado, enquanto no juízo de aceitabilidade as diferenças registadas entre os dois casos são muito pequenas, sendo possível observar-se duas linhas quase sobrepostas no Gráfico 5.36. Além disso, nota-se que para ambos os casos se registou maior omissão na tarefa de juízo de aceitabilidade, o que também acontece em outros estudos de caso do presente trabalho.

Para uma comparação global entre a omissão SE REFLEX prefixado e não prefixado, não é possível verificar nenhum contraste saliente (cf. Gráfico 5.34), o que leva a crer que o uso do prefixo *auto-* também **NÃO** se associa à omissão de SE REFLEX entre os aprendentes chineses.

Na verdade, os resultados do Estudo de Caso VII também invalidaram, tal como aconteceu nos Estudos de Caso III-V, a influência da L1 (mandarim) na omissão de SE REFLEX, uma vez que em mandarim, o prefixo reflexo *zi-/ziwo-* nunca é compatível com o marcador argumental *ziji*. No caso de validar a influência da L1 (mandarim) na omissão de SE REFLEX, os inquiridos chineses teriam omitido mais frequentemente REFLEX com os verbos prefixados *autoavaliar-se* e *autocriticar-se*, o que não

aconteceu no Estudo de Caso VII, razão pela qual se percebe que os resultados dos Estudos de Caso III-V e VII são convergentes entre si.

✎ **Estudo de Caso VIII: Omissão de SE REFLEX redobrado com *a si próprio* vs. Omissão de SE REFLEX não redobrado com *a si próprio***

À imagem do aconteceu com o Estudo de Caso VII, pretende-se, de igual modo, descobrir se existe uma relação entre o uso da expressão de redobro *a si próprio* e a omissão de SE REFLEX. Como referido em 3.4.2, a expressão *a si próprio* não é compatível com as reflexas corporais, porque as reflexas corporais contêm em si grande expectativa de reflexividade, e o uso da expressão *a si próprio* revela-se muito redundante. Com as reflexas não corporais, a expressão *a si próprio* serve, principalmente, para reforçar a noção de reflexividade, ou para desambiguar o sentido, no caso de haver ambiguidade entre a leitura reflexa e recíproca.

Para certos verbos intransitivos, a expressão *a si próprio* poderá substituir SE REFLEX na codificação de reflexividade (cf. Estudo de Caso VI), razão pela qual se incluíram, no Estudo de Caso VIII, apenas construções verbais transitivas: a comparação é feita entre as duas estruturas incluídas no Estudo de Caso IV *desculpar-se a si próprio* e *proteger-se a si próprio* e outros três verbos reflexos não corporais incluídos nos Estudos de Caso III e IV *ver-se*, *ferir-se* e *conhecer-se*, já que a expressão *a si próprio* não é tipicamente compatível com as reflexas corporais. A presentam-se, seguidamente, as taxas de ocorrência destas construções verbais:

	PE	Mandarim	Construções verbais	Nativos	Não nativos Média	1º Ano A2	2º Ano B1	3º Ano B2	4º Ano C1
<b>Omissão de SE REFLEX redobrado</b>	desculpar-se	yuanliang	desculpar-se a si próprio	100%	53%	36%	42%	68%	65%
	a si próprio	[ziji] <sub>REFLEX</sub>	desculpar a si próprio	0%	47%	64%	58%	32%	35%

<b>(com a si próprio)</b>	proteger-se	baohu	proteger-se a si próprio	<b>100%</b>	<b>23%</b>	27%	23%	18%	25%
	a si próprio	[ziji] <sub>REFLEX</sub>	proteger a si próprio	<b>0%</b>	<b>77%</b>	73%	77%	82%	75%
	Média		V-se	<b>100%</b>	<b>38%</b>	32%	33%	43%	45%
			V	<b>0%</b>	<b>62%</b>	68%	67%	57%	55%
<b>Omissão de SE REFLEX não redobrado (com a si próprio)</b>	ver-se	kanjian	ver-se	<b>100%</b>	<b>67%</b>	50%	88%	68%	60%
		[ziji] <sub>REFLEX</sub>	ver	<b>0%</b>	<b>33%</b>	50%	12%	32%	40%
	ferir-se	shangzhe	ferir-se	<b>100%</b>	<b>48%</b>	30%	65%	45%	50%
		[ziji] <sub>REFLEX</sub>	ferir	<b>0%</b>	<b>52%</b>	70%	35%	55%	50%
	conhecer-se	liaojie	conhecer-se	<b>93%</b>	<b>91%</b>	77%	100%	86%	100%
		[ziji] <sub>REFLEX</sub>	conhecer	<b>7%</b>	<b>9%</b>	23%	0%	14%	0%
	Média		V-se	<b>98%</b>	<b>69%</b>	52%	84%	66%	70%
			V	<b>2%</b>	<b>31%</b>	48%	16%	34%	30%

Quadro 5.14: Estudo de Caso VIII – Omissão de SE REFLEX redobrado (com a si próprio) e não redobrado (com a si próprio)

De modo a podermos descrever os comportamentos dos inquiridos, retomam-se, em primeiro lugar, as frases incluídas no inquérito:

#### ✎ **Produção induzida**

Foi a descontração dele que causou este acidente grave, portanto, ele não conseguiu \_\_\_\_\_ pelo lapso que cometeu. (desculpar/desculpar-se)

Resposta esperada: Foi a descontração dele que causou este acidente grave, portanto, ele não conseguiu **desculpar-se** pelo lapso que cometeu.

A Helena costuma \_\_\_\_\_ ao espelho durante muito tempo antes de sair de casa. (ver/ver-se)

Resposta esperada: A Helena costuma **ver-se** ao espelho durante muito tempo antes de sair de casa.

Ele \_\_\_\_\_ muito bem, conhece as suas vantagens e os seus problemas.  
(conhecer/conhecer-se)

Resposta esperada: Ele **conhece-se** muito bem, conhece as suas vantagens e os seus problemas.

#### ✎ **Juízo de aceitabilidade**

Devemos, em particular, proteger aqueles que não podem proteger a si próprios.

Resposta esperada: Não aceite. (Devemos, em particular, proteger aqueles que não ***se podem proteger*** a si próprios.)

Quando andava a cavalo, a Sofia caiu e feriu.

Resposta esperada: Não aceite. (Quando andava a cavalo, a Sofia caiu e ***feriu-se***.)

Com as construções ***desculpar-se a si próprio*** e ***proteger-se a si próprio***, registou-se uma taxa de omissão mais elevada de SE REFLEX (47% para ***desculpar-se a si próprio*** e 77% para ***proteger-se a si próprio***). Com os verbos reflexos não redobrados com ***a si próprio***, a situação é um pouco mais favorável, especialmente com ***conhecer-se***, verbo que não oferece dificuldades nem aos aprendentes de iniciação (A2), registando-se apenas uma taxa média de omissão de 9%.

Na comparação entre a omissão de SE REFLEX redobrado (com ***a si próprio***) e não redobrado (com ***a si próprio***), o contraste revelou-se óbvio, como se pode observar nos seguintes gráficos:

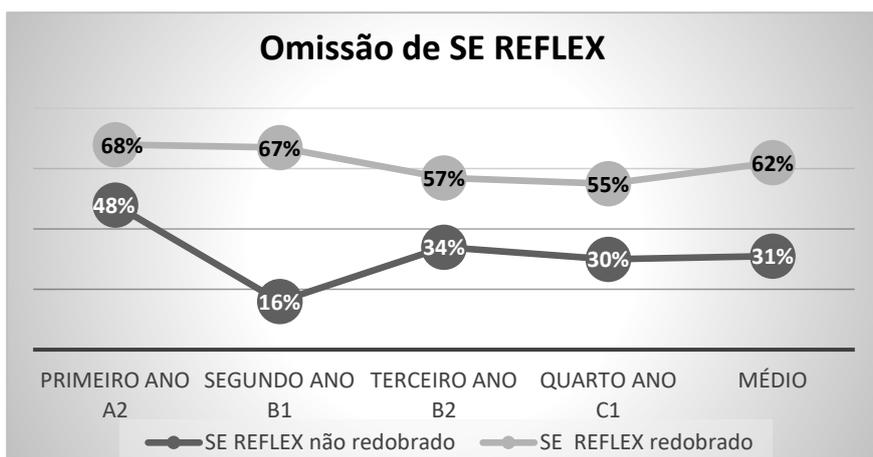


Gráfico 5. 37: Estudo de Caso VIII - Omissão de SE REFLEX redobrado (com *a si próprio*) e não redobrado (com *a si próprio*)

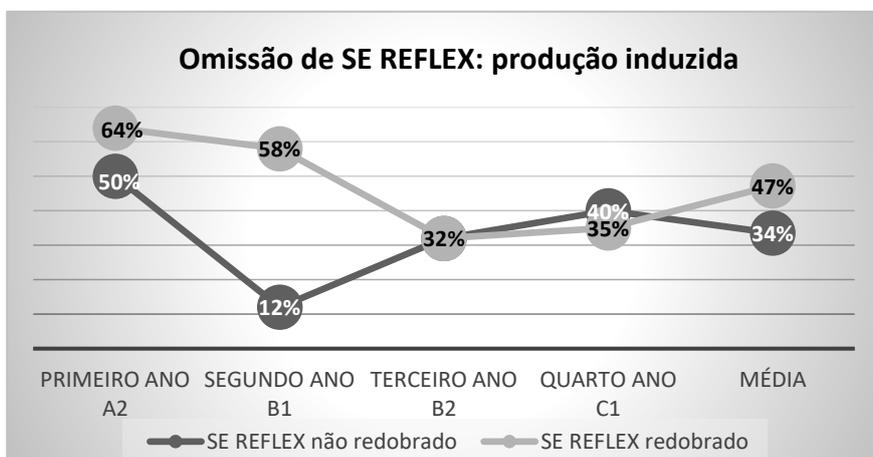


Gráfico 5. 38: Estudo de Caso VIII - Omissão de SE REFLEX redobrado e não redobrado (produção induzida)

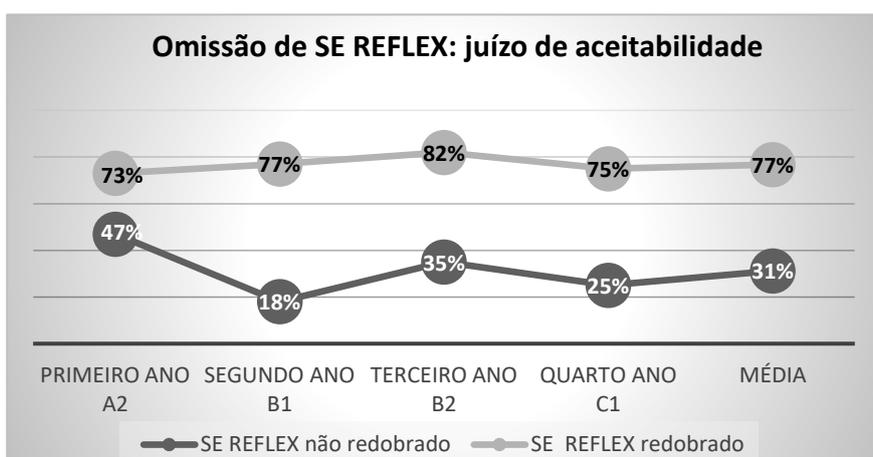


Gráfico 5.39: Estudo de Caso VIII - Omissão de SE REFLEX redobrado e não redobrado (juízo de aceitabilidade)

O Gráfico 5.37 revelou uma diferença óbvia entre a omissão de SE REFLEX

redobrado (com *a si próprio*) e não redobrado (com *a si próprio*) no comportamento dos inquiridos de todos os níveis (A2 – C1): a taxa de omissão de SE REFLEX redobrado é superior à taxa de omissão de SE REFLEX não redobrado. Na produção induzida, registou-se o mesmo contraste apenas entre os inquiridos de A2 e B1 (cf. Gráfico 5. 38) e no juízo de aceitabilidade, tal contraste também se verificou entre os inquiridos de todos os níveis (cf. Gráfico 5. 39). Com estes resultados, é possível chegar à seguinte conclusão: com o uso da expressão de redobro *a si próprio*, os aprendentes chineses terão mais possibilidade de omitir SE REFLEX (com verbos transitivos), fenómeno que não se registou nas respostas dos falantes nativos.

Apesar de não serem influenciados pelo uso do prefixo *auto-*, os aprendentes chineses têm comportamentos diferentes, quando se deparam (ou não) com a expressão *a si próprio*. A razão que levou os inquiridos chineses a omitir SE REFLEX nas estruturas *desculpar-se a si próprio* e *proteger-se a si próprio* poderá ser a mesma que levou os nativos a omitir SE nos casos de *perguntar-se a si próprio*, *oferecer-se a si próprio* e *conceder-se a si próprio* (cf. Estudo de Caso VI): com o uso da expressão de redobro *a si próprio* SE REFLEX poder-se-á tornar redundante. No entanto, chama-se a atenção para o facto de os falantes nativos de português omitirem apenas SE REFLEX nas estruturas intransitivas (com *a si próprio*) e nunca nas transitivas (com *a si próprio*), comportamento que se distanciou do dos aprendentes chineses, que não manifestam diferença entre os dois casos.

#### ✎ **Estudo de Caso IX: Omissão de SE RECIPRO não dativo vs. Omissão de SE RECIPRO dativo**

À semelhança do que se fez no Estudo de Caso VI, pretende-se averiguar, no presente estudo de caso, se existe alguma relação entre a omissão de SE RECIPRO e a função sintática que assume (dativo/não dativo). Apesar de se terem verificado flutuações entre os falantes nativos quanto à aceitabilidade de SE REFLEX com a função de complemento indireto, os resultados do Estudo de Caso VI mostraram que

não há ligação direta entre a omissão de SE REFLEX pelos inquiridos chineses e o seu valor sintático (não dativo ou dativo).

Para podermos comparar a omissão de SE RECIPRO não dativo com a de SE RECIPRO dativo, incluíram-se as seguintes estruturas verbais: *zangar-se um com outro*, *separar-se um do outro*, *desejar-se um ao outro*, e *oferecer-se um ao outro*. Apresentam-se, no seguinte quadro, as taxas de ocorrência das estruturas verbais acima referidas.

	PE	Mandarim	Construções verbais	Nativos	Não nativos Média	1º	2º	3º	4º
						Ano (A2)	Ano (B1)	Ano (B2)	Ano (C1)
SE com valor não dativo	zangar-se um com outro	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> shengqi [-]	zangar-se um com outro	94%	39%	26%	50%	45%	35%
			zangar um com outro	6%	61%	74%	50%	55%	65%
	separar-se um do outro	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> fenkai [-]	separar-se um do outro	100%	54%	43%	50%	82%	40%
			separar um do outro	0%	46%	57%	50%	18%	60%
	Média		V-se	97%	47%	35%	50%	64%	38%
			V	3%	53%	65%	50%	36%	62%
SE com valor dativo	desejar-se um ao outro	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> zhufu [-]	desejar-se um ao outro	0%	46%	61%	42%	50%	32%
			Desejar um ao outro	100%	54%	39%	58%	50%	68%
	oferecer-se um ao outro	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub> zengsong [-]	oferecer-se um ao outro	0%	45%	52%	46%	68%	15%
			oferecer-se um ao outro	100%	55%	48%	54%	32%	85%
	Média		V-se	0%	46%	57%	44%	59%	24%

		V	100%	55%	43%	56%	41%	76%
--	--	---	------	-----	-----	-----	-----	-----

Quadro 5.15: Estudo de Caso IX – Valores médios de omissão de SE RECIPRO não dativo e dativo

Antes de analisarmos os resultados, apresentam-se, primeiramente, as frases que foram incluídas no inquérito:

#### **Produção induzida**

Na véspera do Ano Novo, os membros da família \_\_\_\_\_ uns aos outros um bom Ano Novo cheio de felicidades. (desejar/desejar-se)

Resposta esperada: Mais aceitável: Na véspera do Ano Novo, os membros da família **desejam** uns aos outros um bom ano novo cheio de felicidades.

Menos aceitável: Na véspera do Ano Novo, os membros da família **desejam-se** uns aos outros um bom Ano Novo cheio de felicidades.

#### **Juízo de aceitabilidade**

Após a discussão, eles não chegaram a nenhum acordo e zangaram um com o outro.

Resposta esperada: Não aceite. (Após a discussão, eles não chegaram a nenhum acordo e ***zangaram-se*** um com o outro.)

Será verdade que eles separaram na semana passada?

Resposta esperada: Não aceite. (Será verdade que eles ***se separaram*** na semana passada?)

Na festa de Natal, os amigos oferecem-se uns aos outros presentes!

Resposta esperada: Mais aceitável: Não aceite. (Na festa de Natal, os amigos ***oferecem*** uns aos outros presentes!)

Menos aceitável: Aceite.

Se considerarmos as respostas dos inquiridos nativos, observa-se que a diferença na omissão de SE RECIPRO dativo/não dativo é muito óbvia. Com as construções recíprocas transitivas **zangar-se um com outro** e **separar-se um do outro** quase todos os inquiridos preferiram o uso de SE RECIPRO (exceto no caso de **zangar-se um com outro**, em que se registou uma pequena percentagem de 6% na omissão). Com as estruturas **desejar(-se) um ao outro** e **oferecer(-se) um ao outro**, embora tenham sido incluídas em tarefas diferentes, não se encontrou nenhuma diferença nos resultados: todos os inquiridos nativos consideraram redundante o uso de SE RECIPRO nas duas frases.

Em comparação com as respostas dos inquiridos nativos, o comportamento dos aprendentes chineses revelou-se bastante distinto:

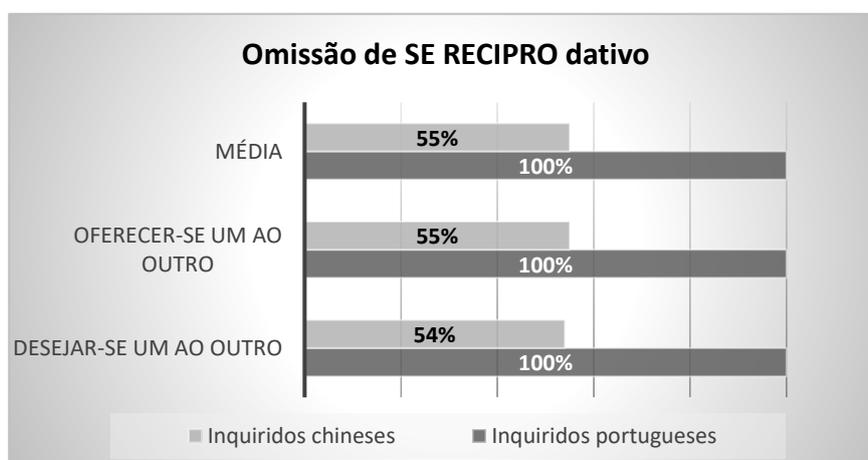


Gráfico 5. 40: Omissão de SE RECIPRO dativo

A omissão de SE RECIPRO com a função dativa manifestou-se menos frequente com os inquiridos chineses do que com os inquiridos portugueses, registando-se, respetivamente, uma taxa de omissão de 55% (inquiridos chineses) e 100% (inquiridos portugueses). Entre as duas estruturas **desejar-se um ao outro** e **oferecer-se um ao outro**, embora tenham sido incluídas nas diferentes tarefas, a diferença registada é muito reduzida (podendo até ser ignorada), o que significa que

os resultados poderão representar um padrão comportamental típico dos aprendentes chineses. Para os casos de SE com valor não dativo, embora se encontrem ambos inseridos no juízo de aceitabilidade, registou-se uma diferença entre as duas estruturas: 61% de omissão em *zangar-se um ao outro* vs. 46% de omissão em *separar-se um do outro*.

Se considerarmos os resultados apresentados no Quatro 5.15, pode-se perceber que, para os inquiridos portugueses, os resultados na omissão de SE RECIPRO com o valor não dativo e dativo são bem distintos; no entanto, tal contraste não se verificou entre os inquiridos chineses:

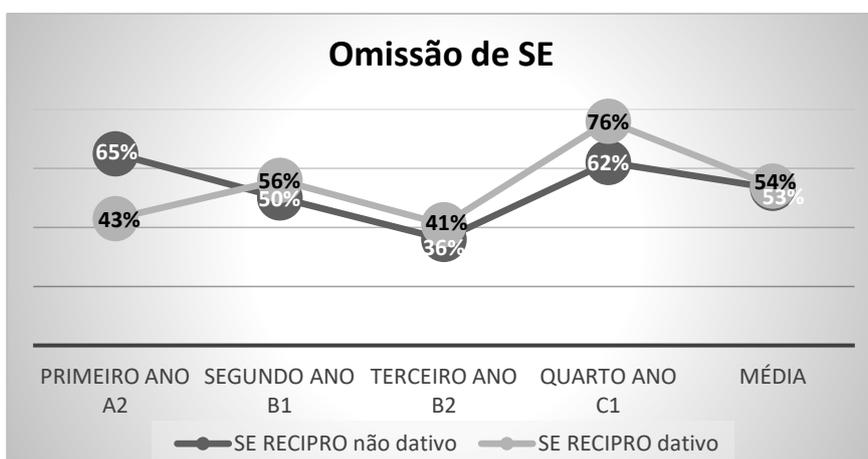


Gráfico 5. 41: Estudo de Caso IX - Valores médios de omissão de SE RECIPRO dativo e não dativo

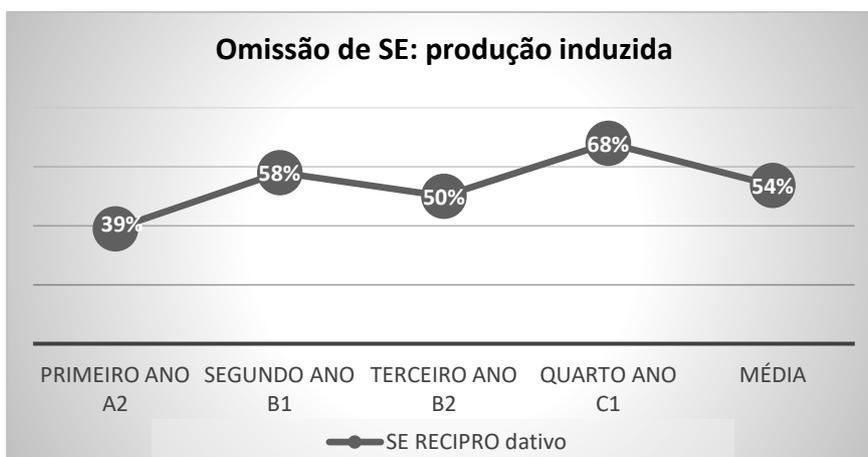


Gráfico 5. 42: Estudo de Caso IX - Valores médios de omissão de SE RECIPRO dativo e não dativo (produção induzida)

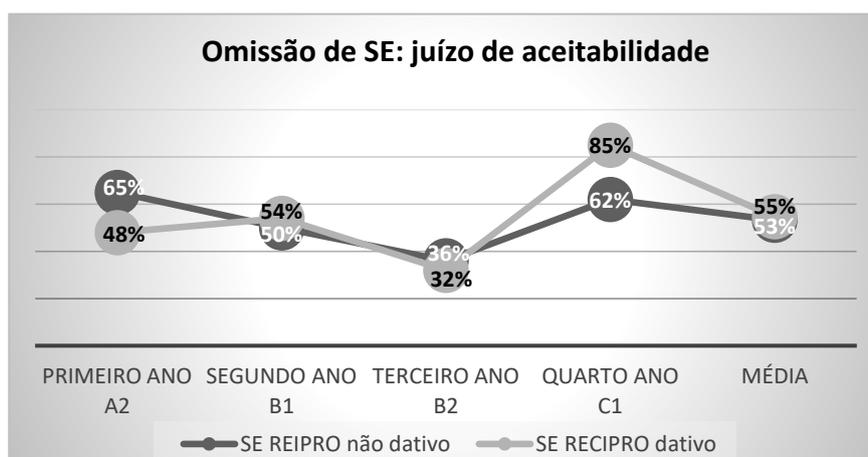


Gráfico 5. 43: Estudo de Caso IX - Valores médios de omissão de SE RECIPRO dativo e não dativo (juízo de aceitabilidade)

Nos gráficos acima apresentados, percebe-se que, de forma global (Gráfico 5.41), não se registou nenhuma diferença substancial entre a omissão de SE RECIPRO dativo e não dativo. Na tarefa de juízo de aceitabilidade (Gráfico 5.43), embora se tenha registado uma diferença para os alunos de A2 e C1, as taxas médias de omissão de SE RECIPRO dativo e não dativo são quase idênticas (55% vs. 53%). Uma vez que as duas construções *zangar-se um ao outro* e *separar-se um do outro* se encontram ambas inseridas no juízo de aceitabilidade, não é possível realizar a comparação na tarefa de produção induzida.

Deste modo, somos levados a concluir que: embora a função dativa/não dativa seja um fator importante para os falantes nativo, entre os falantes chineses, não se verifica uma relação direta entre a omissão de SE RECIPRO e a sua função sintática (dativa/não dativa). Os resultados do Estudo de Caso IX coincidem com os do Estudo de Caso VI (omissão de SE REFLEX dativo vs. omissão de SE REFLEX não dativo): independentemente da função sintática (dativa/não dativa) de SE anafórico, os aprendentes chineses terão um comportamento idêntico na sua omissão tanto nas estruturas reflexas como nas recíprocas.

✎ **Estudo de Caso X: Omissão de SE RECIPRO prefixado com *entre-* vs. Omissão de SE não prefixado com *entre-***

Tal como descrito na Secção 3.5.4, os prefixos *entre-* e *inter-* empregam-se para codificar a bilateralidade e a reciprocidade, e a diferença entre *inter-* e *entre-* reside em que quando codifica uma relação bidirecional entre membros, *entre-* pede prototipicamente a presença de SE RECIPRO enquanto com *inter-* o uso de SE RECIPRO não parece sempre obrigatório (i.e., *O Afonso e o Tomás interagem com serenidade perante as adversidades*. Cf. Cap.3.4.4). No Estudo de Caso X, especial atenção será dada ao uso do prefixo recíproco *entre-* pretendendo descobrir se o uso de *entre-* influenciará a omissão de SE RECIPRO entre os aprendentes chineses. Incluíram-se, no presente estudo de caso, as seguintes construções verbais: *entreolhar-se*, *entrecruzar-se*, *cumprimentar-se* e *abraçar-se*. Note-se que é difícil encontrar verbos recíprocos prefixados correspondentes entre as duas línguas (PE e mandarim), o único exemplo que se encontrou no Estudo de Caso X é o de *entreolhar-se*, cujo correspondente em mandarim também é verbo prefixado [*dui-*]<sub>RECIPRO</sub>*shi*. Para o verbo *entrecruzar-se*, o correspondente em mandarim *jiaocha* denota lexicalmente uma noção de reciprocidade, não pedindo obrigatoriamente o uso de nenhum marcador recíproco. Importa salientar, uma vez mais, que para as estruturas recíprocas, em mandarim, não existe realização do marcador argumental. Apresentam-se, no seguinte quadro, as taxas de ocorrência das estruturas verbais acima referidas.

	PE	Mandarim	Construções verbais	Nativos	Não nativos Média	1º Ano (A2)	2º Ano (B1)	3º Ano (B2)	4º Ano (C1)
<b>Recíproco com prefixo</b>	entreolhar	[ <i>dui-</i> ] <sub>RECIPRO</sub>	entreolhar-se	100%	80%	82%	54%	95%	90%
	-se	hi [-]	entreolhar	0%	20%	18%	46%	5%	10%
	entrecruz	<i>jiaocha</i> [-]	entrecruzar-	100%	67%	30%	62%	100%	75%

<b>entre-</b>	ar-se		se						
			entrecruzar	0%	33%	70%	38%	0%	25%
	Média		V-se	100%	74%	56%	58%	98%	83%
			V	0%	26%	44%	42%	2%	17%
<b>Recíproco</b>  <b>sem</b>  <b>prefixo</b>  <b>entre-</b>	cumprime	[huxiang] <sub>RECI</sub>	cumprimentar-se	100%	89%	74%	85%	100%	95%
		PRO							
	ntar-se	dazhaohu	cumprimentar	0%	11%	26%	15%	0%	5%
		[-]							
	abraçar-se	[huxiang] <sub>RECI</sub>	abraçar-se	100%	65%	39%	66%	91%	65%
		PRO yongbao							
	Média	[-]	abraçar	0%	35%	61%	34%	9%	35%
			V-se	100%	77%	57%	76%	96%	80%
		V	0%	23%	43%	24%	4%	20%	

Quadro 5.16: Estudo de Caso X - Omissão de SE RECIPRO prefixado e não prefixado (com *entre-*)

Apresentam-se, em primeiro lugar, os itens incluídos no inquérito:

#### ✂ **Produção induzida**

Ao portão, a Maria e o João \_\_\_\_\_ mas ninguém disse nem uma palavra.  
(entreolhar/entreolhar-se)

Resposta esperada: Ao portão, a Maria e o João **entreolharam-se** mas ninguém disse nem uma palavra.

Já leu o jornal? Barack Obama e Raul Castro \_\_\_\_\_ nas cerimónias fúnebres de Mandela. (cumprimentar/cumprimentar-se)

Resposta esperada: Já leu o jornal? Barack Obama e Raul Castro **cumprimentaram-se** nas cerimónias fúnebres de Mandela.

## ✂ Juízo de aceitabilidade

Repara nesta árvore! Os ramos entrecruzam.

Resposta esperada: Não aceite. (Repara nesta árvore! Os ramos **entrecruzam-se**.)

Em Portugal, é muito frequente os amigos abraçarem na rua.

Resposta esperada: Não aceite. (Em Portugal, é muito frequente os amigos **abraçarem-se** na rua.)

Entre os quatro verbos selecionados em PE, o uso de SE RECIPRO é obrigatório, o que corresponde ao comportamento dos inquiridos nativos. Aparentemente, estes quatro verbos não constituíram dificuldade de maior para os nossos inquiridos, com nenhum destes verbos se registou uma taxa média de omissão superior a 35%: 20% de omissão em *entreolhar-se*, 33% de omissão em *entrecruzar-se*, 11% em *cumprimentar-se* e 35% em *abraçar-se*.

À semelhança dos resultados do Estudo de Caso VII, na comparação entre a omissão de SE RECIPRO prefixado e não prefixado, o contraste não se revelou significativo:

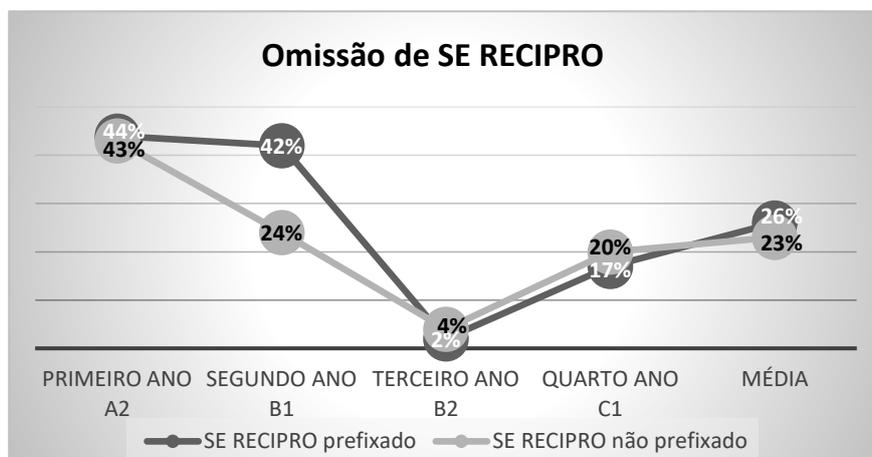


Gráfico 5. 44: Estudo de Caso X – Valores médios de omissão de SE RECIPRO prefixado e não prefixado (com *entre-*)



Gráfico 5. 45: Estudo de Caso X –Valores médios de omissão de SE RECIPRO prefixado e não prefixado (produção induzida)

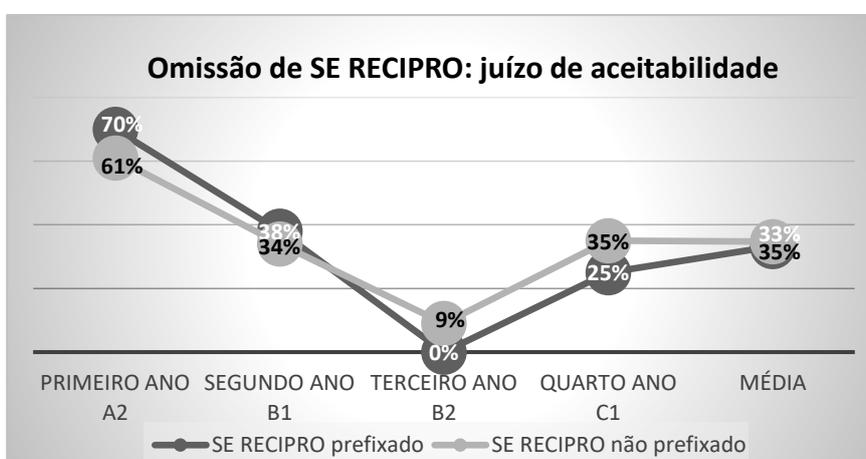


Gráfico 5. 46: Estudo de Caso X – Valores médios de omissão de SE RECIPRO prefixado e não prefixado (juízo de aceitabilidade)

De forma global (cf. Gráfico 5.44), não se manifestou nenhuma diferença vincada entre a taxa média de omissão de SE RECIPRO prefixado (26%) e não prefixado (23%). Para os inquiridos de A2, B2 e C1, o comportamento na omissão de SE RECIPRO prefixado e não prefixado é muito próximo, registando-se apenas uma diferença acentuada com os alunos de B1. Além disso, nota-se que se registraram, mais uma vez, melhores resultados com os alunos de B2 (do terceiro ano), que se poderão justificar pelo efeito da imersão linguística e cultural.

Na comparação entre os resultados da produção induzida e os do juízo de aceitabilidade, observa-se novamente que os inquiridos omitiram ou aceitaram mais a omissão de SE RECIPRO (tanto prefixado como não prefixado) na tarefa de juízo de

aceitabilidade. No juízo de aceitabilidade, os resultados entre a omissão de SE prefixado e não prefixado são bastante parecidos (cf. Gráfico 5. 46) e na produção induzida registou-se apenas uma diferença com os alunos de B1: 46% de omissão de SE prefixado vs. 15% de omissão de SE não prefixado.

A proximidade global entre a taxa média de omissão de SE RECIPRO prefixado com *entre-* (26%) e não prefixado com *entre-* (23%) justifica que o uso de tal prefixo **NÃO** se associa à omissão de SE RECIPRO pelos aprendentes chineses, resultados que coincidem com a conclusão a que se chegou no Estudo de Caso VII: não se verifica nenhuma ligação direta entre o uso dos prefixos (*auto-* e *entre-*) e a omissão de SE REFLEX/RECIPRO tanto nas estruturas reflexas como nas recíprocas.

✂ **Estudo de Caso XI: Omissão de SE RECIPRO redobrado com *um PREP outro* vs. Omissão de SE RECIPRO não redobrado com *um PREP outro***

Os resultados do Estudo de Caso VIII revelam que os aprendentes chineses terão mais possibilidade de omitir SE REFLEX quando redobrado pela expressão *a si próprio*. No presente estudo de caso, a atenção será dada às estruturas recíprocas e pretende-se descobrir se existe também alguma ligação entre a omissão de SE RECIPRO e o uso da expressão de redobro *um PREP outro*. Uma vez que os resultados do Estudo de Caso IX revelaram que os falantes nativos preferem o uso da expressão *um PREP outro* na codificação de reciprocidade com certos verbos intransitivos/ditransitivos (*oferecer um ao outro* e *desejar um ao outro*, como por exemplo), a comparação será feita entre as seguintes construções verbais (em que SE RECIPRO não é dativo): *zangar-se um com outro*, *separar-se um do outro*, *cumprimentar-se* e *abraçar-se*. Apresentam-se, no seguinte quadro, as taxas de ocorrência das estruturas verbais acima referidas.

	PE	Mandarim	Construções verbaís	Nativos	Não	1º	2º	3º	4º
					nativos	Ano	Ano	Ano	Ano
					Média	(A2)	(B1)	(B2)	(C1)
<b>Omissão de SE RECIPRO redobrado (com um PREP outro)</b>	zangar-se um	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub>	zangar-se um com outro	<b>94%</b>	<b>39%</b>	26%	50%	45%	35%
	com outro	shengqi [-]	zangar um com outro	<b>6%</b>	<b>61%</b>	74%	50%	55%	65%
	separar-se um	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub>	separar-se um do outro	<b>100%</b>	<b>54%</b>	43%	50%	82%	40%
	do outro	fenkai [-]	separar um do outro	<b>0%</b>	<b>46%</b>	57%	50%	18%	60%
	Média		V-se	<b>97%</b>	<b>47%</b>	35%	50%	64%	38%
			V	<b>3%</b>	<b>53%</b>	65%	50%	36%	62%
<b>Omissão de SE RECIPRO não redobrado (com um PREP outro)</b>	amar-se	[xiang-] <sub>RECIPRO</sub> ai	amar-se	<b>100%</b>	<b>98%</b>	91%	100%	100%	100%
		[-]	amar	<b>0%</b>	<b>2%</b>	9%	0%	0%	0%
	cumprimentar-se	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub>	cumprimentar-se	<b>100%</b>	<b>89%</b>	74%	85%	100%	95%
		dazhaohu [-]	cumprimentar	<b>0%</b>	<b>11%</b>	26%	15%	0%	5%
	abraçar-se	[huxiang] <sub>RECIPRO</sub>	abraçar-se	<b>100%</b>	<b>65%</b>	39%	66%	91%	65%
		yongbao [-]	abraçar	<b>0%</b>	<b>35%</b>	61%	34%	9%	35%
Média		V-se	<b>0%</b>	<b>84%</b>	68%	84%	97%	87%	
		V	<b>100%</b>	<b>16%</b>	32%	16%	3%	13%	

Quadro 5.17: Estudo de Caso XI - Omissão de SE RECIPRO redobrado e não redobrado  
(com um PREP outro)

Para analisarmos melhor os comportamentos dos inquiridos, apresentam-se os seguintes itens que constam do inquérito:

#### **Produção induzida**

Já leu o jornal? Barack Obama e Raul Castro \_\_\_\_\_ nas cerimónias fúnebres de Mandela. (cumprimentar/cumprimentar-se)

Resposta esperada: Já leu o jornal? Barack Obama e Raul Castro **cumprimentaram-se** nas cerimónias fúnebres de Mandela.

### ✎ **Juízo de aceitabilidade**

Após a discussão eles não chegaram a nenhum acordo e zangaram um com o outro.

Resposta esperada: Não aceite. (Após a discussão eles não chegaram a nenhum acordo e **zangaram-se** um com o outro.)

Será verdade que eles separaram na semana passada?

Resposta esperada: Não aceite. (Será verdade que eles **se separaram** na semana passada?)

Segundo dizem, a Inês e o Pedro amam-se e vão-se casar dentro em breve.

Resposta esperada: Aceite.

Em Portugal, é muito frequente os amigos abraçarem na rua.

Resposta esperada: Não aceite. (Em Portugal, é muito frequente os amigos **abraçarem-se** na rua.)

Uma vez que os resultados das construções **zangar-se um ao outro** e **separar-se um ao outro** já foram apresentados no Estudo de Caso IX, concentram-se, no presente estudo de caso, casos em que não se encontra a expressão *um PREP outro*: registaram-se os melhores resultados com o verbo **amar-se**, em que se demonstrou uma precoce consolidação na aquisição do PL2 pelos aprendentes chineses (registaram-se apenas com os inquiridos de A2 casos de omissão de SE RECIPRO, com uma percentagem de 9%). De entre os três verbos, o caso mais problemático é o de **abraçar-se**, em que se verificou uma taxa média de omissão de 35%.

Na comparação entre a omissão de SE RECIPRO redobrado (com *um PREP outro*) e não redobrado (com *um PREP outro*), o contraste revelou-se significativo:

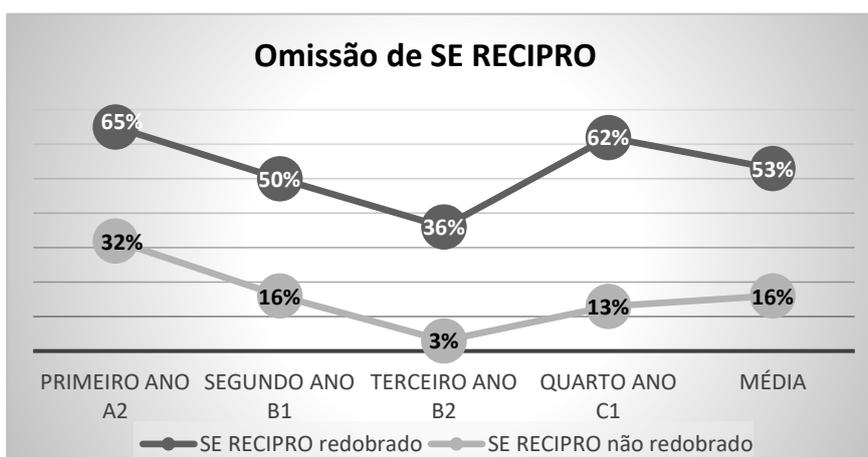


Gráfico 5. 47: Estudo de Caso XI –Valores médios de omissão de SE RECIPRO redobrado e não redobrado (com *um PREP outro*)



Gráfico 5. 48: Estudo de Caso XI – Valores médios de omissão de SE RECIPRO redobrado e não redobrado (produção induzida)

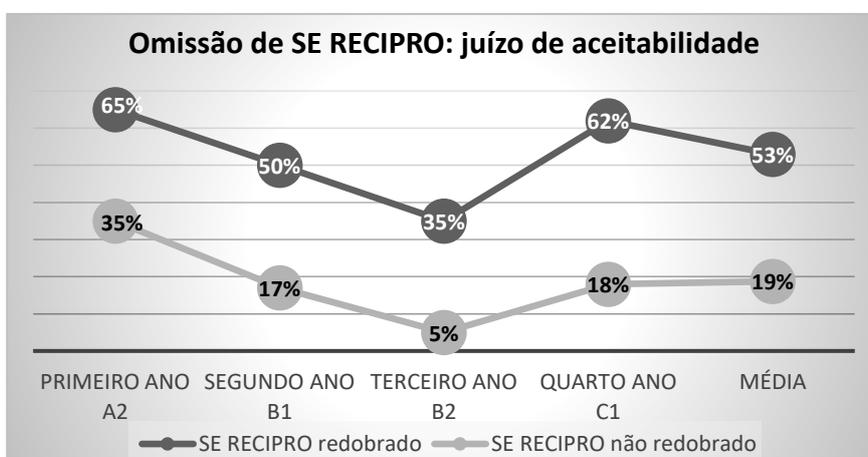


Gráfico 5. 49: Estudo de Caso XI – Valores médios de omissão de SE RECIPRO redobrado e não redobrado (juízo de aceitabilidade)

Porque as construções *zangar-se um ao outro* e *separar-se um do outro* foram ambas incluídas na tarefa de juízo de aceitabilidade, não é possível realizar a comparação na tarefa de produção induzida. No entanto, os dados dos Gráficos 5.47 e 5.49 demonstraram uma clara diferença entre a omissão de SE RECIPRO redobrado (com *um PREP outro*) e não redobrado (com *um PREP outro*) para os inquiridos de todos os níveis (A2 – C1). De uma forma geral, a taxa média de omissão de SE RECIPRO redobrado (53%) é muito superior do que a taxa de omissão de SE RECIPRO não redobrado (16%), resultado que poderá permitir chegar a uma conclusão parecida com a do Estudo de Caso VIII: quando se usa a expressão de redobro *um PREP outro*, os aprendentes chineses terão uma maior tendência em omitir SE RECIPRO.

Tal como referido na análise dos resultados do Estudo de Caso VIII, a razão que levou os inquiridos chineses a omitir SE RECIPRO nas estruturas *zangar-se um com outro* e *separar-se um do outro* poderá ser a mesma que levou os nativos em omitir SE RECIPRO nos casos de *oferecer um ao outro* e *desejar um ao outro* (cf. Estudo de Caso IX): quando se encontra a expressão de redobro *um PREP outro* SE RECIPRO afigura-se um pouco redundante. Ressalva-se que os falantes nativos omitem apenas SE RECIPRO nas estruturas intransitivas (com o uso da expressão *um PREP outro*) e nunca nas transitivas (com o uso da expressão *um PREP outro*), ao passo que os aprendentes chineses não manifestam nenhuma diferença entre a omissão de SE RECIPRO em ambos os casos.

Procurar-se-á descobrir, nesta secção, quais são os fatores linguísticos associados à omissão de SE anafórico pelos aprendentes chineses. Com a realização dos seis estudos de caso, três para as estruturas reflexas (Estudos de Caso VI – VIII) e outros três para as estruturas recíprocas (Estudos de Caso IX – XI), chegou-se à conclusão de que os resultados entre a omissão de SE REFELEX e a de SE RECIPRO

pelos aprendentes chineses são convergentes entre si: i) A omissão de SE REFLEX/RECIPRO não é condicionada pela função sintática que ele assume (dativa ou não dativa); ii) A omissão de SE REFLEX/RECIPRO não é influenciada pelo uso (ou não) dos prefixos (*auto-* e *entre-*); iii) A omissão de SE REFLEX/RECIPRO revela-se mais frequente, quando se colocam as expressões de redobro *a si próprio* e *um PREP outro*. Assim, é possível responder à questão colocada no início desta secção: os aprendentes chineses demonstram maior tendência em omitir SE REFLEX/RECIPRO, quando estão presentes na frase as expressões de redobro *a si próprio* e *um PREP outro*, muito provavelmente por o considerarem redundante, razão que também terá levado os falantes nativos a apagar SE REFLEX/RECIPRO com a função dativa (com a ressalva de que os aprendentes chineses não manifestam nenhuma diferença entre a omissão de SE RECIPRO em ambos os casos).

No que diz respeito ao **sobreuso** de SE REFLEX/RECIPRO, os resultados do Estudo de Caso V revelaram que o sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO não se relaciona com a influência da L1 (mandarim) na aprendizagem de L2. Nesta secção, temos por objetivo descobrir em que circunstâncias os aprendentes sobreutilizam SE REFLEX/RECIPRO. Pressupõe-se que o sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO ocorre com verbos não reflexos de ação corporal (i.e., *engordar*), com o pronome reflexo SI (i.e., *pensar em si próprio*) e com verbos lexicalmente recíprocos (i.e., *concordar*). Para justificar tais hipóteses, realizar-se-ão os seguintes dois estudos de caso:

- ✎ Estudo de Caso XII: Sobreuso de SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com o pronome tónico SI;
- ✎ Estudo de Caso XIII: Sobreuso de SE recíproco com verbos lexicalmente recíprocos.
  
- ✎ **Estudo de Caso XII: Sobreuso de SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com o pronome tónico SI**

Pressupõe-se que os aprendentes sobreutilizam SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal, uma vez que na maioria dos casos, os verbos que descrevem ações corporais são reflexos. O uso em excesso de SE REFLEX ainda se poderá alargar a situações em que se codifica a reflexividade com o pronome SI. Para validar estas hipóteses, incluíram-se, no Estudo de Caso XII, as seguintes estruturas verbais: *acordar, engordar, melhorar, gostar de si próprio, e pensar em si próprio*. Apresentam-se, no seguinte quadro, as taxas de ocorrência das estruturas verbais acima referidas.

	PE	Mandarim	Construções verbais	Nativos	Não nativos Média	1º Ano (A2)	2º Ano (B1)	3º Ano (B2)	4º Ano (C1)	
<b>Sobreuso de SE com verbos não reflexos de ação corporal</b>	acordar	xinglai	acordar-se	0%	45%	52%	54%	50%	25%	
	-se		acordar	100%	55%	48%	46%	50%	75%	
	engordar	zhangpan	engordar-se	0%	58%	61%	60%	32%	80%	
	-se	g	engordar	100%	42%	39%	40%	68%	20%	
	melhorar-se	bianhao	melhorar-se	0%	43%	52%	54%	32%	35%	
			melhorar	100%	57%	48%	46%	68%	65%	
	Média			V-se	0%	49%	55%	56%	38%	47%
				V	100%	51%	45%	54%	62%	53%
	<b>Sobreuso de SE com o pronome tónico SI</b>	gostar-se de si próprio	xihuan	gostar-se de si próprio	0%	52%	61%	50%	27%	70%
			[ziji] <sub>REFLEX</sub>	gostar de si próprio	100%	48%	39%	50%	73%	30%
pensar-se em si próprio		kaolv	pensar-se em si próprio	0%	49%	70%	54%	14%	58%	
		[ziji] <sub>REFLEX</sub>	pensar em si próprio	100%	51%	30%	46%	86%	42%	
Média				V-se	0%	51%	66%	52%	21%	64%

		V	100%	49%	34%	48%	79%	36%
--	--	---	------	-----	-----	-----	-----	-----

Quadro 5.18: Estudo de Caso XII - Sobreuso de SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com o pronome tónico SI

Para analisarmos melhor o sobreuso de SE REFLEX pelos inquiridos chineses, apresentam-se, em primeiro lugar, as frases inseridas no inquérito:

✎ **Produção induzida**

Todos as manhãs, ele costuma \_\_\_\_\_ muito cedo. (acordar/acordar-se)

Resposta esperada: Todos as manhãs, ele costuma **acordar** muito cedo.

A Ana ficou constipada porque apanhou frio no último sábado, mas esta semana já \_\_\_\_\_ bastante. (melhorar/melhorar-se)

Resposta esperada: A Ana ficou constipada porque apanhou frio no último sábado, mas esta semana já **melhorou** bastante.

✎ **Juízo de aceitabilidade**

Embora coma muito, a Fernanda nunca mais se engorda.

Resposta esperada: Não aceite. (Embora coma muito, a Fernanda nunca mais **engorda**.)

O João acha-se sempre inferior, até que muitas vezes não se gosta de si mesmo.

Resposta esperada: Não aceite. (O João acha-se sempre inferior, até que muitas vezes não **gosta** de si mesmo.)

É uma pessoa egoísta que se pensa em si mesmo e nunca nos outros.

Resposta esperada: Não aceite. (É uma pessoa egoísta que **pensa** em si mesmo e nunca nos outros.)

Os resultados do Estudo de Caso XII justificaram que o sobreuso de SE REFLEX

ocorre tanto com verbos não reflexos de ação corporal como com o pronome tónico SI. Embora possam descrever uma ação corporal (*melhorar*, no caso de se referir à recuperação de doença), os verbos **acordar**, **engordar** e **melhorar** (em que se registaram, respetivamente, uma taxa de sobreuso de 45%, 58% e 43%) não são reflexos, não sendo assim compatíveis com SE REFLEX nem com a expressão de redobro *a si próprio*. No entanto, é possível os aprendentes sobreutilizarem as regras do uso de SE REFLEX em contextos em que tais regras não se aplicam, como por exemplo no caso de *acordar*:

(V-25) (a) Hoje **acordei a minha filha** muito cedo.

(b) Hoje **acordei-a** muito cedo.

(c) \*Hoje **acordei-me** muito cedo.

(d) Hoje **acordei** muito cedo.

Tal como se apresenta em (V-25), o verbo *acordar* pode ser transitivo (V-25a – V-25b) mas não é reflexo (V-25c). No entanto, para os aprendentes chineses, o uso do verbo *acordar* (V-25) poderá ser muito semelhante ao do verbo *sentar* (V-26):

(V-26) (a) **Sentei a filha** na cadeira.

(b) **Sentei-a** na cadeira.

(c) **Sentei-me** na cadeira.

Os aprendentes poderão sobreutilizar SE REFLEX com o verbo *acordar*, uma vez que é considerado como sendo idêntico ao verbo *sentar*, razão pela qual é particularmente importante explicitar aos aprendentes que nem todos os verbos transitivos são reflexos e que não se pode generalizar SE REFLEX em situações em que não é compatível.

As estruturas ***gostar de si próprio*** e ***pensar em si próprio*** denotam também a noção de reflexividade, mas a reflexividade é assegurada com o marcador tónico SI. No entanto, os resultados apontam para o facto de os aprendentes chineses também sobreutilizarem SE REFLEX com o pronome tónico SI: *gostar-se de si próprio* (52% de sobreuso, em média) e *pensar-se em si próprio* (49% de sobreuso, em média).

Além disso, repara-se que, nos resultados do Estudo de Caso XII, não se registou nenhuma diferença evidente entre o sobreuso de SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com o pronome reflexo SI, como se pode observar melhor nos seguintes gráficos:

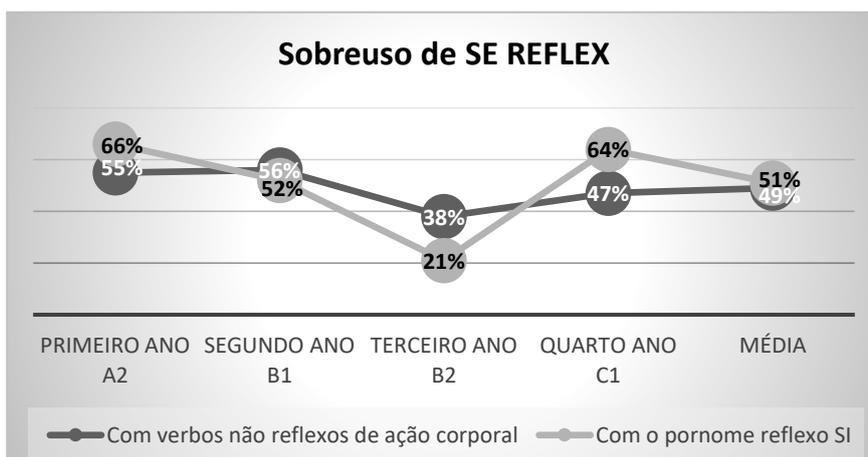


Gráfico 5. 50: Estudo de Caso XII – Valores médios de sobreuso de SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com o pronome tónico SI

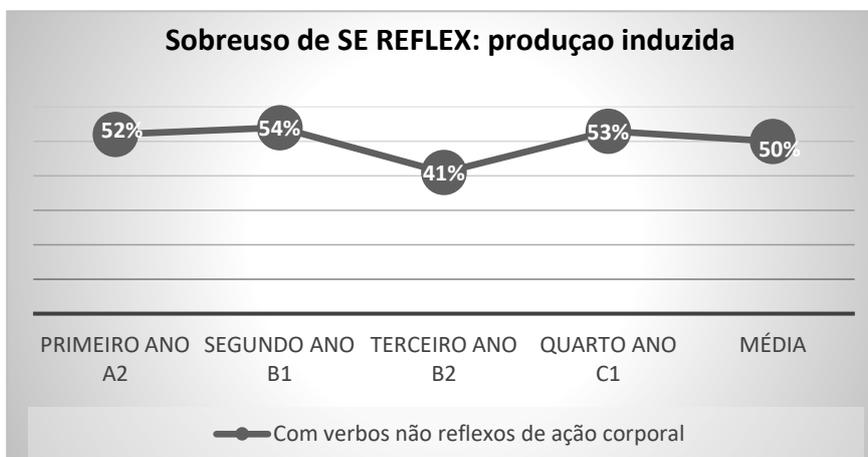


Gráfico 5. 51: Estudo de Caso XII – Valores médios de sobreuso de SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com o pronome tónico SI (produção induzida)

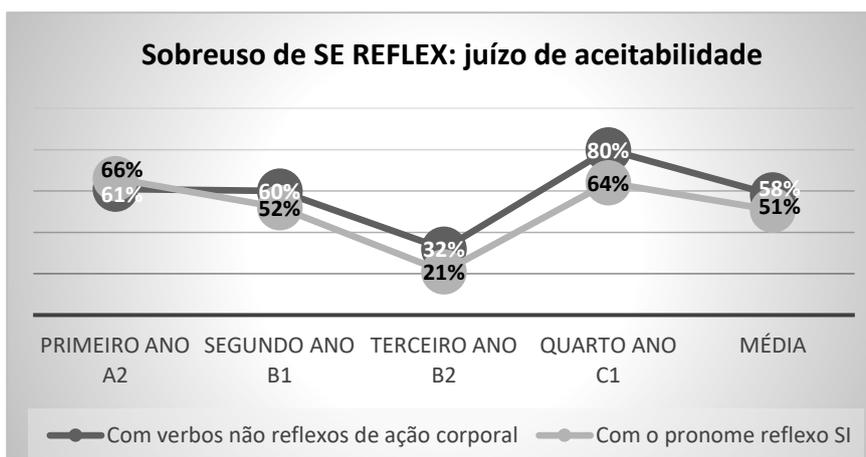


Gráfico 5. 52: Estudo de Caso XII – Valores médios de sobreuso de SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com o pronome tónico SI (juízo de aceitabilidade)

Como se integraram ambas as estruturas *gostar de si próprio* e *pensar em si próprio* na tarefa de juízo de aceitabilidade, não é possível realizarmos a comparação com os resultados da produção induzida. No entanto, com os resultados gerais (apresentados no Gráfico 5.50) e os do juízo de aceitabilidade (apresentados no Gráfico 5.52) percebe-se o seguinte: embora haja flutuações no comportamento entre os inquiridos de níveis diferentes (A2 – C1), aproximam-se as taxas médias de sobreuso de SE nos dois casos acima referidos, resultados que parecem revelar que se trata de uma sobregeneralização geral, já que não se registou nenhuma diferença significativa na sobreutilização de SE REFLEX em situações diferentes.

#### ✂ **Estudo de Caso XIII: Sobreuso de SE recíproco com verbos lexicalmente recíprocos**

No Estudo de Caso XIII, será atribuída especial atenção ao sobreuso de SE RECIPRO. Em PE, encontra-se um grupo de verbos inerentemente recíprocos, que codificam em si a reciprocidade. Embora não compatíveis com SE RECIPRO, tais verbos aceitam as expressões enfáticas *um PREP outro/entre si*. Assim, pressupõe-se que os aprendentes recorram excessivamente a SE RECIPRO com verbos inerentemente recíprocos. Para validar esta hipótese, incluíram-se no inquérito as

seguintes construções verbais: *conversar, partilhar, competir um com outro, concordar entre si e lutar entre si*. Nota-se que com alguns verbos (*competir, concordar e lutar*) se colocaram também as expressões enfáticas *um PREP outro/entre si*, com o objetivo de testar se o uso destas expressões influenciará o sobreuso de SE RECIPRO. Apresentam-se, no seguinte quadro, as taxas de ocorrência das estruturas verbais acima referenciadas.

		PE	Mandarim	Construções verbais	Nativos	Não nativos Média	1º Ano (A2)	2º Ano (B1)	3º Ano (B2)	4º Ano (C1)
<b>Sobreuso de SE com verbos lexicalment e recíprocos</b>	conversar-se	jiaotan	conversar-se e	0%	33%	35%	31%	23%	45%	
			conversar	100%	67%	65%	69%	77%	55%	
	partilhar-se e	fenxiang	partilhar-se	0%	41%	52%	35%	27%	50%	
			partilhar	100%	59%	48%	65%	73%	50%	
	Média		V-se	0%	37%	44%	33%	25%	48%	
	Média		V	100%	63%	56%	67%	75%	52%	
<b>Sobreuso de SE com verbos recíprocos com um PREP outro/entre si</b>	competir-se um com outro	[huxiang] <sub>R</sub> ECIPRO jingzheng	competir-se um com outro	0%	62%	78%	62%	64%	45%	
			competir um com outro	100%	38%	22%	38%	36%	55%	
	concordar-se entre si	[huxiang] <sub>R</sub> ECIPRO tongyi	concordar-se e entre si	0%	66%	70%	54%	68%	70%	
			concordar entre si	100%	34%	30%	46%	32%	30%	
	lutar-se entre si	[huxiang] <sub>R</sub> ECIPRO zhengdou	lutar-se entre si	0%	47%	35%	46%	64%	44%	
			lutar entre si	100%	53%	65%	54%	36%	56%	
	Média		V-se	0%	58%	61%	54%	65%	53%	

		V	100%	42%	39%	46%	35%	47%
--	--	---	------	-----	-----	-----	-----	-----

Quadro 5.19: Estudo de Caso XIII - Sobreuso de SE RECIPRO com verbos lexicalmente recíprocos

Apresentam-se, em primeiro lugar, as frases onde se inserem as estruturas recíprocas acima referidas:

✎ **Produção induzida**

Ontem à tarde, o Mário e a Sofia \_\_\_\_\_ no café durante muito tempo.  
(conversar/conversar-se)

Resposta esperada: Ontem à tarde, o Mário e a Sofia **conversaram** no café durante muito tempo.

Por causa da herança do pai, o João e o irmão \_\_\_\_\_ entre si.  
(lutar/lutar-se)

Resposta esperada: Por causa da herança do pai, o João e o irmão **lutaram** entre si.

✎ **Juízo de aceitabilidade**

Como não há revistas suficientes para toda a gente, o Filipe e a Helena vão partilhar-se a mesma revista.

Resposta esperada: Não aceite. (Como não há revistas suficientes para toda a gente, o Filipe e a Helena vão ***partilhar*** a mesma revista.)

Durante o Concurso de Eloquência em Língua Portuguesa o Miguel e o Dinis vão competir-se um com o outro.

Resposta esperada: Não aceite. (Durante o Concurso de Eloquência em Língua Portuguesa o Miguel e o Dinis vão ***competir*** um com o outro.)

Felizmente, no final o Mário e o Pedro concordaram-se entre si.

Resposta esperada: Não aceite. (Felizmente, no final o Mário e o Pedro **concordaram** entre si.)

Os resultados do Estudo de Caso XIII validaram o sobreuso de SE RECIPRO com verbos lexicalmente recíprocos, uma vez que se registou o sobreuso de SE RECIPRO com todas as estruturas verbais que tínhamos incluído: 33% de sobreuso em *conversar*, 41% em *partilhar*, 62% em *competir um com outro*, 66% em *concordar entre si* e 47% em *lutar entre si*. Além disso, os resultados também demonstram que quando se colocam as expressões *um PREP outro/entre si*, a taxa de sobreuso de SE RECIPRO apresenta-se ainda mais elevada:

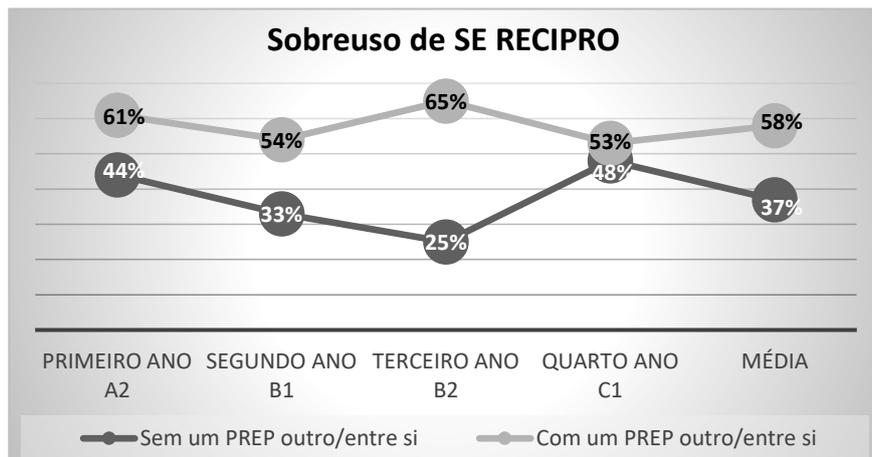


Gráfico 5. 53: Estudo de Caso XIII - Valores médios de sobreuso de SE RECIPRO com verbos lexicalmente recíprocos

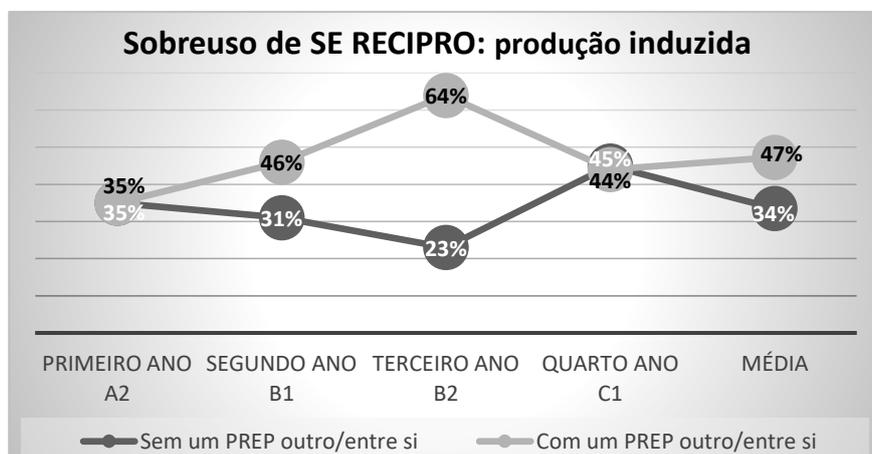


Gráfico 5. 54: Estudo de Caso XIII - Valores médios de sobreuso de SE RECIPRO com verbos lexicalmente recíprocos (produção induzida)

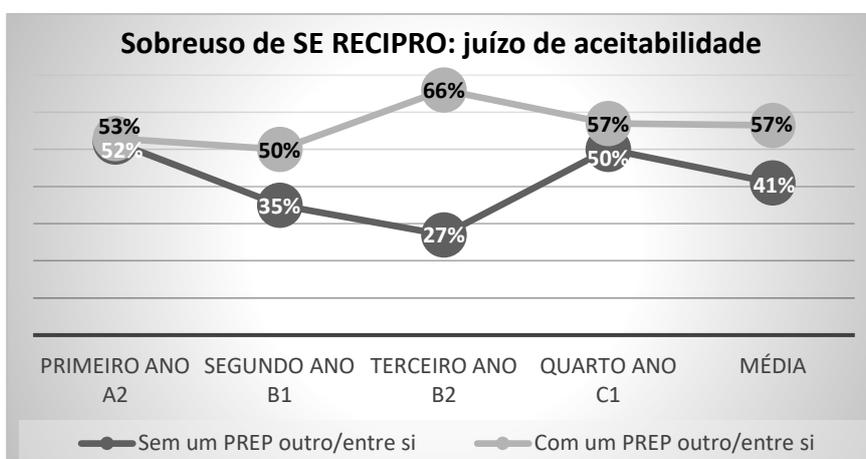


Gráfico 5. 55: Estudo de Caso XIII - Valores médios de sobreuso de SE RECIPRO com verbos lexicalmente recíprocos (juízo de aceitabilidade)

De um modo geral (cf. Gráfico 5.53), os resultados evidenciam uma maior taxa na sobreutilização de SE RECIPRO, no caso de se encontrarem as expressões *um PREP outro/entre si*, com um contraste especialmente relevante entre os inquiridos dos níveis A2, B1 e B2. Comparando os resultados das diferentes tarefas, verificou-se que a taxa de sobreuso é mais elevada no juízo de aceitabilidade do que na produção induzida, tanto com os verbos recíprocos reforçados com os não reforçados. A par disso, as linhas apresentaram-se muito semelhantes nos Gráficos 5.54 e 5.55, registando-se uma diferença significativa, tanto na produção induzida como no juízo de aceitabilidade, com os inquiridos de B2. De acordo com os resultados, percebe-se que os aprendentes chineses sobreutilizam mais SE RECIPRO quando se colocam as expressões *um PREP outro* e *entre si*, provavelmente porque tais expressões sugerem explicitamente uma noção de reciprocidade.

Para sintetizar esta secção, e por forma a responder à questão colocada no início desta secção: em que circunstâncias os aprendentes chineses recorrem em excesso a SE REFLEX e SE RECIPRO? Os resultados apresentados nesta secção

evidenciam que os aprendentes chineses sobreutilizam SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com estruturas em que está presente o pronome tónico SI. Contudo, não se verificou nenhuma distinção entre estas duas situações; o sobreuso de SE RECIPRO ocorre com verbos lexicalmente recíprocos e, quando se encontram as expressões *um PREP outro/entre si*, a sobreutilização revela-se mais frequente, provavelmente pelo facto de estas já conterem em si uma noção de reciprocidade.

## 5.7 Síntese

Com a comparação entre as estruturas reflexas e recíprocas em PE e em mandarim, percebe-se que a maior diferença reside no facto de que em PE há realização do marcador argumental (SE REFLEX e SE RECIPRO) em ambas as estruturas, ao passo que em mandarim o marcador argumental ocorre apenas nas reflexas não corporais e não nas reflexas corporais (é o caso de marcador nulo) nem nas recíprocas (o marcador *huxiang* é advérbio não tendo assim o valor argumental), sendo os últimos dois casos estruturas de objeto nulo. Pressupõe-se que este distanciamento se relaciona com a omissão e com o uso excessivo de SE anafórico, dois desvios contraditórios que nos chamaram a atenção.

A presente investigação tem como objetivo testar, com base em dados empíricos, as seguintes três hipóteses que consistem em saber se existe: i) acesso à GU na aquisição de SE REFLEX (corporal) e de SE RECIPRO; ii) influência de L1 (mandarim) na omissão e no sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO; iii) um conjunto de outros fatores que também se associam a estas duas categorias de desvios.

Para responder a estas perguntas acima referidas, realizaram-se, no presente

capítulo, um total de treze estudos de caso (listados no Quadro 5.4), que permitem concluir o seguinte:

Em relação ao acesso à GU, os resultados justificaram a adquiribilidade de SE REFLEX corporal e de SE RECIPRO desde a fase inicial, estruturas que não são compatíveis com a L1 dos aprendentes (mandarim), o que poderá indiciar o acesso à GU na aquisição de L2: quando o *input* em L2 é incompatível com a sua L1, os falantes poderão reestruturar a sua Gramática de Interlíngua com recurso à GU.

Em relação à influência de L1 (mandarim) na aquisição/aprendizagem de SE REFLEX/RECIPRO, os resultados não corresponderam às expectativas: os resultados dos Estudos de Caso III-V invalidaram a hipótese de transferência da L1 (mandarim), nomeadamente na omissão de SE REFLEX/RECIPRO, enquanto que os resultados do Estudo de Caso V também demonstraram que o uso em excesso de SE REFLEX/RECIPRO não é determinado pela L1 (mandarim), o que não justificou o efeito da L1 (mandarim) na aquisição/aprendizagem de SE anafórico por aprendentes chineses.

Entre as hipóteses apresentadas na Secção 4.5 (*Full Access Full Transfer* de Schwartz & Sprouse 1994, 1996; *Minimal Trees* de Vainikka & Young-Scholten, 1994; 1996; *Full Access No Transfer* de Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996; 1998; *Fundamental Difference* de Bley-Vroman, 1989 e de Bley-Vroman & Yoshinaga, 1992), os resultados parecem mais compatíveis com a hipótese **Full Access No Transfer** de Epstein, Flynn & Martohardjono (1996, 1998): os Estudos de Caso I-II apontam para plausibilidade do acesso à GU e afastamento da hipótese *Fundamental Difference* (Bley-Vroman, 1989; Bley-Vroman & Yoshinaga, 1992), que não reconhece o acesso à GU na aquisição de L2; ao mesmo tempo, os Estudos de Caso III-V invalidaram a interferência da L1 na aquisição de SE anafórico em PE, o que afasta as hipóteses de *Full Access Full Transfer* (Schwartz & Sprouse, 1994; 1996) e de *Minimal Trees* (Vainikka & Young-Scholten, 1994; 1996), que defendem a transferência (total ou parcial) da L1 na aquisição de L2.

Em relação aos hipotéticos fatores linguísticos que se poderão relacionar com a omissão de SE REFLEX/RECIPRO, no presente capítulo testaram-se as funções (dativa e não dativa) de SE REFLEX/RECIPRO, o uso dos prefixos *auto-* e *entre-* e o uso das expressões de redobro *a si próprio* e *um PREP outro* para ver se estes afetavam o comportamento dos inquiridos chineses. Os resultados conduziram-nos às seguintes conclusões: i) a omissão de SE REFLEX/RECIPRO não é condicionada pela função sintática que ele assume (dativa ou não dativa); ii) a omissão de SE REFLEX/RECIPRO não é influenciada pelo uso (ou não) dos prefixos (*auto-* e *entre-*); iii) a omissão de SE REFLEX/RECIPRO revela-se mais frequente, quando se colocam as expressões de redobro *a si próprio* e *um PREP outro*. Para o caso de sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO, os resultados evidenciam que os aprendentes chineses sobregeneralizam SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com estruturas em que está presente o pronome tónico SI (registando-se uma taxa de sobreuso muito parecido nos dois casos); o sobreuso de SE RECIPRO ocorre com verbos lexicalmente recíprocos e, quando se encontram as expressões *um PREP outro/entre si*, o uso em excesso revelou-se mais frequente.

Os resultados apresentados neste capítulo mostram, ainda, que a omissão e o sobreuso de SE anafórico parecem exemplos de problemas de carácter universal na aquisição de L2: omissão/simplificação e sobregeneralização de formas-alvo, questões que se discutem no capítulo conclusivo.



## **CAPÍTULO VI**

---

# **CONCLUSÃO**



O estudo efetuado teve como objetivo investigar o processo de aquisição/aprendizagem de SE anafórico (SE REFLEX e SE RECIPRO) em PE, por parte dos aprendentes chineses, sendo prestada atenção particular a dois fenómenos que se revelam problemáticos na(s) interlíngua(s) dos aprendentes chineses falantes de mandarim L1: **omissão** e **sobreuso** do SE anafórico (SE REFLEX e SE RECIPRO). O estudo empírico empreendido revela que se trata de duas categorias de desvios cujo comportamento por parte dos aprendentes se revela completamente contraditório: por um lado, os falantes de mandarim L1 omitem SE REFLEX e SE RECIPRO, cuja presença se manifesta obrigatória nas estruturas reflexas e recíprocas do PE e, por outro lado, acrescentam SE REFLEX e SE RECIPRO, quando estes são desnecessários e agramaticais.

Os estudos sobre a multifuncionalidade do SE remontam a tempos antigos, tendo o SE sido analisado sob diferentes perspetivas: abordagem tradicional e abordagem clítica (cf. Secção 3.2). No entanto, não se encontram, na literatura, muitos trabalhos sobre a aquisição/aprendizagem de SE, sendo que, normalmente, a atenção recai mais sobre a aquisição de clíticos pronominais gerais (e sobretudo não reflexos) em PE, tanto na aquisição de L1 (Costa & Lobo, 2006; 2008; Duarte, Matos & Faria, 1995) como de L2 (Madeira & Xavier, 2009; Fiéis & Madeira, 2015).

No caso de SE anafórico, nomeadamente SE REFLEX e SE RECIPRO, tanto quanto é do nosso conhecimento, não existem estudos sobre a sua aquisição como L2 por aprendentes chineses, nem em PE nem em outras línguas em que se encontre este operador (espanhol, por exemplo), o que dificultou, de certo modo, a presente investigação, mas também justifica, ao mesmo tempo, o valor deste estudo.

Além disso, importa também referir que, até ao presente, não existem muitos estudos exclusivamente destinados à assimilação de estruturas em PE por aprendentes chineses. Ainda se chama a atenção para o facto de os trabalhos que analisam a aquisição de inglês L2 por falantes de mandarim L1 não poderem servir como referência, porque o ensino de inglês L2, na China, começa em níveis de ensino mais elementares - escola secundária e, às vezes, escola primária - enquanto que o ensino de português não é frequentemente incluído no currículo do ensino

secundário e só é lecionado numa pequena parte das instituições de ensino superior. Tal distanciamento, aliás óbvio, justifica a importância dos estudos que se debruçam sobre a aquisição/aprendizagem de PE por aprendentes chineses.

Tal como se definiu no capítulo introdutório, tivemos como objetivo analisar o modo como se efetua a aquisição/aprendizagem de SE anafórico (SE REFLEX e SE RECIPRO) do PE por parte de aprendentes chineses, sendo discutidos, com referência aos resultados empíricos, os seguintes três aspetos:

- I. Acesso à GU na aquisição do SE REFLEX (corporal) e do SE RECIPRO;
- II. Influência de L1 (mandarim) na omissão e no sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO;
- III. Independentemente da influência da L1 (mandarim), se existem outros fatores que se associam também à omissão e ao sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO.

Relativamente à comparação entre a codificação de reflexividade e de reciprocidade em PE e em mandarim, de uma forma global, as estruturas reflexas e recíprocas manifestam-se de forma muito diferente, sendo maior entre as duas línguas a proximidade na codificação de reflexividade do que na codificação de reciprocidade.

Em PE tanto a reflexividade como a reciprocidade poderão ser asseguradas através de SE, que desempenha normalmente funções sintáticas de complemento direto e indireto. No que diz respeito à subclassificação de reflexas corporais e não corporais em PE, importa salientar que o uso de SE REFLEX é sempre obrigatório tanto nas reflexas corporais como nas não corporais, sendo as corporais incompatíveis com o prefixo reflexo *auto-* e com a construção de redobro *a si próprio*.

Em mandarim, a distinção entre reflexas corporais e não corporais torna-se óbvia, porque nas **reflexas corporais** não se encontra nenhum marcador reflexo (como no caso de marcador nulo), ou seja, os verbos são inerentemente reflexos,

propriedade que constitui uma das maiores diferenças relativamente ao PE. Em mandarim codifica-se a **reflexividade não corporal** com o marcador *ziji*, pronome **com tons acentuados** que corresponde sintática e semanticamente a SE REFLEX em PE. Note-se que SE REFLEX e *ziji* também partilham certas semelhanças: i) são ambos marcadores anafóricos, cuja referência é sempre definida relativamente a outra expressão nominal antecedente; ii) são ambos argumentais que desempenham as funções de complemento direto e indireto. No que diz respeito às suas diferenças, *ziji* é pronome com tons acentuados e ocorre, normalmente, na posição pós-verbal enquanto SE é clítico, podendo ocorrer em posição proclítica, enclítica e mesoclítica.

Além disso, convém também chamar a atenção para o contraste entre os prefixos reflexos em PE e em mandarim: o prefixo *auto-* não afeta a transitividade do verbo e é compatível com SE REFLEX (a presença de SE REFLEX é, até, obrigatória) enquanto os prefixos *zi-/ziwo-* em mandarim têm as suas propriedades particulares, nomeadamente resultam na perda de realização sintática do argumento interno, absorvendo em si o papel temático interno, razão pela qual os prefixos *zi-/ziwo-* não são compatíveis com o marcador reflexo argumental e a estrutura torna-se intransitiva.

Em relação às **estruturas recíprocas**, as diferenças são maiores, sobretudo porque em mandarim a reciprocidade é realizada através do advérbio recíproco *huxiang* (que corresponde semanticamente a *mutuamente/reciprocamente* em PE) e as estruturas recíprocas apresentam-se como um caso de Objeto Nulo. Embora os advérbios *huxiang* e *mutuamente* sejam semanticamente equivalentes, distinguem-se pelos seus comportamentos: i) o advérbio *huxiang* é marcador recíproco enquanto o advérbio *mutuamente* não o é, funcionando apenas para reforçar a noção de reciprocidade; ii) embora ambos denotem em si a noção de reciprocidade, o advérbio *huxiang* resulta na perda de complemento verbal, o que não acontece com o advérbio português *mutuamente*.

Além disso, o marcador recíproco *huxiang* também revela diferenças ao ser comparado com SE RECIPRO: i) o marcador *huxiang* não é clítico sendo marcado por

tons acentuados, portanto é prosodicamente independente; ii) sendo um advérbio, o marcador *huxiang* desempenha apenas a função de modificador e não de complemento verbal (argumento); iii) o advérbio *huxiang* ocorre sempre à esquerda do verbo, única posição possível na linearidade frásica.

Para a codificação de reciprocidade, é ainda importante referir que tanto em PE como em mandarim é possível marcar a reciprocidade com os prefixos; todavia, os prefixos recíprocos *entre-/inter-* em PE são compatíveis com o argumento interno e a reciprocidade é representada por SE RECIPRO, enquanto em mandarim os prefixos *hu-/dui-* afetam a transitividade do verbo-raiz, sendo incompatíveis com a presença do argumento interno.

Reproduz-se, em seguida, o Quadro 2.2 (já apresentado no final da Secção 2.2.2) com o objetivo de ilustrar as diferenças entre as estruturas reflexas e recíprocas em PE e em mandarim:

		Estruturas reflexas em PE	Estruturas reflexas em mandarim	Estruturas recíprocas em PE	Estruturas recíprocas em mandarim
Marcador		SE	ZIJI (pron.)	SE	HUXIANG (adv.)
	Cliticidade	+	- (+ tom acentuado)	+	- (+ tom acentuado)
	Argumentalidade	+	+	+	-
	Marcador nulo	-	+ (com verbos lexicalmente reflexos)	- / +(com verbos lexicalmente recíprocos)	+ (com verbos lexicalmente recíprocos)
	Reflexas corporais	+	-	/ <sup>1</sup>	/
	Reflexas não corporais	+	+	/	/
Prefixo		AUTO-	ZI-/ZIWO-	ENTRE-/INTER-	HU-/DUI-
	Presença de marcador	+	-	± <sup>2</sup>	-

<sup>1</sup> Não se aplica.

<sup>2</sup> O prefixo *inter-* não pede o uso obrigatório de SE RECIPRO (cf. Secção 3.5.4).

	argumental				
	Alteração de transitividade da estrutura	-	+	-	+
<b>Verbos lexicalmente reflexos/recíprocos</b>		-	+	+	+
	Compatibilidade com marcador reflexo/recíproco	/	-	-	+

Quadro 2. 2: Codificação de reflexividade e de reciprocidade em PE e em mandarim

Aplicou-se, na presente investigação, um inquérito a um conjunto de 90 alunos provenientes de quatro anos de licenciatura da *Beijing Language and Culture University* (BLCU) (com idades entre os 19 e os 22 anos): 23 alunos do primeiro ano (A2), 23 alunos do segundo ano (B1), 22 alunos do terceiro ano (B2) e 22 alunos do quarto ano (C1).

Para além dos inquiridos acima descritos, aplicou-se o mesmo inquérito a um grupo de controlo, que era composto por 15 alunos portugueses de mobilidade do Instituto Politécnico de Leiria que nesse ano/no ano anterior frequenta(ra)m o Instituto Politécnico de Macau. Entre os resultados do grupo de controlo, destaca-se a não aceitabilidade de SE REFLEX e de SE RECIPRO com a função de complemento indireto, sobretudo com o caso de SE RECIPRO dativo, que não foi aceite pelos inquiridos portugueses na presente investigação. No caso de SE REFLEX com o valor dativo registou-se alguma hesitação entre os respondentes nativos de português, sobretudo com a construção *perguntar-se a si próprio/perguntar a si próprio*: 60% dos falantes nativos preferem a não utilização de SE REFLEX neste caso. Com os verbos de transação, os falantes nativos de português mostraram uma óbvia preferência pelas formas *conceder a si próprio* e *oferecer a si próprio*, porque consideraram redundante neste caso o uso de SE REFLEX.

Os alunos chineses de todos os níveis A2 – C1 sentiram-se atrapalhados com o inquérito, revelando incerteza ao responderem às perguntas, razão pela qual não foi

possível recebermos algum *feedback* mais significativo e específico. Entre os resultados, destaca-se a omissão de SE anafórico entre alunos de todos os níveis A2 – C1, especialmente para o caso de SE REFLEX não corporal, cuja omissão se revelou mais evidente). Para recordar os resultados reproduz-se o Gráfico 5.14 (já apresentado na Secção 5.6.1):

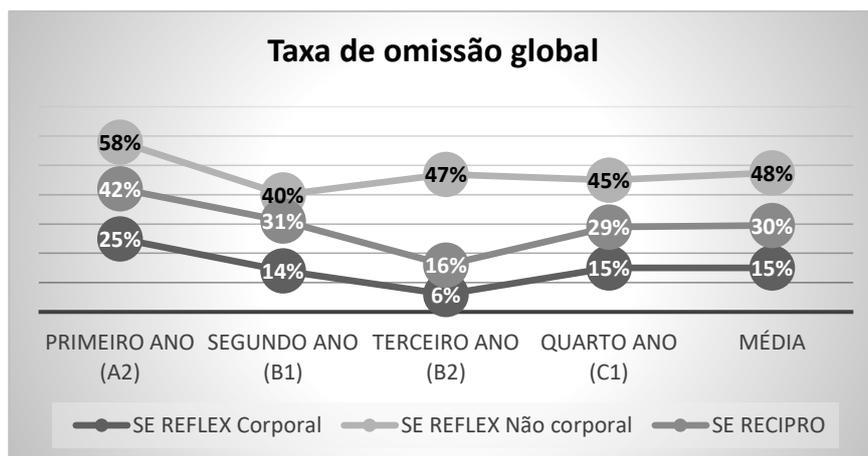


Gráfico 5.14: Omissão global do SE REFLEX/RECIPRO

O gráfico 5.14 permite concluir que se registou maior omissão de SE REFLEX não corporal (possivelmente porque os verbos incluídos no inquérito com SE REFLEX não corporal são menos utilizados do que os verbos com SE REFLEX corporal). Note-se que SE partilha, até, algumas semelhanças com *ziji* em mandarim: são sinalizados, na escala abaixo, como dos mais prototípicos. Nela, PE/mandarim, que incluímos, codificam DO (*Direct Object*) /IO (*Indirect Object*):

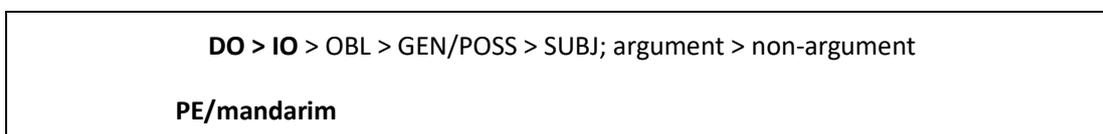


Gráfico 6.1: Escala de função sintática de marcadores reflexos

(König & Moyse-Faurie, 2010a)

Por conseguinte, a omissão do SE anafórico poder-se-á explicar pelo seu próprio carácter clítico, o que constitui uma das maiores diferenças ao ser comparado com *ziji*,

marcador reflexo em mandarim. Tal como na escala de complexidade formal dos marcadores reflexos de diversas línguas, apresentados por König e Moysé-Faurie (2010a), observa-se, de forma clara, a distância tipológica entre o PE e o mandarim: SE em PE é clítico enquanto *ziji* é pronome com tons acentuados em mandarim.

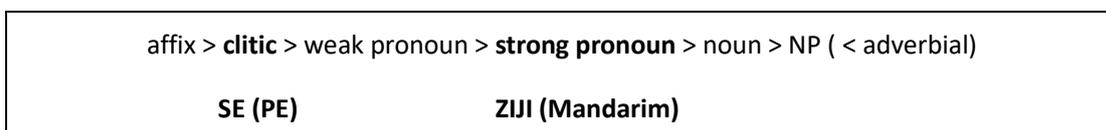


Gráfico 6.1: Escala de complexidade formal de marcadores reflexos

(König e Moysé-Faurie, 2010a)

Os resultados da presente investigação também chamam a atenção para a questão de sobreuso de SE anafórico, problema que se apresenta mais homogéneo do que a omissão, porque não se registou nenhuma grande diferença entre a sobreutilização de SE REFLEX e SE RECIPRO, tal como se mostra no Gráfico 5.17, reapresentado, também, neste capítulo conclusivo.

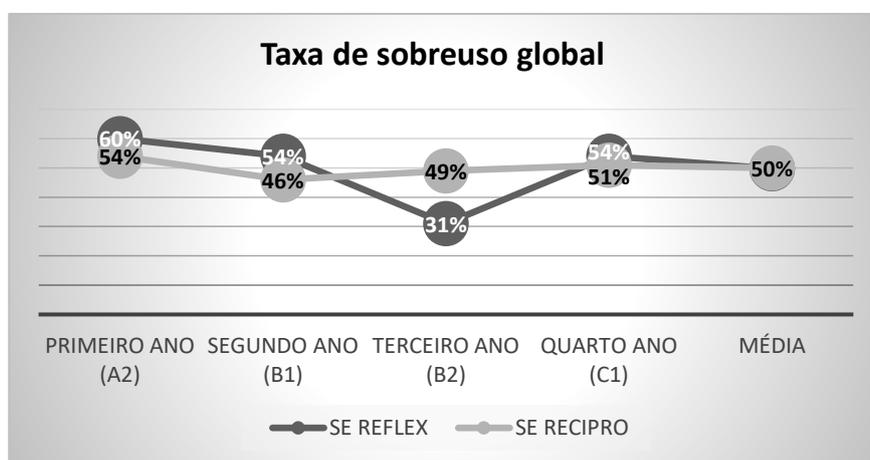


Gráfico 5.17: Sobreuso global do SE REFLEX/RECIPRO

Os dados por nós recolhidos permitem responder às três questões acima colocadas.

No que diz respeito ao acesso à GU na aquisição/aprendizagem de SE anafórico, os resultados dos Estudos de Caso I e II justificaram, em ambos os casos, a

adquiribilidade de SE REFLEX corporal e de SE RECIPRO (estruturas mais divergentes entre a LM e a LA) desde a fase inicial, o que aponta para o acesso à GU na aquisição da L2 desde uma fase precoce. No presente trabalho, não é possível testar, de forma exaustiva, a questão do acesso à GU na aquisição de L2, uma vez que os papéis que desempenham a exposição ao *input* na LA e o ensino formal também se poderão revelar muito importantes. Além disso, chama-se a atenção para o facto de as taxas de acerto/desvio por nível de proficiência (A2 - C1) não serem significativas no sobreuso, mas serem diferenciadas na omissão, o que indicia que o papel do *input* e dos mecanismos de processamento da memória declarativa/explicita é variável.

Em relação à influência da L1 (mandarim) na aquisição/aprendizagem de SE REFLEX e de SE RECIPRO, os resultados não correspondem às expectativas baseadas em alguns dos referenciais teóricos dominantes: os resultados dos Estudos de Caso III-IV invalidaram a hipótese de transferência da L1 (mandarim), nomeadamente na omissão de SE REFLEX/RECIPRO, e os resultados do Estudo de Caso V também demonstraram que o uso excessivo de SE REFLEX/RECIPRO não é determinado pela transferência da L1 (mandarim). Sendo convergentes entre si os resultados dos Estudos de Caso III – V, não se justificou a transferência de L1 na aquisição/aprendizagem de SE anafórico por aprendentes chineses, provavelmente porque estas duas línguas são, de forma geral, tipologicamente muito distintas (apesar da proximidade entre SE REFLEX não corporal e *ziji*), pelo que, nos dados analisados, não ocorre transferência de uma aquando da aquisição de outra.

Os resultados desta investigação são, de certo modo, compatíveis com os de Madeira & Xavier (2009), que afirmam, num estudo destinado aos aprendentes de língua materna românica e germânica, que, independentemente da sua L1, todos os aprendentes têm comportamentos muito semelhantes.

Entre as hipóteses apresentadas na Secção 4.5 (*Full Access Full Transfer* de Schwartz & Sprouse, 1994; 1996; *Minimal Trees* de Vainikka & Young-Scholten, 1994; 1996; *Full Access No Transfer* de Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996; 1998;

*Fundamental Difference* de Bley-Vroman, 1989 e de Bley-Vroman & Yoshinaga, 1992), os resultados parecem mais compatíveis com a hipótese **Full Access No Transfer** de Epstein, Flynn & Martohardjono (1996, 1998): os Estudos de Caso I-II, apresentados em 5.6.1, apontaram para o acesso à GU (aplicável tanto a SE REFLEX corporal como a SE RECIPRO, embora incompatíveis com a L1), o que contradiz a hipótese *Fundamental Difference* (Bley-Vroman, 1989; Bley-Vroman & Yoshinaga, 1992), que não reconhece o acesso à GU na aquisição de L2; ao mesmo tempo, os Estudos de Caso III-V invalidaram a interferência da L1 na aquisição de SE anafórico em PE (tanto a omissão como o sobreuso de SE REFLEX/RECIPRO não estão condicionados pela L1 dos inquiridos), o que afasta as hipóteses de *Full Access Full Transfer* (Schwartz & Sprouse, 1994; 1996) e de *Minimal Trees* (Vainikka & Young-Scholten, 1994; 1996), que defendem a transferência (total ou parcial) da L1 na aquisição de L2. Embora não se pretenda, com este trabalho, invalidar totalmente a possibilidade de transferência da L1 na aquisição de L2, os nossos resultados permitem concluir que, tal como também defendido por Ellis, 1999 (cf. Quadro 4.2 da Secção de 4.6), esta não ocorre em todos os casos e a influência da L1 na aquisição de L2 não deve ser sobrevalorizada.

No que toca a outros hipotéticos fatores linguísticos independentes da L1 (mandarim) que se poderão relacionar com a omissão de SE REFLEX/RECIPRO, o presente trabalho testou o uso destes com função dativa e não dativa, em situações de coocorrência com os prefixos *auto-* e *entre-* e com expressões de redobro *a si próprio* e *um PREP outro*, para verificar se estas construções afetam o comportamento dos inquiridos chineses. Com os seis Estudos de Caso realizados, três para as estruturas reflexas (Estudos de Caso VI – VIII) e três para as estruturas recíprocas (Estudos de Caso IX – XI), percebe-se que os resultados entre a omissão de SE REFLEX e a de SE RECIPRO, pelos aprendentes chineses, são convergentes entre si:

- i) A omissão de SE REFLEX/RECIPRO não é condicionada pela função

sintática que ele assume (dativa ou não dativa);

- ii) A omissão de SE REFLEX/RECIPRO não é influenciada pelo uso (ou não) dos prefixos (*auto-* e *entre-*);
- iii) A omissão de SE REFLEX/RECIPRO revela-se mais frequente quando se colocam as expressões de redobro *a si próprio* e *um PREP outro*, muito provavelmente porque os aprendentes consideraram redundante o uso de SE, razão que poderá também ter levado os falantes nativos a apagar SE REFLEX/RECIPRO com a função dativa.

Relativamente ao sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO, os resultados dos Estudos de caso XII-XIII evidenciam que os aprendentes chineses recorrem em excesso a SE REFLEX com verbos não reflexos de ação corporal e com estruturas em que está presente o pronome tónico SI. Contudo, não se verificou nenhuma distinção entre estas duas situações; o sobreuso de SE RECIPRO ocorre com verbos lexicalmente recíprocos e, quando se encontram as expressões *um PREP outro/entre si*, esse sobreuso revela-se mais frequente.

O facto de a omissão de SE REFLEX/RECIPRO não ser influenciada pela transferência da L1 (mandarim) e os idênticos comportamentos que os inquiridos mostraram na omissão de SE REFLEX e de SE RECIPRO nos Estudos de Caso VI-XI parecem sugerir que a omissão de SE REFLEX não se distingue da omissão de SE RECIPRO, sendo possível que se trate, em ambos os casos, de uma omissão universal, fenómeno muito popular na aquisição/apresentação de L2. Tal como foi apontado por Ellis (2003:19) alguns desvios dos aprendentes parecem universais refletindo as tentativas dos aprendentes para cumprir tarefas de aprendizagem e utilização de L2 de forma mais simplificada. Neste caso, a omissão de SE REFLEX e de SE RECIPRO poderão ser manifestações de aplicação de estratégias de **omissão/simplificação**.

Por outro lado, a proximidade manifestada entre o sobreuso de SE REFLEX e de SE RECIPRO (Estudo de Caso IV) leva-nos a concluir que a origem deste fenómeno

consiste na **sobregeneralização** do material linguístico da língua-alvo. Isto é, no processo de aquisição de PL2 os aprendentes chineses procedem à extensão de regras do uso de SE a contextos em que tais regras não se aplicam, como por exemplo com verbos lexicalmente recíprocos, que nunca são compatíveis com SE anafórico.

A omissão/simplificação e sobregeneralização, fenómenos que parecem contraditórios, são, de acordo com Ellis (2003), ambos desvios do carácter universal:

*Learners commit errors of **omission**. For example, they leave out the articles “a” and “the” and leave the –s off plural nouns. They also overgeneralize forms that they find easy to learn and process. The use of “eated” in place of “ate” is an example of an **overgeneralization** error.*

*(Ellis, 2003: 19)*

Na opinião de Ellis (2003:19), tanto a omissão como o sobreuso não são manifestações de “transferência linguística” em que os falantes mostram certa tendência de recorrer à L1 dos aprendentes, mas são resultados dos processos de omissão/simplificação e sobregeneralização adotadas pelos aprendentes de L2, que se revelam universais na assimilação de estruturas de L2. Os aprendentes poderão, por um lado, omitir certos elementos de L2 que consideram redundantes ou desnecessários mostrando o uso de L2 de uma forma simplificada; e, por outro lado, proceder à extensão de certas regras da L2 a contextos onde elas não se aplicam. Trata-se de dois fenómenos que merecem mais atenção porque constituem problemas para os aprendentes chineses de todos os níveis (A2 – C1), ou melhor, ao longo de toda a aquisição de PL2: com o aperfeiçoamento da competência linguística dos aprendentes a omissão e a sobregeneralização de SE REFLEX e de SE RECIPRO revelou-se, aliás, consistente e contínua, razão pela qual a instrução explícita, exclusivamente destinada a este tópico, poderá ser uma estratégia que vale a pena experimentar.

Como se destaca na presente investigação, a aquisição/aprendizagem de SE pode causar muitas dificuldades aos aprendentes de PL2, devido à sua multifuncionalidade. SE anafórico, designadamente SE REFLEX e SE RECIPRO, distingue-se de outras das suas funções (SE impessoal, SE decausativo e SE inerente) pelas suas próprias características no comportamento sintático e semântico (anáfora e argumentalidade, por exemplo), colocando dificuldades específicas aos aprendentes. O presente trabalho focalizou-se na aquisição/aprendizagem de SE anafórico por parte de aprendentes chineses, questionando o acesso à GU e a transferência da L1 (mandarim). Uma das limitações do presente trabalho reside na impossibilidade de realizar um estudo comparativo entre falantes nativos de mandarim e falantes de outras L1s para percebermos se os inquiridos chineses têm um comportamento idêntico/diferente. Uma outra questão relaciona-se com a impossibilidade de acompanhar, no âmbito desta investigação, a evolução do mesmo grupo de alunos a quem se aplicou o inquérito. O estudo diagnóstico poder-se-ia enriquecer, caso se repetissem os inquéritos (podendo ocorrer os mesmos verbos em frases diferentes) com o mesmo grupo, mas em diferentes momentos da aquisição da L2. Também seria interessante testar o efeito da intervenção pedagógica (instrução explícita, por exemplo) e da imersão linguística e cultural na aquisição/aprendizagem de SE anafórico. Além disso, importa chamar a atenção para o facto de as dificuldades dos aprendentes chineses não residirem exclusivamente em SE anafórico, já que SE impessoal, SE decausativo e SE inerente também constituem obstáculos no processo da sua aquisição, como a nossa prática docente confirma. Todos estes aspetos poderão representar tópicos interessantes para futuras investigações, ainda por estudar no que diz respeito às interlínguas dos aprendentes de mandarim de PL2.

## Bibliografia

- ABRAHAMSSON, N. & HYLSTENSTAM, K. 2009.** Age of onset and nativelikeness in a second language: Listener perception versus linguistic scrutiny. In *Language Learning*, 59: 249-306.
- ALEXOPOULOU, Angélica 2007.** Errores Intralinguales e Interlinguales en la Interlengua Escrita de Aprendientes Griegos de E/LE. In *Actas del XVI Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Disponível em [http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/16/aih\\_16\\_2\\_004.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/16/aih_16_2_004.pdf) acedido em 8-5-2016.
- ALSINA, Alex 1996.** The Romance Reflexive Clitic. In Alex Alsina, *The Role of Argument Structure in Grammar: Evidence from Romance*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 81-114.
- BAI, Ling 2005.** The Structure Meaning Restriction on ziji and its Cognitive Explanation. In *Chinese Linguistics*, Vol. 12: 80-96.
- BAILEY, Carolina 2013.** *English Native Speakers' L2 Acquisition of the Spanish Clitic Se*. Dissertação de Doutoramento. University of Wisconsin-Madison.
- BARALLO, Marta 1999.** *La Aquisición del Español Como Lengua Extranjera*. Madrid: Arco Libros.
- BARBOZA, Jerónimo Soares 1830.** *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Tipografia da Academia de Lisboa.
- BARROS, João de 1540.** *Grammatica da Lingua Portuguesa*. Reprodução fac-similada

e introdução de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

**BATTISTELLA, E. 1989.** Chinese reflexivization: A movement to INFL approach. In *Linguistics*, 27: 987-1012.

**BELIKOVA, Alyona 2013.** *Getting L2 Reflexive and Reciprocal Verbs Right*. Dissertação de Doutoramento. McGill University.

**BITTENCOURT, Regina Lúcia 2009.** Apagamento de pronomes clíticos de forma reflexiva. In Tânia Lobo & Klebson Oliveira (orgs), *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: EDUFBA, 138-173.

**BLEY-VROMAN, R. & YOSHINAGA, N. 1992.** Broad and narrow constraints on the English dative alternation: some fundamental differences between native speakers and foreign language learners. In *University of Hawai'i Working Papers in ESL*, 11: 157-199.

**BLEY-VROMAN, R. 1989.** What is the logical problem of foreign language learning? In S. Gass & J. Schachter (eds.), *Linguistics perspectives on second language acquisition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 41-68.

**BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês & MATOS, Gabriela 2003.** Tipologia e Distribuição das Expressões Nominais. In Maria Helena Mira Mateus *et al.* (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 795-867.

**BRUHN DE GARAVITO, J. L. S. 1999.** The *se* constructions in Spanish and near-native competence. In *Spanish Applied Linguistics*, 3-2: 247-295.

**BRUHN DE GARAVITO, Joyce, HEAP, David & LAMARCHE, Jacques 2002.** French and Spanish se: Underspecified, Not Reflexive. In S. Somesfalean (ed.) *Proceedings of the 2002 Annual meeting of the Canadian Linguistic Association*. Montréal, Quebec: UQÀM, 42-54.

**CASTILHO, Ataliba Teixeira de 1997.** A gramaticalização. In *Estudos lingüísticos e literários* (No. 19). Salvador: 25-63.

**CHEN, Cong 2014.** *An Analysis of the Structure of Modern Chinese and the Errors in Teaching Chinese as a Foreign Language*. Dissertação de Mestrado. Xi'an International Studies University.

**CHEN, Dongdong 1995.** Chinese Reflexive *Ziji* in Second Language Acquisition. In *Penn Working Papers in Linguistics*, Volume 2, No. 2. Disponível em <http://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1437&context=pwpl> acessado em 8-3-2017.

**CHEN, Gong 1999.** On the Nature of *ziji* in Chinese. In *Contemporary Linguistics*, Vol. 1, No. 2, Beijing: 33-43.

**CHIEF, Lian-Cheng 1998.** Mandarin Intransitive Reflexive Verbs and the Unaccusative Hypothesis. In *Language, Information and Computation (PACLIC12)*, 18-20 Feb: 48-59.

**CHOMSKY, Noam 1981.** *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.

**1982.** *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Linguistic Inquiry Monograph Six. Cambridge: The MIT Press.

**1986.** *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. New York: Praeger.

**COLE, P., HERMON, G. & HUANG, James C.T., 2001.** Long Distance Reflexives: the State of the Art. In P. Cole, G. Hermon, & James C.T. Huang (eds.), *Syntax and Semantics: Long Distance Reflexives*, Vol. 33. New York: Academic Press, xiii-xvii.

**COOK, V. 1988.** *Chomsky's universal grammar: an introduction*. Oxford: Blackwell.

**CORDER, S. Pit 1967.** The significance of learner's errors. In *International Review of Applied Linguistics*, V.5: 161-170.

**1981.** *Error Analysis and Interlanguage*. Londres: Oxford University.

**COSTA, Ângela Maria Pereira da 2009.** *Aspectos da aprendizagem de colocações em Português L2*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.

**COSTA, João & LOBO, Maria 2006.** A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objecto nulo? In *Textos Seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 285-293.

**2008.** Omissão de clíticos na aquisição do português europeu: dados da compreensão. In *Textos Seleccionados do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 143-156.

**CRISTOVÃO, Sandra 2006.** A co-referência nos pronomes objecto directo na aquisição do português europeu. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.

**CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley 1998.** *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.

**CUNHA, Maria Madalena Oliveira 2009.** *O ensino e o uso do conjuntivo no terceiro*

*ciclo em Cabo Verde: estudo de caso realizado na escola secundária Manuel Lopes - Praia*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.

**DAI, John Xiang-Ling 1997.** Syntactic, phonological, and morphological words in Chinese. In Jerome L. Packard (ed.), *Morphology, Phonology and the Lexicon in Modern and Ancient Chinese*. Berlin: Mouton de Gruyter.

**DEKEYSER, R. M. 2003.** Implicit and explicit learning. In C. J. Doughty & M. H. Long (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 313-348.

**DIAS, A. Epiphanio Silva 1881.** *Grammatica Portuguesa Elementar*. Lisboa: A. Ferreira Machado Editores.

**DIMITRIADIS, Alexis & QUE, Min 2009.** The Doubly Marked Reflexive in Chinese. In Sobha Devi *et al.* (eds.), *Anaphora Processing and Applications*. Springer: 80-90.

**DOBROVIE-SORIN, Carmen 2005.** The SE-Anaphor and its Role in Argument Realization. In M. Everaert & Henk van Riemsdijk (eds.), *The Blackwell Companion to Syntax*. Oxford: Blackwell, 118-179.

**DOUGHTY, C. J. & LONG, M. H. (eds.) 2003a.** *The handbook of Second Language Acquisition*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishing.

**2003b.** Optimal psycholinguistic environments for distance foreign language learning. In *Language Learning and Technology*, 7(3): 50-80.

**DOUGHTY, C. J. 2003.** Instructed SLA: Constraints, compensation, and enhancement. In C. J. Doughty & M. H. Long (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 256-310.

**DUARTE, I., MATOS, G. & FARIA, I. 1995.** Specificity of European Portuguese clitics in Romance. In I. Faria & M. J. Freitas (orgs.), *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística & Edições Colibri, 129-154.

**DUARTE, Inês & MATOS, Gabriela 2000.** Romance Clitics and the Minimalist Program. In João Costa (org.), *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, 116-142.

**DUARTE, Inês 2003.** A Família das Construções Inacusativas. In Maria Helena Mira Mateus *et al.* (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 507-548.

**2013.** Construções ativas, passivas, incoativas e médias. In Eduardo Paiva Raposo *et al.* (org.), *Gramática do Português*, Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 429-498.

**DUGAROVA, Esuna 2007.** Acquisition of the Chinese Reflexive “ziji” by Russian and English Speakers. In *CamLing 2007*: 48-55. Disponível em [http://www.ling.cam.ac.uk/camling/Manuscripts/CamLing2007\\_Dugarova.pdf](http://www.ling.cam.ac.uk/camling/Manuscripts/CamLing2007_Dugarova.pdf) acessado em 4-11-2016.

**DULAY, H. & BURT, M. 1973.** Should we teach children syntax? In *Language Learning* 23: 245-258.

**ELLIS, Nod (ed.) 1994.** *Implicit and Explicit Learning of Languages*. London: Academic Press.

**1999.** *The Study of Second language Acquisition*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education press.

**2003.** *Second Language Acquisition (9<sup>th</sup> edition)*. Oxford: Oxford University Press.

**2008.** *The study of second language acquisition (2nd edition)*. Oxford: Oxford University Press.

**2011.** The emergence of language as a complex adaptive system. In J. Simpson (ed.), *Handbook of Applied Linguistics*. London: Routledge/Taylor Francis: 666-679.

**EPSTEIN, S., FLYNN, S. & MARTOHARDJONO, G. 1996.** Second language acquisition: theoretical and experimental issues in contemporary research. In *Brain and Behavioral Sciences*, 19: 677–758.

**1998.** The strong continuity hypothesis: some evidence concerning functional categories in adult L2 acquisition. In S. Flynn, G. Martohardjono & W. O'NEIL (eds.), *The generative study of second language acquisition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 61–77.

**ESCOBAR, Linda & TEOMIRO, Ismael 2016.** The gradual acquisition of clitic “se” in Spanish L2. In *Topics in Linguistics* 17 (1). De Gruyter Open editor: 17–29.

**EUBANK, L. 1993/1994.** On the transfer of parametric values in L2 development. In *Language Acquisition*, 3: 183–208.

**1994.** Optionality and the initial state in L2 development. In T. Hoekstra and B. D. Schwartz (eds.), *Language acquisition studies in generative grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 369–388.

**1996.** Negation in early German-English interlanguage: more valueless features in the L2 initial state. In *Second Language Research*, 12: 73–106.

**EVANS, Nicholas 2008.** Reciprocal constructions: Towards a structural typology. In E. König & V. Gast (eds.), *Reciprocals and Reflexives: Theoretical and Typological Explorations*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 33-115.

**FALTZ, Leonard 1985.** *Reflexivity: A Study in Universal syntax*. New York: Garland.

**FIÉIS, Alexandra & MADEIRA, Ana 2015.** Clíticos e objetos nulos na aquisição de português L2. In *Textos Seleccionados do XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga: APL, 307-320.

**2016.** Interpretação de pronomes e aquisição de dependências referenciais em português L2. In *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, Nº 2-10: 253-264.

**FLICK, W. 1980.** Error types in adult English as a second language. In B. Ketterman & Clair R. St. (eds.), *New Approaches to Language Acquisition*. Heidelberg: Julius Groos.

**FLYNN, Suzanne 1987.** *A parameter-setting model of L2 acquisition*. Boston: D. Reidel Pub. Co.

**FONSECA, Paula 2012.** Os verbos pseudo-reflexivos em português europeu. In *elingUP: Revista electrónica de linguística dos estudantes da Universidade do Porto*, 4 (1): 31-49.

**FRIAS, Maria José 1992.** *Língua Materna – Língua Estrangeira/Uma Relação Multidimensional*. Porto: Porto Editora, LDA.

**FRIES, C. 1945.** *Teaching and learning English as a foreign language*. Ann Arbor:

Michigan University Press.

**GAN, Zongming et al. no prelo.** *Manual de Chinês Língua Não-Materna.*

**GASS, S. M. & MACKEY, A. (eds.) 2012.** *Handbook of Second Language Acquisition.*

London: Routledge/Taylor Francis.

**GASS, S. M. & SELINKER, L. (eds.) 1992.** *Language transfer in language learning.*

Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

**2008.** *Second Language Acquisition: an introductory course (3ª edition).* New York:

Taylor and Francis Group, Routledge.

**GASS, S. M. 1997.** *Input, Interaction, and the Second Language Learner.* Mahwah, NJ:

Lawrence Erlbaum Associates.

**GENIUSIENE, Emma 1987.** *The Typology of Reflexives.* Berlin/New York: Mouton de

Gruyter.

**GEORGE, H. 1972.** *Common Errors in Language Learning: Insights from English.* Rowley,

Mass: Newbury House.

**GIVÓN, Talmy 2001.** *Syntax*, Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins

Publishing Company.

**GODDY, Luisa 2008.** *Os verbos recíprocos no PB: interface sintaxe-semântica lexical.*

Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

**2010.** A semântica da dupla realização argumental dos verbos recíprocos. In

*Revista do GEL*, Vol. 7. São Paulo: 95-115.

**GODINHO, Ana Paula Cleto 2006.** *A aquisição da concordância de plural no sintagma nominal por aprendentes chineses de português língua estrangeira.* Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.

**GONÇALVES, Liliana 2011.** *Formação da interlíngua dos aprendentes chineses: aprendizagem do uso do pretérito imperfeito versus pretérito perfeito simples do indicativo.* Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto.

**GOR, K. & COOK, S. 2010.** Non-native processing of verbal morphology: In search of regularity. In *Language Learning*, 60 (1): 88-126.

**GRAUBERG, W. 1971.** An error analysis in German of first-year university students. In Perren and Trim (eds.), *Applications of Linguistics - Papers from the Second International Congress of Applied Linguistics.* Cambridge, England: Cambridge University Press.

**GREGG, K. 1996.** The logical and developmental problems of second language acquisition. In W. C. Ritchie & T. K. Bhatia (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition.* San Diego: Academic Press, 49-81.

**2003.** SLA theory: construction and assessment. In C. J. Doughty & M. H. Long (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition.* Oxford: Blackwell, 831-865.

**GRIMSHAW, Jane 1990.** *Argument Structure.* Cambridge/London: The MIT Press.

**GROSSO, Maria José 2007a.** *O Discurso Metodológico do Ensino do Português em Macau a Falantes de Língua Materna Chinesa.* Macau: Universidade de Macau.

**2007b.** A Actividade Comunicativa em Português do Falante de Língua Materna

Chinesa. In Maria Helena Ançã (org.), *Aproximações à Língua Portuguesa*. Aveiro: Centro de Investigação Didáctica e Tecnologia na Formação de Professores, 83-90.

**GU, Wenjun 2017.** Sobre o pronome *se* em português e o seu ensino aos aprendentes chineses. In *Actas do 3.º Fórum Internacional do Ensino da Língua Portuguesa na China*. Macau: Instituto Politécnico de Macau, 125-143.

**HAMERS, J. F. & BLANC, M. H. A. 1989.** *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press.

**HAN, Z. & ODLIN, T. (eds.) 2006.** *Studies of Fossilization in Second Language Acquisition*. Clevedon: Multilingual Matters.

**HAN, Zhao Hong 2004.** *Fossilization in Adult Second Language Acquisition*. Clevedon: Multilingual Matters.

**HASPELMATH, Martin 2007.** Further remarks on reciprocal constructions. In V. Nedjalkov (ed.), *Typology of Reciprocal Constructions*. Amsterdam: Benjamins, 2087–2115.

**HAWKINS, Roger & CHAN, Cecilia Yuet-hung 1997.** The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: the failed functional features hypothesis. In *Second Language Research*, 13 (3), 187-226.

**HE, Lei 2010.** *A Study of Chinese Reflexive “Ziji”*. Dissertação de Mestrado. Shanghai Normal University.

**HE, Xiao & KAISER, Elsi 2016.** Processing the Chinese Reflexive “ziji”: Effects of Featural Constraints on Anaphor Resolution. In *Front Psychol* Vol7: 284. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4830837> acedido em 10-5-

2017.

**HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs 1993.** *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

**HUANG, C.-T. J. 1984.** On the Distribution and Reference of Empty Pronouns. In *Linguistic Inquiry*, 15, 531-574.

**1987.** Remarks on empty categories in Chinese. In *Linguistic Inquiry*, 18: 321- 337.

**1989.** Pro-drop in Chinese: A generalized control theory. In Jaeggli & K. Safir (eds.), *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, 185-214.

**HUANG, C.-T. James & TANG C.- C. Jane 1991.** The Logical Nature of the Long distance Reflexive in Chinese. In Jan Koster & Eric Reuland (ed.), *Long-Distance Anaphora*. Cambridge: Cambridge University Press, 263-282.

**HULSTIJN, J. H. 2003.** Incidental and intentional learning. In C. J. Doughty & M. H. Long (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 349-381.

**HYLTENSTAM, K. & ABRAHAMSSON, N. 2003.** Maturation constraints in second language acquisition. In C. J. Doughty & M. H. Long (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 539-588.

**IONIN, Tania 2003.** *Article Semantics in Second Language Acquisition*. Dissertação de Doutorado, MIT.

**JI, Qiong 2015.** *The Study of Modern Chinese Reflexives*. Dissertação de Mestrado. Jilin University.

**JIANG, N. 2004.** Morphological insensitivity in second language processing. *Applied Psycholinguistics*, 25: 603-634.

**KEMMER, Suzanne 1993.** *The Middle Voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

**1994.** Middle Voice, Transitivity, and the Elaboration of Events. In Barbara Fox & P. J. Hopper (eds.), *Voice: Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 179-230.

**KÖNIG, Ekkehard & GAST, Volker 2008.** Reciprocity and reflexivity – description, typology and theory. In E. König & V. Gast (eds.), *Reciprocals and Reflexives: Theoretical and Typological Explorations*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1-32.

**KÖNIG, Ekkehard & KOKUTANI, Shigehiro 2006.** Towards a typology of reciprocal constructions: focus on German and Japanese. In *Linguistics*, 44. 2: 271-302.

**KÖNIG, Ekkehard & MOYSE-FAURIE, Claire 2010a.** Towards a Typology of Reflexivity. Disponível em:

[https://www.eva.mpg.de/lingua/conference/2010\\_summerschool/pdf/course\\_materials/KoenigMoyse-Faurie0820.pdf](https://www.eva.mpg.de/lingua/conference/2010_summerschool/pdf/course_materials/KoenigMoyse-Faurie0820.pdf) acedido em 16-10-2017.

**2010b.** Towards a Typology of Reciprocity: Concepts and Patterns of Encoding. Disponível em:

[https://www.eva.mpg.de/lingua/conference/2010\\_summerschool/pdf/course\\_materials/KoenigMoyse-Faurie0826.pdf](https://www.eva.mpg.de/lingua/conference/2010_summerschool/pdf/course_materials/KoenigMoyse-Faurie0826.pdf) acedido em 16-10-2017.

**KRASHEN, S. 1978.** Individual variation in the use of the monitor. In W. Ritchie (ed.), *Second language acquisition research: issues and implications*. New York:

Academic Press, 175-183.

**1982.** *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon.

**1985.** *The input hypothesis*. London: Longman.

**LADO, R. 1957.** *Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers*. Ann Arbor: Michigan University Press.

**LARDIERE, D. 1998.** Case and tense in the “fossilized” steady state. In *Second Language Research*, 14: 1-26.

**LEDESMA, I. B. 2001.** Errores y Aprendizagem. In A. L. Dominguéz (coord), *Forma: Formación de Formadores, Interferências Cruzes y Errores*. Madrid: SGEL.

**LEE, Tong Harr 2008.** Princípios da Sintaxe do Chinês Clássico e os Provérbios. In *Mirandum*, Vol. 19. São Paulo: Universidade de São Paulo, 65-70.

**LEE, W. 1968.** Thoughts in Contrastive Linguistics in Context of Language Teaching. In J. Alatis (ed.), *Contrastive Linguistics and its Pedagogical Implications*. Georgetown: University Press, 185-194.

**LEIRIA, Isabel 2004.** Português Língua Segunda e Língua Estrangeira: Investigação e Ensino. In *Idiomático. Revista Digital de Didáctica de PLN*, No. 3. Centro Virtual Camões.

**LENNEBERG, Eric H. 1967.** *Biological Foundations of Language*. John Wiley and Sons Inc.

**LI, Charles N. & THOMPSON, Sandra A. 1981.** *Mandarin Chinese A Functional*

Reference Grammar. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.

**LI, Xiaoqian & ZHOU, Xiaolin 2010.** Who is ziji? ERP responses to the Chinese reflexive pronoun during sentence comprehension. In *Brain Reserch*, Vol.1331: 96-104.

**LIU, Fan 2014.** *On Reciprocal Markers and Reciprocal Constructions in Mandarin*. Dissertação de Mestrado. Anhui Normal University.

**LIU, Lijin 2010.** A Pragmatic Account of Anaphora: The cases of the Bare Reflexive in Chinese. In *Journal of Language Teaching and Research*, Vol. I, No. 6: 796-806.

**LIU, Meichun 2000.** Reciprocal marking with deictic verbs “come” and “go” in Mandarin. In Z. Frajzybgier & T. S. Curl, *Reciprocals Forms and Functions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 123-132.

**LIU, Yang 2013.** *Syntactic forms of reciprocal meaning of Mordern Chinses*. Dissertação de Mestrado. Jilin University.

**LOBO, Maria 2013.** Dependências referenciais. In Eduardo Paiva Raposo *et al.* (org.), *Gramática do Português*, Vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2177-2227.

**LONG, M. H. 2003.** Stabilization and Fossilization in Interlanguage Development. In C. J. Doughty & M. H. Long (eds.), *The Handbook of Second Language Acquisition*. Malden: Blackwell, 487-535.

**2012.** Current Trends in SLA Research and Directions for Future Development. In *Chinese Journal of Applied Linguistics*, Vol.35 No.2: 135-152.

**LOPES, Ana Cristina Macário & RIO-TORTO, Graça 2007.** *Semântica*. Lisboa: Editorial

Caminho.

**LOTT, D. 1983.** Analysing and counteracting interference errors. In *English Language Teaching Journal*, 37: 256-261.

**LU, Jiang 2008.** *Research of "Huxiang" Category Adverb*. Dissertação de Mestrado. Central China Normal University.

**LU, Jianming 2016.** Re-Understanding of the *Ba*-Construction from an Information Structure Perspective. In *Language Teaching and Linguistic studies*, Vol: 177: 1-13.

**LUÍS, Ana R. & KAISER, Georg A. 2016.** Clitic Pronouns. In W. Leo Wetzels, João Costa & Sergio Menuzzi (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. UK: Wiley-Blackwell, 210-233.

**LUÍS, Ana R. 2002.** Function Words, Prosodic Structure and Morphological Dependency. In Marjo van Koppen, Joanna Sio & Mark de Vos (eds.), *Proceedings of Console X*. Leiden: SOLE, 157-171.

**2004.** *Clitics as Morphology*. Dissertação de Doutorado. Universidade de Essex.

**LV, Shuxiang 1999.** *800 Words in Modern Chinese*. Beijing: The Commercial Press.

**MADEIRA, Ana & XAVIER, Maria Francisca 2009.** The Acquisition of Clitic Pronouns in L2 European Portuguese. In A. Pires & J. Rothman (eds.), *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 273-299.

**MADEIRA, Ana, XAVIER, Maria Francisca & CRISPIM, Maria de Lourdes**

**2010**, Pronomes clíticos na gramática de crianças falantes de crioulo. In M. J. Marçalo *et al.* (orgs.), *Língua Portuguesa: Ultrapassar Fronteiras, Juntar Culturas*. Évora: Universidade de Évora. Disponível em <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slq24/01.pdf> acedido em 6-8-2016.

**MAGRO, Catarina 2007.** *Clíticos: Variações sobre o Tema*. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa.

**MARANTZ, Alec 1984.** *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.

**MARTINS, Ana Maria 1994.** *Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.

**2013.** A posição dos pronomes pessoais clíticos. In Eduardo Paiva Raposo *et al.* (org.), *Gramática do Português*, Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2231-2302.

**MARTINS, C. & Pereira, I. 2011.** Metodologias de ensino de PL2 à medida dos aprendentes. In C. Flores (ed.), *Múltiplos Olhares Sobre o Bilinguismo*. Braga: Edições Húmus/CEHUM, 45-65.

**MARTINS, Cristina 2015.** Número e género nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes do português europeu como língua estrangeira. In *Revista Científica da UEM: Série Letras e Ciências Sociais*, 1 (1): 26-51. Disponível em <http://www.revistacientifica.uem.mz/index.php/seriec/article/view/93> acedido em 24-6-2016.

**2016.** O papel diferenciado de subsistemas de memória de longo prazo nos processos de aquisição e de aprendizagem de uma L2: o modelo

declarativo/procedimental e as suas consequências para o ensino de línguas não maternas. In João Corrêa-Cardoso & Maria do Céu Fialho (coords.), *A Linguagem na Pólis*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 99-118.

**MATEUS, Maria Helena M., FROTA, Sónia & VIGÁRIO, Marina 2003.** Prosódia. In Maria Helena Mira Mateus *et al.* (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1035-1076.

**MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* 2003.** *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

**MILIČEVIĆ, Maja 2010.** The Role of the L1 in the Acquisition of Reflexive and Reciprocal Marking in L2 Italian. In Pedro Guijarro-Fuentes & Laura Domínguez (eds.), *New Directions in Language Acquisition: Romance Languages in the Generative Perspective*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 49-70.

**MUKKATESH, L. 1977.** *Problematic areas in English syntax for Jordanian students*. Jordan: University of Amman.

**NEDJALCOV, Vladimir 2007.** Overview of the research. Definitions of terms, framework, and related issues. In Vladimir P. Nadjalkov (ed.), *Reciprocal Constructions*, Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 3-114.

**O'GRADY, W. 2005.** *Syntactic Carpentry: An Emergentist Approach to Syntax*. Mahwah, N. J.: Erlbaum.

**ODLIN, T. 1989.** *Language Transfer: Cross Linguistic Influence in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press.

- PAN, Haihua 2003.** *Constraints on Reflexivization in Mandarin Chinese*. New York: Routledge.
- PERCEGONA, Marcélia Silva 2012.** *A Fossilização no Processo de Aquisição de Segunda Língua*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná.
- PEREIRA, Rui Abel Rodrigues 2007.** *Formação de verbos em português: afixação heterocategorial*. Muenchen: Lincom Europa.
- PERES, João Andrade & MÓIA, Telmo 1995.** Construções Passivas. In João Peres & Telmo Moia, *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 209-251.
- PERLMUTTER, David M. 1978.** Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In *Proceedings from the IV Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*. Berkeley: Berkeley University, 157-189.
- PIENEMANN, M. 1998.** *Language Processing and Second Language Development. Processability Theory*. Amsterdam/New York: John Benjamins.
- PING, Jiang-King 1995.** Distributivity in chinese reciprocal constructions. In *Proceedings of the Northwest Linguistics Conference*. Canada: University of Victoria, 59-69.
- PISSARRA, Raul Andrade 1999.** *Interrogativas em português e em chinês : descrição, confronto e aplicação didáctica*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Macau.
- PLATZACK, C. 1996.** The initial hypothesis of syntax: a minimalist perspective on language acquisition and attrition. In H. Clahsen (ed.), *Generative perspectives on*

*language acquisition: empirical findings, theoretical considerations, crosslinguistic comparisons*. Amsterdam: John Benjamins, 369-414.

**POLLARD, Carl & XUE, Ping 1998.** Chinese Reflexive Ziji: Syntactic Reflexives vs. Nonsyntactic Reflexives. In *Journal of East Asian Linguistics*, Volume 7, Issue 4: 287–318.

**QIU, Ziru 2011.** *Comparative Study on Reflexive Expressions between English and Chinese*. Dissertação de Mestrado. Yanbian University.

**RAPOSO, Eduardo Paiva 1986.** On the Null Object Construction in European Portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (eds.), *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 373-390.

**REINHART, Tanya & SILONI, Tal 2005.** The Lexicon-Syntax Parameter: Reflexivization and Other Arity Operations. In *Linguistic Inquiry*, 36 (3): 389-436.

**REINHART, Tanya 1996.** Syntactic Effects of Lexical Operations: Reflexives and Unaccusatives. In *Uil OTS Working Papers in Linguistics*. Utrecht: University of Utrecht.

**RIBEIRO, Sílvia Isabel do Rosário 2011.** *Estruturas com se anafórico, impessoal e decausativo em português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra.

**RIO-TORTO, Graça 2001.** Classes gramaticais: sua importância para o ensino da morfossintaxe. In *MÁTESIS* 10, 259-286. Disponível em [http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis/Mat10/mathesis10\\_259.pdf](http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis/Mat10/mathesis10_259.pdf) acedido em 10-5-2016.

**No prelo.** Prefixação na língua portuguesa contemporânea.

**RIO-TORTO, Graça et al. 2013.** *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

**ROBERTSON, Daniel & SORACE, Antonella 1999.** Losing the V2 constraint. In E. Klein and G. Martohardjono (eds.), *The development of second language grammars: a generative approach*. Amsterdam: John Benjamins, 317-361.

**ROBINSON, P. 2003.** The cognition hypothesis, task design and adult task-based language learning. In *Second Language Studies*, 21(2): 45-107.

**ROMAINE, S. 2003.** Variation. In C. J. Doughty & M. H. Long (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 409-435.

**ROSS, Claudia & MA, Jing-heng Sheng 2006.** *Modern Chinese Mandarin Grammar: a practical guide*. London/New York: Routledge.

**SANTOS, Ana Sofia Rodrigues dos 2009.** A influência da L1 no processo de aquisição da L2: um estudo sobre a Transferência de parâmetros morfológicos e sintáticos. In *Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa:APL, 467-481.

**SCHUMANN, J.H. 1978.** The pidginization hypothesis. In E. M. Hatch, *Second language acquisition: a book of readings*. Rowley, MA: Newbury House.

**SCHWARTZ, B. D. 1998.** The second language instinct. In *Lingua*, 106: 133-60.

**1999.** Let's make up your mind: "special nativist" perspectives on language, modularity of mind, and nonnative language acquisition. In *Studies in Second*

*Language Acquisition*, 21: 635-55.

**SCHWARTZ, Bonnie & SPROUSE, Rex 1994.** Word order and nominative case in non-native acquisition: A longitudinal study of (L1Turkish) German interlanguage. In T. Hoekstra e B. D. Schwartz (eds.), *Language Acquisition Studies in Generative Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 317-368.

**1996.** L2 cognitive states and the Full Transfer/Full Access model. In *Second Language Research*, 12: 40-72.

**SELINKER, L. 1972.** Interlanguage. In *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 10-3: 209-231.

**SELINKER, L. & LAMENDELLA, J. T. 1978.** Two Perspectives on Fossilization in Interlanguage Learning. In *Interlanguage Studies Bulletin*, 3 (2): 143-191.

**SELINKER, L. & MASCIA, R. 1999.** Fossilization: trying to get the logic right. In ROBINSON, P. (ed.), *Representation and process: Proceedings of the 3rd Pacific Second Language Research Forum*, Vol. 1. Tokyo: Pacific Second Language Research Forum, 257–265.

**SILVA, Carolina 2011.** Interpretação de clíticos e de pronomes fortes complemento na aquisição do português europeu. In Armanda Costa, Isabel Falé & Pilar Barbosa (orgs.), *Textos Seleccionados do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 534-548.

**2015.** *Interpretation of clitic, strong and null pronouns in the acquisition of European Portuguese*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.

- SILVA, Maria Cristina Vieira 2005.** A aquisição de uma Língua Segunda: muitas questões e algumas respostas. In *Saber (e) Educar*, 10: 97-110.
- SKEHAN, P. 2012.** Language aptitude. In S. M. Gass & A. Mackey (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition*. London: Routledge/Taylor Francis, 381-395.
- SLAVCHEVA, Milena 2007.** Linking Reflexive Verb Structure to Verb Meaning in a Cross-Lingual Lexical Setting. In *Proceedings of International Conference "Lexis and Grammar 2007"*, 153-160. Disponível em <http://infolingu.univ-mlv.fr/Colloques/Bonifacio/proceedings/slavcheva.pdf> acedido em 6-3-2017.
- SOTO ARANDA, Beatriz 2005.** Enfoques Para el Estudio de la Adquisición de Una L2 como Lengua de Acogida. Su Evolución Hacia Un Modelo Descriptivo de Corte Pragmático. In *Revista Electrónica de Estudios Filológicos*, No.10: 385-435.
- SPENCER, A. & LUÍS, A. R., 2012.** *Clitics: An Introduction*. New York: Cambridge University Press.
- STROUD, C. & GONÇALVES, P. 1997.** *Panorama do Português Oral de Maputo (Vol. II)- A Construção de um Banco de "Erros"*. Moçambique: CLUL.
- SUN, Chaofen 2006.** *Chinese: A linguistics introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TANG, Chi-Chen Jane 1989.** Chinese reflexives. In *Natural Language and Linguistic Theory*, 7: 93-121.
- TANG, Ting-Chi 1992.** Anaphors in Chinese Syntax and Morphology. In *Tsing Hua Journal of Chinese Studies*, 22: 301-349.

**TANG, Xiangqing 2006.** The evolution of the adverb Huxiang and Xianghu and analysis of the reasons. In *Research in Ancient Chinese Language (2006-4)*. Beijing: The Commercial Press, 6-15.

**TOWELL, Richard & HAWKINS, Roger 1994.** *Approaches to Second Language Acquisition*. Clevedon: Multilingual Matters.

**TRAN-CHI-CHAU 1975.** Error analysis, Contrastive analysis and students' perceptions: a study of difficulty in second language learning. In *International Review of Applied Linguistics*, 13: 119-143.

**ULLMAN, M. 2001.** The declarative/procedural model of lexicon and grammar. In *Journal of Psycholinguistic Research*, 30(1): 37-69.

**2004.** Contributions of memory circuits to language: The declarative/procedural model. In *Cognition*, 92(1-2): 231-270.

**2005.** A cognitive neuroscience perspective on second language acquisition: The declarative/procedural model. In C. Sanz (ed.), *Adult second language acquisition*. Washington, DC: Georgetown University Press, 141-178.

**VAINIKKA, Anne & YOUNG-SCHOLTEN, Martha 1994.** Direct access to X'-theory: evidence from Korean and Turkish adults learning German. In T. Hoekstra & B. D. Schwartz (eds), *Language Acquisition Studies in Generative Grammar: Papers in Honor of Kenneth Wexler from the 1991 GLOW Workshops*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 265-316.

**1996.** Gradual development of L2 phrase structure. In *Second Language Research* (12): 7-39.

**VASCONCELOS, Sofia Isabel Vieira de 2013.** *O Clítico SE: entre a Norma e a Variação*.  
Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.

**VIGÁRIO, Marina 1999.** Pronominal cliticization in European Portuguese: a postlexical operation. In *Catalan Working Papers in Linguistics*, Vol. 7: 219-237.

**2003.** *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

**VILELA, Mário 1992.** *Gramática de Valências – Teoria e Aplicação*. Coimbra: Livraria Almedina.

**VITRAL, Lorenzo 2006.** A evolução do se reflexivo em português na perspectiva da gramaticalização. In Tânia Lobo *et al.* (orgs), *Para a história do português brasileiro, Volume VI: Novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 107-133.

**WANG, Lan 2004.** The semantic features and directions of *Huxiang*. In *Journal of Guangzhou University (Social Science Edition)*, Vol. 3 No. 7: 40-42.

**WANG, Lin 2011.** *Intensifiers and Reflexive Pronouns in English and Mandarin Chinese: A Contrastive Study*. Dissertação de Doutorado. Freie Universität Berlin.

**WEINREICH, U. 1953.** *Languages in contact: Findings and problems*. The Hague: Mouton.

**WHITE, L. 2003a.** On the nature of interlanguage representation: Universal Grammar in the second language. In C. J. Doughty & M. H. Long (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 19- 42.

**2003b.** *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge:

Cambridge University Press.

**WILLIAMS, J. N. 2009.** Implicit learning. In W. C. Ritchie & T. K. Bhatia (eds.), *The New Handbook of Second Language Acquisition*. Bingley: Emerald Group Publishing, 319-353.

**WU, Jiun-Shiung 2003.** Reciprocal Verbs in Mandarin. In *Journal of Chinese Linguistics Monograph Series*, Vol. 19: 58-95.

**XIE, Hua 2009.** *A Pragmatic Analysis on Chinese Reflexive Ziji*. Dissertação de Mestrado. Xiangtan University.

**YUAN, Boping 1994.** Second language acquisition of reflexives revisited. In *Language* Vol.70, 539-545.

**ZHANG, Jianbo 2008.** *Nomes nus e classificadores do chinês mandarim: uma análise a partir da tipologia linguística sobre os sintagmas nominais*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.

**ZHANG, Jing 2010.** Aquisição do sistema de artigos por aprendentes chineses de Português L2. In M. J. Marçalo *et al.* (eds.), *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 56-75.

**ZHANG, Ning 2008.** A Comparative Study of Chinese “Ziji” and English Reflexives. In *Journal of Xingjiang Education Institute*, Vol. 24 No.1: 90-95.

**ZHOU, Xiaojun 2014.** *Reciprocal Constructions in Chinese*. Dissertação de Doutorado. Zhejiang University.

**ZWICKY, Arnold M. 1977.** *On clitics*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club.

## Apêndice

### Exemplo de respostas dos alunos do 1º ano (A2)

#### Teste

O presente teste engloba-se num trabalho de Doutoramento em Língua Portuguesa: Investigação e Ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Agradece-se a sua colaboração!

#### Parte I. Produção Induzida

Escolha as formas adequadas para completar as seguintes frases.

1. Hoje o João levantou-se mais tarde e portanto chegou atrasado ao emprego. (levantar/levantar-se)
2. Já viu? Eles bejaram-se apaixonadamente no jardim. (beijar/beijar-se)
3. Por causa da herança do pai, o João e o irmão lutaram-se entre si. (lutar/lutar-se)
4. Para quem quer que seja, é importante aprender a autoavaliar-se (autoavaliar/autoavaliar-se)
5. Fiquei arrependido. Perguntei-me a mim próprio porque é que não fiz nada para o ajudar? (perguntar/perguntar-se)
6. A Ana ficou constipada porque apanhou frio no último sábado, mas esta semana já melhorou-se bastante. (melhorar/melhorar-se)
7. Antes de morrer, o pai pediu aos dois irmãos para apoiarem-se ao outro no futuro. (apoiar/apoiar-se)
8. Na véspera do ano novo, os membros da família desejaram-se uns aos outros um bom ano novo cheio de felicidades. (desejar/desejar-se)

9. E ele não tinha vergonha? Elogiou-se em frente do público durante uma hora?  
(elogiar/elogiar-se)
10. A Helena costuma ver-se ao espelho durante muito tempo antes de sair de casa. (ver/ver-se)
11. Ao portão a Maria e o João entreolharam-se mas ninguém disse nem uma palavra.  
(entreolhar/entreolhar-se)
12. Todos as manhãs ele costuma acordar-se muito cedo. (acordar/acordar-se)
13. Ele conheceu-se muito bem, conhece as suas vantagens e os seus problemas.  
(conhecer/conhecer-se)
14. O Manuel e o João são colegas, eles ajudaram-se muito durante este semestre.  
(ajudar/ajudar-se)
15. Já leu o jornal? Barack Obama e Raul Castro cumprimentaram-se nas cerimónias fúnebres de Mandela. (cumprimentar/cumprimentar-se)
16. Ontem à tarde, o Mário e a Sofia conversaram-se café durante muito tempo.  
(conversar/conversar-se)
17. Ontem foi o aniversário da Maria mas ela não recebeu nenhum presente, portanto decidiu oferecer-se a si própria um novo relógio como um presente.  
(oferecer/oferecer-se)
18. Foi a descontração dele que causou este acidente grave, portanto, ele não conseguiu desculpar-se pelo lapso que cometeu. (desculpar/desculpar-se)

## Parte II. Juízo de Aceitabilidade

Verifique se as seguintes frases estão corretas. No caso de haver erros, corrija-os.

1. Ele prefere vestir-se sempre com roupa escura.  
*vestir-se*
2. A Maria anda cansadíssima esta semana, por isso decidiu conceder-se a si própria um dia de folga para descansar um pouco.  
*descansar-se*
3. Será verdade que eles separaram na semana passada?  
*separaram-se*
4. Felizmente, no final o Mário e o Pedro concordaram-se entre si. ✓
5. Em Portugal é muito frequente os amigos abraçarem na rua.  
*abraçarem-se*
6. O João acha-se sempre inferior, até que muitas vezes não se gosta de si mesmo. ✓
7. Como não há revistas suficientes para toda a gente, o Filipe e a Helena vão partilhar-se a mesma revista. ✓
8. Repara nesta árvore! Os ramos entrecruzam-se.  
*entrecruzam-se*
9. Segundo dizem, a Inês e o Pedro amam-se e vão-se casar dentro em breve.  
*vão casar-se*
10. Devemos, em particular, proteger aqueles que não podem proteger a si próprios.  
*se podem proteger*
11. É uma pessoa egoísta que se pensa em si mesmo e nunca nos outros. ✓
12. Inesperadamente o João autocriticou-se pela sua própria incapacidade na reunião.  
*-se*
13. Na festa de natal, os amigos oferecem-se uns aos outros presentes! ✓

14. Ao ouvir a notícia, ela chorou tanto que demorou muito tempo a acalmar.

demorou-se

15. Após a discussão eles não chegaram a nenhum acordo e zangaram um com o outro.

zangaram-se

16. A Maria entrou no gabinete, sentou-se na sua mesa e logo começou a trabalhar. ✓

17. Embora coma muito, a Fernanda nunca mais se engorda. ✓

18. Quando andava de cavalo, a Sofia caiu e feriu.

feriu-se

19. Ontem a Maria viu a Helena. Eram colegas da universidade e já não encontravam desde que acabaram o curso.

se

20. Durante o Concurso de Eloquência em Língua Portuguesa o Miguel e o Dinis vão competir-se um com o outro. ✓

## Exemplo de respostas dos alunos do 2º ano (B1)

### Teste

O presente teste engloba-se num trabalho de Doutoramento em Língua Portuguesa: Investigação e Ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Agradece-se a sua colaboração!

#### Parte I. Produção Induzida

Escolha as formas adequadas para completar as seguintes frases.

1. Hoje o João levantá-se mais tarde e portanto chegou atrasado ao emprego.  
(levantar/levantar-se)

2. Já viu? Eles beijaram-se apaixonadamente no jardim. (beijar/beijar-se)

3. Por causa da herança do pai, o João e o irmão lutaram entre si. (lutar/lutar-se)

4. Para quem quer que seja, é importante aprender a autoavaliar-se  
(autoavaliar/autoavaliar-se)

5. Fiquei arrependido. Perguntei a mim próprio porque é que não fiz nada para o ajudar? (perguntar/perguntar-se)

6. A Ana ficou constipada porque apanhou frio no último sábado, mas esta semana já melhorou-se bastante. (melhorar/melhorar-se)

7. Antes de morrer, o pai pediu aos dois irmãos para apoia-ram um ao outro no futuro. (apoiar/apoiar-se)

8. Na véspera do ano novo, os membros da família desejaram uns aos outros um bom ano novo cheio de felicidades. (desejar/desejar-se)

9. E ele não tinha vergonha? Elogiou-se em frente do público durante uma hora?  
(elogiar/elogiar-se)
10. A Helena costuma Ver-se ao espelho durante muito tempo antes de sair de casa. (ver/ver-se)
11. Ao portão a Maria e o João entrediram-se mas ninguém disse nem uma palavra.  
(entreolhar/entreolhar-se)
12. Todos as manhãs ele costuma acordar-se muito cedo. (acordar/acordar-se)
13. Ele Conhece-se muito bem, conhece as suas vantagens e os seus problemas.  
(conhecer/conhecer-se)
14. O Manuel e o João são colegas, eles ajudam-se muito durante este semestre.  
(ajudar/ajudar-se)
15. Já leu o jornal? Barack Obama e Raul Castro cumpriram-se nas cerimónias fúnebres de Mandela. (cumprimentar/cumprimentar-se)
16. Ontem à tarde, o Mário e a Sofia conversaram no café durante muito tempo.  
(conversar/conversar-se)
17. Ontem foi o aniversário da Maria mas ela não recebeu nenhum presente, portanto decidiu oferecer a si própria um novo relógio como um presente.  
(oferecer/oferecer-se)
18. Foi a descontração dele que causou este acidente grave, portanto, ele não conseguiu se pelo lapso que cometeu. (desculpar/desculpar-se)  
desculpar<sup>2</sup>

**Parte II. Juízo de Aceitabilidade**

Verifique se as seguintes frases estão corretas. No caso de haver erros, corrija-os.

1. Ele prefere vestir sempre com roupa escura.
2. A Maria <sup>andava</sup> ~~anda~~ cansadíssima esta semana, por isso decidiu conceder ~~se~~ <sup>em</sup> a si própria um dia de folga para descansar um pouco.
3. <sup>Seria</sup> ~~Será~~ verdade que eles <sup>se</sup> ~~separaram~~ na semana passada?
4. Felizmente, no final o Mário e o Pedro concordaram ~~se~~ entre si.
5. Em Portugal é muito frequente os amigos <sup>se</sup> ~~abraçarem~~ na rua.
6. O João acha ~~se~~ sempre inferior, até que muitas vezes não ~~se~~ gosta de si mesmo.
7. Como não há revistas suficientes para toda a gente, o Filipe e a Helena vão partilhar ~~se~~ a mesma revista.
8. Repara nesta árvore! Os ramos entrecruzam ~~se~~.
- ✓ 9. Segundo dizem, a Inês e o Pedro amam ~~se~~ e vão ~~se~~ casar dentro em breve.
- ✓ 10. Devemos, em particular, proteger aqueles que não podem proteger a si próprios.
11. É uma pessoa egoísta que ~~se~~ pensa em si mesmo e nunca nos outros.
12. Inesperadamente o João autocriticou <sup>se</sup> ~~pela~~ sua própria incapacidade na reunião.
13. Na festa de natal, os amigos oferecem ~~se~~ uns aos outros presentes!

- ✓ 14. Ao ouvir a notícia, ela chorou tanto que demorou muito tempo a acalmar.
- ✓ 15. Após a discussão eles não chegaram a nenhum acordo e zangaram um com o outro.
- ✓ 16. A Maria entrou no gabinete, sentou-se na sua mesa e logo começou a trabalhar.
17. Embôra coma muito, a Fernanda nunca mais se engorda.
18. Quando andava de cavalo, a Sofia caiu e feriu-se
19. Ontem a Maria viu a Helena. Eram colegas da universidade e já não encontravam-se desde que acabaram o curso.
20. Durante o Concurso de Eloquência em Língua Portuguesa o Miguel e o Dinis vão competir-se um com o outro.

## Exemplo de respostas dos alunos do 3º ano (B2)

### Teste

O presente teste engloba-se num trabalho de Doutoramento em Língua Portuguesa: Investigação e Ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Agradece-se a sua colaboração!

#### Parte I. Produção Induzida

Escolha as formas adequadas para completar as seguintes frases.

1. Hoje o João levantou-se mais tarde e portanto chegou atrasado ao emprego. (levantar/levantar-se)
2. Já viu? Eles beijaram-se apaixonadamente no jardim. (beijar/beijar-se)
3. Por causa da herança do pai, o João e o irmão lutam-se entre si. (lutar/lutar-se)
4. Para quem quer que seja, é importante aprender a autoavaliar-se. (autoavaliar/autoavaliar-se)
5. Fiquei arrependido. <sup>Perguntai</sup> ~~perguntei~~ a mim próprio porque é que não fiz nada para o ajudar? (perguntar/perguntar-se)
6. A Ana ficou constipada porque apanhou frio no último sábado, mas esta semana já melhora bastante. (melhorar/melhorar-se)
7. Antes de morrer, o pai pediu aos dois irmãos para apoiarem um ao outro no futuro. (apoiar/apoiar-se)
8. Na véspera do ano novo, os membros da família desejam uns aos outros um bom ano novo cheio de felicidades. (desejar/desejar-se)

9. E ele não tinha vergonha? Elograva-se em frente do público durante uma hora?  
(elogiar/elogiar-se)
10. A Helena costuma ver-se ao espelho durante muito tempo antes de sair de casa. (ver/ver-se)
11. Ao portão a Maria e o João entreolhavam-se mas ninguém disse nem uma palavra.  
(entreolhar/entreolhar-se)
12. Todos as manhãs ele costuma acordar muito cedo. (acordar/acordar-se)
13. Ele conhece muito bem, conhece as suas vantagens e os seus problemas.  
(conhecer/conhecer-se)
14. O Manuel e o João são colegas, eles ajudam-se muito durante este semestre.  
(ajudar/ajudar-se)
15. Já leu o jornal? Barack Obama e Raul Castro cumprimentaram-se nas cerimónias fúnebres de Mandela. (cumprimentar/cumprimentar-se)
16. Ontem à tarde, o Mário e a Sofia conversavam café durante muito tempo.  
(conversar/conversar-se)
17. Ontem foi o aniversário da Maria mas ela não recebeu nenhum presente, portanto decidiu oferecer a si própria um novo relógio como um presente.  
(oferecer/oferecer-se)
18. Foi a descontração dele que causou este acidente grave, portanto, ele não conseguiu se desculpar pelo lapso que cometeu. (desculpar/desculpar-se)

## Parte II. Juízo de Aceitabilidade

Verifique se as seguintes frases estão corretas. No caso de haver erros, corrija-os.

1. Ele prefere vestir <sup>-se</sup> sempre com roupa escura.
2. A Maria anda cansadíssima esta semana, por isso decidiu conceder-se ~~a si própria~~ um dia de folga para descansar um pouco.
3. Será verdade que eles <sup>-se</sup> separaram na semana passada?
4. Felizmente, no final o Mário e o Pedro concordaram-se ~~entre si~~.
5. Em Portugal é muito frequente os amigos abraçarem <sup>-se</sup> na rua.
6. O João acha-se sempre inferior, até que muitas vezes não ~~se~~ gosta de si mesmo.
7. Como não há revistas suficientes para toda a gente, o Filipe e a Helena vão partilhar ~~se~~ a mesma revista.
8. Repara nesta árvore! Os ramos entrecruzam <sup>-se</sup>.
9. Segundo dizem, a Inês e o Pedro amam-se e vão-se casar ~~dentro~~ em breve.
10. Devemos, em particular, proteger aqueles que não podem proteger a si próprios. ✓
11. É uma pessoa egoísta que ~~se~~ pensa em si mesmo e nunca nos outros.
12. Inesperadamente o João autocriticou pela sua própria incapacidade na reunião. ✓
13. Na festa de natal, os amigos oferecem-se ~~uns aos outros~~ presentes!

14. Ao ouvir a notícia, ela chorou tanto que demorou muito tempo a acalmar<sup>A</sup>  
-se
15. Após a discussão eles não chegaram a nenhum acordo e zangaram um com o outro. ✓
16. A Maria entrou no gabinete, sentou-se na sua mesa e logo começou a trabalhar. ✓
17. Embora coma muito, a Fernanda nunca mais se engorda.
18. Quando andava de cavalo, a Sofia caiu e feriu. ✓
19. Ontem a Maria viu a Helena. Eram colegas da universidade e já não encontravam<sup>A</sup>  
desde que acabaram o curso. -se
20. Durante o Concurso de Eloquência em Língua Portuguesa o Miguel e o Dinis vão  
competir-se um com o outro.

## Exemplo de respostas dos alunos do 4º ano (C1)

### Teste

O presente teste engloba-se num trabalho de Doutoramento em Língua Portuguesa: Investigação e Ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Agradece-se a sua colaboração!

#### Parte I. Produção Induzida

Escolha as formas adequadas para completar as seguintes frases.

1. Hoje o João levantou-se mais tarde e portanto chegou atrasado ao emprego.  
(levantar/levantar-se)
2. Já viu? Eles beijaram-se apaixonadamente no jardim. (beijar/beijar-se)
3. Por causa da herança do pai, o João e o irmão lutaram entre si. (lutar/lutar-se)
4. Para quem quer que seja, é importante aprender a se autoavaliar  
(autoavaliar/autoavaliar-se)
5. Fiquei arrependido. Perguntei a mim próprio porque é que não fiz nada para o ajudar? (perguntar/perguntar-se)
6. A Ana ficou constipada porque apanhou frio no último sábado, mas esta semana já melhorou bastante. (melhorar/melhorar-se)
7. Antes de morrer, o pai pediu aos dois irmãos para apoiar-se um ao outro no futuro. (apoiar/apoiar-se)
8. Na véspera do ano novo, os membros da família desejaram-se uns aos outros um bom ano novo cheio de felicidades. (desejar/desejar-se)

9. E ele não tinha vergonha? Elogiou-se em frente do público durante uma hora?  
(elogiar/elogiar-se)
10. A Helena costuma ver-se ao espelho durante muito tempo antes de sair de casa. (ver/ver-se)
11. Ao portão a Maria e o João entreolharam-se mas ninguém disse nem uma palavra.  
(entreolhar/entreolhar-se)
12. Todos as manhãs ele costuma acordar muito cedo. (acordar/acordar-se)
13. Ele conhece-se muito bem, conhece as suas vantagens e os seus problemas.  
(conhecer/conhecer-se)
14. O Manuel e o João são colegas, eles ajudam-se muito durante este semestre.  
(ajudar/ajudar-se)
15. Já leu o jornal? Barack Obama e Raul Castro cumprimentaram-se nas cerimónias fúnebres de Mandela. (cumprimentar/cumprimentar-se)
16. Ontem à tarde, o Mário e a Sofia conversaram no café durante muito tempo.  
(conversar/conversar-se)
17. Ontem foi o aniversário da Maria mas ela não recebeu nenhum presente, portanto decidiu oferecer-se a si própria um novo relógio como um presente.  
(oferecer/oferecer-se)
18. Foi a descontração dele que causou este acidente grave, portanto, ele não conseguiu desculpar pelo lapso que cometeu. (desculpar/desculpar-se)

## Parte II. Juízo de Aceitabilidade

Verifique se as seguintes frases estão corretas. No caso de haver erros, corrija-os.

1. Ele prefere <sup>se</sup> vestir sempre com roupa escura.
2. A Maria anda cansadíssima esta semana, por isso decidiu conceder ~~se~~ a si própria um dia de folga para descansar um pouco.
3. Será verdade que eles separaram na semana passada? ✓
4. Felizmente, no final o Mário e o Pedro concordaram ~~se~~ entre si.
5. Em Portugal é muito frequente os amigos abraçarem na rua. ✓
6. O João acha-se sempre inferior, até que muitas vezes não ~~se~~ gosta de si mesmo.
7. Como não há revistas suficientes para toda a gente, o Filipe e a Helena vão partilhar-se a mesma revista. ✓
8. Repara nesta árvore! Os ramos entrecruzam. ~~se~~
9. Segundo dizem, a Inês e o Pedro amam-se e vão-se casar dentro em breve. ✓
10. Devemos, em particular, proteger aqueles que não podem proteger a si próprios. ✓
11. É uma pessoa egoísta que se pensa em si mesmo e nunca nos outros. ✓
12. Inesperadamente o João autocriticou pela sua própria incapacidade na reunião. ✓
13. Na festa de natal, os amigos oferecem-se uns aos outros presentes!

14. Ao ouvir a notícia, ela chorou tanto que demorou muito tempo a acalmar. ✓
15. Após a discussão eles não chegaram a nenhum acordo e zangaram um com o outro. ✓
16. A Maria entrou no gabinete, sentou-se na sua mesa e logo começou a trabalhar. ✓
17. Embora coma muito, a Fernanda nunca mais se engorda. ✓
18. Quando andava de cavalo, a Sofia caiu e feriu. — s.e
19. Ontem a Maria viu a Helena. Eram colegas da universidade e já não <sup>se</sup> encontravam desde que acabaram o curso.
20. Durante o Concurso de Eloquência em Língua Portuguesa o Miguel e o Dinis vão competir-se um com o outro.

## Exemplo de respostas dos alunos do grupo de controlo

### Teste

O presente teste engloba-se num trabalho de Doutoramento em Língua Portuguesa: Investigação e Ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Agradece-se a sua colaboração!

#### Parte I. Produção Induzida

Escolha as formas adequadas para completar as seguintes frases.

1. Hoje o João levantou-se mais tarde e portanto chegou atrasado ao emprego.  
(levantar/levantar-se)
2. Já viu? Eles beijam-se apaixonadamente no jardim. (beijar/beijar-se)
3. Por causa da herança do pai, o João e o irmão lutam entre si. (lutar/lutar-se)
4. Para quem quer que seja, é importante aprender a autoavaliar-se  
(autoavaliar/autoavaliar-se)
5. Fiquei arrependido Pergunto-me a mim próprio porque é que não fiz nada para o ajudar? (perguntar/perguntar-se)
6. A Ana ficou constipada porque apanhou frio no último sábado, mas esta semana já melhorou bastante. (melhorar/melhorar-se)
7. Antes de morrer, o pai pediu aos dois irmãos para se apoiarem um ao outro no futuro. (apoiar/apoiar-se)
8. Na véspera do ano novo, os membros da família desejaram uns aos outros um bom ano novo cheio de felicidades. (desejar/desejar-se)

9. E ele não tinha vergonha? Elogiar-se em frente do público durante uma hora?  
(elogiar/elogiar-se)
10. A Helena costuma ver-se ao espelho durante muito tempo antes de sair de casa. (ver/ver-se)
11. Ao portão a Maria e o João entreolharam-se mas ninguém disse nem uma palavra.  
(entreolhar/entreolhar-se)
12. Todos as manhãs ele costuma acordar muito cedo. (acordar/acordar-se)
13. Ele conhece-se muito bem, conhece as suas vantagens e os seus problemas.  
(conhecer/conhecer-se)
14. O Manuel e o João são colegas, eles ajudaram-se muito durante este semestre.  
(ajudar/ajudar-se)
15. Já leu o jornal? Barack Obama e Raul Castro cumprimentaram-se nas cerimónias fúnebres de Mandela. (cumprimentar/cumprimentar-se)
16. Ontem à tarde, o Mário e a Sofia conversaram no café durante muito tempo.  
(conversar/conversar-se)
17. Ontem foi o aniversário da Maria mas ela não recebeu nenhum presente, portanto decidiu oferecer a si própria um novo relógio como um presente.  
(oferecer/oferecer-se)
18. Foi a descontração dele que causou este acidente grave, portanto, ele não conseguiu desculpar-se pelo lapso que cometeu. (desculpar/desculpar-se)

**Parte II. Juízo de Aceitabilidade**

Verifique se as seguintes frases estão corretas. No caso de haver erros, corrija-os.

1. Ele prefere vestir sempre ~~com~~ roupa escura.
2. A Maria anda cansadíssima esta semana, por isso decidiu conceder-se a (si própria) um dia de folga para descansar um pouco. *não é necessário*
3. Será verdade que eles <sup>se</sup> separaram na semana passada?
4. Felizmente, no final o Mário e o Pedro concordaram ~~se~~ entre si.
5. Em Portugal é muito frequente os amigos abraçarem <sup>se</sup> na rua.
6. O João acha-se sempre inferior, até que muitas vezes não ~~se~~ gosta de si mesmo.
7. Como não há revistas suficientes para toda a gente, o Filipe e a Helena vão partilhar ~~se~~ a mesma revista.
8. Repara nesta árvore! Os ramos entrecruzam. *se*
9. Segundo dizem, a Inês e o Pedro amam-se e vão-se casar dentro <sup>de</sup> ~~em~~ breve.
10. Devemos, em particular, proteger aqueles que não podem proteger <sup>se</sup> a si próprios.
11. É uma pessoa egoísta que ~~se~~ pensa em si mesmo e nunca nos outros.
12. Inesperadamente o João autocriticou pela sua <sup>se</sup> ~~própria~~ incapacidade na reunião.
13. Na festa de natal, os amigos oferecem-se ~~uns aos outros~~ presentes!

14. Ao ouvir a notícia, ela chorou tanto que demorou muito tempo a acalmar.
15. Após a discussão eles não chegaram a nenhum acordo e zangaram um com o outro.
16. A Maria entrou no gabinete, sentou-se na sua mesa e logo começou a trabalhar.
17. Embora coma muito, a Fernanda nunca mais ~~se~~ engorda.
18. Quando andava de cavalo, a Sofia caiu e feriu. ~~se~~
19. Ontem a Maria viu a Helena. Eram colegas da universidade e já ~~se~~ não encontravam desde que acabaram o curso.
20. Durante o Concurso de Eloquência em Língua Portuguesa o Miguel e o Dinis vão competir ~~se~~ um com o outro.